



Percurso 72

REVISTA DE PSICANÁLISE : ANO XXXVI : JUNHO DE 2024

IMPLICAÇÕES DO ATUAL

TEXTOS Psicanálise e psiquiatria: O diálogo necessário é possível [Mario Eduardo Costa Pereira] Um Programa para renovar as relações entre psicanálise e psiquiatria [Christian Ingo Lenz Dunker] Arte, loucura e humanização [Leda Maria Codeço Barone] Feministas, pacientes e analistas: As mulheres na origem da psicanálise [Flávia Ripoli Martins] O que não se escuta e o que não se vê: Reflexões sobre o racismo [Beatriz Cerqueira] Algumas relações entre neurose obsessiva e ironia [Samara Megume Rodrigues] O inscrito e o opaco: Faces estéticas do inconsciente freudiano [Antonio de Almeida Neves Neto] Traumas cotidianos: Refúgios e resistências – Revisitando o conceito de trauma para pensar os sofrimentos cotidianos [Myriam Uchitel] DEPOIMENTO Entre golpes: O alfabeto enfurecido no Boletim online 2016-2023 [Adriana Elisabeth Dias + Carmen Alvarez da Costa Carvalho + Daniela Athuil + Fernanda Araújo de Almeida; Nanci de Oliveira Lima + Sílvia Nogueira de Carvalho] ENTREVISTA E se jogássemos um outro jogo? [Franco Berardi] DEBATE Crise ecológica, crise psíquica [André Alves + Lucas Liedke + Henry Krutzen + Maria Luiza Gastal] DEBATE CLÍNICO Lívia [Vera Lamanno-Adamo + Maria Carolina Scoz + Rahel Boraks] LEITURAS Transmissão psíquica, segredo e a escrita literária como forma de elaboração [Paula Mandel] Interlúdio [Diogo Soares de Oliveira] Jones, o psicanalista [Felipe Lessa da Fonseca] Fundamentos e desafios da clínica psicanalítica online [Marina Bialer] Por uma recusa epistêmica [Lucas Valiati] Histeria feminina: A travessia de um deserto [Anna Sílvia Rosal de Rosal] Entre a sobrevivência e o reconhecimento: A busca pela poesia [Camila Flaborea]

Instituto Sedes Sapientiae

Conselho de Direção do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae – gestão 2024/2025

Ana Carolina Vasarhelyi de Paula Santos (Eventos), Cristina Ribeiro Barczinski (Formação Contínua), Daniela Danesi Magalhães (Cursos), Daniela de Andrade Athuil Galvão de Sousa (Publicações e Comunicação), Evelyn Stefoni de Freitas Clausse (Transmissão, Pesquisa e Intervenções Externas), Pedro Henrique D'Avilla Mascarenhas (Clínica e Instituições), Roberto da Costa Moraes Villaboim (Administração e Finanças), Silvia Inglese Ribes (Relações Externas), Vilma Florêncio da Silva (Comissão de Admissão)

Percurso

REVISTA DE PSICANÁLISE : ANO XXXVI : JUNHO DE 2024

Conselho Editorial

Cleusa Pavan, Eugenio Canesin Dal Molin, Luciana Cartocci, Marcia R. Bozon de Campos, Maria Aparecida Kfoury Aidar, Maria de Lourdes Caleiro Costa, Maria do Carmo Vidigal M. Dittmar (Lila), Marina Bialer e Marisa Correa da Silva.

Grupo de Entrevistas

Ana Claudia Patitucci, Cristina Parada Franch, Danielle Melanie Breyton, Deborah Joan de Cardoso, Silvio Hotimsky e Tatiana Inglez-Mazzarella.

Grupo de Debates

Bruno Esposito, Camila Junqueira, Gisela Haddad, Ivy Semiguem, Lucas Sessa e Thiago Majolo.

Grupo de Debates Clínicos

Beatriz Teixeira Mendes Corôa, Paula Peron e Sérgio Telles (coordenador).

Conselho Editorial de Resenhas

Camila Salles Gonçalves, Elisabeth Antonelli, Janaina Namba (coordenadora), Lia Novaes Serra, Sérgio Telles e Susan Markuszwover.

Tesouraria

Elcio Gonçalves de Oliveira Filho

Conselho Científico, Consultores *ad hoc*

Abrão Slavutzky (Porto Alegre), Ana Cecília Carvalho (Universidade Federal de Minas Gerais), Ana Helena de Staal (Paris), Arthur Nestrovsky (São Paulo), Benny Lafer (Universidade de São Paulo), Daniel Orlievsky (Universidade de Buenos Aires), David Levisky (Sociedade de Psicanálise de São Paulo), Dominique Fingermann (Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano), Elias M. da Rocha Barros (Sociedade de Psicanálise de São Paulo), Gilda Sobral Pinto (Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro), Heitor O'Dwyer de Macedo (Quatrième Groupe), Inês Marques (Société Psychanalytique de Paris), João A. Frayze-Pereira (Universidade de São Paulo), Joel Birman (Universidade Estadual do Rio de Janeiro), Luís Celes (Universidade de Brasília), Luis Cláudio Figueiredo (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), Luiz Eduardo Prado de Oliveira (Quatrième Groupe), Marcelo Marques (Association Psychanalytique de France), Marcia Neder (Universidade Federal do Mato Grosso do Sul), Maria Helena Fernandes (Instituto Sedes Sapientiae), Maria Rita Kehl (Associação Psicanalítica de Porto Alegre), Marlise Bassani (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), Nelson Coelho Jr. (Universidade de São Paulo), Purificación Barcia Ganaltes (Instituto Sedes Sapientiae), Rosine Perelberg (British Psychoanalytic Society), Urania Tourinho Peres (Colégio de Psicanálise da Bahia).

Linha editorial

Percurso é publicada pelo Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. É uma revista científica dedicada ao avanço dos conhecimentos psicanalíticos em suas vertentes clínica, teórica, metodológica e epistemológica. Visando a estimular o debate entre as várias correntes da Psicanálise, aceitamos trabalhos de todas as orientações, tanto de membros do Departamento quanto de colegas de outras instituições brasileiras e estrangeiras. Pautamo-nos por um ideal exigente de qualidade científica, literária e estética, pela abertura às inovações consistentes, pelo respeito à complexidade da vida psíquica e dos fenômenos socioculturais, pela recusa do dogmatismo, da intolerância e dos reducionismos, pelo diálogo com as áreas conexas. Acreditamos que o pensamento crítico contribui para libertar o espírito das amarras que o prendem à ignorância e ao sofrimento. Como disse Freud, “a voz da razão é suave, mas termina por se fazer ouvir”.

Revisão

Simone Zaccarias (11) 998.971.362 • simonezac@yahoo.com.br

Projeto e produção gráfica

Sergio Kon • A Máquina de Ideias • Tel.: (11) 3062-6086 • amaquina@aclnet.com.br

Assinaturas

Angela Maria Vitorio • Tel./Fax: (11) 3081-4851 • percurso@uol.com.br

Capa

Sergio Sister. Sem título. Óleo sobre papel kozo, 46 x 34 cm, 2002.

Coordenação editorial

Renato Mezan • Rua Amália de Noronha, 198 • 05410-010
São Paulo • Tel.: (11) 3081-4851

Recepção de originais para publicação

Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae (Claudia Dametta) • Rua Ministro Godoy, 1484 • 05015-900 São Paulo SP Brasil

Grafia atualizada segundo o Novo Acordo Ortográfico.

Site na Internet: <http://percurso.openjournalsolutions.com.br/index/php/ojs> • e-mail: percurso@uol.com.br

Percurso é indexada na Biblioteca Virtual de Psicologia (BiViPsi) e nível B2 no Qualis da CAPES.

DOI da publicação: 10.70048/percurso.72.7-10



Instituto Sedes Sapientiae

R. Ministro de Godoy, 1484

05015-900 São Paulo SP

Tel.: (11) 3866-2730

Secretária do Departamento:

Claudia Dametta

deptodepsicanalise@sedes.org.br

Implicações do atual

Percursos 72

REVISTA DE PSICANÁLISE : ANO XXXVI : JUNHO DE 2024

Sumário

Table of contents

DOI da edição: 10.70048/percurso.72

3 Sumário
Table of contents

7 Editorial
Letter from the editors

TEXTOS PAPERS

9 Psicanálise e psiquiatria: um diálogo necessário é possível
Psychoanalysis and Psychiatry: the necessary dialogue is possible
Mario Eduardo Costa Pereira

15 Um programa para renovar as relações entre psicanálise e psiquiatria
A program to renew the relations between Psychoanalysis and Psychiatry
Christian Ingo Lenz Dunker

21 Arte, loucura e humanização
Art, madness and humanization
Leda Maria Codeço Barone

- 29 Feministas, pacientes e analistas: as mulheres na origem da psicanálise
Feminists, patients and analysts: women at the origins of psychoanalysis
Flávia Ripoli Martins
- 39 O que não se escuta e o que não se vê: reflexões sobre o racismo
What is unheard and what is unseen: reflections on racism
Beatriz Cerqueira
- 49 Algumas relações entre neurose obsessiva e ironia
Some relations between obsessional neurosis and irony
Samara Megume Rodrigues
- 61 O inscrito e o opaco: faces estéticas do inconsciente freudiano
The inscribed and the opaque: aesthetic faces of the Freudian unconscious
Antonio de Almeida Neves Neto
- 71 Traumas cotidianos: refúgios e resistências – revisitando o conceito de trauma para pensar os sofrimentos cotidianos
Traumas of everyday: refuges and resistance – revisiting the concept of trauma to think about everyday suffering
Myriam Uchitel

DEPOIMENTO

TESTEMONY

- 79 Entre golpes: o alfabeto enfurecido no Boletim online 2016-2023
Between blows: The enraged alphabet in the Boletim online 2016-2023
Adriana Elisabeth Dias + Carmen Alvarez da Costa Carvalho + Daniela Athuil + Fernanda Araújo de Almeida; Nanci de Oliveira Lima + Sílvia Nogueira de Carvalho

ENTREVISTA

INTERVIEW

89

E se jogássemos um outro jogo?
What if we played another game?
Franco Berardi

DEBATE

DEBATE

103

Crise ecológica, crise psíquica
Ecological crisis, psychic crisis
André Alves + Lucas Liedke + Henry Krutzen + Maria Luiza Gastal

DEBATE CLÍNICO

CLINICAL DEBATE

113

Lívia
Livia
Vera Lamanno-Adamo + Maria Carolina Scoz + Rahel Boraks

LEITURAS

BOOK REVIEWSOX

129

Transmissão psíquica, segredo e a escrita literária
como forma de elaboração [*A outra filha*]
*Psychic transmission, secret and literary writing as a
form of elaboration*
Paula Mandel

133

Interlúdio [*Segure-os antes que caiam*]
Interlude
Diogo Soares de Oliveira

135

Jones, o psicanalista [*A importância de ser Ernest*]
*Jones: uma leitura psicanalítica sobre a invisibilidade
de um homem notável*
Jones the psychoanalyst
Felipe Lessa da Fonseca

141

Fundamentos e desafios da clínica psicanalítica
online [*A sustentação de uma clínica psicanalítica
em-linha (online)*]
*Fundamentals and challenges of the online
psychoanalytic clinic*
Marina Bialer

- 144 Por uma recusa epistêmica [*Tempo e ato na perversão*]
In view of an epistemic refusal
Lucas Valiati
- 150 Histeria feminina: A travessia de um deserto [*Dor e luto na histeria feminina*]
Female hysteria: Crossing a desert
Anna Silvia Rosal de Rosal
- 153 Entre a sobrevivência e o reconhecimento: a busca pela poesia [*A linguagem perdida das gruas e outros ensaios de rasuras e revelações*]
Between survival and recognition: The search for poetry
Camila Flaborea
- 158 Autores deste número
Contributors to this issue
- 160 Equipe da revista
Team of this journal
- 162 Normas para envio de artigos e resenhas
Rules for contributors
- 167 Para assinar Percurso
How to subscribe to Percurso

Editorial

Implicações do atual

Com imensa tristeza, lamentamos a perda de nossa querida companheira de *Percurso*, Bela Sister. Após 26 anos, pela primeira vez, a entrevista trazida por esta edição da revista não conta com sua parceria e cuidado. Em sua homenagem, escolhemos para a capa uma tela de seu parceiro de vida, Sergio Sister, e a seção Entrevista se inicia com caloroso depoimento de seus companheiros de trabalho.

Este número nos convida a pensar em muitas facetas nas quais incidências do atual mobilizam a psicanálise e suas implicações para o campo clínico e teórico. Diante dessa complexidade, a imprescindível abertura à interlocução com outras disciplinas se faz presente em muitos dos artigos e textos deste número.

A retomada do diálogo com a psiquiatria ganha relevo nos artigos que abrem a revista, “Psicanálise e psiquiatria: um diálogo necessário é possível” e “Um programa para renovar as relações entre psicanálise e psiquiatria”. Além de nos apresentarem os eixos em torno dos quais ocorreram as discussões do 1 Encontro Internacional da Seção da WPA sediado na Unicamp em fevereiro deste ano, manifestam a necessidade de uma Psicopatologia Crítica renovada, capaz de pensar o que está em jogo em sua própria produção e formular respostas aos desafios contemporâneos dentro de um horizonte ético e técnico, com vistas a incluir avanços significativos de outras disciplinas sem ceder a mecanicismos descritivos e simplificações etiológicas. Psicopatologia assentada na noção de escuta e na dimensão especificamente humana da clínica, não substituível por

psicofármacos, algoritmos e IA. Nessa direção, o artigo “Arte, loucura e humanização” presta uma homenagem ao psiquiatra pioneiro Osório Cesar, que, já na década de 20 do século passado, levou para dentro do hospital psiquiátrico o trabalho de produção artística com os “alienados”, procurando pensá-los a partir de ideias psicanalíticas. O texto destaca o papel da arte como elemento de humanização e resistência no universo da loucura, em sua relação com a saúde mental e criação de novos dispositivos.

A importância produtiva dos fenômenos culturais comparece também por sua implicação na elaboração de conceitos, com destaque para a incidência de determinantes sócio-históricos nas teorias, na prática clínica e na formulação de categorias diagnósticas e seus usos. Assim, o artigo “O inscrito e o opaco: facés estéticas do inconsciente freudiano” estabelece a relação entre o conceito de inconsciente, tal como formulado por Freud, e duas formulações que estavam em circulação na estética do século XIX. Outro artigo, que também investiga os momentos iniciais da psicanálise, “Feministas, pacientes e analistas: as mulheres na origem da psicanálise”, privilegia o aspecto sociopolítico, e, sem deixar de abordar a possibilidade libertadora da escuta das mulheres que se inaugurou com a psicanálise e sua participação desde muito cedo nos debates em curso, analisa como a produção teórica foi acompanhada pelas marcas do ambiente patriarcal discursivo que se infiltravam nas discussões e teorias possíveis naquele momento, inclusive no uso do diagnóstico de histeria, apontando a questões que têm ressonâncias significativas com os desafios enfrentados para pensar os destinos das sexualidades e as questões de gênero hoje. Já a marchinha “Chiquita bacana” abre o artigo “O que não se escuta e o que não se vê: reflexões sobre o racismo”, que propõe uma reflexão a respeito da mulher negra e o papel da babá na sociedade brasileira, dando visibilidade ao racismo com vistas a ampliar a escuta clínica.

“Algumas relações entre neurose obsessiva e ironia” faz uma revisão da teoria freudiana sobre

a relação entre neurose obsessiva e ironia, sendo esta considerada como uma figura de linguagem privilegiada para dar passagem aos desejos sexuais e agressivos. Vale destacar que, curiosamente, e coincidentemente, o filósofo italiano Franco Berardi, entrevistado neste número de *Percurso*, confere lugar especial à ironia, considerando-a como resposta possível aos impasses contemporâneos.

Em “Traumas cotidianos: refúgios e resistências”, a incidência do atual também é trabalhada, nesse artigo do ponto de vista de sua implicação na geração de sofrimento psíquico. O texto revisita de forma bastante abrangente o conceito de trauma e busca pensar formas de seu processamento, nos lembrando que “Não há saída individual para o trauma”. Por seu conteúdo e por se encerrar nos convidando a resistir coletivamente ao trauma e recriar novas utopias, o artigo estabelece um diálogo bastante interessante com as matérias aportadas pelas seções Entrevista e Debate, que tematizam as difíceis condições contemporâneas e suas repercussões psíquicas.

Na Entrevista, Franco Berardi nos convida a refletir sobre os impactos e impasses das forças atuantes na sociedade e nos psiquismos contemporâneos, nos oferecendo percepções e formulações originais e instigantes sobre as transformações em curso. Ele não arrisca soluções para os problemas que formula, mas perturba a inércia mortífera de nossa vivência no mundo atual, tecida tecnologicamente de impotência e ódio, apontando para uma nova ética que nos permita pensar sob outro prisma. Também chama atenção que encerre a entrevista reconhecendo um limite de seu pensamento, porquanto europeu, apontando a possibilidade de outras experiências filosóficas.

Ainda nessa direção, a seção Debate, cujo mote “Crise ecológica, crise psíquica” foi escrito antes dos últimos acontecimentos avassaladores ocorridos no Rio Grande do Sul e Pantanal, pergunta: “Por quais razões não avançamos em direção à sustentabilidade, que, em última instância, possibilitaria nossa sobrevivência?”

Arte e literatura marcam este número também com sua presença no debate clínico, nas resenhas e na seção Depoimento, que temos, mais uma vez, o prazer de incluir na revista.

Assim, sete resenhas de livros compõem a seção Leituras desta edição, e mostram, além das peculiaridades tanto da clínica quanto da teoria psicanalítica, as relações de proximidade e influência recíproca entre literatura e psicanálise.

Na seção Debate Clínico, o uso de algumas poesias que ampliaram a deficitária capacidade simbólica da paciente foi fundamental, permitindo uma melhor comunicação entre o par analítico em uma situação clínica na qual o negativismo, a desesperança, as intensas dores psicossomáticas e as permanentes ameaças de abandono da análise por parte da paciente colocaram à prova a resiliência da analista.

Com o texto “Entre golpes: o alfabeto enfurecido no *Boletim online 2016-2023*”, a equipe do

Boletim não apenas registra momentos significativos da história do Departamento de Psicanálise e do próprio Boletim, inclusive repercutindo os efeitos e reflexões suscitados por nossa história política, como apresenta uma resposta possível – importante, afetiva e vigorosa –, um convite a estar junto no coletivo como forma compartilhada de resistir, transmitindo a alegria e vitalidade de sustentar lugares de partilha pelo exercício da escrita. E da arte!

Intensificando laços e trocas, a revista *Intercâmbio Psicanalítico* passou a divulgar em seu site os links das diferentes publicações das instituições que integram a Flappsi, e dentre eles o link da *Percurso*.

Com prazer divulgamos também o link da revista: <https://intercambiopsicoanalitico.org/ojs/index.php/TPSI>

Boa leitura!

Psicanálise e psiquiatria: um diálogo necessário é possível

Mario Eduardo Costa Pereira

Mario Eduardo Costa Pereira é psicanalista e psiquiatra, professor titular de Psicopatologia Clínica pela Aix-Marseille Université (França), professor livre-docente de Psicopatologia do Depto. de Psiquiatria da UNICAMP, onde dirige o Laboratório de Psicopatologia – Sujeito e Singularidade (LaPSuS-UNICAMP). Doutor em Psicopatologia Fundamental e Psicanálise pela Université Paris 7, professor do Programa de Pós-graduação em Psicanálise da UERJ, editor da Seção de Epistemologia da Psicopatologia da *Revista Latino-Americana de Psicopatologia Fundamental*, secretário da Seção Psychoanalysis in Psychiatry da World Psychiatry Association (WPA), membro do Corpo Freudiano – Escola de Psicanálise – Núcleo São Paulo.

Resumo Apoiando-se na realização do 1st International Meeting of the WPA – Psychoanalysis in Psychiatry Section (WPA – PiP Section), na UNICAMP, em fevereiro de 2024, evento histórico que reuniu pela primeira vez, sob a égide da WPA, psiquiatras e psicanalistas para discutirem sobre novos fundamentos para as novas relações entre as duas disciplinas, este artigo propõe diversas teses para o avanço teórico, clínico e ético dessa interlocução.

Palavras-chave Psicanálise; Psiquiatria; Psicopatologia; WPA.

DOI: 10.70048/percurso.72.11-16

Introdução

O que parecia impossível aconteceu. Em um evento histórico ocorrido na UNICAMP de 22 a 24 de fevereiro de 2024, Psiquiatria e Psicanálise, representadas por alguns de seus membros mais destacados em termos institucionais, acadêmicos, clínicos e científicos, reuniram-se em um grande encontro internacional. Sob a égide da World Psychiatry Association (WPA), a mais alta instância psiquiátrica em nível mundial, diretamente ligada à OMS, essas duas disciplinas fundamentais para o campo da saúde mental discutiram, depois de décadas de distanciamento, novos fundamentos para suas relações de pesquisa, clínicas, epistemológicas, éticas e de saúde pública.

Para que se tenha uma ideia do impacto desse encontro, o 1st International Meeting of the WPA – Psychoanalysis in Psychiatry Section (WPA – PiP Section) contou com a participação de personalidades como Thomas Schulze, próximo presidente da WPA; Juan Mezzich, também presidente da WPA no período de 2005 a 2008 e líder da Person Centered Psychiatry; do prof. Claudio Eizirik, presidente da International Psychoanalytical Association (IPA) no período de 2005-2009; bem como alguns dos nomes mais representativos da psiquiatria brasileira como Geraldo Busatto Filho, professor titular e diretor do Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da USP; Paulo Dalgalarondo, Claudio Eduardo M. Banzato, Neury José Botega e Roosevelt Cassorla, professores titulares do Departamento de Psiquiatria da UNICAMP; Marco Antônio Brasil, professor do Departamento de Psiquiatria da UFRJ e presidente da Associação



em fevereiro de 2024,
ocorreu na Unicamp um
encontro histórico entre
psiquiatras e psicanalistas

Brasileira de Psiquiatria de 2007 a 2010; Miguel Roberto Jorge, professor do Departamento de Psiquiatria da UNIFESP e presidente da Associação Mundial de Medicina no biênio 2019-2020; dos psiquiatras e psicanalistas Marco Antonio Coutinho Jorge, professor da Pós-graduação em Psicanálise da UERJ, e Benilton Bezerra Jr, professor do Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IMS-UERJ).

Trouxeram também suas contribuições nome fundamentais do estudo de políticas públicas no campo da saúde mental do Brasil como Rosana Onocko Campos, professora livre-docente do Departamento de Saúde Coletiva da UNICAMP, e Miriam Debieux Rosa, professora titular no Departamento de Psicologia Clínica da USP; do debate sobre a saúde mental em sujeitos transgêneros, como Patrícia Porchat, professora da UNESP, e Julia Kaddis El Khouri, analista da Associação Junguiana do Brasil (AJB); das questões relacionadas aos efeitos da escravidão e do racismo na cultura e na patologia mental no contexto brasileiro, como a psicanalista Isildinha B. Nogueira (Instituto Sedes Sapientiae de São Paulo) e Deivisson Faustino, pesquisador da UNIFESP; do debate contemporâneo das questões relativas à mulher, como as psicanalistas Paola Mieli, professora da New York School of Visual Arts, Vera Iaconelli, do Instituto Gerar de São Paulo e Denise Maurano, professora titular da UNIRIO, assim como a professora Renata Azevedo, da UNICAMP; da pesquisa do uso de psicodélicos em saúde mental, como Luis Fernando Tofoli, professor do Departamento de Psiquiatria da UNICAMP.

Entre os palestrantes estavam, igualmente, os professores titulares do Instituto de Psicologia da USP Maria Livia Tourinho, Nelson da Silva Jr. e Christian Dunker. Outros nomes internacionais muito relevantes foram Michel Botbol (psiquiatra de crianças, psicanalista, professor titular da Université de Bretagne Occidentale e um dos fundadores da WPA – PiP Section); psicanalistas e professores universitários francófonos importantes, como Jean-Michel Vivès, professor titular da Université Côte d’Azur; Erika Parlato Oliveira (Univ. de Paris Cité); Bernard Golse, professor titular de psiquiatria infantil e de adolescentes na Université Paris Descartes; François Ansermet, professor de psiquiatria da criança e do adolescente nas Universidades de Genève e de Lausanne, e Fabian Guénole, professor titular da Université de Caen. De igual importância, houve as intervenções de pesquisadores e de clínicos especialistas em questões indígenas, como Edinaldo Xukuru, Nita Tuxá, Putira Sacuema e Idjarrury Kaingang Sompre, eles mesmos indígenas. De forma muito especial, a ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, realizou uma brilhante conferência plenária sobre os impactos das alterações climáticas e da devastação das florestas tropicais sobre a saúde mental. Muitos outros psiquiatras, psicanalistas, pesquisadores e professores aportaram também suas importantes contribuições a esse Encontro voltado a reabrir portas de interlocução entre Psicanálise e Psiquiatria.

Hervé Granier, psiquiatra e psicanalista de Montpellier, como co-chair, e eu mesmo, como chair, tivemos a responsabilidade direta da organização desse Meeting em nome da WPA – PiP Section.

O Meeting ocorreu de forma exclusivamente presencial no Centro de Convenções da UNICAMP, o público lotando suas dependências nos três dias do evento, com a presença sobretudo de psiquiatras, psicanalistas, psicólogos, residentes de psiquiatria, estudantes de medicina e todas as demais áreas da saúde mental, chamando a atenção a grande quantidade de participantes jovens.

A Seção de Psicanálise na Psiquiatria da World Psychiatry Association já existe há mais

de vinte anos, mas esta foi a primeira vez que conseguiu realizar um Encontro Internacional contando com a validação da própria WPA. O grande sucesso alcançado por esse evento coloca uma série de questões, que serão o objeto deste artigo: por que somente e exatamente agora foi possível a realização desse *Meeting*, no coração mesmo da associação psiquiátrica mais importante do mundo? Quais foram as bases desse diálogo tornado possível após tantas décadas de silenciamento? Que conclusões podem ser tiradas desse evento e que perspectivas futuras para se dar continuidade a essa aproximação de forma realmente significativa e fecunda?

Novos fundamentos para a relação entre psiquiatria e psicanálise

Esse foi o título e a proposta do 1st International Meeting of the WPA – Psychoanalysis in Psychiatry Section¹: reunir psicanalistas, psiquiatras e todos aqueles preocupados pelo campo da saúde mental para debater quais poderiam ser os novos fundamentos para as relações entre as duas disciplinas, melhor ajustados para os desafios efetivos a que ambas estão confrontadas no contexto teórico-científico, clínico, social e político contemporâneo. No argumento de apresentação do evento, redigido por Hervé Granier e por mim, posteriormente validado pela Seção de Psicanálise na Psiquiatria da WPA, era destacado o fato de que “nas últimas três décadas, enquanto a psiquiatria moderna avançava com insights revolucionários das neurociências, da genética psiquiátrica e das ciências cognitivas, os papéis fundamentais da psicopatologia e da psicanálise diminuíram. Esta evolução eclipsou sutilmente os aspectos profundamente humanos, relacionais e subjetivos inerentes à doença mental” e aos tratamentos que podem ser ofertados aos que padecem do ponto de vista psíquico, encontrando impasses que tornam inviável qualquer forma possível de existir

»
*por que somente e exatamente
agora foi possível a realização
desse Meeting, no coração
mesmo da associação psiquiátrica
mais importante do mundo?*

em conformidade com o próprio desejo singular de maneira responsável e implicada no laço social.

Após haver-se integrado os benefícios clínicos alcançáveis através da psicofarmacologia, os limites dessa abordagem também se tornaram mais evidentes. Ao entusiasmo inicial pelo aplacamento bioquímico dos sintomas e disfunções psicossociais associadas aos transtornos mentais, seguiu-se uma compreensão mais clara da necessidade de proporcionar ao paciente, atingido por sua condição psicopatológica específica, algum tipo de conciliação com a idiosincrasia que constitui cada sujeito como único, a partir de seu próprio e irreduzível desejo singular. Em outras palavras, para além dos eventuais benefícios pragmáticos de alívio dos sintomas, do sofrimento subjetivo, de melhora da funcionalidade social e de diminuição de riscos para si próprio e para os demais, colocava-se a questão da participação do próprio sujeito, com seus determinantes histórico-político-sociais, em seu padecimento. E, sobretudo, como propiciar ao sujeito encontrar algum tipo de nova equação subjetiva, ajustada a si mesmo, permitindo-lhe existir de forma significativa, na qual se reconheça como orientado pelo próprio desejo no campo social e da cultura?

Prossegue o argumento interrogando o impacto da inteligência artificial e dos múltiplos artefatos tecnológicos na assistência aos que padecem em sua vida psíquica:

Em paralelo, hoje, um envolvimento crescente e maciço de novas tecnologias remodela a prática clínica diária em saúde mental, questionando decisivamente a especificidade

1 Cf. <https://www.wpanet.org/psychoanalysis-in-psychiatry>



sublinha-se a necessidade de se compreender e integrar na prática clínica concreta o fato de que a patologia mental é um fenômeno extremamente complexo, não admitindo simplificações etiológicas lineares

humana dessa prática. Com novas tecnologias computacionais e teleconsultas remotas, a virtualização do psiquiatra será o passo final antes de ser substituído por um robô derivado da inteligência artificial, completando sua desincorporação? Se não, como podemos reconhecer, valorizar e aprofundar as dimensões da prática clínica em saúde mental que não são reduzíveis a algoritmos e avatares cada vez mais eficientes produzidos pela IA?

Sublinha-se, correlativamente, a necessidade de se compreender e integrar na prática clínica concreta o fato de que a patologia mental é um fenômeno extremamente complexo, não admitindo simplificações etiológicas lineares. Não se pode deixar de reconhecer que o adoecimento psíquico está profundamente imbricado com a realidade social, com as matrizes histórico-culturais implicadas na constituição dos sujeitos, ao mesmo tempo enquanto singulares e como efeitos dessas mesmas determinações de caráter simbólico e político. O mesmo se aplica às determinações daquilo que, a cada momento histórico, é concebido como patológico, desadaptado, como *disorder*:

De fato, como podemos abordar as mutações e novos impasses da subjetividade – e, conseqüentemente, da prática clínica – em nosso tempo, produzidos por nossas sociedades? Como podemos responder ao sofrimento de nossos contemporâneos, revelado pela explosão de diferentes – e novas – formas de patologias mentais?

É, portanto, urgente restabelecer o diálogo e a colaboração entre essas duas disciplinas cruciais no campo da saúde mental. Este foi o propósito do I^o

Encontro Internacional da Seção de Psicanálise na Psiquiatria da WPA em Campinas.

Para que tal projeto de abertura de vias renovadas de interlocução possa ter alguma chance de sucesso, é indispensável que as próprias bases desse encontro de disciplinas tão heterogêneas se apoiem naquilo que Psiquiatria e Psicanálise reconhecem como problemas comuns a serem compartilhados. Trata-se, portanto, de reconhecer os limites específicos de cada uma dessas abordagens em compreender e responder isoladamente, de forma eficaz e eticamente responsável, ao imenso desafio de se ocupar do sofrimento do outro:

O método preferido escolhido para esse Encontro se inspirará na própria psicanálise. Ele visa dar voz àqueles diretamente afetados pelo sofrimento psíquico e ouvir o que pacientes, profissionais, pesquisadores e a sociedade podem esperar de tal colaboração renovada. Isso nos permitiria redefinir o estado da arte médica em psiquiatria e atualizar as formas como a psicanálise e a psiquiatria podem colaborar para melhor abordar o desconforto, o sofrimento e as patologias mentais de nosso tempo.

Dando a palavra e a escuta aos que sofrem e aos que deles se ocupam

Foi assim que esse primeiro *Meeting* deu voz e escuta não apenas a psiquiatras e psicanalistas, mas também a diferentes profissionais da área de saúde mental. Da mesma forma, puderam se expressar aqueles diretamente implicados em questões cruciais da sociedade contemporânea relacionadas ao sofrimento psíquico: indígenas, afro-brasileiros, as mulheres, sujeitos trans e LGBTQIA+ em geral, profissionais que trabalham com crianças e adolescentes, com políticas públicas no campo da saúde em geral ou especificamente mental etc. O que essas diferentes frentes têm em comum é o fato de constituírem desafios concretos, sejam clínicos, de pesquisa, éticos ou políticos, para todos os que trabalham com o cuidado técnico oferecido ao sofrimento psíquico e à patologia mental. Demonstram amplamente

que, diante desses diferentes tópicos, nenhuma especialidade ou profissão pode pretender deles dar conta sozinha. Evidencia-se não apenas a complexidade do objeto teórico e clínico de que se ocupam, mas também o fato de que são muitos e heterogêneos os níveis de intervenção para que, em conjunto, as ações tomadas possam resultar em efeitos benéficos no tratamento ou na prevenção de condições patológicas no campo psíquico.

Em sua conferência sobre os graves efeitos da crise climática e da destruição das florestas tropicais sobre a saúde mental das populações, a ministra Marina Silva destacou como a psicanálise permite lançar luz sobre a engrenagem autodestrutiva que a voracidade cega do neoliberalismo engendra, com todo seu potencial mortífero sobre o conjunto da humanidade. Esse estado de coisas não é sem relações, afirmava ela, com a emergência social disseminada de angústia, desesperança e desamparo extremados, com todo seu potencial patológico. Essa mesma explicitação das relações profundas entre o neoliberalismo e as condições contemporâneas da psicopatologia no âmbito social foram brilhantemente desenvolvidas nas intervenções de Nelson da Silva Jr. e de Benilton Bezerra Jr.

No tocante ao ponto extremamente sensível das relações entre Psiquiatria e Psicanálise, que diz respeito à capacidade desta última em demonstrar seus efeitos submetendo-se ao crivo da ciência empírico-experimental, sem recorrer a critérios unicamente internos de validação, uma mesa-redonda sobre o tema, com a participação de Fabian Guénole, Paulo Beer e Rodrigo Lage, abordou tanto os estudos de validação empírica dos efeitos terapêuticos dos métodos psicanalíticos, quanto os

»
a psicanálise permite
redefinir a psicopatologia
não mais nos termos clássicos de
“estudo das doenças mentais
do ponto de vista de sua
descrição e mecanismos”

limites desses próprios métodos para dar conta do conjunto de efeitos que as dimensões éticas e clínicas da Psicanálise podem produzir sobre os fenômenos psicopatológicos.

Nesse mesmo sentido, em minha conferência intitulada “A psicopatologia sob a perspectiva do sujeito” tentei mostrar que a contribuição da psicanálise ao campo da patologia mental não se resume ao âmbito exclusivo das chamadas “psicoterapias de orientação psicanalítica” ou mesmo de “psicoterapias psicodinâmicas”. Mais amplamente, a psicanálise permite redefinir a psicopatologia não mais nos termos clássicos de “estudo das doenças mentais do ponto de vista de sua descrição e mecanismos”², mas antes como fenômeno incidindo sempre em um sujeito singular, que emerge enquanto tal no interior do laço social, alienado à linguagem, à tradição simbólica e de sua exposição concreta ao campo do Outro. Desse fato, a psicopatologia seria melhor definida como “a condição de impasse ou de inviabilidade de se buscar realização possível como sujeito singular de desejo de forma responsável e implicada no laço social”. Tal definição permitiria melhor organizar a concertação das diferentes abordagens teóricas e clínicas participando do tratamento de um paciente – ou da constituição de políticas públicas em saúde mental – em torno de um objetivo ao mesmo tempo ético e técnico: o de melhorar a posição do sujeito³. Esse horizonte ético permite definir de forma clara para uma equipe de trabalho a direção do tratamento e os objetivos últimos em relação aos quais cada abordagem é chamada a colaborar no seio de um projeto individual de tratamento⁴.

2 Cf. M.E.C. Pereira, “Projeto de uma (psico)patologia do sujeito (I): Redefinição do conceito de psicopatologia à luz da questão do sujeito”, *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 22, n. 4, p. 828-858. <<http://www.scielo.br/pdf/rlpf/v22n4/1415-4714-rlpf-22-04-0828.pdf>>.

3 “É certo que nossa justificativa, assim como nosso dever, é melhorar a posição do sujeito...” J. Lacan, Seminário 10, sessão de 12 de dezembro de 1962 (tradução de minha autoria. Agradeço a Jean-Michel Vivès a preciosa indicação dessa passagem).

4 M.E.C. Pereira, “O lugar lógico do sujeito na clínica médico-psiquiátrica”, in C.E.S. Miranda; M.V.C. Sternick, *Saúde mental e psicanálise: conexões discursivas*, p. 21-28.

É também assim que Christian Dunker, em sua participação na mesa-redonda plenária de encerramento do Encontro, apresentou um “Programa para renovar as relações entre Psicanálise e Psiquiatria”, no qual traz uma série de proposições fundamentadas na necessidade de retorno ao “solo epistemológico da psicopatologia crítica” e de se “redefinir os fundamentos para a formação comum de quadros em saúde mental a partir da noção de escuta”.

Conclusão

Aquilo que muitos consideravam impossível – a reabertura de um diálogo fecundo entre Psicanálise e Psiquiatria – mostrou-se realizável, concretizando de maneira efetiva um sólido passo inicial. Alguns elementos que tornaram esse debate possível podem ser aqui elencados: 1) a centralização das discussões em torno de desafios clínicos e políticos contemporâneos concretos comuns aos dois campos; 2) a ameaça representada a todas as disciplinas clínicas pela chegada maciça da inteligência artificial nessa área, obrigando a todos aqueles que se ocupam do sofrimento mental e de suas

patologias a redefinir com precisão as dimensões especificamente humanas tanto da psicopatologia, quanto de seu tratamento; 3) o reconhecimento humilde, de ambas as partes, do caráter incompleto e insuficiente de seus saberes e procedimentos para dar conta da vasta complexidade teórica e clínica da patologia mental; 4) a busca, que acabou por revelar-se não tão difícil, de encontrar parceiros do outro campo realmente dispostos e abertos a um diálogo fecundo; 5) a emergência concreta nos tempos atuais de riscos de destruição em massa da civilização e do ambiente, o que propicia uma atitude de maior abertura a parcerias inusitadas, mas que compartilhem o mesmo mal-estar e a mesma aspiração a responder de forma mais efetiva aos imensos desafios que precisamos agora enfrentar.

Esse diálogo renovado está apenas em seus primeiros passos, ainda incertos e vacilantes e sem futuro garantido. Do lado da Psicanálise coloca-se o desafio da abertura sincera e franca a essa exposição ao “Outro” da Psiquiatria, não apenas da clássica e por vezes soberba posição da “contribuição” que a disciplina criada por Freud pode aportar aos psiquiatras, mas também de que forma ela pode se deixar realmente interpelar pelo campo desses “próximos”, inquietantemente familiares.

Referências bibliográficas

- Lacan J. (2005). *Seminário X: A angústia* (1962-63). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Pereira M.E.C. (2019). Projeto de uma (psico)patologia do sujeito (I): Redefinição do conceito de psicopatologia à luz da questão do sujeito, *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 22, n. 4, p. 828-858.
- _____. (2021). O lugar lógico do sujeito na clínica médico-psiquiátrica. In Miranda C.E.S.; Sternick M.V.C., *Saúde mental e psicanálise: Conexões discursivas*. Curitiba: Juruá. p. 21-28.

Psychoanalysis and Psychiatry: the necessary dialogue is possible

Abstract Building on the 1st International Meeting of the WPA – Psychoanalysis in Psychiatry Section (WPA – PiP Section) held at UNICAMP in February 2024, a historic event that brought together psychiatrists and psychoanalysts for the first time under the aegis of the WPA to discuss new foundations for the relationship between the two disciplines, this article proposes several theses for the theoretical, clinical, and ethical advancement of this dialogue.

Keywords Psychoanalysis; Psychiatry; Psychopathology; WPA.

Texto recebido: 05/2024.

Aprovado: 06/2024

Um programa para renovar as relações entre psicanálise e psiquiatria

Christian Ingo Lenz Dunker

Christian Ingo Lenz Dunker é psicanalista e professor titular do Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da USP, Analista Membro da Escola dos Fóruns do Campo Lacaniano.

Resumo O artigo consiste em uma pequena nota programática que objetiva estabelecer termos mínimos para uma reaproximação praxica e epistemológica entre psicanálise e psiquiatria em tempos de inteligência artificial e crise global de saúde mental. Tais termos envolvem a conjectura de uma psicopatologia crítica, baseada nas noções de sofrimento e escuta, capaz de singularizar o programa de tratamento combinando epidemiologia, dados quantitativos e decisões qualitativas concernentes ao sujeito.

Palavras-chave psicopatologia crítica; escuta; sofrimento.

DOI: 10.70048/percurso.72.17-22

Introdução

Trata-se de propor um retorno ao solo epistemológico da psicopatologia crítica, no qual o estatuto da doença mental era ainda incerto, condição existencial, adoecimento ou modo de estar em relações. Com isso poderíamos redefinir e inferir o conceito de transtorno mental e seu correlato semiológico fundamental, as noções de sinal e sintoma, a partir da noção de sofrimento. Temos que ter em vista que a saúde mental deve ser direito de todos e dever de cada um que se ocupa do cuidado com outros. Será preciso redefinir fundamentos para a formação comum de quadros em saúde mental a partir da noção de escuta e da clínica como experiência da palavra em relação. Psiquiatria e psicanálise mantêm em comum o fato de que são procedimentos clínicos baseados em uma semiologia, uma diagnóstica, uma etiologia e uma terapêutica específica. Mas a psicanálise, além disso, propõe-se a ser uma experiência ética de valor transformativo e uma técnica de redução do sofrimento mental.

Um programa de pesquisa consistente entre psiquiatria e psicanálise deve partir do uso da palavra em primeira pessoa como fato fundamental para a anamnese, exame clínico e diagnóstico. Definições operacionais, baseadas em escalas, testes e protocolos, possuem peso secundário em uma clínica da escuta do sujeito. Contudo, técnicas de análise de discurso e dispositivos que permitam abordar a fala dos pacientes em contexto de livre associação serão bem-vindas.

Por outro lado, o uso de medicação, de práticas psicoeducativas, de técnicas de relaxamento e de disciplina de vida são hoje



*as redefinições
operacionais da psicanálise
como uma Psicoterapia
Psicodinâmica de Longo
Prazo são parte da aceitação
das múltiplas formas
de organização
do campo psicanalítico*

amplamente encontradas em associação com tratamento psicanalítico, sem que essa condição seja suficientemente estudada pela pesquisa científica. As redefinições operacionais da psicanálise como uma Psicoterapia Psicodinâmica de Longo Prazo são parte da aceitação das múltiplas formas de organização do campo psicanalítico. Reduzir a confiança na padronagem de procedimentos, reduzir a confiança na identidade clínica de pacientes de mesmo diagnóstico, reduzir a pretensão de homogeneizar percursos e prognósticos em clínica do sofrimento mental torna-se uma necessidade para enfrentar a dificuldade de reversão de curvas epidemiológicas nesta matéria¹.

Disso se poderia pensar políticas públicas de promoção em saúde mental baseadas em mapas segmentados para risco, vulnerabilidades históricas, estigmas sociais, comorbidades e iatrogênese. Hoje, nem psicanálise nem psiquiatria estão em condições de enfrentar os determinantes transversais do sofrimento psíquico tais como racismo, opressão de gênero e classe, assédio moral e sexual, segregação cultural e xenofobia. Nem psiquiatria nem psicanálise conseguem, separadamente, fazer frente aos processos coletivos de alto impacto na saúde mental, como

desemprego, envelhecimento, perda de laços sociais, solidão e perda de sentimento de pertencimento.

Por uma psicopatologia crítica

Uma psicopatologia crítica é sobretudo uma disciplina que não esquece sua própria história, bem como seus processos de negação, ocultamento e violência. O uso da história, antropologia e sociologia para definir conceitos primários em psicopatologia, assim como a psicologia do desenvolvimento, precisa se acompanhar de aportes críticos, notadamente as antropologias reversas, a crítica feminista, a luta antirracismo, a desigualdade social implicada no sofrimento psíquico e o tratamento epistemológico das fobias de orientação sexual e identidade.

O ponto de partida de uma psicopatologia crítica, que subsidie tanto psicanálise quanto psiquiatria, esteve presente em inúmeros projetos ao longo do século xx. Tais projetos sempre partem do reconhecimento da narrativa clínica do paciente como parte do “autodiagnóstico”, incluindo a noção de crítica do sintoma como critério. A definição elementar do transtorno mental deve incorporar a ideia de patologia do social, ou seja, versar sobre relações e não apenas sobre comportamentos individuais ou disposições de ação. Uma patologia do social afeta formas de vida e deve ser compreendida à luz de formas de vida². Tal consideração permite reconsiderar a utilização de recursos psiquiátricos como medicina de *enhanced*, reconfigurando o paradigma compensatório até recentemente prevalente nas ciências médicas. Não é possível enfrentar um fato social total como o suicídio sem a reconsideração radical da definição mesma de transtorno mental.

Mas ele exige também o reconhecimento de patologias relacionais, cujo exemplo remanescente e irreduzível parece ser a loucura a dois (*Folie a Deux*). O uso de metodologias digitais, como as aplicadas à análise de discurso, para levantamento

de indicadores pré-clínicos emerge como um paradigma alternativo ao sistema de *trials*, padrão ouro e meta-análises, em regra condicionadas pelas definições consensuais e normativas de transtorno, seja em DSM ou CID.

Uma psicopatologia crítica deve nos prevenir contra o empresariamento de formas de sofrimento, com a definição retrospectiva de quadros adaptados aos treinamentos e demais protocolos clínicos de diagnósticos de alta prevalência ideológica e baixa consistência em termos de confiabilidade estatística. Deve-se considerar que tal fenômeno afeta principalmente a medicalização das infâncias e a imposição de tratamentos pela via dos responsáveis adultos. O adultocentrismo deve ser questionado, assim como o etnocentrismo, em psiquiatria e psicanálise, como forma de escuta das práticas originárias e das condições de enfrentamento das dificuldades em saúde mental por não especialistas.

Escuta e sofrimento

A redefinição de transtorno mental a partir da noção de sofrimento crítica a, hoje, noção de amplo emprego de “síndrome com transtorno clinicamente significativo”, definida basicamente como potencial pertencimento a formas de vida em desempenho funcional escolar, social ou laboral. Revendo a definição hoje corrente pode-se perceber que termos como cognição, emoção e comportamento estão submetidos ao uso da linguagem e os seus efeitos de sujeito. Nesse sentido, recursos recentes em análise de discurso são uma tecnologia importante para reconsiderar a relação entre psicanálise e psiquiatria.

- 1 Z. Steel; C. Marnane; C. Iranpour; T. Chey; J. Wjackson; V. Patel; D. Silove, “The global prevalence of common mental disorders: a systematic review and meta-analysis 1980–2013”, *International Journal of Epidemiology*, v. 43, n. 2.
- 2 V. Safatle; N. Silva Jr.; C. Dunker, *Patologia do social*.

»
a redefinição
de transtorno mental
a partir da noção de
sofrimento crítica a
noção de amplo
emprego de “síndrome
com transtorno
cl clinicamente significativo”

A noção de disfunção sugere a presença de uma condição biológica, ainda não detectável e consensual, propondo que nesses casos noções mais antigas e menos determinadas – tais como sintoma, inibição e angústia – poderiam ser mais convenientes e precisas. Separar dimensões psicológica, biológica e desenvolvimental, por exemplo, parece ter menor base empírica do que o impacto de classe, raça e gênero, senão no diagnóstico, no curso do sofrimento mental. Termos como prejuízo (*distress*), seja ele educacional ou laboral, remetem a uma teoria do reconhecimento subjacente e não explicitada, sobre reconhecimento, afetos e narrativas de sofrimento.

A formação de operadores básicos em saúde mental, capazes de efetuar a tão anunciada descentralização de especialistas de área depende da formação básica de “escutadores” ou “referências” comunitárias, organizacionais e institucionais, nem tanto de “práticos” prescritores de medicação. O reconhecimento do sofrimento e dos recursos terapêuticos disponíveis no território, a formação de redes de suporte e circulação em saúde mental, assim como o adensamento da noção de cuidado tornam-se estratégias cruciais para reaproximar psiquiatria e psicanálise em torno de um programa crítico.



*admitir que
a psicanálise possui
o mesmo nível de
evidencialidade de qualquer
outra psicoterapia de base
empírica é o primeiro,
mas não o último passo*

Qual psicanálise para qual psiquiatria?

A ampliação da noção de cuidado depende da estabilização de um conceito destinado a organizar um vasto conjunto de indeterminações relacionais, como é o caso do conceito de transferência. A experiência histórica da psicodinâmica como perspectiva integrativa e conciliatória entre prática psiquiátrica e psicanalítica pode ser apreendida e revertida em uma perspectiva em que ambas convivam produtivamente em regime de rivalidade produtiva e não exclusão epistêmica. A admissão mútua das limitações de cada programa, assim como o caráter convergente enquanto práticas sociais podem tornar operacionais as irredutibilidades epistêmicas, sem prejuízo final para pacientes. Isso significa uma relação inversa à que se percebe hoje na integração com programas clínicos assemelhados, em verdade emergentes e comuns com o paradigma psiquiátrico derivados das reformulações introduzidas pelo DSM entre 1973 e 1984.

Admitir que a psicanálise possui o mesmo nível de evidencialidade de qualquer outra psicoterapia de base empírica, como atesta vasto, robusto e recente material de pesquisa, é o primeiro,

mas não o último passo³. É preciso pensar articulações regionais, defletindo o modelo globalista hoje hegemônico, relevando a particularidade étnica em território do cuidado em saúde mental. Isso demanda, por exemplo, produção de dados em escala Brasil, segmentados e qualificados em séries históricas.

Isso implica uma redefinição metodológica da psicoterapia fora do campo da reeducação e do treinamento disciplinar. Para tanto será preciso reintroduzir o sujeito como critério diagnóstico. Afinal o conceito de inconsciente não possui valência ontológica, consistindo em hipótese sobre o sujeito e sua relação na determinação causal dos sintomas. Formações do inconsciente são produções materiais da linguagem, assim como sintomas podem ser revertidos a partir da hipótese da derivação do sofrimento ao sistema de conflitos ao qual este se encontra ligado.

Isso pode ocorrer no quadro de um reentendimento de saúde ela mesma. Não mais a definição negativa e restritiva como “saúde como silêncio dos órgãos e ausência de doença”⁴, nem sua inversão abrangente e expansiva como “o mais completo estado de bem-estar bio-psico-social”⁵, mas uma definição baseada nas premissas da ação, aqui propostas: território, rede e cuidado.

A recusa “formal” da etiologia como abertura para a medicação crônica sem controle (DSM-III) abriu espaço para as fórmulas de ultrapassamento funcional representadas pela medicina de *enhanced*, que na saúde mental tem se mostrado impotente clínica e epistemicamente para distinguir a medicação do doping para aumento de performance e sobrevivência em situações de extra exploração laboral, idealização relacional e super expectativa escolar. Assim como antes tanto psicanálise quanto psiquiatria já estiveram a serviço explícito de regimes ideológicos e silenciamentos políticos, hoje ela pode trabalhar para a ideologia conformista da adaptação e performance, baseada em suplementações farmacológicas, inclusive em resposta à demanda de pacientes. Como disse um dos realizadores do DSM, em 2013, “Nossos pacientes merecem mais do que isso”⁶.

Entre uma definição negativa pela ausência de mal-estar, e uma ambição desmesurada pelo bem-estar, talvez precisemos de uma definição de saúde que reestabeleça a potência do pertencimento e da capacidade de estar.

As condições transversais de risco para saúde mental, tais como racismo, assédio sexual, assédio moral, bullying, desemprego e pobreza, precisam ser enfrentadas e não apenas remetidas a outras disciplinas e práticas. Isso começa por uma redefinição do sistema de subsídios e investimentos em saúde mental, que vem decaindo em escala mundial, também à causa da ineficácia, onerosidade e incongruência hoje vigente.

Assim também condições desencadeantes e de aguda vulnerabilidade para emergência em saúde mental, tais como desemprego, gravidez precoce, enlutamentos e adoecimentos, concentram-se em torno da elaboração psíquica e material de perdas. Perda de nexos com território, dissolução de vínculo conjugal devem caminhar ao lado da pesquisa sobre vulnerabilidade genética, adoecimento e história desenvolvimental. Saúde mental precisa integrar urgentemente as noções conexas com as de escuta: conflito, relação, reconhecimento e sujeito.

Conclusão

A crise global em saúde mental não será enfrentada pela produção de mais especialistas. É necessário capilarizar a formação básica em saúde mental, criando dispositivos locais de atenção e cuidado, integrados a redes instituídas de

»
*o reconhecimento
do esgotamento do
atual paradigma em
saúde mental é importante
para criar uma nova
maneira de integrarmos
as conquistas
das neurociências*

tratamento. Psicanálise e psiquiatria precisam se reconciliar epistemologicamente para enfrentar este desafio ético e político.

O reconhecimento do esgotamento do atual paradigma em saúde mental é importante para criar uma nova maneira de integrarmos as conquistas das neurociências, da inteligência artificial, da epidemiologia baseada em dados de escala global.

O retorno ao pensamento clínico, reintroduzindo o sujeito nas considerações semiológicas, diagnósticas, etiológicas e terapêuticas, é um ponto crucial para redefinição das conexões entre psicanálise e psiquiatria, contudo um retorno ao solo comum da palavra e da escuta do sofrimento é ponto de partida para uma nova relação entre psiquiatria e psicanálise.

3 C. Dunker; G. Iannini, *Ciência pouca é bobagem: por que a psicanálise não é uma pseudociência*.

4 Bichat, 1870.

5 OMS, 1948.

6 T. Insel, *Healing: Our Path from Mental Illness to Mental Health Hardcover*.

Referências bibliográficas

- Ratner A.; Gandhi N. (2020). Psychoanalysis in Combatting Mass Non-Adherence to Medical Advice. *The Lancet*, v. 396, n. 10.264, p. 1.730.
- Dunker C.; Iannini G. (2014). *Ciência pouca é bobagem: por que a psicanálise não é uma pseudociência*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Insel T. (2022). *Healing: Our Path from Mental Illness to Mental Health Hardcover*. New York: Penguin Press.
- Safatle V.; Silva Jr. N.; Dunker C. (2015). *Patologia do social*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Steel Z.; Marnane C.; Iranpour C.; Chey T.; Jackson J.; Patel V.; Silove D. (2014). The global prevalence of common mental disorders: a systematic review and meta-analysis 1980-2013, *International Journal of Epidemiology*, v. 43, n. 2.

A program to renew the relations between Psychoanalysis and Psychiatry

Abstract The article consists of a short programmatic note that aims to establish minimum terms for a practical and epistemological rapprochement between psychoanalysis and psychiatry in times of artificial intelligence and a global mental health crisis. These terms involve the conjecture of a critical psychopathology, based on the notions of suffering and listening, capable of singularising the treatment programme by combining epidemiology, quantitative data and qualitative decisions concerning the subject.

Keywords critical psychopathology; listening; suffering.

Texto recebido: 03/2024

Aprovado: 05/2024

Arte, loucura e humanização

Leda Maria Codeço Barone

Leda Maria Codeço Barone é psicanalista, membro associado da SBPSP, doutora em Psicologia escolar pelo IP-USP.

Resumo O trabalho tem como objetivo, a partir da leitura do livro *A expressão artística nos alienados*, de Osório Cesar, desenvolver algumas questões relativas ao papel da arte como elemento de humanização e como resistência no universo da loucura. A questão: *a que resiste a expressão dos alienados?* acompanhará nossa discussão ao longo do percurso.

Palavras-chave arte; loucura; humanização; resistência; esquecimento.

DOI: 10.70048/percurso.72.23-28

“O ato de resistência possui duas faces. Ele é humano e é também um ato de arte. Somente o ato de resistência resiste à morte, seja sob a forma de uma obra de arte, seja sob a forma de uma luta entre os homens.”

[Gilles Deleuze, “O que é o ato de criação?” (Paris, 1987)]

Pretendemos neste trabalho desenvolver, a partir da leitura do livro *A expressão artística nos alienados*, de Osório Cesar, questões relativas ao papel da arte como elemento de humanização e como resistência, no universo da loucura. A questão: *a que resiste a expressão dos alienados?* nos acompanhará ao longo desse percurso.

A leitura do livro citado impacta o leitor pela força de sua narrativa, por sua consistência teórica, pelo ineditismo da proposta em nosso meio, e sobretudo, por transparecer a generosidade de um visionário em sua tentativa de humanizar um espaço, sabidamente desumanizador, onde o abrigado perde o nome, a história, a identidade e seu lugar de fala.

Sobre a desumanização nesses espaços lembro que em 2004, conforme informa Arbex¹, uma inspeção realizada nessas unidades pela Comissão Nacional de Direitos Humanos do Conselho Federal de Psicologia e do Conselho Federal da Ordem dos Advogados encontrou condições subumanas em 28 delas. E talvez o exemplo mais extremo de desumanização seja o encontrado no *Colônia*, hospital psiquiátrico sediado em Barbacena, MG, que vigorou de 1903 a 1980. Em um livro impactante e emocionado, Arbex conta a história desse hospital

¹ D. Arbex, *Holocausto brasileiro*.



Nise propõe transformação radical com a utilização de ateliês de expressão das emoções por meio de recursos criativos

psiquiátrico no qual, ao longo de seu funcionamento, cerca de 60 mil pessoas perderam a vida em condições desumanas. É dramático conhecer o comentário de Brum², no prefácio do livro aqui referido:

Homens, mulheres e crianças, às vezes, comiam ratos, bebiam esgoto ou urina, dormiam sobre capim, eram espancados e violados. Nas noites geladas da serra da Mantiqueira, eram atirados ao relento, nus ou cobertos apenas por trapos. [...] Os pacientes do Colônia morriam de frio, de fome, de doença. Morriam também de choque. Em alguns dias, os eletrochoques eram tantos e tão fortes, que a sobrecarga derrubava a rede do município. Nos períodos de maior lotação, dezesseis pessoas morriam a cada dia. Morriam de tudo – e também de invisibilidade.

Um dos médicos entrevistado por Arbex, Ronaldo Simões Coelho³, que no final dos anos 1970 denunciou o *Colônia* pedindo a sua extinção, e que pouco depois foi demitido, assim se refere a ele:

Lá, existe um psiquiatra para 400 doentes. Os alimentos são jogados nos cochos, e os doidos avançam para comer. O que acontece no *Colônia* é a desumanidade, a crueldade planejada. No hospício, tira-se o caráter humano de uma pessoa, e ela deixa de ser gente. É permitido andar nu e comer bosta, mas é proibido o protesto qualquer que seja a sua forma.

Sobre a articulação entre produção cultural e práticas em saúde, Lima *et al.*⁴ apontam o trabalho pioneiro de Osório César na década de 20

do século passado e de Nise da Silveira algumas décadas mais tarde quando a ilustre psiquiatra estimula a produção artística dentro dos hospitais psiquiátricos.

Nise da Silveira inicia seu trabalho no Centro Psiquiátrico Pedro II no Rio de Janeiro e, convidada a trabalhar com os recursos da época como eletrochoque, choque de insulina e lobotomia, a psiquiatra prefere dirigir-se ao setor de terapia ocupacional onde os internos se ocupavam de tarefas rotineiras de limpeza. Lá, Nise propõe transformação radical introduzindo metodologia de intervenção com a utilização de ateliês de expressão das emoções por meio de recursos criativos para serem manuseados, sentidos e percebidos. Utilizou recursos de costura, bordado, desenho, pintura e modelagem. Porém essas atividades eram acompanhadas pelo afeto dos monitores e da atenção de Nise, que participava do dia a dia dos ateliês.

Para Frayze-Pereira⁵ o contato com a obra de Nise da Silveira no Museu de Imagens do Inconsciente reordenou seu trabalho de pesquisa, que passa a transitar entre a estética da recepção e a psicanálise da criação artística. De fato, a contribuição do autor em nosso meio, como também foi a de Mário Pedrosa, transforma o entendimento da relação entre arte, loucura e cultura.

Outra obra importante para o desenvolvimento do pensamento de Frayze-Pereira⁶ foi o contato com a *História da loucura* de Foucault, que, como reconhece o próprio autor, não se trata da história da psiquiatria, mas do silenciamento da loucura, “trata-se da recuperação de um processo que tem início no Renascimento quando, livre e audível, a loucura logo é submetida e em pouco tempo emudecida pela era clássica”.

Frayze-Pereira⁷, no entanto, se coloca outro problema em seu trabalho: o de responder, ou encontrar possíveis respostas, a questões como:

Se forem levados em conta os destinos da loucura no mundo moderno, que significa hoje, expor ou conservar a produção de loucos, por exemplo em um museu? Estaria aberto à loucura, através da arte, um caminho que a ressignifica aos olhos contemporâneos?



a noção de humanidade, a ser
distinguida da de homem,
na concepção de Penna, surge após a
Segunda Guerra Mundial
com a descoberta dos campos de
extermínio alemães

Assim, reconhecendo que essas questões colocam a loucura num processo de comunicação, a figura do expectador ou leitor ganha outra dimensão, na qual o “receptor realiza uma função histórica indispensável”. É nessa direção que o autor vai dirigir seu trabalho por meio da “escuta” dos expectadores diante da exposição da “arte incomum”; a arte dos loucos.

A noção de *humanidade*, a ser distinguida da de *homem*, na concepção de Penna⁸, surge após a Segunda Guerra Mundial com a descoberta dos campos de extermínio alemães. Segundo o autor, é nesse contexto que o Tribunal de Nuremberg forjou a categoria de *crime contra a humanidade* ou *crime contra o status do humano*, como preferiu chamar Hanna Arendt.

Relatos como os de Robert Antelme em seu livro *A espécie humana*, e de Primo Levi no livro *É isto um homem*, entre outros, narram os horrores nazistas dos campos de concentração onde a humanidade dos detentos foi colocada em suspenso.

Antelme e Levi, ambos prisioneiros de campos de concentração durante a Segunda Guerra Mundial, foram contundentes ao mostrar ao mundo as atrocidades vividas nesses espaços de confinamento nos quais os prisioneiros parecem perder seu status de humano. Esses escritos têm servido para uma série de questionamentos sobre a condição humana, bem como da importância desses testemunhos capazes de resistência. Com sua narrativa, tais autores transmitem experiência extrema e cruel que nega a humanidade de suas vítimas. Pelo relato expressam o inexprimível e

testemunham o esforço brutal, em meio a tanta perversidade, de permanecer ainda humanos.

Espaços de confinamento como hospício, prisão, campo de concentração roubam a condição de humanidade de suas vítimas. Espaços de exclusão que colocam seus usuários como depositários do que é insuportável na sociedade e por isso deve ser excluído, banido e mantido à distância.

Em sua *História da loucura*, Foucault⁹ traça uma linha de continuidade entre os milhares de leprosários existentes durante a Idade Média e o surgimento dos hospícios. O desaparecimento da lepra deixa sem utilidade “esses lugares obscuros e esses ritos que não estavam destinados a suprimi-la, mas sim mantê-la a uma distância sacramentada, fixa-la numa exaltação inversa”.

Ainda para Foucault¹⁰, o que vai permanecer após o desaparecimento da doença são os valores e as imagens aderidas à personalidade do leproso; “é o sentido dessa exclusão, a importância no grupo social dessa figura insistente e temida que não se põe de lado sem se traçar à sua volta um círculo sagrado”. Nesse sentido, a verdadeira herança da lepra é a loucura, fenômeno complexo do qual a medicina demorou a se apropriar¹¹. Assim, desaparecida a lepra, permanece a estrutura de exclusão, na qual o louco assumirá o papel deixado pelo leproso.

Para o autor, ainda no século xv, o tema da morte impera sozinho o imaginário, e expressa em diferentes obras da cultura “imagens zombeteiras da morte [...] O fim do homem, o fim dos tempos assume o rosto das pestes e das guerras. [...] E eis que nos últimos anos do século esta

2 E. Brum, “Os loucos somos nós” (prefácio), in *Holocausto brasileiro*, p. 14.

3 R. Coelho, citado por D. Arbex, *op. cit.*, p. 200.

4 E.A. Lima et al., Interface arte, saúde e cultura: Um campo transversal de saberes e práticas. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, v. 19, n. 55. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-57622015.0680>.

5 J.A. Frayze-Pereira, “Nise da Silveira. Imagens do inconsciente entre psicologia, arte e política”, *Estudos avançados*, v. 17, n. 49.

6 J.A. Frayze-Pereira, *Olho d’água: Arte e loucura em exposição*, p. 23.

7 J.A. Frayze-Pereira, *Olho d’água*, p. 26.

8 J.C. Penna, “Sobre viver no lugar de quem falamos (Giorgio Agamben e Primo Levi)”, in M. Seligman-Silva (org.), *Palavras e imagem, memória e escritura*.

9 M. Foucault, *História da loucura*, p. 6.

10 M. Foucault, *op. cit.*, p. 6.



*a relação entre arte
e cultura pode ser observada
desde os estudos antropológicos
que definem a arte como
constitutiva do humano*

grande inquietude gira sobre si mesma: o desatino da loucura substitui a morte e a seriedade que a acompanha”¹². Nesse sentido, a experiência da loucura é uma continuação rigorosa da lepra. “O ritual de exclusão mostrava que ele era, vivo, a própria presença da morte”, afirma Foucault¹³ em nota. E dessa maneira precisando ser escondido, excluído e tornado invisível aos olhos do “normal”, pois o louco coloca em cena o desamparo constitutivo do humano e a falta de sentido da existência.

Num belo texto de Candido¹⁴, intitulado *O direito à literatura*, escrito para um evento sobre *Direitos humanos e literatura*, o autor propõe o que entende por humanização. Diz ele:

Entendo por *humanização* [...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor.

O autor ainda afirma que a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade porque nos torna mais abertos à natureza, à sociedade e ao semelhante.

Ainda para Candido¹⁵, “a eficácia humana é função da eficácia estética, e portanto o que na literatura age como força humanizadora é a própria literatura, ou seja, a capacidade de criar formas pertinentes”.

Não apenas a literatura, mas a arte em geral, seja qual for, no nosso entender tem essa mesma

eficácia. Pareyson¹⁶ afirma existir, principalmente, três definições de arte: arte como fazer, como conhecer ou como exprimir. Para o autor essas concepções às vezes se contrapõem, outras se excluem ou ainda se aliam e articulam de diversas maneiras.

Após examinar cada uma dessas definições, Pareyson sublinha a arte como um *fazer*, e propõe ser o essencial da arte, o produtivo, realizativo, executivo. Porém não é qualquer fazer, visto que todas as atividades humanas implicam um lado executivo, realizativo, mesmo atividades propriamente espirituais e de pensamento. Mas, para o autor, não se trata de qualquer fazer, porque a arte é também *invenção*¹⁷: “Ela não é a execução de qualquer coisa já ideada, realização de um projeto, produção segundo regras dadas ou predispostas. *Ela é um fazer que, enquanto faz, inventa o por fazer e o modo de fazer*”. Nesse sentido, na arte, execução e invenção são indissociáveis, de modo a que a obra realizada é absolutamente original e irrepetível.

A relação entre arte e cultura pode ser observada desde os estudos antropológicos que definem a arte como constitutiva do humano. Para autores como Geertz¹⁸, “a cultura, em vez de ser acrescentada, por assim dizer, a um animal acabado, ou virtualmente acabado, foi um ingrediente, e um ingrediente essencial, na produção desse animal”.

Isso significa para o autor que, *grosso modo*, não existe natureza humana independente da cultura. Assim, conclui: “Sem os homens certamente não haveria cultura, mas, de forma semelhante e muito significativamente, sem cultura não haveria homem”¹⁹.

Para o autor, a cultura é uma resposta a desafios à sobrevivência, e essa resposta é uma revelação daquilo que os homens são. Na formulação de Geertz, essa dupla face da cultura, enquanto produto e exteriorização de manifestações humanas, repercute nos próprios homens, uma vez que são moldados por aquilo que exteriorizam. Os homens são, portanto, “artefatos culturais”.



Outro aspecto importante nas várias teorias propostas por antropólogos é o fato de todas terminarem por discutir o papel da arte na organização da cultura, conforme aponta Iser²⁰. Em suas observações, apoiado em autores como Leroi-Gourhan, Iser constata que os elementos artísticos constituem importantes traços contemporâneos ao início observável da humanidade. Veja por exemplo que a ferramenta – extensão da mão humana – foi desde sempre enfeitada com ornamentos indicativos de que o estilo acompanha a função mecânica da ferramenta. Acrescenta o autor que

sem tais representações figurativas, o equilíbrio dos vários aspectos da confecção de ferramentas seria afetado, pondo em risco o próprio uso da ferramenta. A roupagem figurada da função mecânica simboliza uma ligação com aquele uso, e, sem ela, a ferramenta pode não estar ‘forjada’ na sua forma operável. A ornamentação representa, portanto, a maneira pela qual o produtor se relaciona com o produto, indicando que este foi feito.²¹

Continuando seu argumento, Iser considera a arte um componente inevitável da cultura, independentemente de considerá-la o apogeu da cultura ou de reconhecer que uma estética funcional acompanha a exteriorização das capacidades humanas.

Em sua conferência de 1987, Deleuze definiu o ato de criação como um “ato de resistência”. E, seguindo André Malraux, resistência à morte antes de tudo, mas também resistência

pensamos que a arte nos hospitais psiquiátricos – como também em outros lugares – serve como uma resistência e resguardo da humanidade ameaçada nesses espaços

ao paradigma da informação, por meio do qual o poder é exercido no que o filósofo chama de “sociedade de controle”, para distinguir das sociedades disciplinares estudadas por Foucault. Para Deleuze, cada ato de criação resiste a algo, e como exemplo afirma que a música de Bach é um ato de resistência à separação entre o sagrado e o profano.

E a arte nos alienados? A que resiste? Como os trabalhos de literatura do pós-guerra que possuem uma forte missão de testemunhar aquilo que não foi possível ser dito, a arte nesses alienados talvez possa ser um ato de resistência ao esquecimento de sua humanidade.

Mário Pedrosa reconhece, a partir da apreciação da arte nos alienados, a ideia de que a principal finalidade de uma ocupação artística, persistente e sistemática, não é a produção de obras-primas. O mais importante é o que adquirem com tais atividades as pessoas que as realizam. O que essas atividades produzem nessas vidas.

Acompanhando o trabalho pioneiro de Osório César e as contribuições dos autores aqui apresentadas, pensamos que a arte nos hospitais psiquiátricos – como também em outros lugares – serve como uma resistência e resguardo da humanidade ameaçada nesses espaços. A arte rompe a invisibilidade, instaura um lugar de expressão e de reconhecimento pelo outro de sua humanidade. Por meio dessa expressão o sujeito livra-se do silenciamento ao qual a reclusão o impele, e testemunha sua condição humana, evitando o esquecimento.

11 Não cabe aqui discutir o desenvolvimento da psiquiatria nem as contribuições de Freud no entendimento da loucura. Nossa preocupação é outra, como já apontamos.

12 M. Foucault, *op. cit.*, p. 15 e 16.

13 M. Foucault, *op. cit.*, p. 16.

14 A. Candido, “O direito à literatura”, in *Vários escritos*.

15 A. Candido, *op. cit.*, p. 182.

16 L. Pareyson, *Os problemas da estética*.

17 L. Pareyson, *op. cit.*, p. 32.

18 C. Geertz, *A interpretação das culturas*, p. 34.

19 C. Geertz, *op. cit.*, p. 36.

20 W. Iser, “O que é antropologia literária”, in J.C. Rocha (org.), *Indagações à obra de Wolfgang Iser*.

21 W. Iser, *op. cit.*, p. 149.

Referências bibliográficas

- Agamben G. (2018). O que é o ato de criação? In *O fogo e o relato. Ensaios sobre criação, escrita, arte e livros*. São Paulo: Boitempo. p. 59-81.
- Arbex D. (2014). *Holocausto brasileiro*. Lisboa: Guerra e Paz.
- Brum E. (2014). Os loucos somos nós. Prefácio. In Arbex D. *Holocausto brasileiro*. Lisboa: Guerra e Paz.
- Candido A. (1988/2004). O direito à literatura. *Vários escritos*. São Paulo e Rio de Janeiro: Duas Cidades. p. 169-191.
- Deleuze G. (1987/1999). O ato de criação. *Folha de S.Paulo*. 27 jun.
- Frayze-Pereira J.A. (1995). *Olho d'água. Arte e loucura em exposição*. São Paulo: Escuta.
- _____. (2003). Nise da Silveira. Imagens do inconsciente entre psicologia, arte e política. *Estudos Avançados*, v. 17, n. 49, 2003.
- Foucault M. (1999). *História da loucura*. São Paulo: Perspectiva.
- Geertz C. (2017). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC.
- Iser W. (1999). O que é antropologia literária? In Rocha J.C.C.R. (org.) *Indagações à obra de Wolfgang Iser*. Rio de Janeiro: Uerj. p. 147-178.
- Lima E.A. et al. (2005/2015). Interface arte, saúde e cultura: Um campo transversal de saberes e práticas. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, v. 19, n. 55, 1019-1022.
- Pareyson L. (1989). *Os problemas da estética*. São Paulo: Martins Fontes.
- Penna J. C. (2006). Sobre viver no lugar de quem falamos (Giorgio Agamben e Primo Levi). In Seligmann-Silva M. (org.), *Palavra e imagem, memória e escrita*. Chapecó: Argos. p. 127-184.

Art, madness and humanization

Abstract The intention of this work, based on reading the book *A expressão artística nos alienados*, by Osório Cesar, is to develop some questions regarding the role of art as an element of humanization and as resistance in the universe of madness. The argument: “what does the expression of the alienated resist to?” will accompany our discussion along the way.

Keywords art; madness; humanization; resistance; oblivion.

Texto recebido: 04/2024

Aprovado: 06/2024

Feministas, pacientes e analistas: as mulheres na origem da psicanálise

Flávia Ripoli Martins

Flávia Ripoli Martins é psicanalista. Psicóloga e mestre em Psicologia Clínica pela PUC-SP. Autora de *Histórias da margem: lésbicas, gays e os primeiros psicanalistas* (Blucher, 2024). Aluna do quarto ano do Curso de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

Nota Uma primeira versão deste artigo foi escrita como trabalho de Monografia do Seminário “Sexualidade infantil e o complexo de Édipo” ministrado em 2022 no Curso de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. Agradeço a Mara Caffé e às colegas do Seminário pelas contribuições incorporadas na versão final do texto.

Resumo Este trabalho objetivou discutir os entrelaçamentos entre o movimento feminista sufragista, a epidemia de histeria e o surgimento das teorias psicanalíticas sobre a mulher e a feminilidade. Para tal, foram analisadas as discussões das Atas da Sociedade Psicanalítica de Viena. Discutiui-se o atravessamento dos discursos patriarcais e das pautas feministas sobre as discussões dos primeiros psicanalistas e os efeitos da entrada das mulheres no círculo vienense do freudismo.

Palavras-chave história da psicanálise; feminismo; sexualidade feminina; histeria.

DOI: 10.70048/percurso.72.29-38

A psicanálise e a primeira onda do feminismo moderno surgiram em um período de profundas transformações sociais, políticas e no pensamento europeu, e seus debates são quase tão antigos quanto a criação da teoria freudiana. Não à toa, Freud menciona o movimento feminista em pontos críticos de sua obra. Na mesma frase em que anuncia que “a anatomia é destino”¹, ele critica as exigências de igualdade das mulheres de sua época, indicando que suas reivindicações não foram escutadas a ponto de se traduzirem em teoria, mas não passaram ilesas por seus ouvidos. Em outro ponto da obra, ao essencializar as diferenças entre homens e mulheres, Freud² afirma que “Em tais juízos não nos deixaremos influenciar pela contestação dos partidários do feminismo que desejam nos impor uma total equiparação e equivalência dos sexos, mas admitiremos de bom grado que também a maioria dos homens fica muito atrás do ideal masculino”, reiterando que “a masculinidade e a feminilidade puras permanecem construções teóricas de conteúdo incerto”.

Percorrendo a literatura freudiana, encontramos mais adiante uma nota de rodapé indicando que, com a passagem do tempo, os debates entre psicanálise e feminismo se tornaram mais acirrados. Ao mencionar hipóteses naturalizadas sobre o ser social da mulher, Freud³ pondera que “os analistas com opiniões feministas, assim como as mulheres analistas, não estarão de acordo com essas declarações” e sublinha a existência de uma oposição entre os que objetam “que tais teorias provêm do ‘complexo de masculinidade’ do homem e servem para justificar teoricamente sua inata propensão a rebaixar e oprimir a mulher” e aqueles que “acharão compreensível, por sua vez, que o sexo feminino não queira admitir o que parece contrariar a

1 S. Freud, *A dissolução do complexo de Édipo*, p. 211.

2 S. Freud, *Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos*, p. 1925.

3 S. Freud, *Sobre a sexualidade feminina*, p. 379.



*desde o seu surgimento,
a psicanálise está diretamente implicada
com a questão da opressão das
mulheres*

tão ansiada igualdade com o homem”. Este trecho indica como, no início da década de 1930, o movimento feminista deixou de ser apenas algo que ecoava à distância nos ouvidos dos psicanalistas. Em uma época em que as mulheres europeias já haviam conquistado importantes direitos civis e políticos – ocupando também o lugar de analistas – os caminhos entre feminismo e psicanálise haviam definitivamente se interpelado.

Retroagindo no tempo, podemos afirmar que, desde o seu surgimento, a psicanálise está diretamente implicada com a questão da opressão das mulheres, pois “se o diagnóstico de histeria é a interpretação patologizante do sofrimento da mulher frente à opressão social em tempos de discurso patriarcal e, ao mesmo tempo, pedra fundamental do método psicanalítico, então, a relação entre psicanálise, mulher e feminismo se mostraria inextricável”⁴. A partir da hipótese de que há uma relação histórica entre esses três elementos, este trabalho tem como objetivo discutir os entrelaçamentos entre as questões das mulheres vienenses da virada do século XIX para o XX, o movimento feminista sufragista e o surgimento das teorias psicanalíticas sobre a mulher e a feminilidade. Para tal, realizaremos uma análise teórico-documental em três tempos, divididos de forma esquemática: o nascimento da psicanálise na Viena do *fin-de-siècle* como uma clínica da escuta, na qual as primeiras pacientes eram majoritariamente mulheres; as discussões em que as mulheres foram faladas, ocorridas na Sociedade Psicanalítica de Viena e selecionadas por debaterem manifestações de gênero consideradas subversivas para o início do século XX; e o deslocamento das mulheres para o lugar de sujeito

do discurso teórico da psicanálise, iniciado a partir da entrada das primeiras analistas no círculo vienense do freudismo.

Iniciaremos este percurso, discorrendo sobre as restrições impostas pelo poder patriarcal às mulheres burguesas⁵ que viviam na Viena da modernidade onde a psicanálise foi inventada⁶. Privadas de direitos civis e políticos, submetidas à autoridade masculina e ao trabalho doméstico não remunerado, elas permaneciam às margens do mundo intelectual e profissional e eram desprovidas de autonomia e liberdade. Nessa época, a educação oferecida às mulheres não lhes permitia realizar uma formação superior, e reduzia-se às escolas concordatárias ou aos pensionatos religiosos, onde se priorizava o ensino de habilidades para cumprir o papel de esposas e mães. Não podiam votar e, entre 1867 e 1911, eram proibidas de formar ou integrar qualquer tipo de associação política.

Se, por um lado, na Viena freudiana as mulheres viviam em um contexto de submissão, isso não significa que todas elas aceitavam passivamente as condições às quais eram subjugadas. A partir da segunda metade do século XIX, algumas mulheres burguesas e de classe média começaram a se organizar politicamente e fundaram as primeiras associações feministas sufragistas do Império Austro-Húngaro. Tais coletivos seguiram as pautas da primeira onda do feminismo moderno e defendiam três demandas centrais: a reforma na educação, incluindo o acesso à Universidade e o aumento das possibilidades de trabalho remunerado; o direito universal ao voto e à participação política, considerados meios de implantar mudanças legais e institucionais; e uma reforma sexual com objetivo de erradicar o casamento por conveniência e modificar a dupla moral sexual⁷.

Contudo, faz-se necessário ressaltar que, na Europa da modernidade, os movimentos de emancipação feminina não se deram apenas do ponto de vista civil e político, mas também subjetivo. Muitas mulheres tinham notícias das possibilidades ofertadas pelo mundo “masculino” da



*Maria Rita Kehl compreende
a epidemia de histeria entre as mulheres
burguesas como resultado da falta de
perspectivas sublimatórias
ofertadas a elas*

política, dos estudos, das informações e da ciência, e não tardou para que a exclusão e a submissão perpetuadas pelo poder patriarcal também se traduzissem em uma revolta corporificada: a epidemia de histeria. Pensada em seu sentido sociopolítico, a sintomatologia histérica pode ser interpretada como uma forma de representar simbolicamente a revolta de muitas mulheres⁸ contra a dupla moral e as imposições sexuais dirigidas a elas, levando-a a ser considerada por Emilce dio Bleichmar⁹ como um “feminismo espontâneo”.

Ao analisar esse contexto, Maria Rita Kehl¹⁰ compreende a epidemia de histeria entre as mulheres burguesas como resultado da falta de perspectivas sublimatórias ofertadas a elas, tomando-a como uma forma de salvação, “justamente porque é a expressão (possível) da experiência delas, em um período em que os ideais tradicionais de feminilidade [...] entraram em profundo desacordo com as aspirações de algumas dessas mulheres enquanto sujeitos”. Chegando primeiro às alas psiquiátricas dos hospitais, a partir de 1884 as mulheres da burguesia vienense que sofriam de histeria também foram acolhidas no sigilo do consultório de Freud.

Ao tratar suas pacientes com a técnica da hipnose, Freud pôde colher os princípios que

posteriormente se tornaram seu método de trabalho. Entre 1889 e 1890, ele atendeu Emmy von N. (Fanny Moser), paciente que se aborrecia com as frequentes interrupções do analista, lhe advertindo em uma sessão que ele “não devia perguntar sempre de onde vinha isso ou aquilo, mas sim deixá-la contar o que tinha a me dizer”¹¹. Entre a possibilidade de formular um pedido e a disponibilidade de ouvi-lo, nascia a psicanálise, enquanto clínica da escuta baseada na associação livre e na atenção flutuante, da qual a histeria será a primeira “matriz clínica” e principal referência psicopatológica do modelo metapsicológico construído por Freud entre 1892 e 1905¹².

Perguntando-se sobre a causa do sofrimento histérico, Freud¹³ formulou a hipótese de que “a eclosão da histeria pode ser quase invariavelmente atribuída a um conflito psíquico que emerge quando uma representação incompatível detona uma defesa por parte do ego e solicita um recalçamento”. Ao elaborar as teorias do inconsciente e da sexualidade, de uma maneira cuja complexidade não será abordada neste artigo, Freud fez do conflito psíquico uma noção central no adocimento neurótico, reconhecendo – entre outros fatores – “a influência danosa da civilização [que] se reduz essencialmente à repressão nociva da vida sexual das populações (ou camadas) civilizadas, devido à moral sexual ‘cultural’ nelas vigente”¹⁴.

A partir dessas considerações, podemos afirmar que a psicanálise nascente reconhecia a relação entre o sofrimento histérico e as exigências culturais e morais impostas às mulheres e pôde oferecer para elas a possibilidade de falar sobre si de forma subjetivada em um espaço onde elas eram escutadas e as palavras tinham valor. Há um gesto inaugural

- 4 V. Iaconelli, “Mulher falada”, in C. Françaia; P. Porchat; P. Corsetto (orgs.). *Psicanálise e gênero: narrativas feministas e queer no Brasil e na Argentina*, p. 45.
- 5 Em 1895, cerca de oitenta e cinco por cento das mulheres vienenses eram operárias incorporadas pelo capitalismo como mão de obra mais barata e submissa do que os homens. No final do século XIX, suas demandas foram organizadas pelo feminismo socialista, que existiu paralelamente ao sufrágismo.
- 6 C. Bertin. *A mulher em Viena nos tempos de Freud*.
- 7 A. Schwartz, *Shifting voices: feminist thought and women’s writing in fin-de-siècle Austria and Hungary*.
- 8 É necessário salientar que a histeria não era uma condição exclusiva das mulheres, mas os casos de histeria masculina foram paulatinamente desaparecendo das produções teóricas de Freud, criando a falsa ideia de que essa seria uma doença essencialmente feminina. Ver: J. Mitchell, *Loucos e medusas*.
- 9 E. Dio Bleichmar, *El feminismo espontáneo de la histeria: estudio de trastornos narcisistas de la feminidad*.
- 10 M.R. Kehl, *Deslocamentos do feminino*, p. 152.
- 11 S. Freud; J. Breuer, *Estudos sobre a histeria*, p. 96.
- 12 R. Mezan, *O tronco e os ramos*, p. 102.
- 13 S. Freud, *A etiologia da histeria*, p. 206.
- 14 S. Freud, *A moral sexual “cultural” e o nervosismo moderno*, p. 366.



*há um gesto inaugural
da psicanálise, no qual uma mulher
pede para um homem parar
de falar e ouvi-la*

da psicanálise, no qual uma mulher pede para um homem parar de falar e ouvi-la, invertendo as posições de saber e poder vigentes na época. Contudo, é necessário diferenciar o trabalho analítico das teorias psicanalíticas sobre a feminilidade que, como Karen Horney¹⁵ foi uma das primeiras a atentar, nessa época ainda eram pensadas prioritariamente por homens, o que fazia com que essas teses muitas vezes fossem atravessadas pelo ponto de vista masculino sobre as mulheres e, segundo ela, se diferenciavam pouco das ideias típicas que os meninos têm sobre as meninas na infância.

Afinal, “é do lugar de pacientes que as mulheres começam falando e são os homens a escutá-las” e “a criar as teorias sobre o que escutam”¹⁶, de forma que, para continuar discutindo a posição historicamente ocupada pelas mulheres no início da psicanálise, faz-se necessário analisar os debates dos primeiros psicanalistas¹⁷ sobre suas subjetividades. Para tal, exploraremos de forma não exaustiva algumas discussões sobre esse tema registradas nas *Atas da Sociedade Psicanalítica de Viena* (1906-1918).

De partida, discorreremos sobre a reunião de 10 de abril de 1907 (*ata 19*), ocasião em que o psicanalista e médico Fritz Wittels apresentou um trabalho sobre as motivações psíquicas de Tatjana Leontiev, revolucionária russa que havia tentado assassinar um funcionário do alto escalão do governo czarista e matado um inocente por engano. Afirmando sentir uma “antipatia pessoal por Leontiev e por todas as histéricas”¹⁸, Wittels interpretou o revólver empunhado por ela como um símbolo fálico e considerou os argumentos utilizados para justificar a morte do inocente como paranoicos, enfatizando que “a sexualidade está presente em tudo que a mulher faz e sente”¹⁹.

Wilhelm Stekel, o primeiro a comentar a conferência, assinalou que “o conferencista projetou, com sua atitude, o desagradável conhecimento de sua própria e insignificante histeria em uma classe de pessoas totalmente inofensivas”²⁰. Em consonância, Alfred Adler utilizou-se de sua familiaridade com os movimentos revolucionários de esquerda para questionar os excessos interpretativos de Wittels. Freud, por sua vez, considerou que o conferencista expôs de maneira correta a psicologia dos autores de atentado, postulando que “é o erotismo reprimido que põe a arma na mão dessas mulheres”²¹.

Nessa conferência, podemos observar como as opiniões particulares de alguns analistas sobre as mulheres por vezes se sobressaíam à fundamentação teórica do argumento exposto. Ao analisar alguns debates da Sociedade Psicanalítica de Viena, Martins e Moreira²² ressaltam como “a reivindicação política das mulheres pode ser deslegitimada e desautorizada pelas explicações que tentam demonstrar a sexualidade como origem do conflito”. A esse respeito, cabe destacar que circulava entre os analistas vienenses a associação entre atos e reivindicações políticas feministas e o diagnóstico de histeria, que muitas vezes era empregado de maneira arbitrária e usado para deslegitimizar atitudes e posicionamentos subversivos das mulheres da época.

Esta hipótese pode ser desdobrada a partir da análise da reunião de 15 de maio de 1907 (*ata 24*), quando foi discutido o artigo “As mulheres médicas”, publicado por Wittels no jornal vienense *Die Fackel*. Segundo o breve resumo do texto apresentado nas atas, o autor defendia que “o desejo feminino de estudar medicina e de lutar pela igualdade se funda na histeria”²³. Diferenciando a profissão de professora – imposta às mulheres – e a de médica – escolhida voluntariamente e remetida por ele ao desejo –, Wittels afirma que a verdadeira vocação das mulheres é atrair os homens, argumentando que “quanto mais histérica for, tanto melhor será seu desempenho como estudante, pois a histérica é capaz de desviar sua pulsão do objeto sexual”²⁴. Defendendo que as mulheres não deveriam poder se tornar médicas, o autor apresenta uma série de



argumentos psicologizantes que justificariam sua opinião, afirmando, por exemplo, que as mulheres jamais poderiam entender o psicológico masculino, examinar um homem sem despertar nele pensamentos de cunho sexual e ser confiáveis, pois abusariam de posições de poder.

Duas exceções devem ser destacadas nessa discussão. A primeira é a afirmação de Paul Federn, que ressaltou como “Wittels não abordou a verdadeira questão do estudo feminino”, sinalizando que “a questão do trabalho e da busca de satisfação na vida também merecem atenção quando analisamos o estudo realizado por mulheres”²⁵. Contrapondo-se ao conferencista, Federn também sinalizou como muitos médicos comportavam-se com perversidade diante dos corpos femininos e considerou “inadmissível censurar justo as mulheres afirmando que, ao estudar medicina, dão livre curso a sua sexualidade”²⁶.

A segunda exceção foi Eduard Hitschmann, que repreendeu o uso feito pelo conferencista do diagnóstico de histeria e afirmou que “quando as acusa de histeria, Wittels emprega esse conceito de modo injustificado e amplo”²⁷. Freud, por sua

“quanto mais histérica for,
tanto melhor será o desempenho
da estudante, pois a histérica é capaz
de desviar sua pulsão do objeto sexual”

[F. Wittels]

vez, teceu um comentário longo e contraditório, no qual criticou o desprezo de Wittels pelas mulheres, sinalizou a ausência de diferenciação na obra do autor entre sexualidade bruta e sublimada, e afirmou que “é correto que as mulheres não ganharão nada com os estudos e que seu destino também não mudará para melhor com ele. As mulheres também não se comparam ao homem no tocante à sublimação da sexualidade”²⁸.

Em 11 de março de 1908 (*ata 44*), Wittels voltou a falar sobre a questão da feminilidade em uma conferência intitulada “A posição natural da mulher” e marcada por uma leitura naturalizada dos papéis de gênero, tal como esses se organizavam na modernidade. Demonstrando não compreender e menosprezar os direitos femininos, ele afirmou que as mulheres de sua época “lamentam não terem nascido homens e buscam tornar-se um (movimento feminista)”²⁹, classificando as aspirações feministas como insensatas e absurdas. Na ocasião, Wittels entrou em conflito direto com Adler, que entre os vienenses era quem mais conferia atenção à dimensão sociopolítica das noções de masculinidade e feminilidade, dando relevância para o papel dos privilégios sociais na cultura. Concomitantemente questionando a posição das mulheres no patriarcado e defendendo as mudanças políticas pleiteadas pelo feminismo, Adler afirmou que:

Enquanto todos supõem que a repartição atual dos papéis dos homens e das mulheres é imutável, os socialistas propõem que o quadro da família já se encontra hoje abalado e se abalará cada vez mais. As mulheres não tolerarão que a maternidade as impeça de exercer uma profissão: ou ela constituirá um entrave para algumas, ou deixará de ser um peso.³⁰

15 K. Horney. “The flight from womanhood”, in *Feminine Psychology*.

16 V. Iaconelli, *op. cit.*, p. 45.

17 Neste trabalho, os primeiros psicanalistas – ou psicanalistas da primeira geração – foram classificados de acordo com a proposta de R. Mezan, *op. cit.*, que os define como todos aqueles que chegaram à psicanálise até o final da primeira década do século XX, tinham contato pessoal e intenso com Freud e foram responsáveis pela primeira difusão da psicanálise. Em ordem de aparecimento no texto, eles e elas são: Fritz Wittels, Wilhelm Stekel, Alfred Adler, Paul Federn, Eduard Hitschmann, Margarete Hilferding, Isidor Sadger e Sabina Spielrein.

18 M.A. Checchia; R. Torres; W. Hoffman (orgs.), *Os primeiros psicanalistas: atas da Sociedade Psicanalítica de Viena*, v. 1., p. 256.

19 M.A. Checchia; R. Torres; W. Hoffman (orgs.), *op. cit.*, p. 260.

20 M.A. Checchia; R. Torres; W. Hoffman (orgs.), *op. cit.*, p. 256.

21 M.A. Checchia; R. Torres; W. Hoffman (orgs.), *op. cit.*, p. 258.

22 A.S. Martins; L.S. Moreira. “A origem do destino criado para as mulheres pela psicanálise: por uma leitura reparadora através das atas da Sociedade das Quartas-Feiras”, in A.M. Parente; L. Silveira (orgs.), *Freud e o patriarcado*, p. 93.

23 M.A. Checchia; R. Torres; W. Hoffman (orgs.), *op. cit.*, p. 299.

24 M.A. Checchia; R. Torres; W. Hoffman (orgs.), *op. cit.*, p. 299.

25 M.A. Checchia; R. Torres; W. Hoffman (orgs.), *op. cit.*, p. 300.

26 M.A. Checchia; R. Torres; W. Hoffman (orgs.), *op. cit.*, p. 300.

27 M.A. Checchia; R. Torres; W. Hoffman (orgs.), *op. cit.*, p. 302.

28 M.A. Checchia; R. Torres; W. Hoffman (orgs.), *op. cit.*, p. 304.

29 M.A. Checchia; R. Torres; W. Hoffman (orgs.), *op. cit.*, p. 503.

30 M.A. Checchia; R. Torres; W. Hoffman (orgs.), *op. cit.*, p. 506.



*analisando os exemplos
acima, buscamos elencar as marcas
do “ambiente discursivo patriarcal
que rodeava os primórdios
da psicanálise”*

Analisando os exemplos expostos, buscamos elencar as marcas do “ambiente discursivo patriarcal que rodeava os primórdios da psicanálise”³¹ e destacamos como, em muitos momentos, as interpretações dos primeiros psicanalistas sobre as mulheres eram atravessadas pelo imaginário masculino sobre as aspirações e desejos femininos, levando as mulheres a ser *faladas* a partir de visões idealizadas e fantasiosas do que é a feminilidade. Contudo, é notável que os analistas vienenses não adotavam posições unívocas. Alguns deles questionavam afirmações misóginas e patologizantes e não se opunham às transformações sociais e políticas pautadas pelas mulheres do início do século. Esses analistas mais progressistas foram fundamentais para a mudança de posição das mulheres na psicanálise iniciada na década de 1910, quando elas começaram a ser aceitas nas instituições psicanalíticas e a se tornar analistas. A partir desse momento, elas puderam começar a *falar* sobre as mulheres também do ponto de vista teórico.

Historicamente, a entrada das mulheres no movimento psicanalítico teve relação com mudanças importantes em sua situação sociopolítica, resultantes das conquistas do sufrágio austríaco. Em 1886 foram abertos os primeiros cursos de educação secundária para mulheres, no ano de 1896 foi autorizado que as mulheres graduadas em medicina em outros países pudessem exercer a profissão na Áustria e, um ano mais tarde, pela primeira vez elas foram aceitas na Universidade, com a abertura dos cursos de humanidades. Em 1900, as mulheres austríacas passaram a ser aceitas nos cursos de medicina do país, dois anos mais tarde elas começaram a ser admitidas em concursos para professoras dos Liceus e ao longo

das décadas seguintes outros cursos começaram a aceitá-las. Politicamente, a situação das mulheres também se modificou nas primeiras décadas do século xx. No ano de 1911, a legislação que proibia as mulheres de criar associações políticas ou delas participar foi revogada; em novembro de 1918, as mulheres austríacas conquistaram o direito de se candidatar e votar nas eleições para as Assembleias Nacional e Provincial e, no ano seguinte, conseguiram participar das eleições para o Parlamento, conquistando o sufrágio universal em 1923, quando o direito ao voto foi concedido às prostitutas austríacas³².

O avanço das conquistas feministas e o advento da possibilidade de as mulheres burguesas trabalharem, terem independência e autonomia e se tornarem vozes nas discussões sobre a condição feminina geraram amplas reações por parte dos setores conservadores da sociedade austríaca. Na literatura, nas artes, na filosofia e na imprensa, passaram a circular representações misóginas que pregavam que as mulheres eram seres inferiores e irracionais, associavam a judeidade a uma essência feminina que geraria a decadência do patriarcado e espalhavam o temor de que caso as mulheres escapassem da lei civilizatória masculina, elas se tornariam criaturas selvagens de natureza sexual aflorada³³. Fortalecendo o antifeminismo, esses discursos defendiam que as demandas por igualdade, educação e emprego só poderiam derivar de uma perversão da feminilidade, justificável a partir do diagnóstico médico-psiquiátrico de “lesbianismo”, na época considerado um estado patológico³⁴, cuja função na psiquiatria aproximava-se do uso que parte dos primeiros psicanalistas faziam do diagnóstico de histeria.

E foi nesse contexto efervescente de transformações políticas e disputas discursivas que, em 1910, Margarete Hilferding se tornou a primeira mulher a ingressar na Sociedade Psicanalítica de Viena³⁵. Graduada em pedagogia e medicina, respectivamente nos anos de 1898 e 1901, Hilferding era militante política do Partido Social-Democrata Austríaco (*Sozialdemokratische Partei Österreichs, SPÖ*), onde se aproximou de Adler e Federn.

Na reunião de 6 de abril de 1910 (*ata 102*), quando os analistas vienenses se encontraram pela primeira vez após o Congresso de Nuremberg e debatiam a fundação da Associação Internacional de Psicanálise³⁶ (*Internationale Psychoanalytische Vereinigung, IPV*), Federn propôs a candidatura de Hilferding, em um momento marcado por duas importantes mudanças na organização do grupo vienense: a primeira nas regras admissionais, definindo que uma nova candidatura deveria ser proposta por um membro ativo ou honorário, seria votada em segredo e aprovada caso obtivesse no mínimo três quartos dos votos; e a segunda no local das reuniões, transferidas da intimidade da casa de Freud para um ambiente mais formal, o Colégio de Médicos de Viena.

Contudo, a votação da candidatura de Hilferding era atípica não apenas pelo contexto institucional em que ocorreu. Até então, nenhuma mulher havia se candidatado a membro da Sociedade Psicanalítica de Viena, e o debate sobre o seu ingresso foi postergado por uma discussão geral sobre a admissão de mulheres. A primeira tentativa de consenso ocorreu em 13 de abril de 1910 (*ata 103*), ocasião que opôs Isidor Sadger e Wittels a Freud e Adler. Enquanto “Sadger se declarou contrário à admissão de mulheres por princípio”, Adler se posicionou “a favor da admissão das mulheres médicas, bem como de mulheres seriamente interessadas em colaborar” e Freud “considerou como uma inconsistência grave a decisão de excluir as mulheres por princípio”³⁷. Em

é necessário ressaltar
que a entrada das mulheres
nas instituições de psicanálise
foi um evento onde norma
e subversão se interpelaram

uma primeira tentativa de votação, três dos onze presentes foram contrários à admissão de mulheres, o que levou o nome de Hilferding a ser reenviado para a pauta da reunião de 27 de abril de 1910 (*ata 105*), quando o debate foi retomado. Na ocasião, Sadger propôs a leitura de uma carta de Wittels que estava ausente, o que Adler não autorizou, permitindo somente que o voto registrado na correspondência fosse computado. Com 12 votos a favor, 2 contra e uma abstenção, a candidatura de Hilferding foi deferida.

A respeito desse episódio, é necessário ressaltar que a entrada das mulheres nas instituições de psicanálise foi um evento onde norma e subversão se interpelaram. Por um lado, ao poderem se tornar analistas, elas encontraram um espaço institucional que lhes possibilitava trabalhar, produzir saber, escrever sobre a feminilidade e votar de maneira igualitária aos homens, em uma época em que esse direito ainda não havia sido conquistado na Áustria. Por outro, é necessário reiterar que a entrada das mulheres na psicanálise ficou à revelia da autorização masculina, o que nos faz questionar se essa relação de poder se refletiu na receptividade às suas ideias. Como vimos até aqui, a Sociedade Psicanalítica de Viena era um ambiente discursivo marcado por ideais patriarcais, o que implica que as mulheres que nele ingressaram não estavam imunes à violência de gênero.

Para nos aprofundarmos nessa questão, analisaremos de forma não exaustiva três principais conferências proferidas por mulheres na Sociedade Psicanalítica de Viena. A primeira delas se intitula “Sobre as bases do amor materno” e foi ministrada por Hilferding em 11 de janeiro de 1911 (*ata 126*) perante uma plateia de vinte pessoas.

31 A.S. Martins; L.S. Moreira, *op. cit.*, p. 86.

32 C. Bertin, *op. cit.*; A. Schwartz, *op. cit.*

33 H. Decker, *Freud, Dora and Vienna 1900*; E. Roudinesco, *Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo*.

34 L. Faderman; B. Eriksson, *Lesbian-feminism in the turn-of-the-century Germany*.

35 Concordamos com Cromberg, segundo a qual a entrada no movimento psicanalítico “remete a reconhecimento e pertencimento institucional”. Por essa razão, embora Emma Eckstein (1865-1924) tenha sido extraoficialmente a primeira psicanalista, consideramos a admissão de Margarete Hilferding como o momento em que ocorreu a entrada das mulheres no círculo freudiano. R. Cromberg, *Primeiras psicanalistas*, p. 36.

36 Em 1936, a Associação Internacional de Psicanálise se tornou a IPA (*International Psychoanalytical Association*).

37 H. Nunberg; E. Federn, *Les premiers psychanalystes: minutes de la Société psychanalytique de Vienne*, v. 2, p. 466, tradução nossa.





*analisaremos de forma
não exaustiva três principais
conferências proferidas
por mulheres na Sociedade
Psicanalítica de Viena*

Iniciando sua fala com a constatação de que “É um fenômeno frequente que as mães, que muito ansiavam para o nascimento, sintam-se bastante desapontadas com a chegada da criança e não tenham nenhum sentimento real de amor materno”, Hilferding afirmou que esse fato se deve a questões psíquicas e avançou a hipótese de que “não há amor materno inato”³⁸, apresentando uma série de manifestações da ausência do desenvolvimento desse sentimento após o nascimento, como por exemplo a negativa de cuidados ao bebê, a intenção de doá-lo ou mesmo a hostilidade com a criança.

Utilizando o arcabouço teórico da psicanálise da época, Hilferding explorou a erotização existente na relação mãe-bebê e o período em que a criança é tomada como objeto sexual materno, tentando construir uma metapsicologia da gravidez e do puerpério. Ao constatar que, ao menos no caso do primeiro filho, o amor da mãe pela criança seria um produto da internação com o bebê, Hilferding contestou a hipótese do instinto materno e questionou a ideia de que ser mulher é indissociável de ser ou se tornar mãe. Em outras palavras, sua apresentação colocou em questão concepções patriarcais reproduzidas pela teoria psicanalítica da época, que naturalizavam o trabalho de cuidado como função da mulher. Sua conferência provocou uma longa discussão na qual se destacaram diversas expressões de indignação, e ao final a autora afirmou que “em certo sentido, foi mal compreendida”³⁹.

Hilferding teve uma participação breve no movimento psicanalítico, pois se retirou após a ruptura entre Freud e Adler, no mês de outubro de

1911. Enquanto ela esteve presente, a autora pôde começar a provocar fissuras em discursos que se pretendiam teóricos, mas eram excessivamente marcados pela misoginia e por ideais patriarcais da época⁴⁰. Após a sua saída do círculo freudiano, Sabina Spielrein ocupou função semelhante e se tornou a “primeira mulher do movimento psicanalítico a seguir de fato uma carreira”⁴¹.

Nascida em 1885 em Rostov, na Rússia, e educada de forma tradicional, Spielrein foi internada no Hospital Burghölzli entre os anos de 1904 e 1905, após padecer de um quadro grave de adoecimento psíquico, precipitado pelo que pode ser interpretado como uma ausência de possibilidades sublimatórias, associada à negação da identificação materna – que remetia ao casamento e à maternidade – e à impossibilidade de continuar os estudos por sua condição de mulher e judia. Atendida por Jung e Bleuler, ela foi curada de seus sintomas e iniciou os estudos na Escola de Medicina de Zurique. Graduou-se em 1911 com uma tese em psicanálise e em 11 de outubro do mesmo ano (*ata 146*) foi aceita como membro da Sociedade Psicanalítica de Viena. Trabalhou ao longo de toda sua vida com a psicanálise, e coube a ela o pioneirismo de conquistar espaço na instituição, nas publicações e nos seminários psicanalíticos, colaborando inclusive com a implementação da psicanálise na União Soviética, entre os anos de 1923 e 1927⁴².

Sabina Spielrein foi também a “visionária introdutora do conceito de pulsão de morte em psicanálise”⁴³ enunciando-o no ensaio “A destruição como origem do devir”, publicado em 1912 e apresentado parcialmente na Sociedade Psicanalítica de Viena em 29 de novembro de 1911 (*ata 152*) com o título “Sobre a transformação”. Na ocasião, Spielrein discutiu a hipótese de que um componente destrutivo e mortífero estaria contido na pulsão sexual, fusão na qual estaria inclusa a possibilidade de transformação. Comparativamente com a apresentação de Hilferding previamente discutida, as ideias de Spielrein foram mais bem recebidas, embora provavelmente ofuscadas pelos conflitos políticos entre Freud e Jung, que tinha sido seu analista e com quem ela tinha uma

relação de proximidade. Em seu comentário final, a autora se desculpou pela omissão de um capítulo do ensaio do qual derivou sua apresentação, afirmando que por essa razão uma “confusão conceitual prejudicou a discussão”⁴⁴. Seu pioneirismo na teorização da pulsão de morte não foi reconhecido até a década de 1980, desde quando sua autoria vem sendo paulatinamente recuperada.

Uma outra contribuição interessante de Spielrein como oradora ocorreu no dia 20 de março de 1912 (*ata 167*), durante o oitavo de uma série de doze debates sobre a masturbação. Na ocasião, a autora dedicou-se a discutir o tema da masturbação feminina, afirmando que “nas mulheres, a masturbação é em geral mais raramente observável, porque ela muitas vezes assume a forma de uma retenção dos desejos naturais, por meio dos quais a criança obtém prazer”⁴⁵. Apresentando alguns breves exemplos clínicos, Spielrein discutiu a existência de uma analogia entre o medo de castração nos homens e a fantasia feminina de que os homens seriam castrados, divergindo de Freud, que criticou a equivalência do temor de castração entre ambos os gêneros, afirmando que as mulheres não precisariam desse tipo de fantasia pois já seriam castradas por princípio. Ao defender que a masturbação nas mulheres se deve à repressão, Spielrein divergiu de Freud em dois pontos fundamentais: primeiro, ao afirmar que o abandono da masturbação nas mulheres não é um processo inerente ao desenvolvimento da feminilidade; e segundo ao discordar

apresentando alguns breves
exemplos clínicos, Spielrein discutiu a
existência de uma analogia entre
o medo de castração nos homens
e a fantasia feminina de que
os homens seriam castrados

da concepção freudiana sobre o medo de castração, se aproximando da hipótese de que a castração seria antes de tudo simbólica, enquanto Freud a interpretava em uma correlação direta ao corpo biológico.

Retomando a discussão deste trabalho, destacamos a importância de Margarete Hilferding e Sabina Spielrein, autoras pioneiras da primeira geração que abriram caminho para a entrada das mulheres na instituição e na produção de teoria psicanalítica. Em um momento histórico no qual as mulheres ainda conquistavam seus primeiros direitos civis e políticos, elas⁴⁶ encontraram na psicanálise um espaço clínico-institucional onde podiam falar e ser escutadas. Contudo, muito do que diziam as primeiras feministas, pacientes e analistas que cruzaram o caminho da psicanálise não pôde ser plenamente compreendido ou traduzido em teoria nas primeiras décadas do século xx, pois toda época possui os seus pontos de invisibilidade na produção de saber. Coube a elas começar a questionar os discursos patriarcais sobre a posição social da mulher e a inventar, com seus corpos e ideias, formas de pensar seus destinos para além da inibição sexual ou da neurose, do complexo de masculinidade ou da feminilidade “normal”, cujo caminho passaria pela heterossexualidade, a passividade, a maternidade e a sexualidade vaginal⁴⁷.

Afinal, se esses foram os principais caminhos da feminilidade postulados por Freud, não podemos deixar de notar o quanto eles diferem dos caminhos de vida de muitas das mulheres que lhe cercavam. Margarete Hilferding e Sabina Spielrein encontraram na psicanálise uma forma de falar de si e de seu sofrimento, fazendo do

38 H. Nunberg; E. Federn, *Minutes of the Vienna Psychoanalytic Society*, v. 3, p. 113-114, tradução nossa.

39 H. Nunberg; E. Federn, *Minutes... op. cit.*, p. 125, tradução nossa.

40 Ver intervenção de Hilferding na reunião de 8 de novembro de 1910 (*ata 118*).

41 E. Roudinesco, *op. cit.*, p. 174.

42 No Brasil, o trabalho de Sabina Spielrein está sendo pesquisado e publicado por Renata Cromberg. R. Cromberg, *Sabina Spielrein: uma pioneira da psicanálise*, 2v.

43 R. Cromberg, v. 1, p. 91.

44 H. Nunberg; E. Federn, 1974, p. 335, tradução nossa.

45 H. Nunberg; E. Federn. *Les premiers psychanalystes: minutes de la Société psychanalytique de Vienne*, v. 4, p. 102, tradução nossa.

46 Tatiana Rosenthal e Hermine Hug-Hellmuth também foram alistas da primeira geração e se juntaram ao grupo vienense respectivamente em 1911 e 1913.

47 S. Freud, *Sobre... op. cit.*; S. Freud, *A feminilidade*.



casamento e da maternidade apenas uma parte de suas vidas. Lou Andreas-Salomé se tornou uma importante filósofa, que questionou imposições sociais, morais e institucionais. E Anna Freud se fez representante vienense da psicanálise e coparentou os filhos de Dorothy Burlingham, com quem teve uma história mais próxima dos modos de vida lésbicos, do que dos destinos da feminilidade postulados pelo texto freudiano.

Referências bibliográficas

- Bertin C. (1990). *A mulher em Viena nos tempos de Freud*. Campinas: Papirus.
- Checchia M.A.; Torres R.; Hoffmann W. (orgs.). (2015). *Os primeiros psicanalistas: atas da Sociedade Psicanalítica de Viena*, v. 1: 1906-1908. São Paulo: Scriptorium.
- Cromberg R.U. (2010). Primeiras psicanalistas. *Percurso*, São Paulo, ano XXIII, n. 45, p. 35-46.
- _____. (2014). *Sabina Spielrein: uma pioneira da psicanálise*, Obras completas, v. 1. São Paulo: Livros da Matriz.
- _____. (2021). *Sabina Spielrein: uma pioneira da psicanálise*, Obras completas, v. 2. São Paulo: Blucher.
- Decker H. (1991). *Freud, Dora and Vienna 1900*. New York: The Free Press.
- Dio Bleichmar E. (1985). *El feminismo espontáneo de la histeria: estudio de trastornos narcisistas de la feminidad*. Madrid: Adotraf.
- Faderman L.; Eriksson B. (1980). *Lesbian-feminism in the turn-of-the-century Germany*. Kansas City: The Naiad Press.
- Freud S. (1896/1996). A etiologia da histeria. In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*, v. 2, p. 187-218. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1908/2015). A moral sexual “cultural” e o nervosismo moderno. In *Obras completas*, v. 8, p. 359-389. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. (1924/2011). A dissolução do complexo de Édipo. In *Obras completas*, v. 16, p. 203-213. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. (1925/2011). Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos. In *Obras completas*, v. 16, p. 283-299. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. (1931/2010). Sobre a sexualidade feminina. In *Obras completas*, v. 18, p. 371-398. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. (1933/2010). A feminilidade. In *Obras completas*, v. 18, p. 263-293. São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud S.; Breuer J. (1893-1895/2016). Estudos sobre a histeria. In *Obras completas*, v. 2. São Paulo: Companhia das Letras.
- Horney K. (1926/1973). The flight from womanhood: The masculinity-complex in women as viewed by men and by women. In *Feminine Psychology*, p. 54-70. New York/London: W.W. Norton & Company.
- Iaconelli V. (2018). Mulher falada. In Françaia C.; Porchat P.; Corsetto P. (orgs.). *Psicanálise e gênero: narrativas feministas e queer no Brasil e na Argentina*, p. 45-49. Curitiba: Calligraphie.
- Mitchell J. (2006). *Loucos e medusas: o resgate da histeria e do efeito das relações entre irmãos sobre a condição humana*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Já há muitas décadas, os debates entre psicanálise, feminismo e *teoria queer* demonstram a necessidade de a teoria psicanalítica criar ferramentas teórico-clínicas para pensar e escutar pessoas que já não vivem mais o sexo e o gênero dentro dos parâmetros teorizados por Freud. É necessário continuar inventando-as, indo além dos desmentidos da historiografia oficial e recuperando o pioneirismo das mulheres da origem da psicanálise.

- Kehl M.R. (2006). *Deslocamentos do feminino*. São Paulo: Boitempo.
- Martins A.S.; Moreira L.S. (2020). A origem do destino criado para as mulheres pela psicanálise: Por uma leitura reparadora através das atas da Sociedade das Quartas-Feiras. In Parente A.M.; Silveira L. (orgs.). *Freud e o patriarcado*, p. 85-114. São Paulo: Hedra.
- Mezan R. (2014). *O tronco e os ramos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Nunberg H.; Federn E. (1974). *Minutes of the Vienna Psychoanalytic Society*, v. 3: 1910-1911. Nova York: International Universities Press.
- _____. (1978). *Les premiers psychanalystes: minutes de la Société psychanalytique de Vienne*, v. 2: 1908-1910. Paris: Gallimard.
- _____. (1983). *Les premiers psychanalystes: minutes de la Société psychanalytique de Vienne*, v. 4: 1912-1918. Paris: Gallimard.
- Roudinesco E. (2016). *Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Schwartz A. (2008). *Shifting voices: Feminist thought and women's writing in fin-de-siècle Austria and Hungary*. Quebec: McGill-Queen's University Press.

Feminists, patients and analysts: women at the origins of psychoanalysis

Abstract The present work aimed to discuss the relations between the suffragette movement, the epidemic of hysteria and the emergence of the psychoanalytic theories about women and femininity. To this end, we examined the Minutes of the Vienna Psychoanalysis Society. The article discussed the intersections of the patriarchal discourses and the feminist agendas in the discussions of the first psychoanalysts and the consequences of the entrance of women into Freud's Vienna Circle.

Keywords history of psychoanalysis; feminism; female sexuality; hysteria.

Texto recebido: 02/2024

Aprovado: 04/2024

O que não se escuta e o que não se vê: reflexões sobre o racismo

Beatriz Cerqueira

Beatriz Cerqueira é psicanalista pelo Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes, mestre em História Social pela USP e participante dos Grupos de Trabalho do Departamento de Psicanálise “A cor do mal-estar” e “Comunidade de destino”.

Resumo Partindo de uma marchinha de carnaval, o texto propõe reflexões a respeito do racismo, da mulher negra e do papel da babá na sociedade brasileira. Observando o que está omitido, denegado, recalçado ou sugerido na letra da canção, o texto indaga sobre as possibilidades de ampliação da escuta clínica para as questões ligadas ao racismo.

Palavras-chave mulher negra; racismo; mãe; babá.

DOI: 10.70048/percurso.72.39-48

No carnaval de 1949, a marchinha vencedora ganhou versões cantadas em outras línguas e por intérpretes famosos, deu o primeiro prêmio pela terceira vez consecutiva a seu compositor e tornou-se uma canção frequente em todos os bailes e festas de carnaval até os dias de hoje. Trata-se de “Chiquita Bacana”, composição feita por Braguinha e Alberto Ribeiro que, supostamente inspirados pela frequente exposição que a imprensa da época dava a autores como Jean Paul Sartre, Albert Camus e Simone de Beauvoir, resolveram tematizar o “existencialismo”. Fazer graça com eventos do momento era uma brincadeira típica das canções de carnaval e, de alguma maneira, tornou-se uma prática comum dentro da música popular brasileira. A inspiração talvez estivesse mais no aspecto boêmio dos existencialistas do que em suas contribuições intelectuais, e o “existencialismo” na canção está presente no fato de a personagem da marchinha só fazer “o que manda seu coração”¹. Diz a letra que independentemente do clima a personagem Chiquita Bacana, “lá da Martinica, se veste com uma casca de banana nanica”.

O tema central da composição parece ser a irreverência da personagem ou mesmo seu modo de agir aparentemente livre, sem restrições a seus desejos ou imposições (climáticas ou) socioculturais. Esse parece ter sido o mote para Caetano Veloso ter transformado a filha da Chiquita Bacana em uma integrante da *Women’s liberation front*², em canção de 1977.

A marchinha “Chiquita Bacana” segue tocando nos Carnavais pelo país e não está na lista de canções do gênero que vêm sendo recentemente apontadas como preconceituosas ou

1 J. Severiano e Z. H. de Mello comentam o tema que inspirou a marchinha no livro *A canção do tempo: 85 anos de músicas brasileiras*, p. 268.

2 Frente de Libertação das Mulheres.

racistas como “A cabeleira do Zezé” ou “O teu cabelo não nega mulata” e, muitas vezes, excluídas dos repertórios dos blocos. Nesta última canção, composição de Lamartine Babo – com Braguinha, consolidaram o estilo musical, sendo considerados os “reis da marchinha” – para o Carnaval de 1931, o protagonista explicita seu desejo pela “mulata” que não é “deste planeta” e assume entregar-se a ela uma vez que sua “cor não pega”. A “mulata” e sua “cor” que aparecem explicitadas na marchinha de Babo parecem estar apenas sugeridas (ou denegadas) em “Chiquita Bacana”.

A personagem da marchinha vem também de um *outro* lugar, do estrangeiro, “lá da Martinica”, vive sempre no verão, o que remete à época do Carnaval, e veste-se apenas com uma “casca de banana nanica”. Além disso, sua passionalidade (ou animalidade?) fica indicada pela informação de que ela obedece às suas emoções (“o seu coração”). Mesmo que fique evidente a intenção da escolha das palavras para a criação das rimas e de que, de fato, a Martinica seja um país produtor de bananas, não há como não associar a combinação presente com as frequentes imagens racistas do negro associado à fruta³. Ao ser chamado de “macaco”, o sujeito negro perde sua humanidade.

Miss Chiquita foi uma personagem publicitária criada pela estadunidense *United Fruit Company*, empresa agrícola e uma das líderes mundiais no cultivo e distribuição de banana em todo o mundo, fundada no final do século XIX. A Chiquita Banana, criada em 1944, era uma banana vestida de mulher⁴, com trajes típicos de inspiração latino-americana e bandeja de frutas na cabeça tal qual Carmem Miranda. Posteriormente, a banana vestida de mulher foi substituída por uma figura feminina “com a forma vibrante de uma mulher latina”⁵. O nome “chiquita” parece ter contribuído com a associação entre a fruta e a mulher latina, ambos tomados como os frutos exóticos das colônias, o *outro* a ser “consumido”⁶ (Ver fig. 1).

A ideia de que o *outro* presente na marchinha “Chiquita Bacana” seja uma mulher negra fica ainda mais reforçada pelo fato de que os compositores Braguinha e Alberto Ribeiro, assim como



FIGURA 1

Lamartine Babo, eram músicos brancos⁷, e não homens negros, mais frequentes no universo do samba. O branco transforma-se em *nós*, enquanto o negro torna-se o *outro*.

A mulher negra, seminua e quase selvagem da canção parece ter sido inspirada em uma artista

3 Frantz Fanon critica a forma como os negros são retratados: a “maior parte dos filmes americanos dublados na França reproduz negros do tipo: *y’a bon banania*”. A nota esclarece que “a expressão *y’a bon banania* remete a rótulos e cartazes publicitários criados em 1915 pelo pintor De Andreis, para uma farinha de banana açucarada instantânea a ser usada ‘por estômagos delicados’ no café da manhã. O produto era caracterizado pela figura de um *tirailleur sénégalais* (soldado de infantaria senegalês usando armas de fogo), com seu filá vermelho e seu pompom marrom, característicos daquele batalhão colonial. O ‘riso *banania*’ foi denunciado pelo senegalês Léopold Sedar Senghor em 1940, no prefácio ao poema ‘Hóstias negras’, por ser um sorriso estereotipado e um tanto quanto abestalhado, reforço ao racismo difuso dominante. Em 1957 o publicitário Hervé Morvan criou uma versão mais gráfica, mais modernizada, do ‘sorriso *banania*’, permanecendo sua estilização em uso nas caixas do produto até o início da década de 1980”. F. Fanon, *Pele negra, máscaras brancas*, p. 47.

Uma prática racista ainda bastante frequente é xingar pessoas pretas de “macaco”. Recentemente a seleção brasileira de futebol masculino



FIGURAS 2 e 3

real, e que na ocasião era uma das mulheres negras mais famosas e ricas do mundo: Josephine Baker.

Nascida nos EUA, no início do século XX, Baker naturalizou-se francesa nos anos 1930, após ter se transformado em uma estrela do show business francês. O início de seu estrelato ocorreu quando

foi agredida durante um jogo por bananas jogadas no campo pela torcida em uma partida realizada contra a Tunísia em Paris (França) em 27 set. 2022.

- 4 Ver imagem na página ao lado, retirada do site da empresa <https://www.chiquita.com/the-chiquita-story>, consultado em 14 nov. 2023.
- 5 Assim descreve a mudança o site da empresa, que passaria a chamar Chiquita nos anos 1970. Disponível em: <https://www.chiquita.com/>.
- 6 Existem muitos exemplos na literatura e na música brasileira que associam a mulher, especialmente a “mulata”, com aromas e sabores ligados a comida (como no livro *Gabriela, cravo e canela* de Jorge Amado), ou ligadas aos supostos dotes culinários (como nas canções “Os quindins de ia-ia”, de Ari Barroso ou “Vatapá”, de Dorival Caymmi, entre outras).
- 7 A marchinha “Chiquita Bacana” foi gravada pela primeira vez por Emilinha Borba, uma cantora branca.
- 8 Ver imagens nesta página. A primeira foi retirada do site <https://www.hypeness.com.br/2021/12/6-curiosidades-sobre-josephine-baker-que-voce-provavelmente-nao-sabia>, e a segunda de <https://time.com/4342285/josephine-baker-birthday-anniversary-photos>.

a artista apresentou sua ousada *Danse Sauvage* no lendário cabaré *Folies Bergère* em 1925, usando apenas pérolas, sutiã e saia feita de bananas com pedras brilhantes. Ela arrebatou o público com sua provocante “dança selvagem” e deu início ao fascínio que os franceses teriam pela “Vênus de Bronze”, como viria a ser chamada. Anos mais tarde, transformada em ícone da moda, Josephine Baker passeava como uma diva pelas ruas da capital francesa com seu guepardo de estimação chamado: Chiquita⁸ (Ver figs. 2 e 3).

A personagem da marchinha mantém algo da irreverência ou da ousadia de Baker, mas parece menos protagonista de suas escolhas, que figuram mais como espontâneas ordens do coração. A associação com Baker parece querer mais invocar a imagem da mulher negra e seminua e sua dança sensualmente provocante do que qualquer outra possível. A comparação entre a marchinha e sua versão francesa, cantada pela própria Baker, ajuda a pensar a diferença entre o imaginário



*o que parece estar
omitido na marchinha brasileira –
mulher negra, seminua, selvagem –
parece ser exatamente o que
de forma bastante sagaz Josephine
Baker encarnou*

acerca da mulher (negra ou latina) que está presente nas canções, ou pelo menos da distinção do uso que se faz de tais representações.

Na versão francesa⁹ não apenas desaparece a “casca de banana”, como Chiquita Madame torna-se uma mulher assumidamente sensual e arrebatadora, sexualmente provocante e que gosta de samba e de Carnaval (e do seu martinicano). A nudez também desaparece na versão francesa, sendo substituída por um “traje típico”, enquanto a sensualidade, o corpo e o ritmo aparecem. Surgem tambores, sopros e bailarinos, mas, ainda que o cenário siga sendo o da Martinica, as referências ao samba e ao Carnaval parecem remeter ao Brasil, o que sugere uma relação interessante entre estes *outros, estrangeiros*, um “lá” que estabelece outras possibilidades, geográficas ou étnicas (ou psíquicas). Como se Martinica fosse mais longe? Ou mais negra? Lá ou aqui? Outro? Eu?

Curiosamente parece que o que a versão francesa quis captar foi exatamente a imagem da “mulata”, sensual, que gosta de samba e de Carnaval, desejada por todos, mas que ama o seu “moreno”, o cenário idílico da mestiçagem brasileira, ainda que a Chiquita Madame seguisse sendo “lá da Martinica” (e Madame Josephine estadunidense naturalizada francesa).

O que parece estar omitido na marchinha brasileira – mulher negra, seminua, selvagem – parece ser exatamente o que de forma bastante sagaz Josephine Baker encarnou. A ousadia de Baker foi bem maior do que cantar e dançar de

forma particular usando pouca roupa, pois foi assumir de forma irônica e cômica o modo racista como o negro era tomado. Como aponta Guimarães, citando a biografia da artista, “a aceitação acalorada de Josephine Baker, na Paris dos 1925, não significou o fim da visão racista do negro como animal, mas significou que tal animal, longe de ameaçador, passou a ser visto como rítmico, musical e divertido”¹⁰.

A sugestão de que existe uma omissão da figura da “mulata” na marchinha carnavalesca fica reforçada pela maneira como a música é lembrada nos dias de hoje, (talvez reforçada pela composição de Caetano Veloso) apenas pela irreverência ou liberdade da personagem. Não há qualquer referência (à ação colonizadora) da *United Fruit Company*, que atualmente chama-se Chiquita, ou associação com a figura extravagante e crítica de Josephine Baker¹¹. “A mulata é a tal”¹²? “Estrangeiro nativo”¹³? O que se revela naquilo que se oculta?

Lélia Gonzalez, no texto “Racismo e sexismo na cultura brasileira”, propõe uma discussão importante acerca do papel da mulher negra a partir da reflexão das noções de mulata, doméstica e mãe preta. Apontando o racismo como a “sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira”¹⁴, Gonzalez reflete a respeito de como no Carnaval o mito da democracia racial “é atualizado com toda a sua força simbólica”. A mulher negra, antes vista como “cozinheira, faxineira, servente, trocadora de ônibus ou prostituta”, é convertida em rainha, “na mulata deusa do meu samba”¹⁵. A mulata e a doméstica, assim como a ama de leite (e depois a babá), surgem a partir da figura colonial da mucama – escrava doméstica, jovem e “de estimação” que geralmente estava *dentro da casa grande para todos os serviços*. Executava todas as tarefas da casa, cuidava dos filhos da senhora e satisfazia os desejos sexuais do senhor. A exaltação mítica da mulata estaria restrita ao Carnaval, enquanto a exploração frequente da doméstica estaria no cotidiano do resto do ano. A mulata seria então desejada por não ser “deste planeta”¹⁶ ou por ser “lá da Martinica”, o outro lado da desprezível doméstica. Como diz



ironicamente Gonzalez, “o amor da senzala só realizou o milagre da neurose brasileira graças a essa coisa *simplérrima* que é o desejo”¹⁷. A negrofobia está atrelada à negrofilia¹⁸.

Cabe apontar para o embaraço que parece existir ainda hoje na elite branca brasileira em nomear a empregada doméstica de sua própria casa: “a moça que trabalha lá em casa”, “minha ajudante”,

a nomeação das cores
da pele pelos brasileiros
também parece ser outro
indício na atualidade da
dificuldade de lidar
com o passado escravocrata

- 9 “*Chiquita madame de la Martinique*” é a versão francesa feita por Paul Misraki. Além da França, a canção foi gravada nos EUA, na Argentina, na Itália, na Holanda e na Inglaterra. J. Severiano; Z. H. Mello, *A canção do tempo: 85 anos de músicas brasileiras*, p. 268.
- 10 A.S. Guimarães, “A modernidade negra no Brasil, EUA e França”, ANPOCS – GT Teoria Social E Transformações Contemporâneas, p. 8.
“Como uma criatura estranha, vinda de outro mundo, ela andava, ou melhor, bamboleava, os joelhos afastados e dobrados, o estômago retraído, o corpo contraído. Parecia mais um animal que um ser humano, um cruzamento curioso de canguru, ciclista e metralhadora. Vestia uma camisa rasgada e um *short* em farrapos. Sua boca estava fartamente pintada, caricaturando os lábios de negro. A cor de sua pele mais se assemelhava a da banana.” P. Rose *apud* A.S. Guimarães, *op. cit.* p. 8.
- 11 J. Severiano e Z.H. Mello ao comentarem a marchinha fazem apenas referência ao existencialismo como mote inspirador para a composição, in *A canção do tempo: 85 anos de músicas brasileiras*, vol.1: 1901-1957, p. 268.
- 12 “A mulata é a tal” é uma composição de Braguinha e Antonio Almeida de 1947. Dizem os versos: “Branca é branca preta é preta/ Mas a mulata é a tal, é tal/ Quando ela passa todo mundo grita:/ ‘Eu to aí nessa marmita!’/ Quando ela bole com os seus quadris/ Eu bato palmas e peço bis/ Ai mulata, cor de canela!/ Salve salve salve salve ela!”.
- 13 A expressão aparece no texto de Neuza Santos Souza “O estrangeiro nossa condição”, in *Tornar-se negro*, p. 125.
- 14 L. Gonzalez, “Racismo e sexismo na cultura brasileira”, in *Por um feminismo afro-latino-americano: Ensaios, intervenções e diálogos*, p. 76.
- 15 L. Gonzalez, *op. cit.*, p. 80.
- 16 “A Lua te invejando, faz careta/ Porque, mulata, tu não és deste planeta” são versos da conhecida marchinha de carnaval “O teu cabelo não nega”, composição de Lamartine Babo e Irmãos Valença de 1932.
- 17 L. Gonzalez, *op. cit.*, p. 87.
- 18 Franz Fanon refletiu acerca de tal relação em *Pele negra, máscaras brancas*.
- 19 L. Gonzalez, *op. cit.*, p. 85.
- 20 A ideia de “brancura” aqui pensada é a apresentada por Isildinha Baptista Nogueira. “A ‘brancura’ passa a ser parâmetro de pureza artística, nobreza estética, majestade moral, sabedoria científica, etc. Assim, o branco encarna todas as virtudes, a manifestação da razão, do espírito e das ideias: ‘eles são a cultura, a civilização, em uma palavra, a humanidade’”. I.B. Nogueira, *A cor do inconsciente: Significações do corpo negro*, p. 117.
- 21 Gilberto Freyre, em sua clássica reflexão sobre as relações entre a casa-grande e a senzala, defendeu que o convívio próximo com as mães pretas desenvolvia o desejo dos brancos, quando adultos, pelas negras. É a partir de tal ideia que se constrói o mito da “mulata gostosa”, ideia discutida por L. Gonzalez no texto citado.
- 22 “É interessante constatar como, através da figura da “mãe preta”, a verdade surge da equivocação. Exatamente essa figura para a qual se dá uma colher de chá é quem vai dar a rasteira na raça dominante. É através

“minha auxiliar”, “minha secretária”, “a funcionária de casa”, “meu braço direito”... são alguns exemplos que mostram a dificuldade de dar conta dessa relação complexa que segue existindo na atualidade e que parece manter imbricados afeto e objetificação. Como afirma González, “acontece que a mucama permitida só faz cutucar a culpabilidade branca porque ela continua sendo mucama com todas as *letras*”¹⁹.

A nomeação das cores da pele pelos brasileiros também parece ser outro indício na atualidade da dificuldade de lidar com o passado escravocrata, com a mestiçagem e com a manutenção do racismo. Ainda que o termo “mulato” e “mulata” venham sendo menos usados, a partir de uma maior consciência de sua origem, o “moreno”, “moreninha” seguem em uso ao lado do “negão” ou do irônico “alemão”. O espelho pode refletir mais cores, mas o branco e a brancura²⁰ parecem seguir como ideais.

Lélia Gonzalez, ao problematizar o papel da mulher negra, mostra como muitas vezes o estatuto de sujeito humano lhe foi negado, mantendo-a no lugar de objeto. Coisificada, animalizada ou infantilizada, a mulher negra como sujeito mereceu pouca atenção. Nesta direção, a autora destaca o papel ativo da mulher negra, apontando para a importância da “mãe preta”, ampliando e criticando a visão de Gilberto Freyre da “figura boa da ama negra” – inicialmente ama de leite e depois (devidamente “higienizada”) a ama-seca (as babás)²¹. Para ela, a mãe preta é a mãe²².



*a função materna seria
exercida por essa mãe preta
que ocuparia o papel da mãe branca,
ou seja, o exercício da maternidade
seria transferido da mãe legítima
para a babá*

A função materna seria exercida por essa mãe preta que ocuparia o papel da mãe branca, ou seja, o exercício da maternidade seria transferido da mãe legítima para a babá. Gonzalez defende a ideia de que nesse processo a mãe preta vai infundir os seus valores na criança branca, é ela quem vai mergulhar o *infans* no campo da linguagem. Transferência? Disjunção? Sobreposição? Como pensar essa maternidade complexa que se instaura na relação mãe-bebê-babá? E o complexo de Édipo?

Mariza Corrêa, no texto “A babá de Freud e outras babás”, aponta para a omissão das babás na teoria psicanalítica, ainda que elas tenham sido tão presentes na obra freudiana. Uma das primeiras pacientes de Freud foi uma babá inglesa, Miss Lucy, e muitas das jovens atendidas por ele tinham babás/governantas, algumas delas aparecem com destaque nas reflexões sobre os casos clínicos, como, por exemplo, na história de Dora. Em suas cartas para Fliess Freud revelou suas questões acerca do papel da babá, mas foi em sua autoanálise que o autor transformou sua cuidadora em uma “figura maligna ou, na melhor das hipóteses, ambígua”²³.

Freud discutia então sua teoria da sedução na qual imaginava que a criança sofrera um trauma sexual em virtude de abuso real por parte de membros de sua família próxima (ou agregados). Nas cartas ao amigo, as babás aparecem diversas vezes como sedutoras, mas, segundo o texto, Freud deu mais atenção às perversões dos pais em relação a

elas do que às perversões delas em relação aos filhos (e dos filhos em relação a elas).

Na sua própria experiência, Freud recuperou sua babá tcheca, católica, que o levava à missa, o fazia furtar dinheiro e o reprovava por não ser capaz de nada. Em suas reflexões, Freud já discutia a imagem da criada sedutora e defendia a ideia de que a fantasia era com a mãe, mas a experiência real era com a babá. No entanto, em sua autoanálise, Freud acopla “sua lembrança da velha criada à memória de uma viagem na qual teria visto sua mãe nua”²⁴ e assim exclui a experiência prazerosa com a babá para se voltar para o amor edipiano com a mãe.

Mariza Corrêa aponta para a proposição importante feita por Jim Swan que parece ainda ressoar:

O que precisa ser explicado é como a teoria do complexo de Édipo dá conta dos impulsos culpados em relação à mãe, mas ignora o despertar erótico do menino pelas mãos de sua babá, particularmente levando-se em conta que sua babá obtém de Freud uma atenção muito maior do que sua mãe²⁵.

As questões econômicas, sociais e culturais já apareciam subjacentes às implicações psíquicas, uma vez que colocavam em embate a sedução do menino judeu de família burguesa austríaca por uma senhora católica da classe trabalhadora tcheca, e é provável que exatamente tais questões tenham também contribuído para a pouca reflexão sobre o tema.

No Brasil, como nas famílias burguesas europeias, a babá/criada também aparece como figura fundamental na manutenção da família, e se lá as questões socioeconômicas e morais tiveram relevância para a interpretação de seu papel, aqui estas ainda somam-se às questões atreladas à escravidão e à cor.

Rita Laura Segato, no texto “O Édipo brasileiro: A dupla negação de gênero e raça”, chama a atenção para as poucas reflexões existentes sobre as babás no cenário brasileiro, sobretudo considerando que a prevalência de mulheres (e negras) no trabalho doméstico continua em nosso país.



Ela cita estatística oficial de 2006 segundo a qual 94,3% dos trabalhadores domésticos eram mulheres, e destes 61,8% pretos ou pardos²⁶.

A autora parte de uma reflexão acerca das duas figuras importantes dentro do panteão afro-brasileiro, Iemanjá (mãe legítima) e Oxum (mãe de criação), para pensar a questão da dupla maternidade ou da maternidade transferida experimentada na sociedade brasileira. Segato utiliza a complexa maternidade que tal duplicação de mães opera no mito para contrastá-la com a ausência no discurso branco do tema tão profundo como o da mãe preta.

Ela recupera o processo de condenação por parte dos médicos higienistas do “aleitamento mercenário”, na segunda metade do século, com a conseqüente transformação da ama de leite em ama-seca, bem como retoma as reflexões acerca da representação das babás negras das famílias brasileiras através dos retratos, que mostram que no início as babás negras apareciam muito próximas das crianças brancas, para posteriormente despontarem apenas como vestígios, uma parte

dela que o “obscuro objeto do desejo” (o filme do Buñuel), em português, acaba se transformando na “negra vontade de comer carne” na boca da moçada branca que fala português. O que a gente quer dizer é que ela não é esse exemplo extraordinário de amor e dedicação totais como querem os brancos e nem tampouco essa entreguista, essa traidora da raça como querem alguns negros muito apressados em seu julgamento. Ela, simplesmente, é a mãe. É isso mesmo, é a mãe. Porque a branca, na verdade, é a outra”. L. Gonzalez, *op. cit.*, p. 87.

23 M. Corrêa, “A babá de Freud e outras babás”, *Cadernos Pagu*, n. 29, p. 67.

24 M. Corrêa, *op. cit.*, p. 68.

25 J. Swan *apud* M. Corrêa, *op. cit.*, p. 70.

26 “A prática da maternidade transferida e o tipo de relações nela certamente originadas, tanto a partir da perspectiva daqueles favorecidos pelo serviço como daquelas que o prestaram ao longo de quinhentos anos de história ininterrupta têm rastro nas Letras, mas se encontra ausente das análises e das reflexões. A baixíssima atenção a ela dispensada na literatura especializada produzida no Brasil destoa com a enorme abrangência e profundidade histórica desta prática e o seu forçoso impacto na psique nacional”. R. Segato, “O Édipo Brasileiro: A dupla negação de gênero e raça”, *Série Antropologia*, p. 5.

27 Como explica R. Deiab, “[...] a princípio mostrada com orgulho, de rosto inteiro, depois escondida, em segundo plano, desfocada e retocada, até ser completamente retirada do quadro nacional. No entanto, mesmo encoberta, ela persistia nos hábitos consolidados durante três séculos”. “A memória afetiva da escravidão”, *Revista de História da Biblioteca Nacional*, ano 1, n. 4, p. 39.

28 R. Segato, *op. cit.*, p. 5.

29 R. Segato, *op. cit.*, p. 5.

Rita Laura Segato parte de uma reflexão acerca das duas figuras importantes dentro do panteão afro-brasileiro, Iemanjá (mãe legítima) e Oxum (mãe de criação)

do corpo ou um vulto, para, por fim, desaparecerem²⁷.

Refletindo acerca de tais ausências e apagamentos da figura da babá e discutindo também a falta de “inscrição” no texto acadêmico sobre o papel da maternidade transferida, Segato defende a ideia de que existe no caso brasileiro “uma forclusão idiossincrática do nome-da-mãe”,

De outra forma esta forclusão do nome-da-mãe poderia ser descrita de forma mais ortodoxa e concordante com a interpretação lacaniana de psicose como forclusão (psicótica) do nome do pai, neste caso numa falência específica da metáfora paterna: sua incumbência de nomear e gramaticalizar a mãe²⁸.

Segato, derivando a pergunta feita por Jean Paul Sartre em visita ao Brasil “onde estão os negros?”, questiona “onde está a babá?”, apontando para ausência de reflexão tanto acerca da constituição da sua subjetividade quanto de sua inserção social. Afora isso, a autora aponta para a falta de questionamento sobre sua presença, seja na constituição da subjetividade das crianças por ela criadas, seja em sua interação com as mães legítimas que para ela transferiram suas maternidades.

“O que se forclui na babá é, ao mesmo tempo, o trabalho de reprodução e a negritude. Trata-se de uma forclusão, de um desconhecimento simultâneo do materno e do racial, do negro e da mãe”²⁹. Segato defende que a castração simbólica vincula a relação materna com a relação racial, “ocorre um



*as profissões de babá
e empregada doméstica
seguem no horizonte
das mulheres negras
no Brasil na busca
por emprego*

comprometimento da maternidade pela racialidade, e um comprometimento da racialidade pela maternidade”, assim, racismo e misoginia no Brasil estariam entrelaçados “num gesto psíquico só”³⁰.

Nesta concepção de uma divisão da maternidade entre a mãe legítima e a de criação, a autora ainda defende a ideia de que a primeira terá em partes que cumprir uma função paterna, no sentido de incorporar a lei e estabelecer o limite na relação entre a babá e a criança. Nesse processo, a mãe legítima nega o investimento materno da babá, substituindo a via do afeto pela via do contrato, ficando presa na lógica masculina e misógina que transforma a mãe-babá em objeto de compra e venda.

Como aponta Mariza Corrêa, “o que se nega e o que se incorpora dessa convivência afetiva na infância ainda está por ser analisado”³¹, mas considerando que a convivência entre crianças brancas e babás negras não é somente uma experiência historicamente situada, mas que está presente até os dias de hoje, parece urgente que se ampliem tais discussões.

Rafael Alves Lima é mais assertivo nesse sentido, ao questionar:

afinal, como pôde o campo psicanalítico no Brasil desenvolver um discurso tão abundante e rigoroso sobre a maternidade, pautado nas teorizações anglo-saxônicas, a despeito da percepção de que o exercício real e concreto da maternidade é objetivamente desempenhado por babás geralmente negras nos lares das classes médias e altas, ou entre famílias de camadas sociais minimamente distintas³²?

As profissões de babá e empregada doméstica seguem no horizonte das mulheres negras no Brasil na busca por emprego, indicando que o passado colonial e escravista mantém suas marcas no presente.

Nessa permanência, parece que a representação da babá, sua aparência e imagem sofreram modificações que talvez devessem ser destacadas. Rafaela Deiab, no texto “A memória afetiva da escravidão”, reflete acerca dos retratos de família feitos pelo fotógrafo Militão Augusto de Azevedo, observando de que modo as babás eram representadas na segunda metade do XIX. Através dos retratos, Deiab mostra a intensa proximidade entre as crianças brancas e suas amas negras, as únicas capazes de fazer os *infans* ficarem imóveis para o sucesso da foto (cuja exposição durava quase um minuto). Amamentavam e tratavam como seus os filhos do senhor.

E assim, ao tornar-se literalmente a “mãe de criação” dessas crianças, a ama era incorporada à família senhorial como uma escrava de outro quilate, sendo, muitas vezes, alforriada. Retratos do mesmo tipo dos apresentados aqui foram repetidamente, na historiografia brasileira, utilizados para qualificar uma escravidão brasileira mais “amena”, em que nem tudo era arbítrio e exploração, havendo um lugar genuíno para o estabelecimento de verdadeiros laços afetivos entre posições hierarquicamente tão distintas³³.

Bem vestidas, as babás indicavam a riqueza e a “generosidade” da família à qual serviam. Com a chegada das pseudocientíficas teorias higienistas e racistas, que estabeleciam diferenças “naturais” entre brancos e negros, o discurso médico vigente passa a condenar a amamentação pelas amas negras. Como mostra Deiab, esse processo de afastamento das crianças brancas de suas amas pode ser observado nos retratos nos quais as babás vão tendendo a desaparecer nas imagens, ainda que sua presença seguisse frequente. (Ver figuras 4 e 5³⁴.)

As babás seguem trabalhando nos lares brasileiros, principalmente nas classes média e alta, mas não apenas nestas, uma vez que muitas mulheres mais pobres dependem também desse tipo



FIGURAS 4 e 5

de trabalho. Mas são as babás, muitas vezes negras, das famílias ricas que são comumente vistas usando uniformes brancos.

A explicação mais comum apoia-se em questões de higiene e limpeza, imaginando que tal uniforme, mantendo-se branco, indicaria o asseio e o cuidado dedicado às crianças assistidas. Mas parece sugestivo pensar que a roupa branca pudesse operar uma “purificação” do corpo da mulher negra, tantas vezes identificado com o sujo ou impuro. O uniforme padrão, sempre branco e com poucas variações de modelo, não expõe as formas desejadas do corpo negro. Mas, curiosamente, não o apaga por completo, ou quase, como fazem os uniformes pardos, cáqui ou azul marinho dos operários ou dos funcionários da

limpeza, pois sendo branco mantém certo destaque (ainda que na uniformidade tenda ao apagamento), talvez preservando certa humanidade (afinal, “é quase da família”).

Como aponta Isildinha Baptista Nogueira, “ser negro não é uma condição genérica, é uma condição específica, é um elemento marcado, não neutro”³⁵. E como pensar nessas mulheres, que já são atravessadas pelas representações depreciativas em relação ao corpo negro e que têm presentes todos os significantes que a “cor negra” tem em nossa sociedade, serem ainda vestidas de tal maneira? Marcadas na cor e na roupa?

E retomamos aqui a questão feita inicialmente quando refletimos sobre a marchinha: o que se revela naquilo que se oculta? E, nesse momento, talvez coubesse pensar também: o que se esconde naquilo que se destaca? O branco, a brancura do uniforme, a cor indicativa da limpeza, da pureza, da nobreza³⁶... cobrindo o corpo, outrora (e ainda?) sonhado despido, imaginado primitivo ou selvagem. O uniforme que apaga o corpo e o transforma em função – a babá. O uso do traje parece querer ocultar, para além do corpo, todo imaginário que aquele corpo pode suscitar. O uniforme circunscreve o corpo e delimita o seu espaço de circulação. Imaginar Chiquita Bacana vestida com *uma casca*

30 “O racista certamente amou e – por que não? – ainda ama, a sua babá escura. Somente não pode reconhecê-la na sua racialidade, e nas conseqüências que essa racialidade lhe impõe enquanto sujeito. Se sua racialidade repentinamente fizesse a sua aparição na cena e reclamasse o parentesco a ela devido, ele reagiria com virulência incontrolável. Estamos falando do que não se pode nomear, nem como próprio nem como alheio”. R. Segato, *op. cit.*, p. 18.

31 M. Corrêa, *op. cit.*, p. 82.

32 R.A. Lima, “Édipo negro: estrutura e argumento”, *Rev. Ibirapuera*, n. 15, p. 31.

33 R. Deiab, *op. cit.*, p. 38.

34 Imagens retiradas da dissertação de mestrado de R. Deiab, *A mãe-preta na literatura brasileira: a ambigüidade como construção social (1880-1950)*, Universidade de São Paulo, 2006.

35 I.B. Nogueira, *op. cit.*, p. 119.

36 Gilberto Gil, na canção a “Mão da limpeza”, debate essa ideia.

de banana, como vestir um uniforme branco na babá, parece reiterar a coisificação imposta historicamente ao corpo negro. Um corpo aceito enquanto uniformizado, mas que pode ser descartado sem consequência, como acontece muitas vezes com mulheres que trabalham como babás por longos anos e são despedidas, ficando sem o emprego e sem o afeto das crianças então crescidas, ou empregadas domésticas que moram a vida toda na edícula da casa dos patrões, e ficam sem rumo ao serem demitidas...

Com o abrandamento da pandemia e o fim do isolamento social mais severo, voltei a circular nos espaços brancos tão comuns às (ditas) elites brancas brasileiras e tive uma espécie de delírio. Dentro de um clube frequentado pelas classes

dominantes na zona oeste paulistana, avistei um amontoado de pessoas vestidas de branco e por segundos imaginei que estava diante de uma reunião de membros de alguma religião de matriz africana, para logo em seguida perceber que eram babás esperando as crianças saírem da escola... Os tantos meses de afastamento social e algum letramento racial que se iniciara permitiram-me esquecer por alguns instantes a fixidez dos espaços permitidos aos corpos negros e mesmo a segregação racial no espaço, tão longamente existente em nossa realidade. Foi necessária uma suspensão do olhar para que tal gritante contraste de cores e lugares pudesse ser visto de outra maneira. E foi a partir dessa experiência que surgiu o desejo de escrever algo a respeito do tema.

48 Referências bibliográficas

- Corrêa M. (2007). A babá de Freud e outras babás, *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 29, p. 61-90, jul-dez.
- Deiab R. (2005). A memória afetiva da escravidão, *Revista de História da Biblioteca Nacional*, ano I, n. 4, p. 36-40, out.
- Fanon F. (2020). *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Sebastião Nascimento. São Paulo: Ubu.
- Gonzalez L. (2020). Racismo e sexismo na cultura brasileira. In *Por um feminismo afro-latino-americano: Ensaíos, intervenções e diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Guimarães A.S. (2002). A modernidade negra no Brasil, EUA e França, ANPOCS – GT TEORIA SOCIAL E TRANSFORMAÇÕES CONTEMPORÂNEAS, Caxambu.
- Lima R.L. (2018). Édipo negro: estrutura e argumento, *Rev. Ibirapuera*. São Paulo, n. 15, p. 23-31, jan./jun.
- Nogueira I.B. (2021). *A cor do inconsciente: significações do corpo negro*. São Paulo: Perspectiva.
- Segato R.L. (2006) O Édipo brasileiro: a dupla negação de gênero e raça, *Série Antropologia*, Brasília: UnB.
- Severiano J.; Mello, Z.H. de (1997). *A canção do tempo: 85 anos de músicas brasileiras*, vol. 1: 1901-1957. São Paulo: Ed. 34.
- Severiano, J. (2008). *Uma história da música popular brasileira: das origens à modernidade*. São Paulo: Editora 34.

What is unheard and what is unseen: reflections on racism

Abstract Starting from the analysis of a traditional Brazilian carnival march, this text proposes reflections upon racism, black women, and the role of nannies in Brazilian society. Upon observing contents which are omitted, negated (*verneint*), repressed (*verdrängt*) or suggested within the lyrics, the text examines the possibilities of extending clinical listening towards questions concerning racism.

Keywords black women; racism; motherhood; nannies.

Texto recebido: 05/2024

Aprovado: 06/2024

Algumas relações entre neurose obsessiva e ironia

Samara Megume Rodrigues

Samara Megume Rodrigues é psicanalista, membro fundadora da *Associação Roda de Psicanálise: Teoria, Clínica e Cultura*, mestre em Psicologia (PPI-UEM).

Resumo O trabalho investiga a relação entre ironia e neurose obsessiva, realizando uma revisão da teoria freudiana sobre esses temas e destacando vários pontos de consonância entre eles. A ironia é uma forma paradoxal e socialmente aceita de dar passagem aos desejos sexuais e agressivos, podendo ser uma figura de linguagem privilegiada para o manejo clínico da dita “doença do tabu”.

Palavras-chave ironia; neurose obsessiva; agressividade; riso; humor.

DOI: 10.70048/percurso.72.49-60

*Anti-Nazi
A limpeza
pode ser
pior que a porcaria
A ordem
pode ser
a maior
desordem*
[Adília Lopes]

A formação reativa é um mecanismo de defesa que transforma impulsos em seu avesso, de modo que a atração por algo se torna repulsa, e a imoralidade, excesso de moralismo. São contraforças (contrainvestimentos) de elementos conscientes de força igual e de direção oposta ao investimento inconsciente. Trata-se, portanto, de um mecanismo psíquico presente em várias estruturas clínicas, mas é na neurose obsessiva que ele constitui verdadeiros traços de caráter. Assim, a ironia pode ser uma figura de linguagem privilegiada no discurso obsessivo, pois, como apontado por Freud¹, sua técnica de construção é a reversão ao contrário.

Ironia é uma expressão que consiste em dar a entender o contrário do que se quer dizer, tem uso paradoxal e pode ser utilizada pelo sujeito, tanto para afirmação do seu desejo, quanto para esquivar-se do confronto contra ele. A sua compreensão pode ser um recurso bastante potente na escuta e intervenção clínica quando em consonância com a dinâmica obsessiva.

A ironia é uma forma esquiva e mordaz de dar abertura aos desejos, principalmente aos sexuais e agressivos. É uma forma lógica de

¹ S. Freud, “O chiste e sua relação com o inconsciente”, in *Obras completas*, vol. VII.



algo é considerado sujo quando está fora da ordenação estabelecida. Um sapato colocado em cima de uma mesa de jantar gera a sensação de poluição, mesmo que se trate de um objeto nunca usado

subverter a norma e, por isso, muitas vezes, é um instrumento crítico de atravessamento das barreiras morais. Pela ironia, é possível “transgredir dentro da lei”. Afinal, é uma brincadeira consentida socialmente. A ironia opera com os paradoxos e as contradições: por exemplo, pode-se falar do limpo com o propósito de desvelar o sujo; do bem, para afirmar o mal. Dessa maneira, ela desfaz a linearidade do pensamento, produzindo furros em verdades totalizadoras.

Douglas² analisa os rituais de poluição em vários povos e culturas, revelando que os conceitos de pureza e sujeira (e do perigo ligado a ela) são empregados como analogia para a expressão de uma visão de ordem social: “Como se sabe, a sujeira é, essencialmente, desordem.”³

Algo é considerado sujo quando está fora da ordenação estabelecida. Um sapato colocado em cima de uma mesa de jantar gera a sensação de poluição, mesmo que se trate de um objeto nunca usado. Em várias culturas, o evitar a sujeira está intimamente ligado a fazer da experiência uma unidade: “É somente exagerando a diferença entre o dentro e o fora, acima e abaixo, fêmea e macho, com e contra, que um semblante de ordem é criado”⁴. A autora conclui que a ideia de sujeira envolve uma reflexão sobre ordem e desordem, ser e não ser, forma e não forma, vida e morte. Esses temas estão no centro da problemática obsessiva.

A palavra ordem compõe a fenomenologia da neurose obsessiva, pois significa tanto a disposição de coisas seguindo categorias, separações e classificações, quanto *mandato*, a ação de impor o cumprimento de algo. O obsessivo é um perseguidor da ordem e é atormentado por ela.

A neurose se caracteriza como uma montagem de defesas ante a castração (as várias dimensões da falta). Trata-se da busca por uma unidade do Eu. Enquanto a histérica demanda ser tudo para o outro e, por isso, espera receber (ou queixa-se por não receber) dele a resposta sobre seu Eu, a lógica obsessiva está em manter uma ilusória consistência, o que faz o obsessivo estar constantemente ameaçado. A histérica se faz “toda entrega”; o obsessivo retém. Ao invés de uma fala livre, nele tem-se uma fala temerosa, uma retórica anal de reatividade e supermoralidade.

Freud⁵ escreve que a neurose obsessiva é “uma caricatura, ao mesmo tempo cômica e triste, de uma religião particular”, que é sustentada pela crença de ter sido (e poder ser novamente) o objeto de satisfação do desejo materno. Diferentemente do discurso histérico, em que se ouve constantemente a dor de não ser e não poder ter (posses, poder, beleza); escuta-se na fala do obsessivo um sujeito que se vê como alguém que foi privilegiado em seu investimento fálico. Um está convicto (ou tenta se convencer) de que é a vítima; o outro sofre as penalidades de ser o possível algoz.

A ordem que o obsessivo tenta manter tem uma orientação espacial: vertical. Busca conservar as hierarquias, obedece a tudo, mas para que ele mesmo se mantenha acima, em um altar, como um santo, que afasta de si todo o mal que o constitui. Quanto mais alta/idealizada a imagem de si mesmo, maior o temor da *queda*.

A fantasia inconsciente que ancora seus sintomas é a da *humilhação*. Palavra que vem do latim *humus*⁶ – que significa “terra, solo” – e carrega as noções de inferioridade, rebaixamento e degradação. Assim como a palavra *humilde*, cuja raiz etimológica está em *humilis*, que significa colocar para baixo. Esse campo semântico com noções

espaciais está presente na fala cotidiana, por exemplo: arrogante é aquele que tem “nariz empinado”; contrariamente, aquele que passou por situações humilhantes, “ficou por baixo”, “no chão”.

Curiosamente, a palavra *recalcamento* traz em sua etimologia essa mesma orientação espacial. Ela advém do verbo latino *calcāre* [calcar]⁷, que significa “pisar com os pés”: calcando o solo, coloca-se terra por cima. Nesse sentido, culturalmente, aquilo que está ligado à terra, ao baixo-ventre, associa-se aos impulsos e, por isso, é considerado feio e sujo. Logo, deve ser coberto/recalcado.

Só é possível rir quando se deixa cair do alto, da onipotência. Ir ao chão por um tropeço gera gargalhadas em alguns; em outros, vergonha e humilhação. Essa é uma das grandes dificuldades no manejo clínico dos casos de neurose obsessiva, pois o temor é justamente da queda. Tudo é levado a sério demais, existe um apego ao significado exato das palavras, não existe flexibilidade nos investimentos afetivos e há uma fixação em verdades absolutas.

O obsessivo não pode rir, porque o riso ameaça todas as autoridades. Nessa dinâmica psíquica, a ironia parece ser uma figura bastante interessante para dar passagem ao desejo, porque gera mais sorriso do que riso e, diferentemente de outras modalidades de cômico, não é um mecanismo de descarga de afetos, mas de transformação.

Juntamente com o eufemismo e a elipse⁸, a ironia pode ser uma figura de linguagem privilegiada por esse “dialeto neurótico”, podendo cumprir um papel bastante potente no tratamento dos casos de neurose obsessiva, visto que é uma formação linguageira que, utilizando mecanismos

»
juntamente com o eufemismo e a elipse, a ironia pode ser uma figura de linguagem privilegiada por esse “dialeto neurótico”, podendo cumprir um papel bastante potente no tratamento dos casos de neurose obsessiva

de disfarce do desejo, cria uma via de satisfação dos impulsos hostis e sádicos do sujeito, podendo driblar, ou ainda, desmontar o arsenal bélico do supereu, afirmando o erotismo do sujeito e retirando-o da posição passiva de objeto do Outro. Ao longo deste trabalho, essa hipótese será investigada a partir de considerações sobre algumas relações estabelecidas entre neurose obsessiva e ironia.

Um grande homem ou um grande criminoso

O caso clínico “Homem dos Ratos” de Freud⁹ é paradigmático para a compreensão e o tratamento da neurose obsessiva. Ademais, reúne ideias já trabalhadas por Freud e retoma premissas teóricas sobre o erotismo anal e a ambivalência afetiva.

Em uma das passagens do caso, Ernest traz a seguinte lembrança de infância: muito pequeno, no momento da morte de sua irmã, ele cometeu um ato grave pelo qual seu pai lhe bateu. Em resposta, ficou furioso e soltou injúrias contra o pai. Por não conhecer nenhum xingamento, atirou-lhe todos os nomes de objetos que passavam por sua mente: “Sua lâmpada! Sua toalha! Seu prato! E assim por diante. Seu pai, abalado com tal explosão de fúria natural, parou de lhe bater, e exclamara ‘O menino ou vai ser um grande

2 M. Douglas, *Pureza e perigo*.

3 M. Douglas, *op. cit.*, p. 12.

4 M. Douglas, *op. cit.*, p. 15.

5 S. Freud, “Atos obsessivos e práticas religiosas”, in *Obras completas*, vol. VIII, p. 111.

6 A.G. Cunha, *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, p. 342.

7 A.G. Cunha, *op. cit.*, p. 143.

8 S. Freud, “Notas sobre um caso de neurose obsessiva”, in *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*.

9 S. Freud, *op. cit.*



*o obsessivo tem a crença
em um poder mágico,
tanto de amaldiçoar, quanto
de se proteger contra maldições.
As palavras são tratadas como
coisas, levando o sujeito a perseguir
o seu “significado literal”,
ou “significado exato”*

homem, ou um grande criminoso”¹⁰. Esse ex-certo é particularmente rico por trazer elementos fundamentais da neurose obsessiva, como a onipotência do pensamento e a impossibilidade de expressão do ódio¹¹.

O obsessivo tem a crença em um poder mágico, tanto de amaldiçoar, quanto de se proteger contra maldições. As palavras são tratadas como coisas, levando o sujeito a perseguir o seu “significado literal”, ou “significado exato”, testando de maneira torturante as mais variadas interpretações. Ernest toma a frase de seu pai como uma espécie de profecia. Ele será grande e, logo, serão grandiosos todos os seus pensamentos e afetos. Para Freud¹², o ódio de Ernest tinha o enorme poder de criar uma realidade psíquica aprisionadora, cheia de impedimentos e obsessões.

Diante da grandeza dos próprios sentimentos e pensamentos, o obsessivo fica paralisado, pois para ele torna-se impossível vivenciar os impulsos agressivos e a ambivalência. Nesse sentido, a ironia, com seu caráter paradoxal e destrutivo/agressivo, seria uma resposta criativa a esse conflito?

Ernest chega ao consultório de Freud tomado pela ideia obsessiva de que algo terrível aconteceria a seu pai e à sua amada dama, o que fez com que ele se impusesse vários interditos, inibições e sintomas. Esse terror começou quando ele se viu diante de uma dívida que não podia

pagar, pois durante as suas atividades no exército, ele perdeu os óculos e encomendou novos pelo correio; quando os recebeu, soube que alguém já havia pagado a taxa de envio. Ao relatar a passagem de instalação dessa “dívida”, Freud¹³ faz uma curiosa indicação – que não desenvolve – sobre a ironia que, ao contrário da zombaria, não estaria sujeita às forças compulsivas atuantes na neurose. Veja-se a passagem:

[...] quando o capitão lhe entrega o pacote pelo qual as taxas eram devidas, pedindo para reembolsar os 3,80 *kronen* ao Tenente A., ele já se fizera ciente de que seu “cruel superior” estava equivocado, e de que a única pessoa a quem devia algo era à jovem dama da agência postal. Por conseguinte, podia facilmente lhe haver ocorrido pensar em alguma resposta irônica, tal como “Você acha mesmo que eu vou pagar?” ou “Pago coisa nenhuma!”, ou então “Claro! Pode deixar que eu vou pagar a ele!” – respostas que não estariam sujeitas a nenhuma força compulsiva. Contudo, em vez disso, nascida das agitações de seu complexo paterno e de sua lembrança da cena oriunda da infância, formou-se em sua mente uma resposta parecida com “Está bem. Reembolsarei o dinheiro ao Tenente A. quando meu pai e a dama tiverem filhos!” ou “Tão certo quanto meu pai e a dama possam ter filhos, eu lhe pagarei!”. Em suma, uma afirmação ridícula ligada a uma absurda condição que jamais se satisfaria.¹⁴

Nessa passagem, Freud ainda escreve uma nota de rodapé, afirmando que o absurdo significa “zombaria na linguagem do pensamento obsessivo”, tal como ocorre nos sonhos. O pensamento absurdo de Ernest foi uma maneira de zombar das pessoas amadas:

Agora, porém, o crime fora cometido; ele insultara as duas pessoas que lhe eram mais caras: seu pai e a dama. Esse feito clamava por punição, e a pena consistia em ele se comprometer com um juramento que lhe fosse impossível cumprir e que impunha total obediência à injustificada exigência de seu superior. O juramento era o seguinte: *Agora você deverá realmente reembolsar o dinheiro a A.*¹⁵

Essa passagem faz compreender que a zombaria seria uma manifestação de impulsos hostis presentes no inconsciente, como uma agressão direta aos objetos de amor/ódio. Freud sinaliza que, se Ernest conseguisse utilizar a ironia, poderia não ter criado a “solução obsessiva” diante da dívida que precipitou seu adoecimento. Ou seja, a ironia satisfaria esses impulsos e não estaria “sujeita às forças compulsivas”.

O escárnio e a zombaria são manifestações de hostilidade menos sofisticadas que a ironia. A resposta irônica “Claro! Pode deixar que eu vou pagar a ele!” marcaria uma posição desejante do sujeito, à medida que o retiraria da passividade diante do desejo do Outro; ao mesmo tempo, seria uma agressão à autoridade do capitão, desfazendo a hierarquia. É possível pensar que a ironia, diferente da zombaria/escárnio, possibilitaria uma elaboração da ambivalência/ódio?

Gay¹⁶ relata que Freud, ao ser detido pela Gestapo, foi liberado com a condição de que assinasse um documento atestando que não sofrera maus-tratos. Tomado pela encruzilhada, Freud concorda; mas acrescenta de próprio punho uma frase no documento: “posso recomendar altamente a Gestapo a todos”¹⁷. Freud utiliza a ironia como uma estratégia discursiva disruptiva, que mantém sua vivacidade e reafirma sua posição de sujeito desejante. Por meio dela, ele se nega à submissão diante do totalitarismo.

O cômico e o humor não são uma referência necessária para pensarmos a ironia, visto que ela possui certa autonomia em relação ao campo do risível, por ser uma figura polissêmica amplamente pesquisada dentro da retórica e do romantismo. Existe uma multiplicidade de abordagens

»
o cômico e o humor
não são uma referência
necessária para pensarmos
a ironia, visto que ela possui
certa autonomia em relação
ao campo do risível, por ser
uma figura polissêmica
amplamente pesquisada
dentro da retórica

sobre a noção de ironia, o que dificulta a sua diferenciação em relação a outras figuras, como o sarcasmo, cinismo e escárnio. Por essa razão, um recorte arbitrário em relação a ela será feito, tomando-a apenas dentro da acepção freudiana.

Freud trabalha a noção de ironia de forma direta e indireta (via exemplos) em apenas dois trabalhos em toda a sua obra, são eles: *O chiste e sua relação com o inconsciente* e o ensaio *O humor*. Nessas obras, há apenas um exemplo de piada que se repete nos dois textos e, curiosamente, trata-se de um chiste irônico: Um criminoso é mandado à força na segunda-feira e exclama: “veja só, a semana começa bem”¹⁸. No trabalho sobre o chiste, a piada ainda tem uma continuação: no caminho para a sua execução, o bandido pede um cachecol para cobrir o pescoço, a fim de evitar pegar um resfriado¹⁹.

A passagem da vida de Freud relatada por Gay²⁰ e a piada do criminoso na obra de Freud são dois exemplos em que a ironia se aproxima do caráter trágico do humor. Esse não é o único uso da ironia, que desliza do trágico ao derrisório da zombaria e pode ser usada tanto para a afirmação do desejo, sendo um processo de simbolização da castração, quanto para manter o ressentimento e encobrir as próprias falhas, faltas, frustrações.

Trata-se da diferença entre ironizar o outro e ironizar a si mesmo ou as próprias situações

10 S. Freud, “Notas...”, p. 179-180.

11 S. Freud, *op. cit.*, p. 180.

12 S. Freud, *op. cit.*

13 S. Freud, *op. cit.*

14 S. Freud, *op. cit.*, p. 189.

15 S. Freud, *op. cit.*, p. 189-190.

16 P.F. Gay, *Uma vida para nosso tempo*.

17 P.F. Gay, *op. cit.*, p. 567.

18 S. Freud, “O humor”, in *Arte, literatura e os artistas*, p. 273.

19 S. Freud, “O chiste...”, p. 331.

20 P.F. Gay, *op. cit.*



*por que a neurose
obsessiva seria uma estrutura
clínica em consonância com
a ironia? Uma breve revisão
da neurose obsessiva
em Freud será apresentada,
a partir do recorte
de alguns dos seus
pontos fundamentais*

da vida. Ou ainda: ironizar um outro que já está violentado/oprimido socialmente; e ironizar um tirano. São usos diferentes do mesmo recurso. Quando se ironiza um outro que já não se encontra em uma posição de autoridade, mantém-se a ilusão da própria superioridade; contrariamente, a ironia pode ser usada precisamente para desinflar as idealizações do sujeito (de si e do outro), afirmando a potência do sujeito e, paradoxalmente, diminuindo a sua prepotência.

Nesse último uso, ela subverte deveres e demandas, desfazendo as hierarquias e a ordenação vertical nas relações. O sujeito sai da posição de “grande homem ou grande criminoso”, e as tragédias e dramas transformam-se em algo pequeno e risível. Como se o sujeito dissesse a si mesmo: “Veja aqui, este é o mundo, que parece tão perigoso. Uma brincadeira de criança, bem interessante, para se fazer uma piada a respeito”²¹.

A doença do tabu

Por que a neurose obsessiva seria uma estrutura clínica em consonância com a ironia? Uma breve revisão da neurose obsessiva em Freud será apresentada, a partir do recorte de alguns dos seus pontos fundamentais para a articulação com a ironia, que passam pelas experiências sexuais

infantis, o papel da analidade e a problemática relação com as demandas.

A primeira investigação teórica de Freud sobre a neurose obsessiva está no artigo “As neuropepsicoses de defesa”. Nesse trabalho, ele delimita dois grupos distintos: a neurastenia e a psiconeurose. Esta compreende a histeria e a neurose obsessiva, e Freud as coloca no mesmo grupo, pois percebe que possuem algo em comum: são respostas a experiências sexuais traumáticas vividas na infância, que foram afastadas da consciência.

A diferença entre elas estaria no destino dado à lembrança. Na histeria, a soma de excitação da representação psíquica da experiência é convertida num processo somático, afetando o corpo. Na neurose obsessiva, a representação persiste na consciência, mas é desvinculada da carga afetiva. Ou seja, os pacientes obsessivos se diferenciariam dos histéricos por carecerem da “aptidão para conversão”²².

Assim, o afeto separado da respectiva representação permanece livre até se conectar a outras representações. As ideias obsessivas são justamente as que tomam o lugar da representação sexual. Nelas, existe uma falsa ligação (*mésalliance*) entre o afeto anteriormente desligado e as novas representações, o que explicaria o teor absurdo do seu conteúdo.

Em outro artigo, Freud²³ acrescenta uma ideia nova a essa tese, compreendendo que a representação original pode ser substituída também por atos e impulsos, “medidas de alívio” ou “medidas protetoras”. Esse princípio de substituição da representação é o mesmo encontrado na formação de sintoma da fobia e está presente da formação dos sonhos e em algumas categorias de chiste, como a ironia e o *nonsense*. Esse é um mecanismo distinto da formação do sintoma histérico, que se apresenta como *rébus*, uma escrita pictográfica no corpo, que condensa representação e afeto. Nessa compreensão, os chistes privilegiados na histeria seriam os trocadilhos, os duplos sentidos e todo campo de linguagem formado pela técnica de condensação e metáforas.



Freud, no artigo “A hereditariedade e a etiologia das neuroses”, levanta a hipótese de que a histeria seria originada através de uma experiência sexual passiva; já a neurose obsessiva teria como pano de fundo um evento ativo prazeroso. Ao equiparar o caráter ativo à neurose obsessiva e a passividade como a causa da histeria, em um artigo intitulado “Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa”, Freud escreve: “essa diferença nas circunstâncias etiológicas está relacionada com o fato de a neurose obsessiva mostrar visível preferência pelo sexo masculino”²⁴.

Essa hipótese será abandonada mais tarde, mas marcou (e ainda marca) o imaginário em torno da neurose obsessiva. No entanto, Freud²⁵ já percebe que detrás da caracterologia obsessiva existem substratos de sintomas histéricos. Logo, a histeria seria uma “neurose de base”, já que a atividade sexual precoce implica uma experiência de sedução anterior/passividade. Nesse momento, Freud²⁶ ainda se encontra dentro do paradigma da *Teoria da Sedução*, que compreende as neuroses como resultantes da imposição da sexualidade adulta sobre a criança.

Em toda elaboração freudiana, a neurose obsessiva é vista como uma defesa falha diante da imoralidade. O conteúdo censurado não deixa de emergir na consciência, produzindo as autorrecriações, estabelecendo uma espécie de dívida moral no sujeito.

A presença da culpa e das medidas para expiá-la/expurgá-la, na neurose obsessiva, faz com que Freud²⁷ a compare ao dogma religioso. Ela seria uma espécie de herança cristã internalizada.

Freud abandona a tese de que a histeria estaria ligada à passividade, e a neurose obsessiva à atividade. Porém, esse abandono não é completo. Um resto dessa compreensão permanece como verdade

Esse ponto é bastante relevante, pois abre a possibilidade de as estruturas clínicas serem compreendidas como caricaturas, distorções ou desfigurações de produções sociais. Ao analisar essa associação, Freud, em “Totem e tabu”, afirma textualmente que a histeria é uma figura distorcida da arte; a neurose obsessiva, uma figura da religião; e a paranoia, da filosofia. Nesse estudo, Freud²⁸ pontua: “Se não estivesse habituado a descrever essas pessoas como pacientes obsessivos, verificaria que a ‘doença do tabu’ seria a expressão mais apropriada”.

Ao abandonar a *Teoria da Sedução*, propondo o papel fundamental da fantasia na etiologia das neuroses, Freud abandona a tese de que a histeria estaria ligada à passividade, e a neurose obsessiva à atividade. Porém, esse abandono não é completo. Um resto dessa compreensão permanece como verdade, visto que, na neurose obsessiva, verifica-se uma série de medidas protetoras diante de um gozo excessivo. Isto é, nesses analisandos, há uma espécie de hiperestesia sexual²⁹, uma convicção de terem experimentado um intenso prazer proibido. Essa experiência, ao ser recalçada de maneira insuficiente, sempre ameaça o sujeito, não deixando alternativas a ele, a não ser ocupar uma posição passivo-fálica.

As experiências sexuais infantis são fundamentais para a compreensão da neurose. No caso

21 S. Freud, “O humor”, p. 280.

22 S. Freud, “As neuropsicoses de defesa”, in *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. VIII.

23 S. Freud, “Obsessões e fobias”, in *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. VIII.

24 S. Freud, “Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa”, in *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. VII, p. 168.

25 S. Freud, *op. cit.*

26 S. Freud, *op. cit.*

27 S. Freud, “Ato obsessivos...”

28 S. Freud, “Totem e tabu”, in *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. X, p. 44.

29 M.A.C. Ribeiro, *Um certo tipo de mulher*, p. 52.



*segundo Freud, o obsessivo
regride à fase anal-sádica
da libido como uma defesa
ante à possibilidade
de emergência do desejo
sexual diante do prazer
desorganizador
por ele experimentado*

das obsessões, as experiências de satisfação anal possuem uma relevância especial. Nesses sujeitos, existe uma fixação na fase de desenvolvimento libidinal, em que a criança começa a ter de lidar com as demandas de controle sobre seu próprio corpo.

Dor³⁰ afirma que o obsessivo faz uma reversão da demanda do Outro; enquanto o histérico espera um dom, algo a lhe ser dado e reivindica, o obsessivo está preso à necessidade de produzir algo para o Outro. A relação ambígua com as fezes (reter e oferecer) é o protótipo da relação que o obsessivo terá com suas próprias produções e com os pedidos que recebe, fazendo-o viver um “inferno do dever”, o imperativo de ter que responder a todas as demandas, nem que para isso precise sacrificar seu corpo³¹. O Homem dos Ratos fica impossibilitado de se contrapor ao capitão cruel, obriga-se a pagar a taxa e a pagar com o próprio sofrimento pelo ódio (e atração) que sentiu pela autoridade.

Nesse ponto, é importante frisar que, segundo Freud³², o obsessivo regride à fase anal-sádica da libido como uma defesa ante à possibilidade de emergência do desejo sexual diante do prazer desorganizador por ele experimentado. As ideias obsessivas de Ernest são antecedidas por uma cena em que ele escuta o capitão cruel relatar uma tortura, em que um

condenado é amarrado e sobre seu traseiro colocam um recipiente virado contendo ratos, que perfuram o ânus da pessoa, buscando saída. No momento em que Ernest relata a Freud³³ a cena, o paciente apresenta uma expressão facial “de horror ante um prazer seu que ele próprio desconhecia”. Aqui, fica evidente que se congrega tanto o erotismo anal quanto a regressão do desejo via formação reativa e excesso de controle ante o prazer desorganizador.

O ato de defecar constitui-se como a primeira oportunidade na qual a criança deve decidir-se entre uma atitude narcísica e uma de amor objetal. Nesse momento, os significados simbólicos de dar e recusar atribuídos à defecação são transformados por Freud na equação fezes = presente = dinheiro, na medida em que são objetos solicitados pelo Outro.

Lachaud³⁴ ressalta que a criança oferece tudo para a mãe, para que elas (a mãe e a criança) fiquem completas. A criança se instala em um dispositivo de suplência à satisfação do desejo materno. É justamente a fixação nessa pretensão fálica que margeia a organização obcecante do prazer. O obsessivo responde a todos os pedidos para não oferecer ao Outro a sua castração, ou seja, responde com a ambição de tudo controlar e tudo dominar.

Desse modo, o desejo enigmático do Outro é reduzido a um mero pedido. Ao evitar se interrogar sobre o desejo do Outro, o obsessivo foge da pergunta sobre o que ele próprio, como sujeito, deseja, e mantém o seu *status* fálico. Por isso, diferentemente do histérico, que sempre realiza uma estratégia de destituição, o obsessivo precisa que todas as autoridades permaneçam como tal até o fim³⁵.

O dialeto obsessivo, chiste e ironia

A linguagem de uma neurose obsessiva, ou seja, os meios pelos quais ela expressa seus pensamentos secretos, presume-se ser apenas um dialeto da linguagem da histeria.³⁶

Um dialeto é uma linguagem que existe simultaneamente à outra língua, mas que possui estrutura semântica, léxico e várias outras características próprias. É uma variante de uma língua territorial. Freud indica que a linguagem da histeria estaria mais próxima à linguagem do inconsciente, enquanto a neurose obsessiva seria uma transformação que carrega lastros dessa origem, estando mais próxima à linguagem consciente.

Na obra “O chiste e sua relação com o inconsciente”, Freud dedica-se a estudar o uso da linguagem. O *witz* (chiste/piadas e tiradas espirituosas) é uma forma de se colocar diante das palavras, fruto do trabalho com a linguagem e uma produção do inconsciente. Freud³⁷ percebe que não existe comunicação sem equívoco, ambiguidade e polissemia – sem esses elementos da língua, não há piada, nem inconsciente. Por isso, ele escreve, em carta a Fliess de 12 de junho de 1897, que todos os sonhos possuem um caráter engraçado, pois são formados pelos mesmos mecanismos que os chistes, os sintomas e atos falhos³⁸. O caráter distorcido e fragmentário dessas formações é uma espécie de brincadeira dos sentidos e das lógicas.

Freud³⁹ assinala que o prazer de uma piada tem duas causas: a sua *técnica de construção*, que é uma regressão ao pensar infantil e ao funcionamento do inconsciente (condensação e deslocamento); e a sua *proposta/objetivo*, que é a realização disfarçada de desejos reprimidos. Em tom de brincadeira, é possível dizer uma verdade censurada pelo tecido social.

30 J. Dor, *Estruturas clínicas*.

31 D. Lanchaud, *O inferno do dever: o discurso do obsessivo*.

32 S. Freud, “A predisposição à neurose obsessiva”, in *Obras completas*, vol. X.

33 S. Freud, “Notas sobre um caso de neurose obsessiva”, in *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. X.

34 D. Lanchaud, *op. cit.*

35 D. Lanchaud, *op. cit.*

36 S. Freud, “Notas...”, p. 140.

37 S. Freud, “O chiste...”.

38 E. Jones, *A vida e a obra de Sigmund Freud*.

39 S. Freud, “O chiste...”.

40 S. Freud, *op. cit.*, p. 221.

41 S. Freud, *op. cit.*, p. 225.

42 S. Freud, *op. cit.*, p. 106.



a técnica de construção
do chiste permite que algo
se mostre sem que o sujeito
precise pagar o preço da
culpa ou dos sintomas.
Conforme Freud, “o chiste
é, assim, um malandro dúplice,
que serve a dois senhores
ao mesmo tempo”

A técnica de construção do chiste permite que algo se mostre sem que o sujeito precise pagar o preço da culpa ou dos sintomas. Conforme Freud, “o chiste é, assim, um malandro dúplice, que serve a dois senhores ao mesmo tempo”⁴⁰, pois atende tanto ao decoro social quanto ao inconsciente do sujeito. Por esse motivo é “a mais social de todas as funções psíquicas que visam ao ganho de prazer”⁴¹. Ao discutir as técnicas de construção dos chistes, Freud distingue pelo menos onze subcategorias e, embora não tenha tratado sistematicamente a ironia, caracteriza-a como uma técnica da representação pelo oposto.

Nesse trabalho analítico de distinções, a ironia não é entendida como um chiste, embora haja chistes irônicos. Ao comentar uma tirada mordaz, ele propõe:

Mas isso se chama ironia, e não chiste. A técnica própria da ironia é justamente a *reversão pelo oposto*. Aliás, é comum ouvirmos falar de *chistes irônicos*. Não se deve mais duvidar, portanto, de que a técnica por si só não é suficiente para caracterizar um chiste.⁴²

O requisito freudiano para que algo seja um *witz* é ser uma produção do inconsciente. Ele é uma transmissão inconsciente via linguagem, que se faz sem o controle racional. Já na última parte do trabalho sobre os chistes, Freud esclarece essa



*a ironia possibilita
compreender a enigmática
pontuação freudiana no caso clínico
do Homem dos Ratos.
Por meio dela, Ernest conseguiria
expressar e se apropriar
de sua própria destrutividade
ao mesmo tempo que questionaria
a autoridade paterna*

pequena passagem sobre a ironia da seguinte maneira:

[...] ironia, que se aproxima bastante do chiste e é contada entre os subgrupos da comicidade. Sua natureza consiste em enunciar o oposto do que se quer comunicar ao outro, mas poupando-lhe a contradição ao lhe dar a entender – pelo tom de voz, por gestos auxiliares, por pequenos sinais estilísticos [...]. A ironia só é utilizável quando o outro está preparado para ouvir o oposto, de modo que não lhe falte a inclinação a contradizer. Em virtude dessa condição, a ironia corre facilmente o risco de não ser entendida. Para a pessoa que a emprega, ela tem a vantagem de permitir contornar facilmente as dificuldades das expressões diretas.⁴³

Para Freud, a ironia é uma subcategoria do cômico. Mas pode-se supor que, quando ela “solicita o inconsciente”, sendo utilizada para a expressão de impulsos hostis inconscientes, torna-se um dialeto dos chistes. Nessa situação, ela também se aproxima do humor em sua face trágica, principalmente, do humor negro.

A ironia, sendo tomada como um dialeto dos chistes, possibilita compreender a enigmática pontuação freudiana no caso clínico do Homem dos Ratos. Por meio dela, Ernest conseguiria expressar e se apropriar de sua própria destrutividade ao mesmo tempo que questionaria a

autoridade paterna. Por ter mais afinidade com a linguagem consciente e trabalhar justamente com o paradoxo, a ironia exprime um ataque sem acionar a censura psíquica e, logo, sem ferir a moral instituída.

Nos exemplos do criminoso conduzido à força e da situação de Freud com a Gestapo, a ironia de uma vez só realiza uma crítica a alguma vaidade própria e incita um processo que vai ao encontro de vínculos menos autoritários, na medida em que o sujeito não fica anulado diante das relações impostas. O ato de denunciar algo ou alguém pela ironia leva o sujeito a expressar sua agressividade sem impor diretamente seu juízo como verdadeiro ao outro. Ela incita um deslizamento entre níveis semânticos contrários, ou com duplicidade de sentidos, como entre o real e a aparência da realidade, ou aquilo que se constata e o que deveria ser, ou entre explícito e implícito⁴⁴, podendo inverter, duplicar ou indeterminar o sinal da mensagem entre emissor e receptor no campo da linguagem.

Nesse sentido, ela se aproxima do efeito promovido pelos chistes por deslocamento, com a mudança da ênfase psíquica. A ironia, portanto, promove o deslocamento de significantes, apresentando a potência de uma retificação subjetiva.

De acordo com Freud, “As palavras são um material plástico com que se pode fazer de tudo”⁴⁵; por meio delas e, principalmente, da técnica de reversão pelo oposto, é possível subverter a lógica da demanda e do dever, bem como desfazer as imagens santificadas de si e do Outro. A ironia “autoriza” a manifestação da agressividade e, assim, pode deslocar o obsessivo de sua retórica anal de reatividade, marcada pelo medo ante a própria destrutividade, para uma retórica anal criativa.

Toda invenção necessita de uma cota de destrutividade. Por isso, a ironia pode ser um recurso interessante na clínica da neurose obsessiva, por ter a potência de produzir um encontro lúdico entre analista e analisando, em que ocorra a estetização da destrutividade e da ambivalência. Foi a própria neurose obsessiva que levou Freud⁴⁶ a

se questionar sobre seu método interpretativo, pois nela “saber não é a mesma coisa que saber⁴⁷”.

O apego obsessivo à lógica racional pode fazer o obsessivo transformar a sua análise em uma interminável racionalização. As construções da análise podem ser usadas para encobrir a própria castração, para as falhas do saber. Assim, a ironia se mostra como um recurso que pode furar a lógica da totalidade. Todavia, é preciso lembrar que há vários usos da ironia e que ela desliza facilmente para o campo do escárnio e da agressão direta.

Ainda é preciso frisar a pontuação freudiana de que o ouvinte precisa estar preparado para ouvir o *conteúdo oposto* e que a ironia corre o imenso risco de não ser compreendida. De todo modo, a ironia mostra-se como um campo fértil para a pesquisa dentro da clínica da neurose obsessiva e seria preciso investigar, de forma mais minuciosa, a sua relação com a dinâmica do supereu, o que não foi possível fazer neste trabalho. Afinal, como analisa Gerez-Ambertín, o supereu é “o avesso do desejo”⁴⁸.

No presente trabalho buscou-se construir substratos teóricos para a compreensão mais apurada do “temor da queda” no obsessivo, que o leva a resistir à associação livre, logo, ao inconsciente.

no presente trabalho
buscou-se construir substratos
teóricos para a compreensão
mais apurada do “temor da
queda” no obsessivo,
que o leva a resistir
à associação livre, logo,
ao inconsciente

Iannini e Tavares⁴⁹ lembram que, ao falar da regra fundamental da psicanálise, Freud emprega o verbo *ainfallen*, derivado de *fallen*, “cair”, para se referir àquilo que vem à tona, que não mais é retido. Os resultados dessas associações são *Ein-fälle*: “aquilo que ocorre”, numa palavra, “ocorrências”. Para que a associação livre ocorra, é preciso (se) deixar cair. Como fazer o obsessivo deixar cair sua imagem e idealizações? Como fazê-lo cair em si? Como fazer da queda um belo e engraçado tropeço?

43 S. Freud, *op. cit.*, p. 248-249.

44 H. Bergson, *O riso: ensaio sobre o significado cômico*.

45 S. Freud, “O chiste...”, p. 52.

46 S. Freud, “Notas...”.

47 Freud, em nota de rodapé do caso clínico do Homem dos Ratos, realiza essa distinção, afirmando que o paciente sabe, mas não sabe sobre o conteúdo de seus traumas. Ele os sabe, pois não esqueceu, e não sabe, visto que ignora sua significação.

48 M. Gerez-Ambertín, *As vozes do Supereu: na clínica psicanalítica e no mal-estar na civilização*, p. 13.

49 G. Iannini; P.H. Tavares, “Apresentação”, in S. Freud, *Fundamentos da clínica psicanalítica*.



Referências bibliográficas

- Bergson H. (2018). *O riso: ensaio sobre o significado do cômico*. São Paulo: Edipro.
- Cunha A.G. (1999). *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. São Paulo: Lexikon.
- Dor J. (1993). *Estruturas e clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Taurus.
- Douglas M. (2014). *Pureza e perigo*. São Paulo: Perspectiva.
- Freud S. (1894/1996). As neuropsicoses de defesa. In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. III. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1895/1996). Obsessões e fobias. In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. III. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1896a/1996). A hereditariedade e a etiologia das neuroses. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. III. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1896b/1996). Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. III. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1895/2017). O chiste e sua relação com o inconsciente. *Obras completas*, vol. VII. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. (1906[1905]/1996). Personagens psicopáticos no palco. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1907/2015). Ato obsessivo e práticas religiosas. *Obras completas*, vol. VIII. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. (1909/1996). Notas sobre um caso de neurose obsessiva. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. X. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1913a/1996). Totem e tabu. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1913b/2010). A predisposição à neurose obsessiva. *Obras completas*, vol. X. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. (1908/2015). Caráter e erotismo anal. *Obras completas*, vol. VIII. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. (1917/2010). Sobre a transformação dos instintos em particular no erotismo anal. *Obras completas*, vol. XIV. Trad. Paulo César de Souza. Companhia das Letras.
- _____. (1927/2015). O humor. *Arte, literatura e os artistas*, col. Obras incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica.
- Gay P. (1989). Freud. *Uma vida para nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Gerez-Ambertin M. (2009). *As vozes do Supereu: na clínica psicanalítica e no mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Cia. Freud.
- Iannini G.; Tavares P.H. (2017). Apresentação. In Freud S. *Fundamentos da clínica psicanalítica*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Jones E. (1989). *A vida e a obra de Sigmund Freud*, vol. I. Rio de Janeiro: Imago.
- Lanchaud D. (2007). *O inferno do dever: o discurso do obsessivo*. Rio de Janeiro: Cia Freud.
- Mahony P.J. (1991). *Freud e o Homem dos Ratos*. São Paulo: Escuta.
- Ribeiro M.A.C. (2011). *Um certo tipo de mulher*. São Paulo: 7 letras.

Some relations between obsessional neuroses and irony

Abstract This research investigates the relationship between irony and obsessional neurosis, conducting a review of Freudian theory on these topics and highlighting several consonance points between them. Irony is a paradoxical and socially accepted way of giving passage to sexual and aggressive desires, which may be a privileged figure of speech for the clinical management of what is called “taboo disease”.

Keywords irony; obsessive neurosis; aggressiveness; laugh; humor.

Texto recebido: 12/2023

Aprovado: 02/2024

O inscrito e o opaco: faces estéticas do inconsciente freudiano

Antonio de Almeida Neves Neto

Antonio de Almeida Neves Neto é psicólogo (PUC-SP), filósofo (USP) e mestrando em Psicologia Social (IPUSP). Psicanalista em formação no Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae e membro do Laboratório de Teoria Social, Filosofia e Psicanálise da Universidade de São Paulo (LATESFIP-USP).

Resumo A noção de inconsciente em Freud é debitária de duas formulações do conceito que estavam em circulação na estética do século XIX. A primeira é a do inconsciente como um texto cifrado, incompreensível a olho nu, mas que pode ser revelado pela interpretação. A segunda é a do inconsciente como fundamentalmente inapreensível e resistente à representação. Este artigo busca referir o conceito de inconsciente a essas origens, analisando como a tensão entre essas duas acepções do termo é preservada na psicanálise.

Palavras-chave inconsciente; Freud; estética; representação.

DOI: 10.70048/percurso.72.61-70

É muito conveniente, em certas horas do dia ou da noite, observar profundamente os objetos em descanso: as rodas que percorreram longas, poeirentas distâncias, carregando grandes cargas vegetais ou animais; os sacos de carvoarias; os barris; os cestos; os cabos e os punhos das ferramentas do carpinteiro. As superfícies usadas, o desgaste que as mãos infligiram às coisas, a atmosfera às vezes trágica e sempre patética desses objetos infundem uma espécie de atração não desprezível pela realidade do mundo. Percebe-se neles a confusa impureza dos seres humanos: a mistura, o uso e o desuso dos materiais, os vestígios do pé e dos dedos, a constância de uma atmosfera humana inundando as coisas de fora e de dentro. Assim seja a poesia que buscamos.

[Pablo Neruda]

Ninguém é pai de um poema sem morrer

[Manoel de Barros]

O conceito de inconsciente em psicanálise aparece em conotações muito distintas, a depender do contexto no qual é evocado. Por vezes, o inconsciente é tratado como um hieróglifo passível de tradução quando olhado pela perspectiva correta. Uma mensagem cifrada e enigmática, mas comunicável. Nesse inconsciente se sedimenta uma história esquecida, cuja verdade pode ser revelada. É o inconsciente objeto de interpretação, que vemos no trabalho sobre os sonhos ou no sentido oculto dos sintomas neuróticos.

Por outro lado, o inconsciente se reveste, em alguns momentos, de uma aura mais sombria. É o terreno de uma incompreensibilidade fundamental e intransponível, onde a luz da significação não alcança e cuja desproporcionalidade em relação à linguagem exprime os limites dessa última em dar nome ao que aparece a ela



trilhando o caminho aberto por Jacques Rancière, o seguinte ensaio pretende explorar a equivocidade da noção de inconsciente na psicanálise

como monstruosidade. Diferentemente do primeiro sentido, nesse não há espaço para decifração. Aqui, estamos mais perto de noções como as de umbigo do sonho, Real, Isso e do *Unheimlich*.

Ainda que existam distinções conceituais no *corpus* psicanalítico que tentam circunscrever essas acepções divergentes sob nomes distintos, fica a impressão instigante de uma confusão entre elas. A depender do autor e do texto, o termo “inconsciente” aparece para convocar um ou outro desses continentes psíquicos, isso quando não é usado para se referir a ambos¹. Não só: essas acepções, apesar da sua clara heterogeneidade, parecem se entremear em algum ponto, dando a impressão de que, atrás da aparente dissonância, há entre elas uma compatibilidade secreta.

Trilhando o caminho aberto por Jacques Rancière², o seguinte ensaio pretende explorar essa equivocidade da noção de inconsciente na psicanálise. No capítulo “As duas formas da palavra muda” da obra citada, o filósofo francês refere a dupla acepção da noção de inconsciente na psicanálise à dispersão de sentidos que o conceito teve na estética do século XIX³. A recuperação desse debate nos permitirá ver que existe uma tensão entre dois conceitos distintos de inconsciente nesse período, e que essa tensão é preservada na obra de Freud. Há, de um lado, uma noção arqueológica de inconsciente, que está às voltas com a reconstrução de um passado histórico esquecido e que pode ser recuperado a partir do presente. Do outro, há um conceito de inconsciente que diz daquilo que não acha expressão na representação, que não se deixa inscrever na história e que permanece como potência disruptiva das narrativas postas. Chamarei essa de noção poética de inconsciente. Veremos que esse último sentido do inconsciente não está

explicitamente trabalhado na obra freudiana, mas encontra expressão nítida na psicanálise de Jacques Lacan, o que nos levará a analisar algumas passagens do Seminário 7 do psicanalista francês.

Nesse caminho, trarei para discussão exemplos de expressões artísticas que estão às voltas com essas duas acepções de inconsciente. Esses exemplos visam favorecer uma apreensão estética dos conceitos, que, parece-me, não pode ser reduzida a sua compreensão intelectual. Retraçar a trajetória do conceito de inconsciente não é somente de interesse historiográfico, mas também clínico, à medida que essa recuperação dá mais clareza do objeto em questão e nos sensibiliza às suas aparições no processo analítico.

A primeira forma da palavra muda: O inconsciente arqueológico

Rancière defende que, a partir do século XIX, a palavra ganha uma nova configuração na estética. O autor se refere aos séculos XVII e XVIII na estética como a “idade da representação”, na qual a palavra tem o objetivo de “fazer ver”. Mas o que isso significa? Segundo Rancière, na idade da representação a palavra é plena: ela diz sobre tudo aquilo que há para ser visto. Ela não carrega dúvida ou mistério. A palavra comunica sem restos aquilo que há para ser dito, e qualquer sinal de incompreensão e obscuridade é visto como uma deficiência da comunicação. Há uma identidade entre a palavra e aquilo que ela deseja representar, e o *logos* se vê capacitado de apreender sem sobra seus objetos⁴. Assim, a dinâmica de uma história representada no teatro, por exemplo, se dá pelo conflito entre interesses e crenças anunciados a plenos pulmões pelos personagens. Não há um motivo sub-reptício a governar as ações que se desenvolvem ali. A palavra coloca tudo à luz do dia.

O século XIX abriga uma revolução estética que dá à palavra uma nova função. À palavra plena que faz ver contrapõe-se a palavra muda que carrega um não dito. Essa palavra muda tem duas faces. A primeira delas é a ideia de que todo objeto,

por mais banal que seja, carrega em suas marcas, dobras e desgastes os sulcos de uma história latente. Essa história é muda à medida que não está aberta a uma apreensão imediata do observador desatento, mas é falante uma vez que se pode, a partir da correta interpretação, reconstruir o passado histórico impresso em hieróglifo no presente. Do signo incompreensível desperta uma voz encoberta. Para essa noção de inconsciente, todo objeto carrega um mistério passível de significação. A passagem em que Rancière expõe essa primeira formulação da palavra muda é um dos pontos altos de seu texto, quando ele consegue combinar de forma elegante trabalho conceitual e comoção literária:

A escrita muda, num primeiro sentido, é a palavra que as coisas mudas carregam elas mesmas. É a potência de significação inscrita em seus corpos, e que resume o “tudo fala” de Novalis, o poeta mineralogista. Tudo é rastro, vestígio ou fóssil. Toda forma sensível, desde a pedra ou a concha, é falante. Cada uma traz consigo, inscrita em estrias e volutas, as marcas de sua história e os signos de sua destinação. A escrita literária se estabelece, assim, como decifração e reescrita dos signos de história escritos nas coisas. [...] O artista é aquele que viaja nos labirintos ou nos subolos do mundo social. Ele recolhe os vestígios e transcreve os hieróglifos pintados na configuração mesma das coisas obscuras e triviais. Devolve aos detalhes insignificantes da

»»

*do signo incompreensível desperta
uma voz encoberta. Para essa noção de
inconsciente, todo objeto carrega um
mistério passível de significação*

prosa do mundo sua dupla potência poética e significante. Na topografia de um lugar ou na fisionomia de uma fachada, na forma ou no desgaste de uma vestimenta, no caos de uma exposição de mercadorias ou de detritos, ele reconhece os elementos de uma mitologia. [...] Não existe episódio, descrição ou frase que não carregue em si a potência da obra. Porque não há coisa alguma que não carregue em si a potência da linguagem.⁵

Tomemos alguns exemplos. Tenho um livro sobre a mesa. Trata-se do volume xxii das obras completas de Freud. Um observador incauto tomá-lo-ia como livro comum, desgastado pelo tempo e com grifos esparsos, mas sem grande significado. Suas marcas, enfim, seriam opacas. Digamos, porém, que esse observador é tomado de súbita curiosidade e põe-se a escavar o livro. Ele verá então que os textos são acompanhados por grifos que não poderiam ter sido feitos pela mesma pessoa. Algumas linhas são traçadas com displicência, outras à régua. As anotações têm caligrafias diferentes, e cada uma delas parece privilegiar assuntos distintos da obra. Nosso arqueólogo pode então ficar obcecado e começar a investigar no detalhe o livro, reparando em suas dobras, suas marcas de café ou de maresia. Ele verá que a mudez de cada usura começa a dar lugar para uma fala e que, a partir dela, com sorte, conseguirá reconstruir a história criptografada nos detalhes: que o livro era da minha madrinha, que abandonou a carreira de psicóloga ainda jovem e que me vê seguindo o caminho que, em um momento, se apresentou a ela como possibilidade. Essa história se revelaria em cada detalhe menor do livro, que passou pelas mãos dela, pelos seus grifos e leituras, pelos anos de esquecimento em seu armário para, enfim, chegar a mim.

1 Mais adiante, veremos alguns exemplos de como cada uma dessas declinações do inconsciente se expressam na teoria freudiana. Sobre outros autores, um exemplo de uma psicanalista que desenvolveu parte importante da sua teorização e prática apoiada na ideia de inconsciente no primeiro sentido é Melanie Klein, com todo seu arsenal interpretativo sobre o inconsciente. Já no segundo sentido que apresentei do conceito, penso, por exemplo, na teorização sobre a pulsão anarquista por Nathalie Zaltzman ou na crítica de Lacan a uma psicanálise adaptativa no Seminário 7, esse último que abordaremos ao final deste artigo.

2 J. Rancière, *O inconsciente estético*.

3 Ainda que este texto se dedique a retrair as influências vindas da estética na formulação do conceito de inconsciente na psicanálise, estou convencido de que essas influências não podem ser reduzidas ao campo das artes. Para uma avaliação das influências científicas e das tensões internas aos problemas teóricos e clínicos com que deparava Freud para formulação do conceito, ver R. Simanke e F. Caropreso, “Uma reconstituição da estratégia freudiana para a justificação do inconsciente”, *Revista Ágora*, vol. xi, n. 1.

4 J. Rancière, *op. cit.*, p. 22.

5 J. Rancière, *op. cit.*, p. 35-37.



essa primeira forma de entender a opacidade da palavra é uma das maneiras como o inconsciente costuma aparecer na obra de Freud

Vemos também uma bela representação estética dessa ideia de inconsciente na música “Futuros amantes”, de Chico Buarque⁶. A música fala de um futuro hipotético (mas talvez nem tanto) no qual o Rio de Janeiro, quiçá devido a um eventual apocalipse climático, é engolido pelo mar e abandonado às profundezas do oceano. Mergulhadores então vão em busca dos vestígios dessa “estranha civilização” e encontram objetos do amor de um casal. Esses objetos carregam o “eco de antigas palavras” dos dois: “fragmentos de cartas, poemas, mentiras e retratos”. A música acaba dizendo que futuros amantes, habitantes desse futuro longínquo, se amarão pelo amor do casal carioca que ficou talhado nesses objetos repletos de histórias. Essa ideia também é explorada em “Trocando em miúdos” de Chico. Nela, um casal que separou precisa se haver com objetos que trazem as marcas de sua história juntos, como vemos no seguinte trecho:

Eu vou lhe deixar a medida do Bonfim
Não me valeu
Mas fico com o disco do Pixinguinha, sim
O resto é seu
Trocando em miúdos, pode guardar
As sobras de tudo que chamam lar
As sombras de tudo que fomos nós
As marcas do amor nos nossos lençóis
As nossas melhores lembranças⁷

Temos mais um testemunho dessa forma de inconsciente no belo texto “A vida social das coisas: roupa, memória e dor”, de Peter Stallybrass. O autor começa narrando seu emudecimento em uma palestra devido à percepção que lhe aturde: ele está vestindo a jaqueta que herdou de um amigo que faleceu. Stallybrass é tomado então pela irreversível

sensação de que não é apenas ele que veste a jaqueta do amigo, mas que ele mesmo é vestido pelos seus hábitos e seu cheiro, que a jaqueta inscreve nele a memória do amigo. Partindo dessa experiência, o autor começa uma reflexão sobre a vida que se inscreve nas roupas. Por não serem solúveis em nós como os alimentos e nem resistentes demais ao tempo como as joias, a materialidade plástica e firme das roupas abriga as histórias que por elas passaram. Debruçando-se em relatos sobre roupas que passam de geração em geração, a difícil tarefa de se haver com o armário da esposa ou do pai que morreram, os paninhos que os bebês usam como objetos de apego (em psicanálise, diríamos objetos transicionais), a confecção de colchas de retalhos feitas a partir de roupas de toda uma família, passagens de obras literárias sobre a relação dos personagens com suas roupas e investigações históricas sobre o papel das roupas em diversas sociedades e épocas, Stallybrass argumenta pela vida social das roupas. Para o autor, nós habitamos e somos habitados pelos objetos que tocamos e amamos, contaminando-os com nossa existência e sendo contaminados pelas existências neles talhadas. “A roupa é um tipo de memória. Quando a pessoa está ausente ou morre, a roupa absorve sua ausente presença”⁸.

Enfim, essa primeira forma de entender a opacidade da palavra é uma das maneiras como o inconsciente costuma aparecer na obra de Freud. No início de “O mal-estar na civilização”, Freud defende que “na vida mental, nada do que uma vez se formou pode perecer”⁹. Ele passa então a uma metáfora arqueológica da vida mental, comparando-a a Roma. O trabalho de preservação do patrimônio histórico feito em Roma faz da cidade um exemplo especialmente feliz para se falar da vida psíquica. Assim como a vida psíquica atual de nossos pacientes é repleta de marcas da sua história, passeando pela capital italiana é possível ver sobrepostas as marcas de seu passado histórico. Um turista informado consegue reconstruir a história da cidade pelos seus monumentos e ruínas, que apontam para um passado soterrado, inconsciente. Temos a mesma metáfora arqueológica do inconsciente no texto “Construções



em análise”, no qual Freud compara o trabalho do analista com o de um arqueólogo: ambos devem, a partir das ruínas segmentares e fragmentadas, reconstruir um passado histórico latente que, apesar de oculto, se revela nos vestígios que essa história legou ao presente, estando ela inscrita nos prédios ou na vida psíquica atual⁶.

Bom, essa seria uma primeira forma de compreender a mudez da palavra a partir do século XIX e, junto a isso, uma formulação do inconsciente em circulação na arte da época. Como apontei antes, porém, há uma segunda face da opacidade da palavra e da circulação do conceito de inconsciente na estética do XIX. Vamos a ela.

O inapreensível: inconsciente poético

Vimos nessa primeira perspectiva da noção de inconsciente que cada objeto tem inscrito em si uma história, que tudo é passível de significação e que a linguagem se estende para todo detalhe do mundo. Se existe na estética do XIX a ideia de que *tudo fala*, então a tudo se pode atribuir sentido, mesmo que ele não esteja revelado em um primeiro momento. Ainda que tenhamos nos afastado do que Rancière chamou da “idade da representação”, na qual tudo era de princípio colocado à luz do dia, é provável que nós, como leitores do século XXI, nos sensibilizemos com esse excesso de luminosidade da palavra que tudo significa. Afinal, seria tudo mesmo passível de significação? Rancière aponta que, de fato, há uma outra vertente da ideia de inconsciente no século XIX que diz que não. Aqui temos a outra face da palavra

é provável que nós nos sensibilizemos com esse excesso de luminosidade da palavra que tudo significa. Afinal, seria tudo mesmo passível de significação?

muda. Nela, há um não dito que não encontra significação possível. Se antes vimos um movimento em que o *pathos* opaco dos objetos vem à luz sendo significado pelo *logos* da linguagem, agora temos o movimento no qual o *logos* se vê incapaz de colonizar parte desse *pathos*. O não pensamento, o inominável e o irracional mostram à razão a insuficiência dela perante um inapreensível¹¹.

É o terreno do “confronto com o desconhecido, com as potências anônimas e insensatas da vida”¹². Na bonita imagem de Maeterlinck, autor citado por Rancière, essa palavra muda se apresenta como uma “mão que não nos pertence, mas bate às portas do instinto”, não sendo permitido abrir essa porta, mas apenas ouvir o som dos golpes¹³.

Vamos a alguns exemplos. Uma figura do romantismo que parece apontar para essa manifestação do inconsciente é a do sublime. No texto clássico de Edmund Burke, vemos a seguinte definição:

Tudo que seja de algum modo capaz de incitar as ideias de dor e de perigo, isto é, tudo que seja de alguma maneira terrível ou relacionado a objetos terríveis ou atua de um modo análogo ao terror constitui uma fonte do sublime, isto é, produz a mais forte emoção de que o espírito é capaz. [...] Quando o perigo ou a dor se apresentam como uma ameaça decididamente iminente, não podem proporcionar nenhum deleite e são meramente terríveis; mas quando são menos prováveis e de certo modo atenuadas, podem ser – e são – deliciosas, como nossa experiência diária nos mostra.¹⁴

O sublime seria suscitado por uma situação como a de contemplar um desastre natural de proporções devastadoras estando em um lugar protegido, com a segurança de que essa catástrofe não lhe atingirá. Como vemos no final da passagem de

6 C. Buarque, “Futuros amantes”, *Carioca*.

7 C. Buarque, “Trocando em miúdos”, *Chico Buarque*.

8 P. Stallybrass, *O casaco de Marx: roupa, memória, dor*.

9 S. Freud, “O mal-estar na civilização”, in *O futuro de uma ilusão, O mal-estar na civilização e outros trabalhos*, vol. XXI (1927-1931), p. 78.

10 S. Freud, “Construções em análise”, in *Moisés e o monoteísmo, esboço de psicanálise e outros trabalhos*, vol. XXIII (1937-1939).

11 J. Rancière, *op. cit.*, p. 40.

12 J. Rancière, *op. cit.*, p. 40.

13 M. Maeterlinck, 1913 *apud* J. Rancière, *op. cit.*, p. 40.

14 E. Burke, *Uma investigação filosófica acerca da origem das nossas ideias do sublime e do belo*, p. 48.



para Said, é como se a vertigem da morte trouxesse a força expressiva que permite ao músico reestabelecer os limites de sua linguagem

Burke, o fato de vermos a catástrofe de um lugar no qual nossa segurança esteja garantida é fundamental, pois diferencia a experiência do sublime da experiência do desespero. Se conseguimos nos pôr a apreciar essa fúria da natureza, sentiremos ressoar em nós a desmesura. Sponville diz que uma tempestade não é necessariamente bela, mas é sublime “por sua descomunabilidade, pelo excesso de grandeza ou de força, pela evidência, ante ela, da nossa pequenez, da nossa impotência, da nossa fragilidade...”¹⁵. Para uma apreensão menos conceitual e mais propriamente estética do sublime podemos recorrer às pinturas de acidente náutico de William Turner¹⁶. A representação do abatimento certo de embarcações pelo mar revolto nos coloca diante do contraste entre a pequenez humana e o imensurável da natureza. Dentro do vocabulário de Rancière, podemos compreender essa como uma forma de representar a impotência do *logos* diante do irrepresentável do *páthos*.

Outro exemplo é o caminho que a música romântica toma em relação ao tema da representação. O que vemos é o afastamento cada vez mais radical de motivos extramusicais das composições, o abandono do esforço de representar objetos como eventos históricos ou a natureza¹⁷. Safatle diz que esse movimento é expresso de maneira especialmente ilustrativa na trajetória de Beethoven. O filósofo comenta que, se ao longo da carreira do compositor vemos várias obras que fazem referência a elementos da natureza, acontecimentos históricos e questões políticas (a 3ª Sinfonia à Revolução Francesa, a 6ª aos elementos da natureza ou a citação do poema de Schiller em “Ode à Alegria” na 9ª Sinfonia a fim de expressar ideais políticos e humanitários), no final da vida ele parece cada vez mais evitar esse estilo representativo¹⁸.

Esse afastamento das intenções representativas na música nos é caro por expressar de maneira interessante a segunda formulação do inconsciente estético que vimos com Rancière. Isso porque, ao abandonar a representação, a música romântica se torna um espaço privilegiado da expressão desse inominável que a estética do século XIX coloca como questão. Tomemos por exemplo a análise que Safatle faz da “Opus 131” de Beethoven. O filósofo diz que essa obra do final de vida do compositor seria um exemplo privilegiado do que Edward Said chamou de “estilo tardio”¹⁹. Said usa essa expressão para falar de fenômenos curiosos que tomam o artista na fase final de sua obra. O autor caracteriza esse período não como o pleno desenvolvimento de razões e motivos artísticos que o artista carregaria desde o início da sua produção e encontrariam sua plena realização na velhice. Não se trata da maturação. Trata-se, ao contrário, do momento em que tudo aquilo que o autor construiu ao longo da vida chega à beira da dissolução. É como se o artista, colocado mais próximo da morte, visse nesse abismo uma potência para quebrar as formas herdadas²⁰.

Para Said, é como se a vertigem da morte trouxesse a força expressiva que permite ao músico reestabelecer os limites de sua linguagem. A morte como essa ausência de sentido radical é o que impulsiona a força expressiva do autor a desmontar os sentidos postos. O resultado prático disso na “Opus 131” é o desafio às convenções expressivas de sua época: há um desencontro entre melodia e harmonia especialmente dissonante em comparação a outras peças desse período histórico, enquanto as formas tradicionais de composição (rondó, fuga etc.) são subvertidas, chegando ao limite de seu esfacelamento²¹. É o que leva Safatle a retomar a seguinte citação de Deleuze e Guattari:

os artistas são como os filósofos, têm frequentemente uma saudezinha frágil, mas não por causa de suas doenças nem de suas neuroses, é porque viram na vida algo grande demais para qualquer um, de grande demais para eles, e que pôs neles a marca discreta da morte. Mas esse

algo é também a fonte ou o fôlego que os fazem viver através das doenças do vivido.²²

A morte, a desmesura, o inominável e o inumano. Essas são algumas formas de apontar para o abismo que resiste à representação e que, apesar disso, não se cala. Persiste como potência movente que instiga o sujeito e lhe dá vida. Como os lacanianos dirão mais tarde, é aquilo que não cessa de não se inscrever. Como espero ter apontado no exemplo do “estilo tardio” de Beethoven, esse inominável traz consigo uma força criativa, sendo sua expressão mola propulsora para a reorganização do mundo.

Essa noção de inconsciente é expressa em “O que será? (À flor da pele)” de Chico Buarque e Milton Nascimento. A remissão ao inominável no título da canção, que se repete na abertura de cada estrofe, e a descrição indireta desse desmedido pelos seus efeitos no corpo (“que sobe as faces”, “brota à flor da pele”, “aperta o peito”), que insiste e trai nossas intenções (“que é revelia”, “que perturba o sono”) e que é insufocável (“que não

»
e esse novo inconsciente
irrepresentável que, ao contrário
do primeiro, não está à espera
da correta codificação?

tem remédio” e que “nem todos os unguentos vão aliviar”) fazem dessa canção um belo exemplo da segunda acepção de inconsciente mencionada por Rancière²³.

Vimos alguns exemplos na psicanálise da primeira noção de inconsciente apresentada por Rancière e que já rondava a estética do século XIX. Ele está nas comparações que Freud faz entre o trabalho do psicanalista e do arqueólogo em “O mal-estar na civilização”²⁴ e em “Construções em análise”²⁵, mas poderíamos falar também do trabalho de interpretação do sonho²⁶ e dos sintomas neuróticos²⁷, dentre outros exemplos. Agora, e esse novo inconsciente irrepresentável que, ao contrário do primeiro, não está à espera da correta codificação? Esse inconsciente cuja latência é irremediável, onde ele estaria na psicanálise?

Podemos identificá-lo com a pulsão de morte, cuja característica de não ligação da pulsão nos remeteria à ausência de sentido²⁸. Também, mais nitidamente, na noção de *Unheimlich* (a depender da tradução: estranho, inquietante ou incômodo)²⁹ e em alguns aspectos do *Es* (Isso ou *Id*)³⁰. Há algo dele também no umbigo do sonho, aqueles elementos oníricos impassíveis de interpretação em relação aos quais não podemos ultrapassar o caráter enigmático³¹. Ele está também no traumático, por se tratar de uma experiência que a simbolização falha em dar contorno e, assim, continua a insistir como sintoma³². Penso ainda no sentimento oceânico³³ e, mais que ele, na apreensão retrospectiva que temos dessa fase da vida de fusão com a mãe, de total indistinção entre eu e outro³⁴. O que gostaria de destacar, porém, é que, em Freud, não me parece que estão explicitadas algumas características dessa modalidade de inconsciente que vimos em

15 A. Comte-Sponville, *Dicionário filosófico*, p. 573.

16 W. Turner, “O naufrágio”, 1805. Óleo sobre tela.

17 Um bom exemplo desse tipo é a “Abertura 1812, Opus 49” de Tchaikovsky, em que o compositor narra o combate entre os exércitos russo e alemão na batalha entre eles travada em 1812, na qual os russos saem vitoriosos. P.I. Tchaikovsky. “Abertura 1812, Opus 49”, in *Grandes compositores da música clássica*, v. 2.

18 V. Safatle, “Razão e forma”, 6 de abril de 2012.

19 V. Safatle, *op. cit.*

20 E. Said, *Estilo tardio*.

21 V. Safatle, *op. cit.*

22 G. Deleuze; F. Guattari, *O que é filosofia?*, p. 204.

23 M. Nascimento; C. Buarque, “O que será (À flor da pele)”, in M. Nascimento, *Geraes*.

24 S. Freud, “O mal-estar...”, p. 78.

25 S. Freud, “Construções...”.

26 S. Freud, *Obras completas*, vol. 4. *A interpretação dos sonhos*.

27 S. Freud, “O sentido dos sintomas”, in *Conferências introdutórias sobre psicanálise (parte III)*, vol. XVI (1916-1917).

28 S. Freud, “Além do princípio de prazer”, in *Além do princípio de prazer, Psicologia de grupo e outros ensaios*, vol. XVIII (1920-1922).

29 S. Freud, “O estranho”, in *Uma neurose infantil e outros trabalhos*, vol. XVII (1917-1919).

30 S. Freud, “O ego e o id”, in *O ego e o id, Uma neurose demoníaca do século XVII e outros trabalhos*, vol. XIX (1923-1925).

31 S. Freud, *A interpretação...* p. 575.

32 S. Freud, “Além do princípio...”.

33 S. Freud, “O mal-estar...”, p. 73 e 81.

34 P. Carvalho Ribeiro “Pânico e dessexualização”. Fala apresentada no simpósio *A psicanálise e os desafios do mundo contemporâneo*.



Lacan está criticando aqueles analistas que acham que o objetivo de uma análise é alinhar as pulsões do sujeito com os anseios da cité

Rancière e nos exemplos estéticos que trabalhamos nas últimas páginas. Penso especialmente na potência criativa desse não sentido, potência essa capaz de inaugurar novas circuitarias pulsionais para o sujeito, instaurar novos horizontes cognitivos e reorganizar a forma como o mundo se apresenta para ele. Para isso, gostaria de abordar como esse apelo criativo e disruptivo ao não sentido aparece no final do Seminário 7 de Lacan.

Política e clínica no inconsciente poético

No começo da parte xxiii do Seminário 7, Lacan expõe uma concepção corrente em sua época sobre as metas do tratamento analítico. Para alguns analistas, diz Lacan, caberia à psicanálise harmonizar as aspirações do sujeito aos anseios da *Cidade*. Algo importante se perde aqui na tradução do texto. Estranhamos ao ver *Cidade* aparecer sempre com letra maiúscula na tradução brasileira do texto, o que faz valer uma olhada no original para ver como as coisas correm lá. Se formos no texto em francês, veremos que Lacan usa a palavra *cité*. *Cidade* em francês é normalmente traduzido por *ville*. Me parece que é a algumas declinações da palavra *cité* que Lacan faz recurso aqui. O termo *cité* é reservado para as partes mais antigas de uma cidade, ou para uma parte dela que preservou as características arquitetônicas de um período histórico. Pode ser ainda utilizado em referência a cidades com maior importância histórica na França, como quando se usa “*la cité phocéenne*” para falar de Marseille. Ainda, *cité* pode ser usado para se referir a um grupo de pessoas organizado num corpo social orgânico. Aqui, mais próxima da ideia de uma sociedade política e carregando um sentido mais

explicitamente preservado na noção de “cidadão”, *cité* se distingue de *ville*, que seria mais especificamente o espaço geográfico no qual essa organização social se estabelece. Assim, *cité* remete tanto à ideia de preservação de uma tradição como à de um corpo social organizado, unido por um sistema de necessidades, deveres e direitos que enlaça os indivíduos que o constituem³⁵.

Lembremos: Lacan está criticando aqueles analistas que acham que o objetivo de uma análise é alinhar as pulsões do sujeito com os anseios da *cité*. Ele diz que isso faria dos psicanalistas meros “fiadores do devaneio burguês”³⁶. O que está em jogo aqui? Trata-se de uma crítica a certa psicanálise adaptativa, cujo objetivo seria alinhar as pulsões anárquicas aos fins estabelecidos pelas tradições de determinado grupo social. É uma crítica ao horizonte da análise como alinhamento das satisfações pulsionais do sujeito ao que Lacan chama de “serviço de bens”, ou seja, ao conjunto de satisfações aceitáveis oferecido pela ordem social de determinada época e local³⁷. A isso, Lacan contrapõe o salto no abismo. Atentemo-nos a esta passagem:

Como creio ter-lhes mostrado aqui na região que delinee para vocês esse ano, *a função do desejo deve permanecer numa relação fundamental com a morte*. Coloco a questão – o término da análise, o verdadeiro, quero dizer, aquele que prepara a tornar analista, não deve ela em seu termo confrontar aquele que a ela se submeteu à realidade da condição humana? É propriamente isso que Freud, falando de angústia, designou como fundo onde se produz seu sinal, ou seja, o *Hilflosigkeit*, a desolação, onde o homem, nessa relação consigo mesmo que é sua própria morte – mas no sentido que lhes ensinei a desdobrar nesse ano – não deve esperar a ajuda de ninguém.³⁸

Algumas páginas antes, Lacan fala da experiência da *passagem ao limite* expressa nas pinturas holandesas de natureza morta. O que essas pinturas nos apontam é justamente a efemeridade da vida ali presente. É como se fôssemos espectadores do desenvolvimento virtual inevitável de tudo que é vivo: sua passagem ao limite da morte³⁹. Pois é nessa passagem ao limite que Lacan concebe a análise.



Claro que não se trata aqui da morte literal, mas do apelo a esse abominável abismo sem significado que coloca em xeque a nossa maneira de organizar o mundo, incluindo aí as tradições da *cit *.

  difícil conceder que uma análise se trata s  disso. Não se vive s  de força disruptiva e desafio   ordem posta. Mas o que esse autor nos coloca   uma ideia freudiana importante, que pode ser sintetizada da seguinte forma: não sofremos somente por indeterminação, mas também pelas determinações que nos comprimem⁴⁰. A ideia é de que a linguagem representativa que usamos para colonizar a nós mesmos e o mundo, que nos dá nome, identidade, organiza nossas crenças, orienta nossa a  o e tudo mais, enfim, que toda essa simbolização que impomos às coisas   organizadora, mas comprime o inominável dentro de nós, que vem reclamar da rigidez com que esquadramos a vida. Ele então vem nos fazer c cegas por dentro, clamar pelo desvario. Na bonita imagem usada por Lacan, "As flores do desejo estão contidas nesse vaso do qual tentamos fixar as paredes"⁴¹.

A forma como encadeei minha exposição pode levar-nos a conceber as duas formulações do inconsciente (a arqueológica/representativa e a poética/inominável) como muito apartadas uma da outra. Não me parece ser o caso. Parece-me que essas duas noções de inconsciente se encontram intimamente vinculadas da seguinte maneira: o irrepresentável clama, a todo momento,

essas duas noções de inconsciente se encontram intimamente vinculadas: o irrepresentável clama, a todo momento, por uma significação possível

por uma significação possível. Nossa obsessão por dar sentido às coisas é impulsionada por esse resíduo impassível de ser nominado, sendo a significação sempre um arranjo frágil e improvisado que tenta organizar o que aparece como inapreensível. Essa desproporção de um em relação ao outro os coloca em constante tensão. Ela é motor de um movimento no qual *logos* busca sem sucesso cobrir a superfície do *pathos*, e *pathos* pressiona pela dissolução da organização petrificada de *logos*. Esse jogo complementar e inconciliável entre os dois inconscientes aparece em pleno movimento no poema de Baudelaire que, seguindo as sessões anteriores deste texto, vem para favorecer uma apreensão estética dos conceitos em jogo aqui:

As janelas

Quem olha de fora por uma janela aberta não v  nunca tanta coisa como quem olha para uma janela fechada. Não há objeto mais profundo, misterioso, fecundo, mais tenebroso, radiante, que uma janela aclarada por uma candeia. O que se pode ver   luz do sol é sempre menos interessante que o que se passa por det r s da vidraça. Nesse buraco negro ou luminoso vive a vida, sonha a vida, sofre a vida.

Para além do ondular dos telhados, avisto uma mulher madura, já com rugas, pobre, sempre debruçada sobre alguma coisa, e que nunca sai. Com seu rosto, sua roupa, seu gesto, com quase nada refiz a história desta mulher, ou melhor, sua lenda, e por vezes a conto a mim mesmo chorando.

Tivesse sido um pobre homem velho, teria feito a sua com igual facilidade.

E me deito feliz por ter vivido e sofrido em outros que não eu mesmo.

Talvez me digam: "Tem certeza de que esta lenda é verdadeira?" Que importa o que seja a realidade situada

35 Matheus Ichimaru me chamou a atenção para a proximidade da noção de *cit * nesse último sentido com a ideia de *polis* como ela aparece em Aristóteles: uma autarquia econômica e social onde as necessidades do grupo são satisfeitas por ele mesmo, criando uma coesão orgânica entre as partes.

36 J. Lacan, *Seminário, livro 7: A  tica da psicanálise, 1959-1960*, p. 355.

37 Não   toa Lacan inicia essa sessão do seminário fazendo uma crítica a certa leitura do conceito de sublimação. Ele diz que se entendermos sublimação como o destino mais elevado da pulsão ao colocá-la em sinergia com as metas mais estimadas do grupo social do qual o sujeito faz parte e tomarmos esse como o horizonte da análise, advogaremos por uma psicanálise que produza uma dinâmica pulsional adaptada à ordem social vigente.

38 J. Lacan, *op. cit.*, p. 356. Grifos meus.

39 J. Lacan, *op. cit.*, p. 348.

40 V. Safatle, "Freud em Frankfurt: A função da psicanálise no pensamento de Theodor Adorno", in D. Kuperman (org.), *Por que Freud hoje?*, p. 63-90.

41 J. Lacan, *op. cit.*, p. 349.

fora de mim, se me ajudou a viver, a sentir que sou, e o que sou?⁴²

É atrás da janela fechada que “vive a vida, sonha a vida, sofre a vida”, o que coloca o poeta a fantasiar,

sendo o não sentido álibi para a contínua construção e reconstrução de sentido, que se faz e refaz, incompleto e insuficiente.

42 C. Baudelaire, *Pequenos poemas em prosa*, p. 183.

Referências bibliográficas

- Barros M. (2016). *Arranjos para assobio*. Rio de Janeiro: Alfaguara.
- Baudelaire C. (2011). *Pequenos poemas em prosa*. São Paulo: Hedra.
- Burke E. (1993). *Uma investigação filosófica acerca da origem das nossas ideias do sublime e do belo*. Campinas: Papyrus/ Editora da Unicamp.
- Buarque C. (1978). *Trocando em miúdos, Chico Buarque*. São Paulo: Universal Music.
- _____. (2006). *Futuros amantes, Carioca*. Rio de Janeiro: Biscoito Fino.
- Comte-Sponville A. (2003). *Dicionário filosófico*. São Paulo: Martins Fontes.
- Deleuze G.; Guattari F. (2010). *O que é filosofia?* São Paulo: Editora 34.
- Freud S. (2019). *Obras completas, vol. 4: A interpretação dos sonhos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. (1974). A história do movimento psicanalítico. *A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos, vol. XIV (1914-1916)*. 1. ed. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1976). O sentido dos sintomas. *Conferências introdutórias sobre psicanálise (parte III), vol. XVI (1916-1917)*. 1. ed. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1976). O estranho. *Uma neurose infantil e outros trabalhos, vol. XVII (1917-1919)*. 1. ed. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. Além do princípio de prazer. *Além do princípio de prazer, Psicologia de grupo e outros ensaios, vol. XVIII (1920-1922)*. 1. ed. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1976). O ego e o id. *O ego e o id, Uma neurose demoníaca do século XVII e outros trabalhos, vol. XIX (1923-1925)*. 1. ed. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1996) O mal-estar na civilização. *O futuro de uma ilusão, O mal-estar na civilização e outros trabalhos, vol. XXI (1927-1931)*. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1975). Construções em análise. *Moisés e o monoteísmo, esboço de psicanálise e outros trabalhos, vol. XXIII (1937-1939)*. 1. ed. Rio de Janeiro: Imago.
- Lacan J. (2008). *Seminário, livro 7: A ética da psicanálise, 1959-1960*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Nascimento M.; Buarque C. (1976). O que será (À flor da pele). In Nascimento M. *Geraes*. EMI.
- Neruda P. (1978). *Para nacer he nacido*. Barcelona: Seix Barral.
- Rancière J. (2009). *O inconsciente estético*. 1. ed. São Paulo: Editora 34.
- Safatle V. (2012). Razão e forma. São Paulo: Rádio Cultura, 6 abr. Disponível em: <http://culturafm.cmais.com.br/razao-e-forma-como-a-musica-pensa/05-im-razao-e-forma-06-04-2012>.
- Said E. (2009). *Estilo tardio*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Simanke R.; Caropreso F. (2008). Uma reconstrução da estratégia freudiana para a justificação do inconsciente. *Revista Ágora*, vol. XI, n. 1, jan./jun.

Stallybrass P. (2016). *O casaco de Marx: Roupa, memória, dor*. 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica.

Tchaikovsky P.I. (2009). Abertura 1812, Opus 49. In *Grandes compositores da música clássica, v. 2*. São Paulo: Abril Coleções.

Turner W. (1805). O naufrágio. Óleo sobre tela. Altura: 170,5 cm; Largura: 241,5 cm. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Joseph_Mallord_William_Turner_-_The_Shipwreck_-_Google_Art_Project.jpg

Zaltzman N. (1994). *A pulsão anarquista*. 1. ed. São Paulo: Escuta.

The inscribed and the opaque: aesthetic faces of the Freudian unconscious

Abstract The notion of unconscious in Freud derives from two formulations of the concept that were circulating in the aesthetics of the 19th century. The first is that of the unconscious as an encrypted text, incomprehensible at a first sight, but which can be revealed through interpretation. The second is that of the unconscious as a fundamental ungraspable entity that resists representation. This article seeks to refer the concept of the unconscious to these origins, analyzing how the tension between these two meanings of the term is preserved in psychoanalysis.

Keywords unconsciousness; Freud; aesthetics; representation.

Texto recebido: 05/2023

Aprovado: 02/2024

Traumamas cotidianos: refúgios e resistências

Revisitando o conceito de trauma para
pensar os sofrimentos cotidianos

Myriam Uchitel

Myriam Uchitel é psicanalista, membro do Depto. de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, coordenadora entre 2013 e 2021 do Grupo de Trabalho e Pesquisa *Faces do traumático* do Depto. de Psicanálise do mesmo Instituto. Autora dos livros *Além dos limites da interpretação* (1997, Casa do Psicólogo) e *Neurose traumática: uma revisão crítica do conceito de trauma* (2001, Casa do Psicólogo).

Resumo Este texto aborda o tema do trauma, as fontes de produção do traumático, tomando como referência central textos de Freud do pós-guerra. Pretende por sua vez precisar conceitos úteis para pensar o processamento do trauma, oferecendo algumas pistas para o trabalho com ele.

Palavras-chave trauma; cotidiano; fonte; processamento.

DOI: 10.70048/percurso.72.71-78

Contextos de produção do traumático

1914. Triste marco na história da humanidade cujo impacto na teoria psicanalítica culmina com reflexões sobre a guerra, com a revalorização do conceito de trauma, de neurose traumática, com a postulação da pulsão de morte, com reflexões sobre a agressividade e destrutividade humana, com o interesse em problematizar o impacto político, econômico e social sobre a produção da nossa subjetividade e sobre a necessidade ou não de discernir entre cultura e civilização.

Depois de uma obra centrada durante décadas no desvendar das raízes do sofrimento psíquico – seus dinamismos produtores e seus efeitos sintomáticos –, com espanto, decepção e perplexidade frente “à maldade da época” e ao desmoronamento dos mais indispensáveis valores civilizatórios, Freud se indaga sobre o porquê da guerra, do ódio, da crueldade, da destrutividade, enfim, sobre o que denomina o “mal-estar na civilização”. Mal-estar que redundava em efeitos traumáticos individuais e coletivos. O marco edípico, o Complexo de Édipo, o complexo familiar torna-se estreito perante a exigência de compreender o homem no seu contexto social.

Inúmeras passagens significativas na obra freudiana operam como paradigmas na abordagem de questões que remetem a múltiplas fontes de produção do traumático.

Em alguns textos, perguntas incisivas instigam possíveis e fecundas análises sobre a responsabilidade que pode ser atribuída à estrutura sócio-político-econômica de uma sociedade, ao tipo de distribuição de bens e riqueza e à natureza do humano na produção do traumático.



*os convívios traumáticos
cotidianos não são patrimônio
de uma época; cada tempo
e cultura carrega suas
próprias condições potenciais
de produção do traumático*

Em que medida uma sociedade onde uma parte de seus integrantes, como salienta Freud, depende da opressão de outra parte para a satisfação das suas necessidades, ou uma sociedade em que parte dela não conta sequer com condições mínimas de subsistência – uma sociedade em que a maior parte de seus membros preocupada com a sobrevivência biológica se encontra impossibilitada de todo desenvolvimento cultural e subjetivo – pode permitir uma vida comunitária salutar com suas funções de autoconservação e autopreservação garantidas?

Não é preciso dizer, escreve Freud num parágrafo contundente, que “uma cultura que deixa insatisfeito um número tão grande de seus membros e os impulsiona à revolta não pode permanecer por muito tempo e nem o merece”¹.

No entanto, não é exclusivamente nesta ordem social que Freud encontra justificativa para vínculos desumanos, cruéis e traumatizantes. Ele vai buscar no sadismo da pulsão e na coerção dos códigos, das normas, das penalidades e punições, embora necessárias para a vida em sociedade, também uma fonte importante de produção do traumático e do mal-estar reinante. Conclui assim – no aparente indissolúvel paradoxo entre a necessidade do controle exigido para viver em grupo e a rebeldia contra a insatisfação – a necessidade de obediência, os limites e a renúncia às pulsões que essas regras impõem.

Apesar das inúmeras conquistas no devir

humano no plano da cultura e da ciência, a grande decepção, acusa Freud, se localiza nas restritas conquistas no plano do desenvolvimento humano. Ele não está convicto da capacidade de renúncia dos homens à satisfação das pulsões, à obediência necessária à lei, à possibilidade de conciliação. Surpreende-se e se intimida frente ao estampido das pulsões agressivas, à falta de diques, à falta do controle pulsional quando se trata de violência, e da relutância em ceder ao bem comum.

Vários textos de Freud do pós-guerra impressionam pela atualidade de seus conteúdos reforçando hipóteses desesperançosas sobre o devir humano, mas desafiando, por sua vez, a um trabalho conjunto de sociedade.

Em que medida o colocado acima – as condições políticas e socioeconômicas de existência, a pulsão destrutiva e o sadismo da pulsão, “a crueldade do outro humano”², a indiferença frente ao sofrimento alheio, as relações desumanas perversas que convertem o outro em objeto da submissão, da vergonha, da autoculpabilização, a pulsão de vingança e a pulsão de domínio – são fatores que podem contribuir para a compreensão da produção dos traumas cotidianos e seus desdobramentos?

Os convívios traumáticos cotidianos não são patrimônio de uma época; cada tempo e cultura carrega suas próprias condições potenciais de produção do traumático.

Num primeiro momento, Freud focaliza na sexualidade o estopim do traumático. Vinte anos mais tarde, os impactos e sequelas da guerra reanimam o conceito do trauma real e, com ele, o de neurose traumática, associado às neuroses de guerra. Esse tema motiva em 1918 o V Congresso Psicanalítico em Budapeste, que conta de forma curiosa e promissora com a presença de autoridades oficiais das potências centro-europeias e que culmina, também de forma chamativa e promissora, com o projeto de instalação de “consultórios psicanalíticos”, que só não se concretiza como projeto dessas nações pelo término da guerra.

Mas será que os conflitos geradores de trauma terminam? Será que o combate, a briga,



o confronto pela imposição de interesses materiais, ideológicos, étnicos ou religiosos cessaram em algum momento definitiva ou parcialmente?

Por que então não se insiste na multiplicação de Policlínicas psicanalíticas como política de saúde pública?

Será que os efeitos do que estamos chamando de traumas cotidianos para os quais estamos hoje convocados a pensar se diferenciam substantivamente dos estragos produzidos pelos traumas de guerra? Sabemos que outras guerras talvez mais sutis, menos estrondosas, mas igualmente devastadoras do psiquismo humano estão presentes dentro ou fora das portas que diariamente atravessamos.

A naturalização das paisagens humanas visíveis embaixo de pontes, nos morros, nos viadutos ou praças nos defende dessas imagens, mas nos condena a uma “recusa”, uma defesa que camufla a realidade e pouco ou nada defende.

Se nas neuroses de transferência os determinantes concentram-se nos aspectos disposicionais, nas vicissitudes da história da sexualidade infantil, no conflito, na produção fantasmática, na insatisfação da libido, nas frustrações amorosas e no sintoma como expressão simbólica de um conflito, nas neuroses traumáticas – embora também participem estes fatores – a ênfase recai na violência externa, no impacto associado a graves choques, ao fator surpresa, ao susto excessivo, ao sobressalto e à ameaça ou perigo de

*nas neuroses traumáticas,
a ênfase recai na violência
externa, no impacto associado
a graves choques, ao fator
surpresa, ao susto excessivo,
ao sobressalto e à ameaça
ou perigo de morte*

morte. Fatores que encontram visibilidade nos milhões de desempregados; no número de suicídios cada vez mais alarmante; nas rupturas periódicas de mecanismos de pertencimento; nas produções ficcionais inquietantes sobre o fim do mundo – duzentos e onze filmes realizados entre 2001 e 2018, contra cento e cinquenta e quatro produzidos em todo o século passado³ –; nas medidas pouco ou nada contemplativas dos governos que lesam de maneira inclemente e desumana a população; nas vivências radicais de desamparo, produto de eventos extremos da natureza e da violência da sociedade humana; na eclosão alarmante de facções do crime organizado, de violência das torcidas, de brigas, roubos, sequestros, estupros, assassinatos, intolerância, discriminação, *bullying*; nas respostas brutais à presença migratória, à presença do “estrangeiro”; nos excessos impostos pela tecnologia; no esgotamento provocado pela “sociedade do desempenho” e da “produção”, como apontam as reflexões do coreano Byung-Chul Han⁴. Esgotamento que obedece às pressões da necessidade de sucesso, conquista, destaque, êxito, que espalham autotraumatismos pela violenta “exigência de si”, provocando, como o autor afirma, verdadeiros “infartos psíquicos”.

Embora o modelo das séries complementares permaneça vigente, seja se tratando das neuroses de transferência ou das neuroses traumáticas⁵, cabe-nos perguntar sobre a relação

- 1 S. Freud, “El porvenir de una ilusión”, *Obras completas de Sigmund Freud*, p. 2966. Tradução nossa.
- 2 Ana Berezin traz à tona em vários de seus artigos algumas hipóteses sobre a crueldade, entendendo-a como “um traço exclusivo da espécie humana. Trata de uma violência organizada para fazer padecer o outro sem se comover e com complacência” (“Acerca de la Crueldad y la Hospitalidad”, in D. Waisbrot et al. (comp.), *Clínica psicanalítica ante las catástrofes sociales: la experiencia argentina*, p. 134).
- 3 “Produção cinematográfica sobre apocalipse explode no século 21”, *Folha de S.Paulo*, 6 jul. 2018.
- 4 B.-C. Han, *Sociedade do cansaço*.
- 5 J. Laplanche; J.-B. Pontalis (*Diccionario de Psicoanálisis*), tomando Freud como referência, definem a neurose traumática como “um tipo de neurose na qual os sintomas aparecem consecutivamente a um choque emotivo, geralmente ligado a uma situação em que o sujeito sentiu ameaçada sua vida. Manifesta-se no momento do choque como uma crise de ansiedade paroxística que pode provocar estados de agitação, estupor ou confusão mental.



*entendemos também,
e fundamentalmente,
o trauma a partir
da desproporção gerada
entre certa vivência e
os efeitos desagregadores e
dessubjetivantes que causa*

que existe entre ambas as neuroses, sobre qual a pertinência de manter o conceito de neurose traumática, ou se cabe desprender o traumático da neurose. Não porque careça a neurose do componente traumático, mas porque entendemos que o traumático subjaz não só à neurose, mas também à psicose, à perversão e às desorganizações, que além de provocarem crises mostram drásticas alterações nas funções do eu, sem por isso configurar claramente uma já reconhecida dinâmica psíquica.

Se mantemos o conceito de neurose traumática, sugiro explorar a necessidade de incluir também o de psicose traumática, o de perversão traumática e para um outro tipo de manifestação, quem sabe, o conceito de desorganização traumática ou sofrimento traumático.

Algumas explicitações

1. Pensamos oportuno diferenciar: a *condição potencial traumática* que um acontecimento carrega, de um *estado traumático* (em sua condição transitória), da *instalação do trauma*;

2. Acreditamos também relevante distinguir: a *vivência traumática*, da *experiência traumática*. Diferença que atravessa tempo, consciência e memória. Wikinski, em seu livro *O trabalho da testemunha. Testemunho e experiência traumática*, trabalha com esses termos. Enquanto define a

vivência (*Erlebnis*) como uma experiência em bruto, vivida instantaneamente, não atravessada pela consciência, e que por isso permanece como inscrição durável, quase indelével, não no sentido da lembrança e sua narração, mas no sentido de uma marca indecifrável dentro de si; a experiência (*Erfahrung*), diferentemente, trata de um acontecimento do qual a consciência participa e pode ser narrada⁶.

3. Entendemos que é a partir do impacto sobre o psiquismo que podemos falar retrospectivamente de uma experiência traumática e ao mesmo tempo, a partir dos efeitos, de um psiquismo traumatizado. O trauma não remete nem exclusivamente à realidade externa (embora ela possa parecer evidente em sua potencialidade traumática) nem a uma realidade interna fantasmática. Ambos os fatores precisam ser contemplados. Ignorar a realidade externa a favor da realidade psíquica seria desconsiderar seu risco desorganizador e isentá-la do peso da responsabilidade. Porque, como diz Pelento, “há realidades que são destituídas da subjetividade e não reveladoras de uma falha prévia”⁷.

4. Entendemos por trauma, a partir de uma perspectiva econômica, o efeito sobre o psiquismo gerado pela desproporção entre o excesso de excitação e a capacidade do sujeito para processá-lo; entendemos também, e fundamentalmente, o trauma a partir da desproporção gerada entre certa vivência e os efeitos desagregadores e dessubjetivantes que causa. Nesse sentido nos valemos da precisa caracterização que Silvia Bleichmar faz para entender o fenômeno traumático:

O impacto traumático coloca em risco em maior ou menor grau dois grandes aspectos da organização do ego⁸ e de sua função: a *autopreservação* e a *autoconservação*. Entendendo o ego como uma organização defensiva, o traumático é aquilo que coloca em risco tanto a forma com a qual o ego se representa a conservação da vida – não necessariamente a conservação da vida em termos determinados pela biologia, mas na forma mediante a qual o ego se representa a conservação da vida e seus

riscos – como desde o ponto de vista da autopreservação das formas em que o sujeito se sente em risco a respeito dos enunciados identificatórios que o constituem.⁹

Em situações relativamente estáveis, diz a autora, as contradições entre essas funções não são evidentes, e ambas se desenvolvem sem tropeços; mas, quando se produzem fortes instabilidades – política, econômica, perdas, cenários de ameaça, de medo, de ruptura, situações que nos submergem na incerteza, na desesperança, na queda intempestiva de valores morais ou éticos arduamente conquistados –, essas funções se desestabilizam. Em nome da autoconservação, por exemplo, podem ser abalados princípios, fundamentos de identidades construídos ao longo da história do sujeito e das relações sociais; ou, inversamente, no propósito de que os princípios se mantenham, colocam-se em questão mecanismos que até então eram garantia necessária para a manutenção da vida. Sob tortura, por exemplo, o sujeito pode se sentir impelido a romper com valores que sustentavam a própria existência.

- 6 Wikinski aborda o conceito de narração “não como um mero acesso à palavra. A qualquer palavra”. Há uma diferença radical, diz ela, entre o relato do acontecido e a narração do traumático. A narração dependerá do aparelho psíquico que recepcione, da qualidade do fato, do interlocutor real ou imaginário e das circunstâncias em que ele aconteça. Influenciando-se mutuamente a possibilidade de narrar e simbolizar (*O trabalho da testemunha. Testemunho e experiência traumática*, p. 69).
- 7 M.L. Pelento, Efectos de la catástrofe social: intervenciones en la Clínica, in D. Waisbrot et al. (comp.), *Clínica psicanalítica antes las catástrofes sociales: la experiencia argentina*, p. 196. Tradução nossa.
- 8 Optamos por traduzir o termo *yo* do espanhol por *ego*. Observamos que nessa língua não há diferença entre *ego* e *eu*; se usa indistintamente o termo *yo*. Determinamos essa escolha – *ego* em vez de *eu* – porque o *yo* está sendo referido especialmente a funções, como a da defesa e percepção.
- 9 S. Bleichmar, “Conceptuación de catástrofe social. Limites y encrucijadas”, in *Clínica psicanalítica ante las catástrofes sociales*, p. 40. Tradução nossa.
- 10 Trauma cumulativo é um conceito de Masud Khan, que descarta como responsável pelo traumatismo um único acontecimento traumático. Ele é fruto de falhas acumulativas na contenção do excesso pulsional, produzindo “fendas repetidas...[que] se acumulam de forma silenciosa e invisível” (*Psicanálise: teoria técnica e casos clínicos*, p. 63).
- 11 I. Lewkowicz, “Conclusiones, ideas, problemas”, in D. Waisbrot et al. *Clínica psicoanalítica ante las catástrofes sociales: la experiencia argentina*.

»»

*encontramos este caráter de trauma
cumulativo e crônico em certas
condições de existência materiais
e humanas que habitam a nossa
cotidianidade: na experiência
da fome, na falta de abrigo, de amparo,
de acolhimento, nas humilhações,
nos desrespeitos, nas deslealdades,
nos orgulhos vencidos*

5. Parece-me importante diferenciar situações traumáticas agudas, situações que se apresentam de maneira imprevisível, supressiva, gestadas como as neuroses traumáticas, de outras situações presentes também em nossos traumas cotidianos, que mesmo sem as características de produção similar às das neuroses traumáticas acabam gerando a médio ou longo prazo efeitos análogos sobre o psiquismo. Encontramos este caráter de trauma cumulativo¹⁰ e crônico em certas condições de existência materiais e humanas que habitam a nossa cotidianidade: na experiência da fome, na falta de abrigo, de amparo, de acolhimento, nas humilhações, nos desrespeitos, nas deslealdades, nos orgulhos vencidos, no efeito deletério e corrosivo da ameaça permanente do que não ocorreu, mas pode ocorrer.

Processamento do traumático

Sem ignorar o potencial traumático de uma situação e o estado traumático que provoca, pensamos que é a possibilidade de seu processamento e a qualidade de sua inscrição que perpetuarão ou não o trauma e seus efeitos, ou permitirão transformá-lo no que podemos chamar de acontecimento, na acepção que Lewkowicz¹¹ escreve, como campo em que se alteram as marcas simbólicas e aparece algo radicalmente novo.

O filme *Uma noite de 12 anos*¹², inspirado no livro *Memorias del Calabozo* de Mauricio



acreditamos que o que estamos chamando aqui de “desorganizações traumáticas” se revelam mais frequentemente nos excessos agressivos do que libidinais; em registros mais narcísicos do que edípicos; na angústia real despertada mais por um perigo externo

Rosencof e Eleuterio Fernandez Huidobro, explora a dramática vivência na prisão de três militantes revolucionários que passam sete de seus doze anos presos numa solitária, tentando “sobreviver ao inferno”. Quem poderia retrucar o estado traumático daqueles acontecimentos, que sob a ditadura militar viveram esses presos políticos subjugados pelas torturas impiedosas, pelas degradantes humilhações, pelas privações do básico à sobrevivência, com o propósito explícito de que essas condições pudessem conduzi-los à loucura ou a morte? Mas contra qualquer previsão eles resistiram. A resistência transformou-se em lema e motivo de vida. Tratava-se de resistir à falta do espaço, à falta do tempo, à falta da luz, do repouso, da esperança e, por vezes, do desejo. Resistir também à solidão, à incomunicação, à falta de comida e à ameaça insistente da morte. Resistir à falta de palavras, ao excesso delas e ao ensurdecido silêncio.

Como foi possível sobreviver, perguntamos-nos, como foi possível desafiar o trauma, a própria morte e reverter essa condição não ao ponto anterior à prisão, mas muitos passos à frente? O filme finaliza apontando a retomada deles para um futuro que a prisão interrompeu, mas não frustrou.

O trauma, e esta é uma aposta, também pode ser capaz de promover “recomposições simbólicas”, mudanças e tomadas de atitude capazes de converter, como Lewkowicz¹³ fala, “devasta-

ção em acontecimento”. Acontecimento que, ao mesmo tempo que provoca ruptura na trama das representações, recompõe, organiza e cria novas formas, devolvendo uma continuidade e uma conclusão na realidade interrompida e inconclusa.

O trabalho com o trauma contempla um trabalho de luto, um trabalho de transcrição que transforme o indizível e irrepresentável em figurável¹⁴, representável e narrável. Que transponha as marcas em traços mnêmicos, e a vivência em experiência. Trata-se de compor o relato do acontecido e de construir um sentido para cada dor. Trata-se também de retirar o trauma da imensa solidão em que é vivido, dirigindo-o a um outro que, como testemunho, saiba que, paradoxalmente, como escrevem Jô Gondar e Diego Firsich Antonello¹⁵, embora a narração seja importante, “[...] o que aconteceu não faz parte do narrável”.

Até que ponto, perguntamos-nos, categorias de análise que funcionaram durante décadas para explicar e intervir em realidades psíquicas subjetivas e intersubjetivas continuam vigentes no meio de tantas mudanças?

Acreditamos que o que estamos chamando aqui de “desorganizações traumáticas” se revelam mais frequentemente nos excessos agressivos do que libidinais; em registros mais narcísicos do que edípicos; na angústia real despertada mais por um perigo externo, do que por uma angústia exclusivamente pulsional; nas relações analíticas estabelecidas por identificações projetivas, atuações e *enactement*¹⁶, e não só pelo que chamamos estritamente de relação transferencial. Também reconhecemos sua expressão na dificuldade que o sujeito tem de representar, ora pelo desbordamento quantitativo, ora pela dificuldade de processar, ou pelo tratamento defensivo que o sujeito implementa quer seja pela *incorporação* – mecanismo que trata de absorver o trauma ignorando a perda –, ou pela *recusa*, como “desautorização do processo perceptivo”, mecanismo que atenta contra o processo de simbolização, destituindo ou descaracterizando o acontecimento traumático.

Considerações finais

Embora o sujeito sofra a solidão do trauma, podemos dizer que ele se gesta e se processa na intersubjetividade. Não há saída individual para o trauma. Freud escreve algo fundamental sobre isso no texto *O mal-estar na civilização*¹⁷, quando diz que o destino do indivíduo não é alheio à comunidade na qual se insere, ou quando em *Clínica psicanalítica das catástrofes sociais*¹⁸ podemos ler que “não há saúde coletiva sem saúde individual”, assim como entendemos que não há saúde individual sem saúde coletiva.

Se o trabalho com o trauma nos confronta com a dificuldade de lidar com o irrepresentável, com o indizível, com o difícil de ser narrado, com o que está mais longe da representação e mais próximo da apresentação, parece-nos interessante pensar na contribuição de outras ferramentas,

precisamos resistir ao trauma,
naquilo que o trauma nos paralisa,
padroniza e repete, naquilo que nos
limita para o trabalho coletivo,
para o trabalho de integração,
dentro e fora da psicanálise

como por exemplo os recursos do psicodrama ou de outras técnicas como a fotolinguagem que, a nosso ver, podem compor com a psicanálise e propiciar, como mediadoras, um trabalho de figurabilidade e simbolização.

Precisamos *resistir* ao trauma, naquilo que o trauma nos paralisa, padroniza e repete, naquilo que nos limita para o trabalho coletivo, para o trabalho de integração, dentro e fora da psicanálise.

Estamos, como muitos dizem, em plena vigência distópica, antíteses de uma utopia que alimentou durante décadas o ideal de uma sociedade mais justa inspirada na ilusão de um “homem novo”, solidário, capaz de antepor ao interesse individual o interesse coletivo. Urge recriar utopias e modificar crenças. Penso que não se trata, como diz o provérbio, de “se queres paz, prepara-te para a guerra”; eu diria: se não queres guerra, prepara-te para a paz. Nesse sentido, a psicanálise pode ser um poderoso instrumento.

12 Dirigido por Álvaro Brechner (Argentina-Espanha-Uruguai, 2018).

13 I. Lewkowicz, *op. cit.*

14 A figurabilidade – conceito trabalhado especialmente por César e Sara Botella em livros como: *Irrepresentável: mais além da representação* e *A figurabilidade psíquica* – remete a um trabalho que pretende através de uma regressão formal, ao estilo do que acontece no sonho, aceder ao que ainda no paciente permanece irrepresentável, como “memória sem lembrança”. Para os Botella a emergência dessas imagens permitirá um acesso a vivências infantis, uma espécie de alucinação, ligada a canais perceptivos.

No trabalho “Simbolizações de transição: uma clínica aberta ao real”, Silvia Bleichmar coloca em questão a prática da interpretação simbólica em situações traumáticas por entender que quebra o nexo com o vivenciado. Na intenção de construir um tecido simbólico, ela fala de dois recursos: as *simbolizações de transição* (que entendo próximas ao trabalho de figurabilidade) e as *autotransplantes psíquicos* – implantação de contextos (processo que entendo similar ao de construção). (*El desmantelamiento de la subjetividad: Estallidos del yo*).

15 J. Gondar; D.F. Antonello, “O analista como testemunha”. *Psicologia USP*, vol. 27, n. 11, p. 16-23.

16 O termo *enactement* remete a uma demanda de resposta. É um tipo de encenação, que “exige do analista ocupar um papel que em geral não reproduz um papel já vivido pelo sujeito com alguém na história passada, mas um papel que permita uma experiência de relação não vivida antes” (M. Uchitel, “Novos tempos, novos sintomas, novo lugar para a transferência?”, in L.B. Fuks; F.C. Ferraz (orgs.), *Desafios para a psicanálise contemporânea*, p. 123). Trata-se de constituir uma possibilidade de comunicação onde não havia. Corresponde a uma pulsionalidade primitiva fora do controle do recalçamento.

17 S. Freud, “El malestar en la cultura”, in *Obras completas de Sigmund Freud*.

18 D. Waisbrot; M. Wikinski; C. Rolfo; D. Slucki; S. Toporosi. *Clínica psicoanalítica ante las catástrofes sociales: La experiencia argentina*.



Referências bibliográficas

- Berezin A. (2003). Acerca de la crueldad y la hospitalidad. In Waisbrot D. et al. (comp.), *Clínica psicoanalítica ante las catástrofes sociales: la experiencia argentina*. Buenos Aires: Paidós. p. 131-142.
- Bleichmar S. (2003). Conceptuación de catástrofe social. Límites y encrucijadas. In Waisbrot D. et al. (comp.), *Clínica Psicoanalítica ante las catástrofes sociales: la experiencia argentina*. Buenos Aires: Paidós. p. 35-51.
- _____. (2009). Simbolizaciones de transición: Una clínica abierta a lo real. In *El Desmantelamiento da subjetividad. Estallidos del Yo*. Buenos Aires: Topia. p. 63-83.
- Botella C.; Botella S. (2002). *Irrepresentável: Mais além da representação*. Porto Alegre: Criação Humana.
- _____. (2003) *La figurabilidad psíquica*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Freud S. (1927/1973). El porvenir de una Ilusión. *Obras completas de Sigmund Freud*. Madrid: Biblioteca Nueva.
- _____. (1929-30/1973). El malestar en la cultura. *Obras completas de Sigmund Freud*. Madrid: Biblioteca Nueva.
- Gondar J.; Antonello, D.F. (2016). O analista como testemunha. *Psicologia USP*, vol. 27, n. 11, p. 16-23. São Paulo, DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-6564D20150010>.
- Chul Han B. (2015). *Sociedade do cansaço*. Petrópolis: Vozes.
- Khan M. (1984). *Psicanálise: Teoria, técnica e casos clínicos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Laplanche J.; Pontalis J.-B. (1977). *Diccionario de psicoanálisis*. Barcelona: Labor.
- Lewkowicz I. (2003). Conclusiones, ideas, problemas. In Waisbrot D. et al. (comp.), *Clínica psicoanalítica ante las catástrofes sociales: la experiencia argentina*. Buenos Aires: Paidós. p. 219 -244.
- Pelento M.L. (2003). Efectos de la catástrofe social. Intervenciones en la Clínica. In Waisbrot D. et al. (comp.), *Clínica psicoanalítica ante las catástrofes sociales: La experiencia argentina*. Buenos Aires: Paidós. p.188-197.
- Uchitel M. (2003). Novos tempos, novos sintomas, novo lugar para a transferência? In Fuks, L.B.; Ferraz F.C. (orgs.). *Desafios para a psicanálise contemporânea*. São Paulo: Escuta.
- Waisbrot D.; Wikinski M.; Rolfo C.; Slucki D.; Toporosi S. (comp.) (2003). *Clínica psicoanalítica ante las catástrofes sociales: la experiencia argentina*. Buenos Aires: Paidós.
- Wikinski M. (2019). *O trabalho da testemunha. Testemunho e experiência traumática*. São Paulo: Annablume.

Traumas of everyday: refuges and resistance – revisiting the concept of trauma to think about everyday suffering

Abstract This writing expresses the concern with trauma, with the intensity of psychic suffering, with the sources of production of the traumatic, taking as a central reference Freud's post-war texts. It intends to specify useful concepts for thinking about the processing of trauma, offering some clues for working with it.

Keywords trauma; daily life; source; processing.

Texto recebido: 12/ 2023

Aprovado: 03/2024

Entre golpes

O alfabeto enfurecido no *Boletim online* 2016-2023

Adriana Elisabeth Dias
Carmen Alvarez da Costa Carvalho
Daniela Athuil
Fernanda Araújo de Almeida
Nanci de Oliveira Lima
Sílvia Nogueira de Carvalho

Originalmente apresentado em comunicação oral no evento Entretantos III, Cá Entre Nós: os Brasis, nosso lugar de fala: psicanálise no Brasil e sociedade brasileira, políticas de democratização, políticas de desejo, Instituto Sedes Sapientiae, 29 set. 2023.

Adriana Elisabeth Dias é membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, integrante da equipe editorial do *Boletim online*.

Carmen Alvarez da Costa Carvalho é ex-aluna do Curso de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, integrante da equipe editorial do *Boletim online*.

Daniela Athuil é membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, integrante da equipe editorial do *Boletim online*.

Fernanda Araújo de Almeida é aspirante a membro do Departamento de Psicanálise, integrante da equipe editorial do *Boletim online*.

Nanci de Oliveira Lima é membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, integrante da equipe editorial do *Boletim online*.

Sílvia Nogueira de Carvalho é membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, integrante da equipe editorial do *Boletim online*.

Resumo Baseado numa comunicação preliminar, o artigo visa a retratar a insurgência ética, estética e política no *Boletim online* – jornal digital que desde 2007 guarda a história do Departamento de Psicanálise –, entre os anos de 2016 e 2023. Coloca em circulação efeitos cotidianos da transmissão da experiência psicanalítica e da vida institucional, num processo vivo que entretece corpos.

Palavras-chave jornal digital de psicanálise; ética, estética e política em psicanálise; ligação afirmativa entre psicanalistas; antidepressivos relacionais; a letra guardiã da raiva.

DOI: 10.70048/percurso.72.79-88

¹ Para saber mais, consultar a apresentação do Curso de Psicanálise atualizada para a quarta edição do *Guia do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae* 2023, p. 29-36. Versão digital disponível em: https://www.sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/imagens_comunicacao/231211_GDP2023_digital.pdf

Trilhar, a partir de um curso, um percurso: seria esse um modo de dizer de certo nascimento da escrita no Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

Fundado como instituto em 1977, em torno de sua Clínica Psicológica, o Sedes abrigou o primeiro curso de formação e transmissão da psicanálise alternativo à sociedade instituída pela IPA (*International Psychoanalytical Association*): o Curso de Psicanálise, inicialmente designado Curso de Psicoterapia de orientação psicanalítica¹. A esse respeito, no verbete “Brasil” do *Dicionário de Psicanálise*², encontramos:

Enquanto a psicanálise se desenvolvia, outra instituição começou a desempenhar um papel importante em São Paulo: o Instituto Sedes Sapientiae. Criado em 1933 por membros da Igreja católica, promoveu, para os psicólogos não médicos, uma formação teórica e clínica. A partir de 1970, tornou-se um centro de difusão das práticas psicoterapêuticas e em 1976, por iniciativa de Regina Schnaiderman (1923-1985), Isaias Melsohn e Roberto Azevedo, integrou às suas atividades um Instituto de Formação Psicanalítica, no qual se reuniram dissidentes da SBPSP e independentes, hostis tanto à rigidez dos critérios da IPA quanto a seu conservadorismo político.³

Era 1988 quando os colegas performaram *Percursos*, a revista que também correspondeu ao projeto de derivar, do Curso de Psicanálise, nosso Departamento⁴. Pois o reconhecimento de um departamento pelo Instituto Sedes considera não apenas a existência de um curso de formação e a presença participativa de associados além de seus professores, mas ainda a sustentação de um periódico estável – como foi nossa pioneira revista.

A presente comunicação aborda a determinada criação de uma segunda publicação estável no Departamento de Psicanálise – o jornal digital *Boletim online* – e considera a história que o antecede para tomar como mote um argumento apresentado por Renato Mezan no artigo “Tempo de muda”⁵; o que faz uma vivência rotineira estar apta a pôr em marcha um processo de criação é uma certa intensidade afetiva.

O decisivo parece residir no abalo infligido às certezas costumeiras, ao deslizar sem obstáculos da existência, à tranquilidade de estar no mundo e de nele conviver com outros seres humanos. Neste sentido, *uma* experiência é algo que se recorta contra o pano de fundo, mais ou menos neutro, *da* experiência do dia a dia; introduz um *a mais* de excitação que a psique tratará de *ligar*, isto é, de vincular às representações, utilizando-a como combustível para um trabalho mental.⁶

Este trabalho mental pode estar na origem de uma obra de arte, de um sonho, de um devaneio, de um sintoma... e, quanto aos nossos propósitos, de um escrito.

Trilhar, a partir da vida cotidiana em uma associação de psicanalistas envolvidos em atividades de formação, de interlocução, de produção de pesquisas e de publicações, ou seja, a partir de seus encontros e desencontros, formas estéticas compartilhadas, que colocam em jogo subjetividades e sociabilidades de leitores, escritores e editores. Mais além de comunicação ou de enredamento social, *partilha* – de singulares experiências psicanalíticas na leitura crítica do mundo hoje. Tais foram desejo e interesse assumidos, desde 2007, na contínua recriação do *Boletim online*. Aqui nos ocupamos de testemunhar alguns de seus efeitos em nosso pensamento.

Que jornal é esse?

Como acontece a toda existência, o *Boletim online* tem sua pré-história. De um lado, como vimos, a revista *Percurso* e o livro *História do Departamento de Psicanálise*⁷, nascido no ano anterior ao



*mais além de comunicação
ou de enredamento social, partilha –
de singulares experiências psicanalíticas
na leitura crítica do mundo hoje.
Tais foram desejo e interesse assumidos,
desde 2007, na contínua recriação
do Boletim online*

da criação do *Boletim online*; de outro, o *Jornal* e o *Boletim* impressos – veículos que marcaram a comunicação no Departamento. Num levantamento histórico, encontramos no último *Boletim* impresso uma bela metáfora:

... se folhearmos os diferentes números do *Boletim*, podemos reconstruir a história deste Departamento... um retrato silencioso e contínuo [...]. É assim com os retratos; não precisamos folheá-los sempre. Sabemos onde estão e sabemos que sempre nos devolverão um pedaço de nossa história, quando quisermos reencontrá-la.⁸

2 E. Roudinesco; M. Plon, *Dicionário de psicanálise*.

3 E. Roudinesco; M. Plon, *op. cit.*, p. 88.

4 O documento de fundação do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae data de 7 de dezembro de 1985 e pode ser encontrado no *Guia do Departamento 2023*, p. 11-13.

5 O bonito título deste artigo alude a uma das cartas de Van Gogh a seu irmão Theo. O trecho selecionado por Mezan para a epígrafe diz: “O que é a muda para os pássaros, a época em que trocam de plumagem, é a adversidade ou a infelicidade, os tempos difíceis, para nós, seres humanos. Uma pessoa pode ficar neste tempo de muda; também pode sair dele como que renovada” (R. Mezan, “Tempo de muda”, *Percurso*, vol. 8, n. 15, p. 65).

6 R. Mezan, *op. cit.*, p. 65-66.

7 Organizado por historiadores, o livro foi preparado entre os anos de 2004 e 2006 e publicado por ocasião dos 21 anos da fundação do Departamento, revelando a trajetória das ideias que fundamentaram nossa constituição como lugar de formação de analistas e produção de psicanálise. M.M. Cytrynowicz; R. Cytrynowicz, *História do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae*. Disponível em https://sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/arquivos_comunicacao/Sedes_Miolo_Final_dupla.pdf

8 Carta de Maria Laurinda Ribeiro de Souza publicada no *Boletim* impresso, ano VII, n. 30, março/abril de 2000. Disponível em https://www.sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/arquivos_comunicacao/BO_Interno_e_Jornal/Boletim_30_-_março_e_abril_de_2000.pdf



em 2007, Mario Fuks assumiu a articulação da área de Publicações no Conselho de Direção. Ciente da importância da circulação da palavra, trouxe como meta a reestruturação dos canais de comunicação interna

Ela nos anima a compor o retrato do *Boletim online* desde jovem. Abordaremos brevemente alguns elementos desses que nos precederam: corpos distintos que compartilham elementos comuns, como o desejo de dar a ver as produções do Departamento e de pôr a circular a palavra. Cada um deles viveu seu próprio tempo e se relacionou com um Departamento diverso, com demandas e anseios de cada época.

“Ano 1, número 0”⁹. Assim se iniciava o primeiro editorial do nosso primeiro veículo de comunicação. Novembro de 1985, o *Jornal* e o Departamento nasciam simultaneamente. Seu último número saiu em outubro de 1986. Suas

9 Disponível em https://www.sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/arquivos_comunicacao/BO Interno e Jornal/Jornal 00 - 1985.pdf

10 Departamento de Psicanálise, setor de Publicações. *Boletim*. Ano 1, número 1, junho/julho de 1990. Disponível em https://www.sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/arquivos_comunicacao/BO Interno e Jornal/Boletim 01 - junho e julho de 1990.pdf

11 Muitos membros compuseram seu conselho editorial, em diferentes épocas. Alguns nomes se mantiveram, outros tiveram contribuições esporádicas ou em breves temporadas, além de uma grande diversidade de colaboradores em suas seções. Entre eles: Anna Correia, Carlos Antonio F. Videira, Elisabeth Antonelli Gaiarsa, Eva Wongtschowski, Henriette Bucarechi, Maria Auxiliadora de A.C. Arantes, Maria de Lourdes C. Costa, Sônia M. Rios Neves, Vera R. de Mello Ferreira.

12 Departamento de Psicanálise. *Boletim online 01*, junho 2007. Disponível em https://www.sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/index.php?apg=b_ppag&p

13 Ao longo do tempo, se somaram: Cristina Barczinski, Manuela Moreno, Rubia Delorenzo, Elaine Armênio, Maria Carolina Accioly, Tide Setubal, Nayra Ganhito e Camila Flaborea. Atualmente, Daniella Athuil, Carmen Alvarez da Costa Carvalho, Fernanda Araújo de Almeida, Adriana Elisabeth Dias, Nanci de Oliveira Lima e Sílvia Nogueira de Carvalho, além das colaboradoras Déborah de Paula Souza, Rubia Delorenzo e Tide Setubal.

14 Conselho de Direção do Departamento de Psicanálise gestão 2006-2008. *Contribuições para a Assembleia*, 14 de junho de 2008. Disponível

poucas edições cumpriram uma função importante naqueles primórdios.

Após quatro anos, surgiu o *Boletim*. Muito antes da internet, seu formato era impresso, distribuído entre membros e colaboradores a fim de ser “um possível instrumento de comunicação e informação, fundamentais para a vida, fortalecimento e expansão desse mesmo Departamento”¹⁰. Manteve sua estrutura – com pequenas variações – ao longo dos dez anos de sua existência¹¹.

Revisitando essas histórias, notamos que, em nossas alteridades, algo em comum nos aproxima: uma permanente reflexão, um contínuo questionamento sobre qual psicanálise queremos e praticamos, sobre como se dá nossa inserção no Departamento, no Sedes e no mundo, buscando responder a ele por meio da ética do desejo. Características definidoras da identidade do Departamento estão presentes no desejo de criação do *Boletim online*.

Em 2007, Mario Fuks assumiu a articulação da área de Publicações no Conselho de Direção. Tendo participado do Departamento desde sua fundação e, como ninguém, ciente da importância da circulação da palavra, trouxe como meta a reestruturação dos canais de comunicação interna. Mario trabalhou para a implantação do informativo CDI – Conselho de Direção Informa –, a revisão do conteúdo de nosso primeiro site, a elaboração de um *Guia do Departamento* e a criação e publicação deste jornal online.

Após um intervalo de sete anos desde a última edição do *Boletim* impresso, em junho daquele ano foi lançado o *Boletim online*¹² pela equipe editorial composta por Lia Pitliuk, Mario Fuks, Natalia Gola e Sílvia Nogueira de Carvalho¹³. Desde seu início, pretendia oferecer “uma comunicação mais profunda e detalhada que, longe de ser apenas informativa, tem seu papel político de promover e aprofundar nossa unidade, dando a cada um a condição de uma percepção do conjunto do Departamento e de possibilidade de participação democrática”¹⁴, como descrito no documento produzido por aquele Conselho de Direção ao fim de sua gestão. Um jornal que não pretendia ser o Departamento mas *do* Departamento.

Com flutuações no decorrer dos dezesseis anos de edições do jornal, o *Boletim online* mantém suas seções: Escritos; Mal-estar na cidade; Crônicas; Notícias do Departamento, dos Cursos, do Sedes e do campo psicanalítico; O mundo hoje; Política da psicanálise; Educação; Cinema; Teatro; Dança; Literatura; Leitura, Serviços, In memoriam... Na edição 12, abril de 2010, foi introduzida a seção Psicanálise e política¹⁵, marcando uma característica importante da transmissão da psicanálise que compartilhamos; na edição 59, julho de 2021, deu-se a abertura da seção Decolonial¹⁶.

O *Boletim online* é um jornal voltado à circulação dos efeitos cotidianos da experiência psicanalítica em nosso pensamento e à produção de atos de palavra que recriam e expandem nossa comunidade. Sua produção dá voz aos diferentes agentes e interlocutores do nosso entorno, interessados em compartilhar experiências e reflexões. A cada edição, recebemos comentários, sugestões e críticas que se tornam matéria-prima de edições futuras. Alimento para a alma do corpo editorial. Ditos que dão corpo à pluralidade do nosso jornal, tais como o testemunho do amigo Eduardo Losicer, comemorando a publicação de um escrito dele¹⁷:

Lo estaba leyendo justamente ahora, Mario. El Boletín me impresiona por su personalidad, su competencia y su estética (la figura de la nau dos insensatos para ilustrar mi texto me pareció sensacional). Llamarlo de Boletín parece un autosarcasmo. En realidad, el Boletín es Partido Alto. Me siento distinguido en ser incluido en el navío y te lo agradezco, hermano.¹⁸

Da lama ao caos, do golpe à rampa

Em 2016 deu-se o golpe que depôs a Presidenta da República. Sob esse impacto, o editorial de setembro reproduziu simplesmente o poema de Vladimir Maiakovski (1893-1930) *E então, que que- reis?* No mês seguinte, aconteceu *Entretantos 2, Psicanálise e política*, e apresentamos nossas *Vozes em ato* – guerreiros parricidas, poetas épicos,



o Boletim online é um jornal voltado à circulação dos efeitos cotidianos da experiência psicanalítica em nosso pensamento e à produção de atos de palavra que recriam e expandem nossa comunidade

humoristas descrentes e desamparados inquietos –, ainda sob a reverberação das presenças, em nome próprio, de tantos de nós no *Ato pela sustentação e apoio incondicional à democracia no Brasil*, realizado em abril na USP. Também seguimos na defesa da luta antimanicomial, reportamos o movimento de ocupação das escolas estaduais pelos estudantes secundaristas, as Clínicas do Testemunho dos Institutos Sedes e Projetos Terapêuticos e a apresentação de Antonio Lancetti como psicanalista que fala.

Coube ao *Boletim* a oportunidade de multiplicar as boas perguntas presentes em escritos nele publicados, perguntas que insistem

em: https://www.sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/pdf/ConDir_2006-2008a.pdf

- 15 Equipe editorial do *Boletim online*. Apresentação da seção Psicanálise e Política. Disponível em https://www.sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/index.php?apg=b_visor&pub=12&ordem=2&origem=ppag
- 16 Editorial do *Boletim online* 59, julho 2021. Disponível em http://www.sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/index.php?apg=b_ppag&pub=59
- 17 Trata-se do segundo volume dos escritos pandêmicos de Eduardo Losicer, intitulado *Confinamentos, confinamentos e confinamentos* e publicado na edição 56 do *Boletim online*, outubro 2020. Disponível em http://www.sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/index.php?apg=b_visor&pub=56&ordem=4
- 18 Eduardo Losicer, mensagem de WhatsApp em 29 de outubro de 2020.
- 19 Editorial do *Boletim online* 40, novembro 2016. Disponível em https://www.sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/index.php?apg=b_ppag&pub=40
- 20 Editorial do *Boletim online* 41, abril 2017. Disponível em https://www.sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/index.php?apg=b_ppag&pub=41
- 21 Editorial do *Boletim online* 45, abril 2018. Disponível em https://www.sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/index.php?apg=b_ppag&pub=45
- 22 A referência à primorosa fala de Gilou García-Reynoso e Ana Berezin aos Estados Gerais da Psicanálise no 4º Encontro Latino-Americano,



identificamos nossos antidepressivos. Eles são relacionais: o sonho, a roda, o mapa, as ligações em rede, a música, a arte. O registro da parceria NURAAJ e AMMA Psiquê ensinou a nos colocarmos em posição afrobrasileira, na saúde e na vida pública

em reafirmar a afinidade que a psicanálise tem com a democracia:

Por que em geral os psicanalistas falam tão pouco de política, no âmbito institucional? Como narraremos nossos tempos? Como será a narrativa deste presente que tanto nos inquieta, deste tempo de tantos golpes e ardis que nos afligem? Como acolher inquietações, abrir portas, marcar caminhos, alentar esperanças, impulsionar movimentos? Como desdobrar, de si, necessárias plasticidades à disposição de um trabalho que alcance o outro?¹⁹

Março de 2017. A convocatória para que os colegas nos acompanhassem na criação de imagens e palavras coletivas com as quais construir registros

no Sedes, abriu o editorial 46 do *Boletim online*, junho 2018: “A resiliência é efetivamente a capacidade que têm alguns sujeitos, mais do que outros, de crer no que o Poder dita e de acatar e transmitir seus mandatos. A resiliência tem portanto muito a ver com a obediência e, em nosso(s) país(es), tem uma ressonância sinistra”. Disponível em https://www.sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/index.php?apg=b_ppag&pub=46

23 Ver, entre outros, o artigo “Para entender melhor a questão da não regulamentação da psicanálise”. Ana Maria Sigal, *Boletim online* 46, junho 2018. Disponível em https://www.sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/index.php?apg=b_visor&pub=46&ordem=4&origem=ppag

24 Ver Ana Claudia Patitucci, “Movimento Articulação: Notícias do front”, publicado no *Boletim online* 62, abril 2022. Disponível em <https://sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/boletimonline/2022/04/11/movimento-articulacao-noticias-do-front/>

25 “A parceria NURAAJ e AMMA Psiquê na prática da Clínica do Sedes”, por Liamar Almeida de Oliveira, Priscilla Prada e Rafael Muscalu Raicher in *Boletim online* 47, setembro 2018, disponível em http://www.sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/index.php?apg=b_visor&pub=47&ordem=3

26 “Artigo sobre a parceria AMMA-NURAAJ recebe prêmio Jonathas Salathiel”, por Liamar Almeida de Oliveira, Priscilla Prada e Rafael Muscalu Raicher in *Boletim online* 50, junho 2019, disponível em http://www.sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/index.php?apg=b_visor&pub=50&ordem=17

de pensamento e vida dizia: “Em tempos acinzentados, de repressão e preconceito, de fascismos mais ou menos [ou nada] disfarçados de social democracia, nosso trabalho consiste em escutarmos as brechas, os desvios, a vida pulsional, as cores e as subversões que o humano re-inventa. E fazer isso circular”²⁰.

Março de 2018. Sobreveio o assassinato de Marielle Franco. Entre tantos, gritamos: *Marielle presente!* Quantas lutas num só corpo... Um dizer de Helio Pellegrino, autor de “Pacto edípico e pacto social”, se fez nossa epígrafe: “Você só se conhece conhecendo o mundo. Somos um fio nesse imenso tapete cósmico. Mas haja saco!”²¹

Questionamos a resiliência²², preferindo a resistência manifesta em movimentos como o de professores da rede pública às voltas com a precarização do trabalho; repercutimos formas criadoras da psicanálise presente nas *Questões sociais e políticas: ontem e hoje*, nas figuras do reconhecimento *contra* a desautorização de gênero, na identificação da arte como dispositivo *frente ao* beco da moral, nos fios da formação em psicanálise *versus* sua regulamentação. Artigos de Ana Sigal testemunharam a constância de nossos atos contrários a tal regulamentação, no movimento Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras²³. Ana Patitucci e Paulo Jeronimo seguiram depois trazendo notícias desse *front*²⁴.

Identificamos nossos antidepressivos. Eles são relacionais: o sonho, a roda, o mapa, a tessitura das ligações em rede, a música, a arte. O registro da parceria NURAAJ e AMMA Psiquê na prática da Clínica do Sedes ensinou a nos colocarmos em posição afrobrasileira, na saúde e na vida pública. Essa evocação tão necessária – da ciranda, da capoeira, do samba, do olhar ameríndio – para a memória dos vivos rendeu seus frutos, e o artigo de Liamar Oliveira, Priscilla Prada e Rafael Raicher para nossa edição 47²⁵ recebeu o prêmio Jonathas Salathiel de Psicologia e Ações Raciais²⁶.

No contexto da posse de uma nova Diretoria do Instituto, acompanhamos o movimento de um grupo de psicanalistas interdepartamentos que convocou a agir e construir horizontes no

entretornos eleitoral. Disso decorreu a composição dos grupos *Barrar a violência e Escuta Sedes*. O dispositivo das rodas de conversas concebidas pelo *Escuta* ocupou várias edições, da publicação do projeto elaborado²⁷ à reportagem do recebimento do 12o Prêmio Carrano de Luta Antimanicomial e Direitos Humanos²⁸.

Insistimos. Insistimos em inscrever de humanidade novas formas de viver, zelar e velar, destinadas a renovar nossa presença num mundo em pandemia! Narcisismos feridos, foi quando entre todos deparamos com a simultaneidade das três fontes do mal-estar freudiano: o coronavírus, de evolução incerta, pelo lado do corpo; as chuvas, enchentes e desabamentos produzindo a cada ano mais vítimas, pelo lado da natureza; e, pelo lado das relações com os outros, as ameaças provenientes de um chefe de governo reiteradamente agressor da educação, da ciência e da cultura²⁹. E a força de atração das transferências sustentou atendimentos psicanalíticos *online* e aulas e grupos de trabalho e rodas de conversas e associações entre psicanalistas e amigos da psicanálise em conexões locais, nacionais e mundiais. E cruzamos corredores e pontes imaginárias que nos atavam como pares, em busca de nos enlaçarmos como iguais. *Crônicas da quarentena* abriram as janelas de uma nova seção do *Boletim*³⁰, destinada a estarmos juntos em tempos de banalidades e silenciamentos³¹.

Ao guardar a história do Departamento contada em prosa e tempo³², o *Boletim* sublinhou a *ligação afirmativa* de escutar grupos e sujeitos que nos permitiram transitar, entre todos, à definição, pela Assembleia de membros, de uma Política de Reparação e ações afirmativas ao final de 2020.

Por fim, ao comemorarmos o resultado das eleições presidenciais de 2022 e a subida da rampa pela sociedade civil em 2023, seguimos atentos a pensar tal utopia *junto* da distopia³³ cotidiana em que figuraram imagens de nossos palácios invadidos e depredados, yanomamis desassistidos, desnutridos e doentes; morros de casas desabadas; trabalhadores escravizados em fazendas, vinícolas e festivais musicais e no assombro de assassinatos de crianças estudantes e mulheres professoras em suas escolas.



Ao guardar a história do Departamento, o Boletim sublinhou a ligação afirmativa de escutar grupos e sujeitos à definição, pela Assembleia de membros, de uma Política de Reparação e ações afirmativas ao final de 2020

Diante de tantos golpes, seguimos gerando História, histórias. No *Boletim* se faz a partilha de aulas inaugurais, monografias e atividades de cursos; de trabalhos e pesquisas que marcam nossa formação contínua; de grupos e dispositivos que discutem a clínica e suas instituições; de lançamentos de publicações e repercussões de eventos; de transmissão e intervenções externas abertas à criação e à recriação de espaços psicanalíticos; de apresentação de novos membros; de interlocução com colegas de outras instituições e geografias; de reflexões orais e escritas em torno da atualidade da teoria psicanalítica e da vida social; de poemas e prosas literárias; de crônicas de experiências vividas; de convites à apreciação de objetos culturais os mais diversos e da memória dos colegas que se foram.

A trança ética, estética, política e o laço em nossa associação de psicanalistas. O modo de construção de um jornal que nos fala

Como o *Boletim* se dá a conhecer? Nosso jornal digital na *web*, de difusão cultural e científica, fundamentalmente destinado a membros, alunos, ex-alunos e amigos, se coloca permanentemente aberto e ao alcance de todas, todos e *todas*. Tem como tarefa a construção de um corpo textual, que consiste em fazer – dos gestos, ações, sonhos, pensamentos, ideias e criações coletivas e individuais – nossos bens comuns, partilháveis e



comemoramos também o corpo estético com nossa nova página na web. Ao final de 2021, o Boletim online ganhou um espaço atualizado e dedicado à expansão e ao refinamento do trançamento ético, estético e político de nosso trabalho

transmissíveis. Corpo que coreografa, em textos e imagens, as produções e movimentos de nossa instituição, dentro e fora dela, em suas diferentes dimensões.

O modelo de construção que o *Boletim* inventivamente criou acontece em várias camadas. Um jornal é, em seu início, um corpo fluido que convida às primeiras inscrições. Entre reuniões de pauta e de edição, dedicamo-nos a pensar os temas pertinentes aos vários grupos de trabalho, às ricas produções clínico-teóricas de nossos

colegas e ao cotidiano social, político e cultural que nos atravessa pessoal e coletivamente. Comemoramos cada texto que chega a nossa caixa de e-mails.

O corpo sensível de escritos que refletem o momento, alguns dedicados aos tempos difíceis. O quanto de ausência e morte pode-se elaborar com textos de homenagens, de resistência e defesa da vida?

Outros reverberam belezas, alegrias e a diversidade da vida pulsante; convocam à luta, a um sonhar escrito e acordado. Autores dispo de suas experiências e palavras, amplificando vozes, abrindo e sustentando espaços para ações e manifestos contra tantos assujeitamentos, mas também para momentos inaugurais, livros, aulas, projetos, devires e deslocamentos. Como na imagem evocada por Barthes³⁴, dessa imensa colheita coletiva de textos, ofertamos histórias. Colheita, partilha e transmissão do *prazer do texto*.

E com eles seguimos em entusiasmadas leituras, revisões, identificamos as seções, elaboramos chamadas, buscamos imagens que vão legendar os textos, muitas delas fotografadas por nós em atenção flutuante pela cidade. Dadas as restrições de uso de imagem e o conseqüente rigor em reproduzir exclusivamente arquivos que sejam livres da monetização de direitos, cada vez mais nossa equipe tem se apropriado desse processo de registro como uma ampliação do nosso campo de trabalho com a escrita. E de toda essa costura surge o corpo do editorial, que nós, como equipe, vamos habitando em muitas versões.

Comemoramos também o corpo estético com nossa nova página na *web*³⁵. Ao final de 2021, o *Boletim online* ganhou um espaço atualizado tecnologicamente e dedicado à expansão e ao refinamento do trançamento ético, estético e político de nosso trabalho: a ética das relações e situações, também expressa no cuidado de reservar exclusivamente aos assinantes a leitura de textos que contenham material clínico ou que abordem situações político-institucionais cuja discussão caiba só entre nós; a marca estética da informalidade narrativa invocada por nossa preferência

27 Projeto Rodas de conversas Escuta Sedes: uma intervenção psicanalítica, 29 de abril de 2019. Disponível em http://www.sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/pdf/b50_5a.pdf

28 Escuta e o prêmio Carrano, por Fernando Amaral in *Boletim online* 55, setembro 2020, disponível em https://www.sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/index.php?apg=b_visor&pub=55&ordem=16&origem=ppag

29 Ver Mario Pablo Fuks, Psicopatologia Psicanalítica e Clínica Contemporânea: Aula inaugural 2020, disponível em <https://sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/boletimonline/2022/06/01/psicopatologia-psicanalitica-e-clinica-contemporanea-aula-inaugural-2020/>

30 A seção Crônicas da quarentena iniciou-se na edição 53, de abril 2020 (disponível em http://www.sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/index.php?apg=b_ppag&pub=53), seguindo por muitas outras edições.

31 Referência à *laive Psicanálise e cultura em tempos de banalidades e silenciamentos*. Ver Déborah de Paula Souza, *A laive da Sílvia e do Julián e o poema da noite*, *Boletim online* 55, setembro 2020, disponível em http://www.sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/index.php?apg=b_visor&pub=55&ordem=11

32 A expressão é de Dodora Arantes, em comunicação pessoal, e foi registrada no editorial da edição 55 do *Boletim online*, setembro 2020.

33 A proposição é de Abrão Slavutzky e foi assumida pela equipe editorial no *Boletim online* 66, abril 2023. Ver editorial O Brasil toma posse de si mesmo, disponível em <https://sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/boletimonline/edicao/boletim-66/>

34 R. Barthes, *O prazer do texto*.

35 Página do *Boletim online* na *web*: <https://sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/boletimonline/>

pela letra minúscula no jogo xadrez da capa do jornal; a atitude política presente em nossa receita editorial, que mobiliza ingredientes afetivos vários, em quantidades contínuas ou discretas³⁶.

A passagem da versão mala direta transmitida via *e-mail* para a página do *Boletim online* na *web* merece destaque, dada sua forma e conteúdo, mas não só. A tessitura, que compõe toda construção desde o número 61, coincide com o momento de aprofundamento do debate racial no Departamento, materializado sobretudo no referido Ato de Fundação de nossa Política de Reparação³⁷, do qual decorreu a assunção da proposição de uma metodologia de letramento apresentada pelo GTACME³⁸, depois realizada em parceria com a Comissão de Reparação e ações afirmativas, da qual algumas de nós fazemos parte.

Um corpo que comunica o desejo de trançar ideias e anima uma espécie de vocação alquimista, que resulta de uma transformação entre nós e os textos. O *Boletim online* se faz nos encontros, por muito tempo presenciais e, desde a pandemia, por *zoom*. Aguçamos nossos sentidos para manter o laço vivo nos fios que conectam nossos pequenos quadrantes. Conhecemos quartos, salas, escritórios, filhos, gatos e cachorros. Sustentamos nossa presença encarnada ainda mais atenta às brechas por onde passa a vida. Dicas de *podcasts*, livros, *laives*, filmes e variedades alimentam nossas reuniões, fazendo circular o que de melhor nos anima desde os tempos de confinamento.

A letra guardiã do *Boletim* cumpre assim seu dever jornalístico. E então os textos nos falam. O *Boletim* nos fala. Fala a nós, entre nós, entre tantos.

A letra guardiã do corpo: use, é lindo, a gente garante!

Há tempos as letras guardam nossos corpos. São letras guardiãs do corpo da comunidade que compomos estando juntos, o comum que há na comunicação. São guardiãs do corpo da trança tornada pública, o público que há em nossa publicação.



pseudonormalidade que, no Brasil, pode suceder crimes congressuais ou multitudinários, do desgosto de um fim de agosto de 2016 a um dia 8 de janeiro de 2023. Pasolini respondeu a tal ideologia da normalidade com a raiva do poeta

Letras que leem e escrevem a pulsionalidade do que se sente, do que se olha, do que se escuta. O sentido que se inscreve, o olhar que se afigura, a escuta que entre flutua a fim de dizer do pensamento que nisso se representa.

O transcurso dos últimos sete anos elucidou a possibilidade *raivosa* da letra guardiã. Feito se encontra n' *A raiva* de Pier Paolo Pasolini. *La rabbia* é o filme-ensaio realizado pelo cineasta em 1963 a partir da montagem com imagens de arquivo jornalístico, num ato de indignação contra a “ideologia da normalidade” que pode suceder guerras e pós-guerras, golpes e pós-golpes. Pseudonormalidade que, no Brasil, pode suceder crimes congressuais ou multitudinários, do desgosto de um fim de agosto de 2016 a um dia 8 de janeiro de 2023.

Pasolini respondeu a tal ideologia da normalidade com a raiva do poeta, que é tanto a raiva resultante da indignação frente aos estados miseráveis – a miserabilidade do colonialismo, do racismo, do antissemitismo – quanto a raiva produtora do estado de urgência recuperado diante da História. Há dez anos, no Palácio Capanema, Rio de Janeiro, Georges Didi-Huberman, filósofo da arte, retratou esse estado de urgência. Disse: “Outrora, nas minas de carvão, numa época em que o gás metano matava milhares de pessoas, usavam-se passarinhos em gaiolas para alertar contra o perigo; como a plumagem desses pássaros, capaz de inchar com a aproximação do perigo, não seria essa uma das funções da imagem?”³⁹.

Nesta 35ª Bienal de Arte de São Paulo – *Coreografias do impossível* –, Luana Vitra, artista



entre golpes: o alfabeto enfurecido no Boletim online 2016-2023 é nossa terceira participação no Entretantos. Foi antecedida pela comunicação que fundamentou a dimensão coletiva de nossa produção – Escrita e circulação – e por aquelas Vozes em ato de 2016

mineira, assumiu essa mesma imagem transoceânica – euroafrobrasileira – como mote para compor a instalação *Pulmão da mina* – série de flechas-patuás preparadas para o desbloqueio de caminhos, flechas de ferro condutoras a lugares de prosperidade onde a possibilidade prevaleça, flechas que aninham pássaros banhados em prata e cobre⁴⁰. O movimento de expansão de significados

efetuado pelo *Pulmão da mina* nos interessa, em curiosa sincronia com o prosaico movimento para esta comunicação, de colheita de textos-imagem há tempos publicados no *Boletim online*.

Nisso, dois conjuntos de textos pedem destaque, ao comporem intencionalmente as duas edições temáticas publicadas. A abertura de novos caminhos resultantes da indignação frente ao racismo nosso de cada dia foi figurada na primeira edição temática do *Boletim online*, *Psicanálise e lutas raciais*⁴¹ (novembro 2021), coincidente, sem acaso, com a estreia de nossa página na *web*. Pouco depois, o referido senso de urgência diante da História levou-nos à segunda edição temática de nosso jornal, *Psicanálise: herança e transmissão*⁴² (junho 2022), num dos retratos possíveis da vivacidade da psicanálise que, historicamente, tanto interessa ao conjunto de nossos membros produzir quanto constitui a rede de reconhecimento de nosso Departamento no campo psicanalítico e além dele.

Por fim, *Entre golpes: O alfabeto enfurecido no Boletim online 2016-2023 é nossa terceira participação na série de eventos Entretantos*. Ela foi antecedida pela comunicação que em 2014 fundamentou a dimensão coletiva de nossa produção – *Escrita e circulação*⁴³ – e por aquelas *Vozes em ato*⁴⁴ de 2016, que caracterizaram as *políticas da abertura da palavra no Boletim*. Pelo nome, neste *Entre golpes* aludimos à exposição co-organizada em 2010 pelo MOMA de Nova York, o Museu Reina Sofía de Madri e a Fundação Iberê Camargo de Porto Alegre. *O alfabeto enfurecido* reuniu trabalhos latinoamericanos dos artistas León Ferrari (1920-2013) e Mira Schendel (1919-1988) por meio de suas diferenças e particularidades na vertente de fazerem da linguagem um objeto visual⁴⁵. São artes de pós-golpe, artes de pós-guerra. É o tumulto da linguagem em que Mira expõe fragmentos inteiros de um *cão sem plumas* de João Cabral: “O que vive é espesso/ como um cão, um homem,/ como aquele rio./ Como todo o real/ é espesso”⁴⁶.

Que a fúria do alfabeto siga inspirando colegas psicanalistas na densidade de sua presença nos espaços públicos que nos concernem e no alcance

36 Referência à receita-editorial publicada no *Boletim online* 54, junho 2020. Disponível em https://www.sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/index.php?apg=b_ppag&pub=54

37 Assembleia Geral de membros do Departamento de Psicanálise, 5 de dezembro de 2020.

38 Grupo de Trabalho A Cor do Mal-Estar: psicanálise e racismo – da invisibilidade do trauma ao letramento. Proposição de Aquilombamento Afetivo in *Boletim online* 61, novembro 2021. Disponível em <https://sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/boletimonline/2022/01/26/proposicao-de-aquilombamento-afetivo/>

39 ver Sílvia Nogueira de Carvalho, Re-tratos da raiva in *Boletim online* 25, junho 2013. Disponível em http://www.sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/index.php?apg=b_visor&pub=25&ordem=14&origem=abertas

40 Ver <https://35.bienal.org.br/participante/luana-vitra/>

41 *Boletim online* 61, novembro 2021, disponível em <https://sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/boletimonline/edicao/boletim-61/>

42 *Boletim online* 63, junho 2022, disponível em <https://sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/boletimonline/edicao/boletim-63/>

43 *Boletim online: Escrita e circulação*. Equipe editorial do *Boletim online* 2014, disponível em https://www.sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/imagens_comunicacao/bo_escrita_circula_23mar23_rev.pdf

44 *Vozes em ato: políticas da abertura da palavra no Boletim online*. Equipe editorial do *Boletim online* 2016, disponível na edição 66 do *Boletim online*, abril 2023: <https://sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/boletimonline/2023/04/13/vozes-em-ato/>

45 Ver L. Pérez-Oramas, León Ferrari e Mira Schendel: *O alfabeto enfurecido*.

46 O cão sem plumas, poema de João Cabral de Melo Neto, de 1950, encontra-se disponível para leitura em [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4393347/mod_resource/content/1/João Cabral de Melo Neto - O cão sem plumas.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4393347/mod_resource/content/1/João%20Cabral%20de%20Melo%20Neto%20-%20O%20cão%20sem%20plumas.pdf)

potencial derivado de um trabalho editorial do Departamento de Psicanálise na *web*, lugar-temunho da vocação insurgente das psicanálises que praticamos, insurgente aos controles do Estado e aos golpes de Estado.

Quando nos reunimos para elaborar a pauta desta escritura, no jogo dos processos primários com os quais prazerosamente consentimos, apareceu a lembrança do catálogo⁴⁷ que compila ilustrações do artista José Leonilson (1957-1993)

elaboradas nos anos 1990 para circulação num grande jornal. Pois bem, cá entre nós: precisamos de toda essa verve para afinal, ao modo de um Leonilson desenhando matérias, enunciarmos nosso convite à publicação e à comunicação *online* no *Boletim: Use, é lindo, a gente garante!* Por tudo que entre nós de sagrado há: de luta, legado, mistério, homenagem, criação, sagacidade, elaboração e sonho. Dessa linguagem que treme. E dessa alegria que é nossa prova dos nove.

47 J. Leonilson. *Use, é lindo, eu garanto.*

Referências bibliográficas

- Barthes R. (2015). *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva.
- Cytrynowicz M.M.; Cytrynowicz R. (2006). *História do Departamento de Psicanálise*. São Paulo: Narrativa Um.
- Departamento de Psicanálise. Acervo do Jornal e do Boletim interno. Disponível em <https://www.sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/index.php?mpg=05.12.00>
- Departamento de Psicanálise. Acervo da *newsletter* do *Boletim online*. Disponível em <https://www.sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/index.php?mpg=05.04.07>
- Departamento de Psicanálise. Página do *Boletim online* na *web*: <https://sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/boletimonline/>
- Departamento de Psicanálise. *Guia do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae 2023*. 4. edição. Disponível em https://www.sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/imagens_comunicacao/231211_GDP2023_digital.pdf
- Leonilson J. (1997). *Use, é lindo, eu garanto*. São Paulo: Cosac Naify.
- Melo Neto J.C. (2007). *O cão sem plumas*. São Paulo: Alfaguara.
- Mezan R. (1995). Tempo de muda. *Percurso*, vol. 8, n. 15, p. 65-75. Disponível em: <https://percurso.openjournalsolutions.com.br/index.php/ojs/article/view/523>
- Pérez-Oramas L. (2010). *León Ferrari e Mira Schendel: o alfabeto enfurecido*. São Paulo: Cosac Naify; Nova York: Museu de Arte Moderna.
- Roudinesco E.; Plon M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Between blows: the enraged alphabet in the *Boletim online* 2016-2023

Abstract Based on a preliminary communication, the article aims to portray the ethical, aesthetic and political insurgency in the *Boletim online* – a digital newspaper that since 2007 has kept the history of the Department of Psychoanalysis –, between the years 2016 and 2023. It puts into circulation everyday effects of the transmission of psychoanalytic experience and institutional life, in a living process that intertwines bodies.

Keywords Digital journal of psychoanalysis; ethics, aesthetics and politics in psychoanalysis; affirmative connection between psychoanalysts; relational antidepressants; the guardian letter of anger.

Texto recebido: 10/2023

Aprovado: 05/2024

Franco Berardi

E se jogássemos um outro jogo?

Realização Ana Claudia Patitucci, Cristina Parada Franch, Danielle M. Breyton, Deborah Joan Cardoso, Silvio Hotimsky e Tatiana Inglez-Mazzarella

DOI: 10.70048/percurso.72.89-102

Preâmbulo

Após 26 anos, esta é a primeira entrevista da *Revista Percurso* que não contou, do início ao fim, com o cuidado e a meticulosidade de nossa querida Bela Sister, que nos deixou no dia 4 de maio de 2024.

Bela esteve envolvida com a *Percurso* desde sua criação, em 1988. No início, de forma indireta e discreta – a capa da *Percurso* 1 é de Sergio Sister – na *Percurso* 3 Bela já figura como tradutora da entrevista, mas é a partir de 1998, *Percurso* 21, que Bela começa sua longa trajetória no Grupo de Entrevistas.

Gradativamente, foi se tornando o esteio do grupo, sustentando a linha de continuidade, a atenção aos princípios que regem a escolha dos entrevistados, a interlocução com o Conselho Editorial, o envolvimento com as diversas etapas do processo de elaboração da entrevista, e o compromisso com o bom funcionamento do grupo que, nesses muitos anos, contou com diversos colaboradores.

Bela foi se fazendo a *casa* das entrevistas. Uma mesa atenciosamente preparada, mas suficientemente relaxada, propiciava a conversa solta e construtiva. Pouco a pouco, a entrevista ia ganhando forma nos seus diferentes momentos, na discussão e preparação do roteiro de perguntas, durante a entrevista propriamente dita e, depois, no trabalhoso processo de edição. Em cada etapa, Bela mantinha-se inquieta, processando permanentemente os finos ajustes, dos quais não abria mão.

Foi com muita emoção que escutamos na fala de Sergio, seu parceiro de vida, na ocasião do sepultamento, que Bela seguiu, até o

fim, envolvida e entusiasmada com a leitura dos textos de Franco Berardi. Para nós, seus colegas de grupo, foi uma grande homenagem a esse trabalho conjunto, feito com amizade e carinho. Esse é o legado que Bela nos deixa, pelo qual seguiremos zelosos, também em homenagem a ela.

Bela, presente!

Apresentação

Franco Berardi, também conhecido como Bifo Berardi, é filósofo, comunicador, ativista ou, como é frequentemente apresentado, militante político e agitador cultural. Nasceu em Bolonha, na Itália, onde graduou-se em estética na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Bolonha.

Tem uma importante história na militância anticapitalista que se inicia aos quatorze anos no Fronte della Giuventù Comunista. Durante os movimentos de maio de 1968, no grupo de esquerda Potere Operário, torna-se uma figura de destaque em nível nacional e, no início dos anos 1970, participa do surgimento do movimento autonomista italiano.

*A comunicação independente é uma frente relevante de sua história de militante engajado em experimentos com a mídia, e com a produção cultural. Foi um dos fundadores da revista *Av* travesso e da *Rádio Alice*, a primeira rádio livre da Itália.*

Em 1977, com o aumento da repressão ao movimento autonomista, refugiou-se em Paris, onde se aproximou de Félix Guattari e da psicanálise, com a qual sustenta um permanente diálogo desde então.

*A partir de 1980, passa a contribuir com muitas revistas mundo afora. Tem dezenas de livros publicados e traduzidos para diversos idiomas. No Brasil, tem três livros lançados pela Ubu Editora: *Depois do futuro* (2019), *Asfixia – Capitalismo financeiro e insurreição da linguagem* (2020), e *Extremo: Crônicas da psicodetração* (2020). No dia em que realizamos a entrevista, foi lançado pela *Autonomia Literária* e *GLAC* edições*



conhecer a potência do pensamento de Berardi para analisar as questões clínicas da atualidade e ampliar o leque de autores referenciais é um dos grandes ganhos de fazer parte de uma Federação como a FLAPPSIP

o título O Terceiro Inconsciente: a psicoesfera na era viral (2024). Infelizmente não foi possível aprofundar esse tema em nossa conversa.

Conhecer a potência do pensamento de Berardi para analisar as questões clínicas da atualidade e ampliar o leque de autores referenciais é um dos grandes ganhos de fazer parte de uma Federação como a FLAPPSIP.

Nessa entrevista, feita por Zoom em uma tarde de sábado, em junho de 2024, o leitor poderá acompanhar um pensador que utiliza a sua história e as suas experiências afetivas e corporais para costurar seu pensamento, fazendo disso uma multiplicação de ideias encarnadas e vibrantes.

Testemunhamos o quanto a sua asma, diagnosticada aos 57 anos, limita o tempo que se dispõe a falar conosco, pelo cansaço de suas cordas vocais. Ao mesmo tempo, o instrumentaliza a pensar os limites do possível frente ao processo desenfreado do capitalismo financeiro, que se transformou naquilo que ele chama de automatismo tecno-linguístico, uma dinâmica que escapa ao alcance argumentativo. A experiência do envelhecimento lhe é útil para entender a impotência e a agressividade que esta é capaz de mobilizar. A história do seu pai na Segunda Grande Guerra se empresta para alinhar a ideia de deserção como a ética da atualidade.

A entrevista também faz surgir as diferenças de experiências e referências entre o pensamento emergente do sul global e o pensamento



ambos, Guattari e Fachinelli, me permitiram compreender que não podemos falar da subjetividade política sem entender algo da sensibilidade estética e, ao mesmo tempo, da sensibilidade psíquica dos humanos

européu. Isso aparece tanto nas formas de nacionalismo atravessadas distintamente pelas lógicas dos colonizadores e dos colonizados, como também pela proximidade e distância com outras leituras filosóficas e culturais, capazes de pensar a vida fora do paradigma capitalista. Para Berardi essa é uma condição para alimentar uma nova energia, condição que a cultura europeia perdeu.

*Fiel a sua tradição de comunicador, um tanto desesperançado, mas movido por desespero, deu vida recentemente ao blog *lIdisertore*, em que borbulham reflexões ágeis e extremamente vívidas, embora majoritariamente duras, sobre a atualidade. Franco não arrisca soluções que ele assume desconhecer, mas perturba a inércia mortífera, tecnologicamente tecida de impotência e ódio.*

Danielle M. Breyton

PERCURSO Gostaríamos que nos contasse como se deu sua trajetória pela filosofia, política, comunicação, arte e, dentro disso, sua aproximação com a psicanálise.

FRANCO BERARDI Essa pergunta me parece muito útil, especialmente nesse caso, porque minha formação é essencialmente filosófica e política. Estudei, nos anos 1960, em um ambiente que era fenomenológico e marxista, e estudei filosofia com foco na estética. Meu ponto de vista foi, desde o começo,

o da percepção da sensibilidade e da arte. Em 1968, participei do movimento dos estudantes; e nos anos 1970, de uma experiência de comunicação radiofônica. Era uma rádio que se chamava *Rádio Alice*. Era a primeira rádio livre da Itália. Em um momento em que a comunicação não era permitida, pois só os meios estatais podiam transmitir. Mas nessa época, no ano de 1976, havia um movimento amplo e forte de jovens, muitos deles eram técnicos, os primeiros “cybers”, como costumamos dizer. E esses jovens criaram essa rádio, da qual participei. Foi uma vivência extremamente importante. Assim, minha experiência era essencialmente militante, artística e ao mesmo tempo comunicacional.

Na aproximação com a psicanálise, em 1977 tive a chance de conhecer pessoalmente Félix Guattari, que era um militante, um ativista e, como sabemos, psicanalista e filósofo. Durante os mesmos anos convivi também com Elvio Fachinelli, um psicanalista de Milão que foi importante em minha formação. Ambos, Guattari e Fachinelli, me permitiram compreender que não podemos falar da subjetividade política sem entender algo da sensibilidade estética e, ao mesmo tempo, da sensibilidade psíquica dos humanos. Quer dizer, essa é a minha origem intelectual.

Nos últimos anos aconteceu algo novo. Eu sempre tive muitos amigos que, de uma maneira ou de outra, se ocupavam da psicanálise ou da psiquiatria. Em 2020, nos princípios da pandemia, um amigo psiquiatra, Leonardo Boltecchi, me convidou a participar das reuniões de um grupo que pensava a pandemia. É um grupo que se define como GRIP (*Groupe de Recherche Intercontinental sur la Pandémie*), composto por brasileiros, argentinos, mexicanos, chilenos, espanhóis, italianos, etc. Um grupo latino. Isso permitiu que eu me aproximasse de uma interpretação psicanalítica de um fenômeno social, como foi a pandemia.

Em certo momento da minha vida, cheguei a pensar que a psicanálise me interessava muito, e que queria me tornar psicanalista. Falei sobre isso com Félix Guattari e ele me disse: “Não. Acho melhor você seguir sendo militante político mesmo”.

PERCURSO Em seu diário da pandemia você já alertava para as consequências nefastas da estagnação econômica e social sem que o humano estivesse cultural e politicamente preparado para isso. As convulsões político-sociais que vivemos hoje – alimentadas por governos extremistas que avançam pelo mundo – e as guerras a que estamos assistindo parecem confirmar seu alerta. Nesse contexto, além dos efeitos econômicos e político-sociais, como você vê os efeitos da pandemia no psiquismo?

BERARDI Naturalmente se trata de um tema que implica muitos níveis de análise. Então, prefiro focar em dois aspectos das mudanças produzidas pela pandemia, embora, em geral, acredite que a pandemia não tenha produzido efeitos novos. Mas ela acelerou fenômenos que já estavam se desenvolvendo na vida social, na tecnologia, na política e, afinal, no psiquismo coletivo. Dois deles me interessam particularmente.

O primeiro é a impotência, pois a difusão do vírus demonstrou, de maneira contundente, algo que já pertencia à experiência humana, mas que não podíamos aceitar racionalmente. Ou seja, existem fenômenos que a política não pode governar. Podemos dizer que a Modernidade foi um período longo, em que a humanidade pôde dominar – não tudo, todo o universo, claro que não – mas pôde governar algumas coisas relevantes, sociais, econômicas e militares. A dominação do mundo foi a obsessão fundamental da cultura branca, da cultura dominante. O supremacismo é essencialmente a convicção de uma potência ilimitada. Durante os anos de neoliberalismo já havíamos experimentado o fato de que a potência não é infinita, de que a potência está se reduzindo cada vez mais. A pandemia foi a revelação escandalosa do fato de que somos impotentes. Esse é seu primeiro efeito.

O segundo se relaciona com as gerações emergentes, as novas gerações. Acredito que a pandemia acelerou um fenômeno que já estava se desenvolvendo nas últimas décadas, a digitalização comunicativa. Cada vez mais as relações pessoais e afetivas se deslocaram para o interior das redes. De repente, em 2020, toda manifestação comunicacional tinha que acontecer de maneira

»
existem fenômenos que a política não pode governar. Podemos dizer que a Modernidade foi um período longo, em que a humanidade pôde dominar – não tudo, todo o universo, claro que não – mas pôde governar algumas coisas relevantes, sociais, econômicas e militares

digital. A expressão *distanciamento social* realmente atua em um nível muito profundo. Mas precisamos ter cuidado, porque esse distanciamento já vinha acontecendo. O tempo de vida que as novas gerações passaram a despender em frente às telas foi aumentando continuamente a partir dos anos 1990. Porém, em 2020, houve um verdadeiro salto que produziu um efeito que, na minha percepção, é essencialmente de dessexualização e hipersemiotização da sexualidade.

Tenho trabalhado muito sobre isso: fiz uma investigação com um pequeno grupo de amigos muito jovens, participei de encontros com grupos de jovens, e agora estou também lendo livros de jovens. Em um deles, um garoto de 25 anos reflete sobre o efeito da pandemia e da digitalização em sua própria existência sexual e afetiva. Há pesquisas que mostram como a sexualidade humana está desaparecendo em certo sentido. David Spiegelhalter é um professor de estatística da Universidade Columbia que escreveu *Sex by Numbers*, livro no qual explica como nos anos 1990 as relações sexuais, no conjunto da população, aconteciam cinco vezes ao mês, e na segunda década do novo século duas ao mês. Quer dizer, a frequência dos contatos sexuais reduziu mais do que a metade.

Ao mesmo tempo, a socióloga Jean Twenge, no livro *iGen*, ou seja, ‘geração eu’, mostra como o tempo passado na frente das telas se multiplicou em quatro vezes desde os anos 1990 até hoje. Isso significa que o tempo de um jovem é cada



*a violência desencadeada
pelo fascismo contemporâneo – que
do modo como vejo não é fascismo –
é uma coisa diferente, mas efeito de
uma condição crescente de falta
de empatia e de medo do próprio
corpo, e do corpo do outro*

vez mais um tempo de comunicação digital. Contudo, acredito que há algo ainda mais profundo, pois a satisfação, o prazer, a excitação se deslocaram do nível carnal ao nível semiótico. É nesse sentido que falo da hipersemiotização do desejo. Por exemplo, num livro recente do Paul Preciado, *Dysphoria Mundi*, ele fala de uma outra coisa, que é a transição sexual de gênero. Propõe o conceito de disforia, que me parece útil para entendermos algo que não é somente um mal-estar de gênero, um desejo de transicionar. Me parece algo mais profundo, o mal-estar de nossa relação com nosso próprio corpo. Isso naturalmente está ligado à digitalização, mas também com a transformação do meio ambiente, com a catástrofe climática etc.

Outro dado que me interessa muitíssimo é o declínio da natalidade, um fenômeno que em certo sentido é gigantesco em nosso tempo, produzido por um lado pela queda excepcional na fertilidade masculina. A fertilidade masculina decaiu 58% nos últimos quarenta anos. Tem um livro de Shanna Swan, *Count Down*, que trata justamente desse fenômeno.

PERCURSO Especialmente da fertilidade masculina?

BERARDI Sim, especialmente da fertilidade masculina. Há uma queda da fertilidade feminina, mas a masculina é mais intensa. Também se fala menos de fertilidade masculina, naturalmente. Mas parece que a queda na masculina é mais relevante porque,

segundo Shanna Swan, o problema são os microplásticos. Os microplásticos estão produzindo um efeito de desequilíbrio hormonal.

Outro fenômeno é a decisão consciente ou inconsciente – não podemos chamá-la verdadeiramente de decisão – mas o efeito nas mulheres, de quase todo o mundo, de não querer gerar vítimas da catástrofe climática, vítimas da guerra etc. Todo o norte do mundo está em um processo excepcional de queda da natalidade que precisamos explicar.

PERCURSO Para além da queda da natalidade, quais são os efeitos presentes e futuros deste apagar da sexualidade enquanto contato carnal e interpessoal? O que você pensa sobre os efeitos disso?

BERARDI Acredito que este é um tema com o qual os psicanalistas deveriam se confrontar rapidamente porque já estão se manifestando, não somente o fenômeno da disforia, especialmente uma disforia sexual, mas também suas consequências. Ou seja, a violência desencadeada pelo fascismo contemporâneo – que do modo como vejo não é fascismo – é uma coisa diferente, mas efeito de uma condição crescente de falta de empatia e de medo do próprio corpo, e do corpo do outro.

Claro que o fenômeno é tão novo, algo que pertence à última geração, que ainda não temos experiência analítica suficiente para defini-lo. Já os efeitos políticos e sociais são perfeitamente visíveis. Nas escolas e com pessoas muito jovens, com crianças de doze, quatorze anos, a relação entre corpos se tornou a relação da incapacidade de se relacionar. Há um medo da carícia, da afetividade, da ternura.

E esse machismo exacerbado é um machismo da impotência relacional, encontrado em Javier Milei, Bolsonaro ou Donald Trump. São todos machos que, de certa maneira, estão enlouquecendo. Esse fenômeno tem um fundo sexual, mas é também um fenômeno diretamente social. A impotência, que não é um fenômeno somente sexual, é uma impotência essencialmente política, que se manifesta como agressividade, uma



agressividade de velhos. Eu, como o velho que sou, entendo muito bem isso, porque envelhecer significa se dar conta do fato de que meu corpo já não é meu corpo. Isso produz um enraivecimento porque já não posso fazer aquilo que era tão normal, tão fácil. Produz em mim uma irritação, uma frustração e uma agressividade que tomam caráter político, como temos visto.

PERCURSO Em *Depois do futuro* você aborda um distúrbio de empatia e uma atrofia da sensibilidade no mundo atual. Poderia nos falar sobre esse distúrbio nas relações?

BERARDI Penso que essa sensibilidade não é um dado natural, quer dizer, ela se transforma na relação com o ambiente no qual o sujeito cresce e interage.

Em 1977, a antropóloga americana Rose Goldsen escreveu as seguintes palavras: “Estamos produzindo uma nova geração que aprenderá mais palavras com uma máquina do que com a mãe”. Esta é a geração *iGen* de que fala Jean Twenge.

Quero citar uma terceira escritora, novamente uma mulher, Luisa Muraro, filósofa feminista italiana. No livro *L'ordine simbolico della madre*, ela escreve que o significado se baseia na afetividade: “eu acredito no significado das palavras porque minha mãe me disse que as palavras significam o que significam”.

Veja, citei três mulheres porque provavelmente só as mulheres podem compreender plenamente a transformação catastrófica implicada quando separamos a significação do corpo, da presença física de um corpo, de uma voz.

Transfere-se o desejo da esfera física para a virtual, e o que está em curso é uma espécie de sensibilização fóbica do corpo, acelerada pela pandemia de Covid19.

E o que é a empatia senão a capacidade de ler os sinais corporais?

Essa capacidade está diminuindo à medida que os humanos leem cada vez menos o corpo e leem cada vez mais os sinais digitais.

PERCURSO Você diz que as novas gerações vivem uma aceleração do tempo, e uma hipervelocidade

citei três mulheres porque provavelmente só as mulheres podem compreender plenamente a transformação catastrófica implicada quando separamos a significação do corpo, da presença física de um corpo, de uma voz

informativa. Propõe que isso estaria produzindo uma psicopatologização das relações sociais, gerando os mais variados quadros diagnósticos: TDAH, pânico, aumento de quadros de ansiedades, dislexia, entre outros. Você enxerga caminhos possíveis para o enfrentamento do que você chama de miséria existencial?

BERARDI Christian Nirvana Damato, em seu livro *Manifesto della moltiplicazione degli organi*, escreve que a aceleração do ciclo informativo produz um efeito de envelhecimento na geração digital. É uma consideração muito interessante: a aceleração informativa implica uma intensificação da experiência. Recebemos cada vez mais estímulos informacionais que, ao final, se traduzem em estímulos nervosos.

Esta intensificação ocasiona uma aceleração do tempo vivido, que leva ao efeito de envelhecimento psíquico. Eu não sei se o Nirvana Damato tem razão, mas sabemos que algumas patologias psíquicas manifestam uma redução considerável da energia relacional, de disponibilidade afetiva que pode ser assimilada aos efeitos do envelhecimento.

Para a pergunta, se eu vejo caminhos para enfrentar a miséria existencial que estamos vivendo, não tenho resposta. Não acho que seja possível voltar atrás na penetração das tecnologias que podem ser consideradas como fatores patogênicos. Além disso, temos que reconhecer que há uma reorientação do desejo em um sentido que defino como hipersemiotização. A subjetividade das



Savater explica o que é a relação entre o desespero e a loucura agressiva do fascismo contemporâneo, mas ao mesmo tempo procura dizer como devemos e podemos resguardar um espaço para a alegria. Normalmente, minha resposta a essa pergunta tão difícil é a ironia

novas gerações deseja algo que as gerações passadas não podiam nem imaginar. A reação dopaminérgica aos estímulos eletrônicos é algo que não se pode interpretar segundo os valores conhecidos.

Talvez possamos pensar que nossa inclinação a considerar estas tendências como patológicas é abusiva. Podemos formular uma hipótese em que não se trataria de patologias, mas sim de uma mutação antropológica que implica uma transição psíquica dolorosa. O problema é que nos falta um modelo de interpretação integrada da mutação que envolva a dimensão técnica, antropológica e psíquica. O modelo de interpretação psicanalítica de derivação freudiana, por exemplo, me parece cada vez mais incapaz de entender os efeitos que a tecnologia produziu no inconsciente individual, e, principalmente, no coletivo. Nesse sentido é que falo de um *terceiro inconsciente*, para definir um contexto tecno-antropológico que está transformando o psiquismo.

PERCURSO Como podemos reinventar a alegria neste momento em que a sexualidade desaparece do comportamento humano, apagada pela onipresença da tela? Um tanto você já respondeu, mas você pensa sobre como podemos recuperá-la?

BERARDI Naturalmente que penso. Inclusive para mim mesmo. Nos últimos oito meses, a cada manhã, quando acordo, escuto a rádio. Não consigo parar de fazer isso, seria uma covardia. Então

eu escuto, a cada manhã, quantas crianças foram mortas pelo Netanyahu, pelos nazistas israelenses.

Não é fácil ser alegre nessas condições. Ao mesmo tempo, digo a mim mesmo que a única maneira para salvar uma possibilidade de sociabilidade significativa, feliz, de imaginação feliz, é buscar uma maneira de reconstituir diariamente, a cada segundo, uma dimensão de alegria possível. De compartilhar. É o “compartilhar” que torna a alegria possível. Um “compartilhar” que não pode nunca se tornar um isolamento intelectual. É a consciência do desespero, mas é também a empatia com outras pessoas que sofrem.

Hoje, saiu um artigo muito interessante sobre o desespero, de Amador Savater. Na *CTXT, Revista Contexto y Acción*, revista online espanhola. Savater explica o que é a relação entre o desespero e a loucura agressiva do fascismo contemporâneo, mas ao mesmo tempo procura dizer como devemos e podemos resguardar um espaço para a alegria.

Normalmente, minha resposta a essa pergunta tão difícil é a ironia. A ironia é essencialmente uma forma linguística de elaborar a experiência. É uma forma linguística do saber, mas que em certo momento podemos criar uma dimensão que não seja pesada, dominada pelo saber. Uma condição de *não saber*. Essa é a ironia. Eu bem sei que a ironia está muito próxima do cinismo. A ironia é uma arte muito difícil, mas é uma maneira para resguardar um espaço indispensável de alegria.

PERCURSO Você escreveu que sem ambiguidade não há erotismo. Estava pensando que na ironia se inclui a ambiguidade...

BERARDI A ironia é a ambiguidade. Também o cinismo é a ambiguidade. Mas existe uma forma de manejar a ambiguidade para dominar os outros, e isso se chama cinismo. E existe outra forma que é a de manejar a ambiguidade para dominar o cinismo, para colocar o cinismo em uma condição ou outra, em um ponto de vista ou outro. É a capacidade de criar momentos de empatia que



permitam não *apagar* a realidade, mas pelo menos jogar um outro jogo.

PERCURSO Em relação à ascensão da ultradireita na atualidade, você tem insistido que as categorias políticas não são suficientes para entender o movimento atual e aponta para uma mutação tecno-antropológica que precisa ser considerada. Como você vê as diferenças e semelhanças em relação aos movimentos fascistas progressos?

BERARDI Dizemos que a retórica de muitos dos “novos fascistas” – para utilizar uma expressão que claramente não funciona bem – tanto de Trump, como de Meloni, de Le Pen e de Milei, tem muitas características da retórica de Mussolini e de Hitler. Essencialmente a agressividade e a obsessão identitária. Acredito que o nacionalismo e a identidade étnica, o ‘identitarismo’, são características comuns ao fascismo dos anos 1900 e ao fascismo de hoje.

Porém, quando eu disse a um amigo argentino que o ‘identitarismo’ e o nacionalismo eram características do fascismo de ontem e do fascismo de hoje, ele me respondeu que Milei não é um nacionalista! Que Milei é algo mais complexo, porque é um nacionalista norte-americano, e sua visão de nacionalismo é a de uma burguesia compra-dólares. Ele deseja ser um servo dos ianques, e dominar a Argentina como uma colônia dos ianques. Essa é uma consideração que me interessa muito.

PERCURSO Quando Bolsonaro estava no poder e encontrou Trump, fez um gesto de subserviência militar a ele e aos EUA.

BERARDI Sim. É interessante isso. Me dou conta de que, na América Latina, e eu conheço bastante bem a situação argentina assim como a brasileira, pois tenho muitos amigos no Brasil e na Argentina, sempre me impressiona o papel do nacionalismo, que é totalmente diferente do europeu. O nacionalismo argentino, basicamente peronista, não é o mesmo dos nacionalistas europeus. E por quê? Porque o nacionalismo europeu é colonialista. E o latino-americano é colonizado.

quando eu disse a um amigo argentino que o ‘identitarismo’ e o nacionalismo eram características do fascismo de ontem e do fascismo de hoje, ele me respondeu que Milei não é um nacionalista!

Então é um nacionalismo que funciona como a burguesia compra-dólares, sempre.

Mas, de maneira geral, podemos dizer que o novo fascismo tem uma continuidade com os fascismos de ontem essencialmente na identidade agressiva. Uma identidade que se torna cada vez mais agressiva porque perdeu suas marcas mais visíveis. A sociedade multiétnica produziu um efeito de confusão identitária que produz o medo, o fascismo etc.

Ao mesmo tempo, muitas das características dos fascismos do século passado não se apresentam mais. Primeiro, o culto à potência juvenil segue existindo, mas hoje é um culto completamente vazio porque a característica mais forte da cultura contemporânea, dos velhos, mas também dos jovens, é a impotência. A impotência política e a impotência sexual em suas novas formas complexas. No entanto, por fim, o prazer juvenil de dominação, essencialmente de dominação da mulher, hoje se tornou mais incerto, mais frágil. A força e a autonomia feminina produziram evidentemente uma crise de identidade masculina que não pertence ao fascismo do século passado, e que é um fenômeno absolutamente novo.

Para terminar, o fascismo de Mussolini é um fascismo futurista, o futuro que se apresenta como expansão; expansão econômica, colonial, como juventude que tem que se desenvolver.

PERCURSO Dos músculos...



*o verão de 2015 foi,
para mim, um choque
intelectual fundamental.*

*O povo grego estava entusiasmado:
“Ganhamos! Ganhamos!”.
E Tsipras disse: sim, ganhamos,
mas temos que abaixar a cabeça*

BERARDI Dos músculos, claro. Bom, tudo isso desapareceu, porque o futuro... enfim, claro que existe o amanhã, o futuro. No entanto, esse futuro não é o futuro da expansão de energia, é um futuro sem energia, sem expansão. Evidentemente o capitalismo pretende se expandir, porque não pode existir capitalismo sem crescimento, sem expansão, mas, hoje, a única maneira de alcançar um pouco de expansão é destroçar o planeta, é destroçar o psiquismo coletivo. E neste sentido, acredito que o problema é que houve uma mudança essencial no caráter da esperança. O fascismo de Mussolini era um fascismo da esperança. Uma esperança agressiva, racista, colonialista, machista. Hoje é um fascismo do desespero.

PERCURSO No Brasil, temos um filósofo, Vladimir Safatle, que diz estarmos atualmente em um *capitalismo cínico*.

BERARDI Não o conheço, mas me interessa muito a definição de capitalismo cínico, acho que o tema do cinismo é muito importante atualmente.

PERCURSO Em *Asfixia: capitalismo financeiro e a insurreição da linguagem*, você reflete sobre a necessidade da luta contra a dominação do capital financeiro e a captura corporativa do conhecimento. Aponta que o corpo social não se desencilhou das armadilhas dos algoritmos, entrando assim em processo de asfixia. Como você vê a possibilidade de reversão do domínio da esfera

financeira sobre a linguagem e a possibilidade de reativar nossa respiração, nossa imaginação?

BERARDI Bom, eu sou asmático. Descobri ser asmático aos 57 anos, em uma idade avançada. E a asma me ensinou que, por mais que você faça, ela não te libera desta limitação da respiração. Digo isso porque a relação com o capitalismo financeiro caracterizou a experiência política dos últimos trinta anos, e o capitalismo financeiro assumiu uma forma que defino como *automatismo tecno-linguístico*. Isso quer dizer que a esfera financeira não é um sujeito, uma vontade política contra a qual podemos argumentar. Não! É um automatismo técnico e linguístico. O que isso significa?

No verão de 2015, os cidadãos gregos foram chamados a votar “sim” ou “não” ao memorando financeiro do Banco Central Europeu, o qual significava a destruição da sociedade grega, e 62% dos cidadãos gregos votaram “não”. Não aceitaram a chantagem financeira. No dia seguinte, Alexis Tsipras foi a Bruxelas, e ele, que havia votado “não”, que participava da vontade majoritária de não aceitar, aceitou. Foi obrigado a aceitar. É um enigma, um mistério, não sabemos o que se passou pela cabeça de Alexis Tsipras na noite em que ganhou o referendo. Algumas pessoas disseram, como Yanis Varoufakis, que Tsipras lançou o referendo esperando perdê-lo, podendo assim aceitar o memorando do Banco Central Europeu. Mas depois do triunfo do “não”, Tsipras foi a Bruxelas e aceitou o que os cidadãos gregos haviam recusado. Por quê? Porque não se podia recusar, não era possível tecnicamente.

Eu estava na Grécia durante esses dias, participei disso. O verão de 2015 foi, para mim, um choque intelectual fundamental. O povo grego estava entusiasmado: “Ganhamos! Ganhamos!”. E Tsipras disse: sim, ganhamos, mas temos que abaixar a cabeça. E já não era possível tirar dinheiro no banco, nos caixas eletrônicos. Então, é um automatismo, mas há outros automatismos. Nossa sociedade globalizada neoliberal é um automatismo. E eu o defino assim: em uma realidade que se torna demasiado complexa, para que se tome uma decisão no tempo necessário,



somos obrigados a criar simplificações. A esfera financeira, a comunicação digital e o sistema militar são sistemas tão complexos, que, se queremos utilizá-los, precisamos automatizá-los, e quando são automatizados já não podemos mudar, não podemos decidir nada que não seja previsto pela plataforma automática.

É por esse motivo que acho que a guerra na Europa chegará aos seus últimos termos. E quando digo últimos termos significa *últimos termos*. Não digo mais do que isso, porque não é bom falar do que está acontecendo e do que ainda acontecerá na Rússia, na Ucrânia e em toda a Europa.

Então, voltando à respiração e ao automatismo financeiro, a única coisa que podemos fazer, a única estratégia que podemos elaborar, é a que chamo de *deserção*. Desertar, abandonar o campo, se resignar, aceitar que a força dos automatismos é maior do que a força que nós temos. Nesta situação, na qual não pretendemos respirar contra a esfera financeira, começamos a respirar fora da dimensão produzida por ela. Isso significa que devemos criar comunidades que abandonem o campo.

Eu tenho muito respeito pelo Lula, mais do que respeito, é um amigo. É uma pessoa que conheço desde 1977, quando ele se encontrou com Félix Guattari. Tenho muito respeito por ele assim como tenho por Gustavo Petro, ou por Pedro Sánchez, esses sujeitos que estão representando uma resistência na política. Então, é o seguinte: se existe a possibilidade, resistimos. Mas, ao mesmo tempo, precisamos saber que talvez não possamos ganhar essa batalha. Devemos preparar uma linha de fuga, o que não significa renunciar à resistência. E como não somos políticos, nem eu e nem vocês, pensamos algo que os políticos não podem pensar. Porque precisamos da resistência política, mas também precisamos da sobrevivência, e de uma alegria se for possível, para além da resistência política. Precisamos respirar. No entanto, temos que aprender técnicas de respiração em meio ao sufocamento financeiro. Eu tomo cortisona todo dia de manhã e ela me faz muito mal. Por causa dela, perdi a voz, pois ela

nossa sociedade globalizada neoliberal é um automatismo.

Eu o defino assim: em uma realidade que se torna demasiado complexa, para que se tome uma decisão no tempo necessário, somos obrigados a criar simplificações.

atinge minhas cordas vocais. Eu não gosto dela, mas é o único modo para respirar.

PERCURSO Estávamos no Chile em outubro de 2023, no Congresso da FLAPPSIP, e, em sua conferência, você apresentou a deserção como uma análise da atualidade, disse ao público que não era uma proposta. De lá para cá, parece que você se identificou como um desertor, seu blog se chama *Ildisertore*, e fez disso uma proposta, algo a ser pensado, ensinado, transmitido. Como foi seu processo de transformação pessoal frente à ideia de deserção? **BERARDI** Antes de mais nada, preciso dizer que a palavra deserção me veio à mente quando a Rússia invadiu a Ucrânia e a guerra começou. Essa guerra demente, feita para a defesa das sagradas fronteiras e da pátria. Sei bem que se eu fosse um cidadão de Kiev não poderia brincar com o problema, porque é uma invasão. Então, eu me pergunto: o que produziu a invasão russa? Os russos? É claro que o Putin decidiu, mas nem tudo começou em fevereiro de 2022. Antes disso, houve muitas decisões como, por exemplo, a decisão do Joe Biden de impor aos alemães a ruptura das relações econômicas energéticas com a Rússia. Em dezembro de 2021, Biden disse que não seria possível fazer o Nord Stream 2 e que, se os alemães não obedecessem, eles teriam as ferramentas para impor isso.

De qualquer jeito, há uma invasão, uma guerra. O que eu, como cidadão ucraniano, posso



o que chamamos depressão muitas vezes é simplesmente a compreensão do fato de que eu não posso, não tenho potência para fazer algo. E então eu deserto. E me deprimio e fico muito triste. Por que fico triste? Porque me disseram que eu deveria ser poderoso, e não sou

fazer? Combater contra os russos, mas a última coisa que eu posso fazer na minha vida é matar ou morrer pela pátria. A ideia até me faz rir. Depois, descobri que muitíssimos jovens russos fugiram, muitos jovens ucranianos também. Não é algo que pode ser dito, mas que se sabe.

E me veio à cabeça que meu pai, durante a Segunda Guerra Mundial, era militar no exército italiano. Ele não era fascista, mas tampouco era antifascista, ele não estava nem aí para o fascismo! Era um jovem católico que se encontrava em uma guerra. Um dia, os italianos decidiram parar a guerra e trocar de lado – como os italianos sempre fazem, e que me são simpáticos porque são traidores em sua natureza mais profunda. Bom, quando os italianos traíram os alemães e passaram para o lado dos americanos, meu pai, como muitos outros militares, fugiu. Porque ele não conseguia entender: “estamos combatendo contra os alemães ou com os alemães? O que eu tenho que fazer?” E fugiu. Era um desertor. Depois ele se encontrou com os partisanos, os comunistas; se tornou partiano e combateu na resistência. Não chegou a combater muito porque ele não gostava da violência, era uma pessoa mais intelectual do que militar. Mas ainda assim tornou-se partiano e comunista. Era um desertor!

Então, eu me disse: se estivesse na Ucrânia hoje, eu desertava, não ia combater. Se eu puder, vou embora. Ao mesmo tempo, comecei a pensar nesse modo de agir, pois a deserção é uma ação,

não somente uma forma de escapar da guerra, militar. Há muitas outras formas de escapar. Acho, por exemplo, que as mulheres do mundo todo estão desertando da maternidade, com exceção da África e do mundo árabe. Muitos trabalhadores estão desertando do trabalho assalariado. Hoje, a maioria dos jovens na Itália recusam a possibilidade de trabalhar no Estado, o que é novidade.

Há um fenômeno massivo de depressão. E eu me pergunto: essa depressão é de fato uma depressão? Escrevi um livrinho, recém-publicado na Argentina, que se chama *Desertemos*, ainda não há uma tradução brasileira dele. É um livro sobre a depressão, dedicado principalmente à interpretação da depressão. O que chamamos depressão muitas vezes é simplesmente a compreensão do fato de que eu não posso, não tenho potência para fazer algo. E então eu deserto. E me deprimio e fico muito triste. Por que fico triste? Porque me disseram que eu deveria ser poderoso, e não sou.

É possível que na depressão haja um efeito de impotência, e pode ser que essa impotência de viver seja derivada do fato de que nos disseram que viver é ser poderoso, é dominar. Se eu não posso dominar, então não posso viver. Não! Posso viver sem dominar, posso viver na impotência. Minha intenção com este livro não é só falar da guerra, mas também falar da impotência como condição que está se manifestando cada vez mais.

PERCURSO Mas há aí uma potência. Viver a impotência como certa potência.

BERARDI Podemos dizer que a potência que temos é uma potência essencialmente psíquica, que é a autonomia. Eu chamo de autonomia, que é uma palavra política, mas não somente política. Autonomia significa que eu decido ser o que sou, não o que os poderosos impõem que eu seja. Minha potência consiste em recusar a forma predominante de entender a potência.

PERCURSO Você fala de uma mudança importante do lugar e do sentido do suicídio no decorrer do século xx. No passado, o suicídio como um gesto solitário e elegante; hoje, o suicídio como

uma arma política, ou seja, o “suicida terrorista”, o “herói suicida” e aquilo que você chama de “crime de suicídio”, para também pensar as guerras atuais. Como podemos entender essa mudança no sentido de dar fim à própria vida?

BERARDI Escrevi um livro que se chama *Heroes: Mass murder and suicide*, ainda não foi traduzido para o português, e o subtítulo é sobre o suicídio como ação. É um livro acerca de pessoas que cometem assassinatos em massa, os *mass murders*, dos quais os EUA são campeões porque eles têm muitas armas, mas não só por isso. Minha interpretação de ações como a de Columbine, e as de muitos outros jovens que vão a uma escola ou a um cinema e matam todos que conseguem, é que, ao final, o que mais lhes importa é serem mortos, tanto física quanto simbolicamente.

Tal decisão suicida é muito importante na agressividade contemporânea. O herói, a figura do herói, me interessa muito neste momento. Começou a me interessar quando escrevi este que é meu livro mais norte-americano. No entanto, hoje, nesse momento em que a guerra volta à história do mundo, me parece que precisamos re-visitamos a figura do herói e entendê-la bem. Na figura do herói há um fundo de vontade suicida, acredito; matar o outro, mas ao mesmo tempo matar sua própria humanidade, matar sua própria ternura, sua própria inocência em um sentido muito profundo.

O tema do suicídio me toca de maneira muito pessoal e me interessa cada vez mais. Não tenho nada contra o suicídio, naturalmente, mas acredito que nele há algo de violento, de brutal e, sobretudo, descortês. O suicídio não é somente uma ação contra si mesmo, é principalmente uma ação contra os outros. Nesse sentido – e repito: não tenho nada contra uma decisão de suicídio, é uma escolha que respeito –, me parece o sintoma de uma perda de autonomia. Perda de autonomia e de cortesia.

Para mim a palavra cortesia é enorme, afinal o que é a cortesia na modernidade? É a capacidade de transformar os instintos, a força instintiva, em linguagem, em ironia. No sexo, por exemplo, na



no sexo, por exemplo, na relação erótica, a transformação do instinto em forma de relação desejante que implica um outro se manifesta primeiramente na cultura cortês do humanismo italiano de Francesco Petrarca, Dante Alighieri e de Guido Cavalcanti

relação erótica, a transformação do instinto em forma de relação desejante que implica um outro se manifesta primeiramente na cultura cortês do humanismo italiano de Francesco Petrarca, Dante Alighieri e de Guido Cavalcanti. A poesia cortês é uma primeira tentativa de falar, de falar sobre o desejo, de falar sobre o sexo. O sexo que não fala é perigoso. Quando o sexo não é capaz de se transformar em palavra, ele é perigoso. E quando o sexo fala, faz-se cortesia, significa um enriquecimento do desejo. O suicídio é um ato descortês nesse sentido.

Ao mesmo tempo, me dou conta de que o suicídio se coloca de forma cada vez mais urgente, porque parece que a raça branca – se é que posso usar essa expressão horrível, que não significa nada porque não existe uma raça branca, existe uma mitologia da raça branca –, o supremacismo branco, hoje, deseja se suicidar. Mas a única maneira de fazer isso é matando o mundo, e esse é o motivo da guerra que está se desencadeando, a guerra de velhos suicidários.

PERCURSO Você fala de uma recuperação da linguagem poética, da sensibilidade da linguagem poética...

BERARDI Sim. Nesse sentido a poesia não é só uma representação de um sentimento, a poesia é uma elaboração de sentimentos. De sentimento, de impulso, do instinto, do que você quiser, de algo que se apresenta de maneira aparentemente



*perdemos todas as relações,
não digo com a origem,
mas com essa forma
não contaminada pelo
princípio da competência,
do proveito, da
acumulação capitalista*

natural. Mas o desejo não é natural. O desejo está na relação, na cultura, na espera etc. E se apresenta sem linguagem. Temos que falá-lo, temos que elaborá-lo. Assim é que é. Contudo, isso se tornou difícil. Por quê? Porque a nova geração não aprendeu a falar de sexo, não aprendeu a falar sobre o contato com os lábios do outro. Os lábios se tornaram um perigo. Essa hipersensibilidade fóbica ao corpo do outro é uma falta de capacidade de elaboração linguística. A linguagem digital não é a mesma coisa que a palavra que vai da boca à orelha do outro.

PERCURSO Aqui no Brasil, a forma de entender o mundo dos indígenas está tendo mais visibilidade. Ailton Krenak publicou o livro *Ideias para adiar o fim do mundo*; Davi Kopenawa publicou com o antropólogo francês Bruce Albert o livro *A queda do céu*. Nos surpreendemos com a coincidência quando soubemos da proximidade com o nome do seu primeiro livro. Você tem acompanhado essa discussão? Que alcance essas vozes poderiam ter com seus ensinamentos?

BERARDI Confesso que não conheço *A queda do céu*, esse livro do Davi Kopenawa e Bruce Albert. Escrevi um livro que se chamava *Le ciel est enfin tombé sur la terre* (*Enfim o céu caiu sobre a terra*). Era um livro insurrecional. Era como dizer que o céu das ideias, dos projetos, havia caído na terra devido a um movimento que havia permitido

empoderar-se dos projetos, das ideias “do céu”, na vida cotidiana.

Mas vejo que na pergunta há uma referência às culturas indígenas. Geralmente a questão se coloca de formas muito diferentes em países como o Brasil e em países europeus. Assim como antes falamos das diferentes percepções de nacionalidade, de nacionalismo, de nação, agora falamos das diferentes percepções das culturas indígenas. Para a cultura europeia, quando falamos sobre isso, falamos em termos de exotismo, de algo que pertence a um outro mundo. Mas isso significa que perdemos a possibilidade de alimentar uma nova energia. Por quê? Porque perdemos todas as relações, não digo com a origem, porque não gosto de falar em origem, em raiz, autenticidade e tudo o mais, mas com essa forma não contaminada pelo princípio da competência, do proveito, da acumulação capitalista. Uma cultura capaz de pensar a vida fora do paradigma capitalista. Essa é a relação com as culturas indígenas. Eu, pelo pouco que conheço das culturas indígenas – trabalhei muitos anos como antropólogo no sul do México –, acredito que o México assim como o Brasil, mas de forma diferente, toma toda a sua vitalidade política contemporânea da presença de uma cultura que não foi contaminada pelo princípio de capitalização. E essa cultura lhe permite conhecer energias e possibilidades que a cultura branca perdeu definitiva e irreversivelmente. Essa é a razão, talvez, da minha ideia de que a extinção da civilização humana é uma ideia essencialmente europeia.

Não posso negar que eu mesmo sou profundamente europeu. Sim, tudo bem, eu estudei, frequentei outras culturas, mas ainda assim minha formação me impede de verdadeiramente pensar e alimentar o meu pensamento a partir de formas de vida e de cultura, mas sobretudo de vida, que não pertençam à história do capitalismo. É um limite do meu próprio pensamento que não consigo superar. Mas posso reconhecer que existem outras experiências filosóficas que se alimentam dessa energia.

PERCURSO O que você pensa sobre a experiência zapatista no México?

BERARDI Acho que a experiência zapatista foi e segue sendo a mais próxima do que sempre pensei sobre o conceito de autonomia, porque é uma cultura política que tentou se organizar concretamente em um território, em uma população.

Em 2012, em uma das últimas vezes que passei pelo México, participei de um congresso do EZLN (*Ejército Zapatista de Liberación Nacional*) que aconteceu na Cidade do México. Era um encontro dedicado a uma elaboração do conceito de autonomia. Nos anos seguintes – minha última viagem para o México foi em 2018 –, percebi uma nova e mais dolorosa consciência do movimento zapatista, de uma impossibilidade que estava se manifestando na própria experiência comunitária. Os zapatistas seguem produzindo, seguem atuando em seus territórios. Mas acredito que perderam, e não sei se de maneira definitiva ou não, a convicção de que a sua experiência possa se

generalizar em outros lugares do planeta. Existe um “zapatismo europeu”, grupos que o praticam e que fazem referência a ele, mas acho que não pertence ao campo das possibilidades políticas, é mais propriamente uma possibilidade cultural imaginativa de esperar algo dos outros lugares do planeta.

»»

*a experiência zapatista
foi e segue sendo a mais próxima
do que sempre pensei sobre
o conceito de autonomia, porque
é uma cultura política que tentou
se organizar concretamente em um
território, em uma população*

André Alves
 Lucas Liedke
 Henry Krutzen
 Maria Luiza Gastal

Crise ecológica, crise psíquica

Realização Bruno Esposito, Gisela Haddad, Ivy Semiguem e Lucas Simões Sessa

André Alves e Lucas Liedke são escritores, psicanalistas e pesquisadores de cultura e comportamento. São fundadores do instituto @floatvibes e apresentadores do Vibes em Análise, podcast que faz uso da psicanálise para gerar reflexões sobre o estado atual do mundo e as mudanças do nosso tempo. Vale escutar o episódio “Ansiedade Climática”.

Henry Krutzen é psicólogo e psicanalista, membro da International Association for Relational Psychoanalysis and Psychotherapy (IARPP) e do Grupo Relacional Ibero Latinoamericano de Psicoterapia y Psicoanálisis (GRILPP). É autor do Índice referencial do seminário de Jacques Lacan (Toro ed., 2021) e de cinco livros sobre psicanálise relacional, sendo os dois últimos *Sobre Trauma e Ecopscianálise* (Zagodoni, 2023).

Maria Luiza Gastal é psicanalista da Sociedade de Psicanálise de Brasília, professora assistente do Instituto de Psicanálise Virgínia Leone Bicudo e membro do Comitê de Clima da IPA. É bióloga, doutora em Ecologia pela Universidade de Brasília, tendo atuado no Ministério do Meio Ambiente, como consultora do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento.

DOI: 10.70048/percurso.72.103-112

Em seu livro *Banzero òkòtò: Uma viagem à Amazônia Centro do Mundo*, Eliane Brum conta que, a partir de sua mudança para Altamira, foi amazonizando-se ao perceber em si um processo de desconstrução do corpo, de desmanchar do Eu, num fundir-se com a floresta amazônica. Em suas palavras “a Amazônia salta para dentro da gente como num bote de sucuri, estrangula a espinha dorsal do nosso pensamento e nos mistura à medula do planeta. O que nos tornamos não tem nome. Não porque não tenha, mas porque não conhecemos a sua língua”.

Se seu relato nos causa estranheza, é porque coloca em xeque as cristalizadas relações que mantemos com nosso corpo e com o meio ambiente, ao oferecer uma visão contrária ao projeto civilizatório dos séculos passados. Historicamente a noção de progresso esteve vinculada à ideia de domínio sobre a natureza pelo receio de que sua força, sem um controle, ameaçaria a preservação de nossa espécie. No entanto, a engenharia do progresso passa pela colonização do meio ambiente, como nos lembra Vladimir Safatle, já que o “progresso” pressupõe uma atitude violenta e ostensiva de separação, imposição, objetificação e domínio da natureza, tratada como objeto a ser explorado, sendo suas energias utilizadas para o benefício humano. Benefício que em geral não chega às camadas desfavorecidas e/ou marginalizadas da população, que diante de catástrofes climáticas cada vez mais frequentes são as mais atingidas. Ainda que constituam um fenômeno global, as consequências do aquecimento se manifestam de maneira local, contingencial e imprevisível, sendo, portanto, além de uma questão ambiental, uma questão social e psíquica, que impacta de formas diferentes os grupos populacionais.

O neologismo *racismo ambiental* tenta chamar a atenção ao sofrimento e desamparo, mas principalmente à impotência desses grupos, já que, sem previsão, as catástrofes ambientais costumam provocar perdas e danos traumáticos em suas vidas. *Ecoansiedade, ansiedade climática e luto ecológico* também ganham espaço em nosso vocabulário tentando nomear as dores e os sintomas deste novo mundo.

Por outro lado, se há décadas se anuncia a possibilidade de mudanças climáticas catastróficas, que mais recentemente nos assombram com o aquecimento global e seus eventos extremos e inesperados – secas prolongadas, chuvas torrenciais, tornados, enchentes etc. –, os clamores de certos setores para uma ação orquestrada da governança planetária visando a medidas protetivas do sistema climático global não alcançam um quórum necessário. Ao contrário, a degradação dos ecossistemas e do meio ambiente é acompanhada por resistências ativas das sociedades humanas. Pesquisas voltadas a esse tema apontam tanto as estratégias de construção midiática do campo negacionista, quanto uma certa apatia na percepção pública diante dos riscos de recentes eventos

André Alves e Lucas Liedke
Atmosferas afetivas e a escuta climática

Chove sem parar. E mesmo quando para, a água segue subindo, a tragédia segue jorrando. Em diversas partes do país e do globo terrestre, temos o fogo, as secas, os deslocamentos emergenciais, para nomear alguns eventos. O clima vem ficando mais denso, quase tão pesado quanto o ar irrespirável de grandes cidades como São Paulo e Manaus. Nesse ritmo, torna-se cada vez mais evidente que o colapso climático deixou de ser uma provável realidade futura – o clima já mudou.

Clima é um significante curioso. Pode dizer tanto de condições meteorológicas como de uma atmosfera afetiva que nos envolve. E ambos os significados não são tão distantes assim. Até

»»

*por outro lado,
há décadas se anuncia a
possibilidade de mudanças
climáticas catastróficas, que mais
recentemente nos assombram com
o aquecimento global e seus eventos
extremos e inesperados – secas
prolongadas, chuvas torrenciais,
tornados, enchentes etc.*

climáticos extremos. Por quais razões não avançamos em direção à sustentabilidade, que, em última instância, possibilitaria nossa sobrevivência?

A seção Debate da *Revista Percurso* convida nossos debatedores a refletir sobre os rumos de nossa sociedade humana.

porque as alterações climáticas provocam reações no nosso humor, como acontece na depressão sazonal, que acomete milhões de pessoas durante o inverno em países frios. Somos seres permeáveis e sensíveis à temperatura, afinal de contas. Talvez até mais do que nos damos conta.

Quando falamos dos efeitos das mudanças climáticas, como as recentes e trágicas enchentes no Rio Grande do Sul, nenhuma palavra consegue dar conta do que está acontecendo. “Catástrofe” parece desresponsabilizar quem tem contas a prestar. “Desastre” insinua que a natureza chegou aqui sozinha. “Colapso” é insuficiente quando 2.12 milhões de pessoas foram afetadas.



*nomear o Grande
Outro se faz necessário
para pensarmos em
como diferentes narrativas
massivas influenciam –
e manipulam – psicologias
de grupo diante de grandes
oscilações e
transformações*

O horror tem esse poder de devorar até mesmo a linguagem.

Ainda na gramática da dor, fala-se do “sem precedentes”, mas sabemos que não se trata do primeiro evento impulsionado por condições colapsantes. A região serrana do Rio de Janeiro, Petrópolis, Pernambuco e o próprio Rio Grande do Sul, para citar alguns. O problema é que a experiência não se transformou em sabedoria, nem em práticas preventivas. Como o trauma que se repete, justamente porque foi “deixado de lado”. Por isso, nada parece tão urgente quanto a capacidade de fazer desse momento um divisor de águas, não só de vidas. Se a solidariedade não vier também com algum tipo de revolta, estaremos “apenas” socorrendo pessoas hoje para que elas percam tudo novamente nos próximos eventos extremos. Afinal, precisamos acreditar que o traumático poderá escoar de uma forma diferente da repetição, ou do agravamento crônico de uma crise tão contínua que já se consolida como permacrise.

Em um contexto no qual somos cada vez mais impactados pelas consequências trágicas do clima na vida material e emocional das pessoas, também cresce na cultura de massa todo um novo vocabulário do sofrer. Ecoansiedade, ecoculpa,

ecopsicologia, luto ecológico, solastalgia, preocupação biosférica, traumas climáticos e ecofobia. Efeitos de uma condição coletiva que vai se agravando: a ansiedade climática. Condição essa que convoca diferentes reações e mecanismos mentais que afetam nossos psiquismos, relações e o estado atual do mundo. Ainda mais quando até mesmo o Real dos fatos é questionado.

A atmosfera suficientemente boa que constitui (ou não) cada um de nós tem uma influência significativa nos padrões de comportamento e respostas emocionais, bem como na forma como cada um atua com sua ansiedade climática. Há diversos estudos sobre a relação entre a forma como cada um lida com as mudanças climáticas e seu grau de escolaridade, inclinação política, classe social, profissão e faixa etária. Na psicanálise, porém, sabemos que nenhum marcador social pode demitir um sujeito de sua subjetividade. Ou seja, cada um será atravessado pelas mudanças climáticas e seus efeitos de forma singular; ainda que influenciado culturalmente, socialmente e economicamente. A noção de clima é sempre uma construção coletiva e sistêmica, mas nunca uma resolução unânime e global. Cada atmosfera subjetiva tem formações psicossomáticas próprias, assim como o clima planetário também habita nosso inconsciente.

Nomear o Grande Outro se faz necessário para pensarmos em como diferentes narrativas massivas influenciam – e manipulam – psicologias de grupo diante de grandes oscilações e transformações. As teorias, as notícias e o conteúdo impulsionam – e são impulsionados por – diferentes mecanismos de defesa em operação. Em meio a questões tão complexas, essas sim sem precedentes na história da humanidade, muitos nos perguntamos sobre o que podemos fazer. Seguindo nessa direção, o que a psicanálise teria a contribuir em um mundo que sofre de um caso cada vez mais crônico de ansiedade climática? Nessa dança entre feridas coletivas e sintomas subjetivos, pulsa uma das questões mais urgentes do nosso tempo: como escutar as nossas emoções climáticas?

Como Freud mostrou há bastante tempo, a imprevisibilidade das forças destrutivas da natureza é um dos maiores motores de angústia e medo de que temos notícia. Nesse sentido, a possibilidade de um clima ainda mais “fora do controle” é assustadora demais e, como manda a cartilha do recalçamento, precisa ser negada. Nessa trilha, a negação da realidade parece ser o mecanismo de enfrentamento mais comum para lidar com o que vem acontecendo no mundo externo e interno.

Estabelece-se aqui um funcionamento mental que prioriza a desconfiança de qualquer fato, notícia, previsão ou estudo científico, de forma que as crenças pessoais mais antigas se mantenham inabaláveis. Assim, o Ego não tem que lidar com a responsabilidade ou a culpa pelo que já aconteceu ou vai acontecer. Como se tudo fosse mesmo uma obra divina, ou do acaso, e o antropoceno é lido como apenas mais um mito humano. No núcleo dessa postura paira a ideia de que o clima não mudou muito ou não mudou de forma alguma; segue instável como sempre foi.

É importante, no entanto, refinar o entendimento sobre os deslocamentos negacionistas que fazem parte da fibra do tecido social brasileiro há séculos. Aquele que sofre de negacionismo não se enxerga como alienado, mas sim como mais bem informado que os demais, aquele que conhece a “verdadeira verdade” e que “sabe” que todas as narrativas massivas são mentirosas. Nesse sentido, notícias falsas e mentiras em massa são como instrumentos fundamentais na negação do colapso. Instala-se então uma obsessão por identificar e denunciar pontos e detalhes muitas vezes imaginários ou insignificantes de como as coisas realmente funcionam.

Na prática, o negacionismo não funciona como uma identidade com a qual o sujeito se sustenta, mas sim um espectro de afetação. Cada indivíduo tem seu próprio conjunto de manifestações e diversidade de sintomas, tornando-o único dentro do espectro. É no mínimo curioso que, segundo dois estudos publicados em 2023, 61% dos brasileiros acreditam que precisarão se



outra resposta em curso é o êxito absoluto da paranoia, do gozo na infodemia e no doomscrolling, um feed infinito de notícias do fim do mundo, um empuxo ao catastrofismo

mudar nos próximos anos por conta das mudanças climáticas (Ipsos), mas apenas 56% acreditam que a mudança climática seja grave (FGV). Habitamos um mundo em que é possível, por exemplo, acreditar na mudança climática, mas não no colapso iminente.

Se muitas vezes buscamos amenizar um conflito e até negar o medo, também somos capazes de substituir o medo de fora pelo exagero das angústias interiores. Nesse sentido, outra resposta em curso é o êxito absoluto da paranoia, do gozo na infodemia e no *doomscrolling*, um *feed* infinito de notícias do fim do mundo, um empuxo ao catastrofismo. O transbordamento dessa angústia produz um sentimento coletivo de que, no atual estado de deterioração das coisas, não tem muito que possa ser feito, então é melhor se entregar à inação e ao inativismo ambiental – pura apatia climática. É como se a narrativa de fim do mundo fosse sedutora demais, irresistível demais.

Não conseguimos viver com medo por muito tempo, então nos adaptamos. Só que essa adaptação ao mesmo tempo pode estar apenas alimentando nossa destrutividade. O costume vira um “novo normal”, até que um novo baque nos pegue desprevenidos, mas já não tão surpresos assim.



como nos lembra Félix Guattari em A revolução molecular, temos responsabilidades ético-políticas em relação ao futuro. Não somente o futuro das humanidades, mas também o futuro do planeta, bem como o futuro do próprio ser

Entre catastrofismos e negacionismos, nos sentimos sobrecarregados pela magnitude do problema. Então, paralisamos.

Na ignorância de acreditar que sabe de tudo, o sujeito se perde do todo e da possibilidade de vislumbrar mudanças sistêmicas, que obviamente não acontecem de um dia para o outro. Temos também de conseguir lidar com a impotência, no saber e no agir. Exatamente por isso que é preciso desmontar as estratégias cognitivas vigentes, abrindo caminho para vislumbrar e criar novas possibilidades. A escuta climática, portanto, precisa ser mais do que uma escuta do fim do mundo. Não somos e nem seremos como terapeutas terminais da orquestra do Titanic, tocando as últimas notas enquanto a embarcação afunda.

Henry Krutzen

Debate sobre ecopsicanálise, alguns pontos e eixos de reflexão

Em primeiro lugar, a clínica. Cada vez mais, em nosso cotidiano chegam pacientes com ecoansiedade e ecoluto. Sem perspectivas de futuro, são

A psicanálise nos ajuda, afinal de contas, a pensar em formas de promover transformações na nossa capacidade de pensar e agir. Como argumenta o psicanalista e escritor britânico Christopher Bollas, quando alguém está atravessando algum tipo de colapso / breakdown, há também uma tentativa do sujeito de fazer algum tipo de breakthrough / atravessamento. Nesse sentido, o colapso climático também pode funcionar como uma espécie de objeto transicional no desenvolvimento de uma nova estrutura psíquica.

Existe ainda, na articulação entre psicanálise e a necessidade urgente de preservação do meio ambiente, a capacidade de sustentar a angústia. Trata-se de aprender a encontrar algum tipo de conforto e movimento na incerteza; é permanecer presente e ativo mesmo em meio ao incômodo, infamiliar e inquietante. A escuta climática parte do pressuposto de que o mundo e o futuro serão mais bem servidos se mantivermos nossa sanidade, mas não a normopatía. Se vai ser o suficiente, se vai dar tempo, não sabemos. Mas o que não dá é para o desespero climático deprimir o nosso senso de ativismo e a nossa capacidade de trabalhar com a linguagem para simbolizarmos o novo.

Como nos lembra Félix Guattari em *A revolução molecular*, temos responsabilidades ético-políticas em relação ao futuro. Não somente o futuro das humanidades, mas também o futuro do planeta, bem como o futuro do próprio ser. Nenhum fatalismo, negacionismo, paranoia ou qualquer recurso psíquico pode nos deixar esquecer que o colapso climático pode ser amenizado. Afinal, se não tivermos a capacidade de imaginar e lutar por um clima mais ameno, quem terá?

invadidos por pensamentos de destruição, sentimentos de desesperança e sensações de paralisia e congelamento. Em outras palavras, são pacientes

traumatizados. Mas o trauma não corresponde a um evento dramático do passado, bullying ou outras causas de traumas, do ponto de vista psicopatológico. Ao contrário, são medos do futuro, traumas que estão a caminho, comportamentos de autodestruição por gozos desenfreados, que empurram cada vez mais os limites. Em seus discursos, tais comportamentos extremos não são problemáticos, “são as coisas que a gente faz”, dizem. Nas análises, não buscam resolvê-los. Depois de um tempo em análise, isso se apresenta como a última versão do “no future”, do antigo movimento punk dos anos 1970. “Somos provavelmente a primeira geração que não terá filhos, porque somos todos fodidos, este planeta está fodido, e a única coisa para se fazer é aproveitar o mais possível antes de ir embora.”

Em segundo lugar o analista. Não é mais possível escutar essas queixas e avaliá-las como exclusivamente intrapsíquicas. A crise ambiental nos alcança a todos, e é necessário escutar este sofrimento, pois “não se envolver” corresponde a uma negação, recusa, desmentido do que acontece em nosso planeta. Lembremos aqui o relato de Frieda Fromm-Reichmann, uma pioneira no estudo da esquizofrenia, que pouco antes de deixar a Alemanha nazista para emigrar aos Estados Unidos atendeu uma jovem paciente que sofria de uma multiplicidade de sintomas, sobretudo medos e fobias. Após três anos, com a melhora de seus sintomas, recebeu alta. Pouco tempo depois, sendo judia, foi presa e levada a um campo de concentração, de onde não voltou. Pergunta: ajudar as pessoas a se adaptarem a uma sociedade destrutiva faz mais mal do que bem? A pergunta não é retórica e talvez – não sabemos – Frieda Fromm-Reichmann tenha se questionado se não teria sido melhor aconselhar a jovem a deixar a Alemanha e emigrar, em vez de fazer uma análise e cair nas mãos dos nazistas.

Em nossos consultórios, ajudamos pais a criar seus filhos, divorciados a se orientarem, casais a encontrar caminhos que aprofundem suas relações, enquanto, do lado de fora, o ar fica mais poluído e os ecossistemas dos oceanos se alteram.



*o trauma não corresponde
a um evento dramático do passado,
bullying ou outras causas de traumas,
do ponto de vista psicopatológico.
Ao contrário, são medos do futuro,
traumas que estão a caminho,
comportamentos de autodestruição
por gozos desenfreados,
que empurram cada
vez mais os limites*

Qual é o sentido da terapia, e qual a responsabilidade de um terapeuta num mundo assim? (O'Connor, 1995).

Há que se questionar a clínica em que o analista propõe interpretações para a resolução das fantasias inconscientes de seus pacientes. Seria importante não deixar de fora o campo co-construído com o paciente, a cada momento do processo. É sua responsabilidade, relacional, ética e política.

O terceiro ponto é que a crise ambiental nos força a reconsiderar nossa relação com a chamada natureza. Costumamos pensar uma ecologia sem natureza, apoiada pela ideia de que é a natureza que atrapalha qualquer pensamento eficiente ecológico. Nesse sentido, não existiria nenhum estado natural ecológico do ser humano para o qual poderíamos retornar, ou caminhar para frente. Uma das fontes importantes dessa ideia de natureza é o legado do romantismo do fim do século XVIII e do século XIX. É urgente começarmos a ter atitudes novas em relação ao que chamamos de natureza, para além das lindas imagens de um pôr do sol, um pico de montanha coberto de neve ou uma floresta vista de cima. Foi também durante o período romântico que o capitalismo se instalou, com a industrialização e o neocolonialismo,



*organize grupos de fala
com amigos, colegas
e desconhecidos. Proponha
um debate sobre as perdas.
Perdas de parentes, do jardim
da casa da infância, dos sonhos
de um futuro apagado, do
cachorro que foi atropelado,
das fantasias que imaginava
na sua cama de adolescente*

e hoje se espalha por todo o planeta. Talvez não dê para separar essa economia, que se desenvolveu de maneira predadora, das ideias desencarnadas de uma natureza romântica, que sofreria cada vez mais os efeitos da primeira. São dois lados da mesma moeda! A ideia de uma ecologia sem natureza permitiu a naturalização da ideia de uma natureza como um princípio transcendental, o que nos deixa presos a comportamentos e atitudes contraditórias e ideias paradoxais sobre o meio ambiente e nos impede – por enquanto – de pensar uma ecologia alternativa a esse modelo romântico de dois séculos atrás. A ecologia que estamos procurando ainda não existe.

Tal posição não se apoia em um pensamento pós-moderno de um relativismo “absoluto” ou em

Maria Luiza Gastal

Psicanálise no tempo das catástrofes

Comecei a escrever este texto no primeiro dia das chuvas que se converteram na maior catástrofe climática do Rio Grande do Sul, e numa das maiores do Brasil até hoje. Naquele dia, li,

leituras descentradas de referências culturais e artísticas. Trata-se de buscar os pontos de contradição dessas posições discursivas, de trazê-las à luz da crítica, esperando que o sistema se reorganize quando puder! Isso abriria o espaço para uma ecologia crítica, para além do mito romântico recorrente e do saque sistemático perpetrado por uma economia de mercado desenfreada e descontrolada, que ameaça o pouco que nos sobra. “Ou pior”, diria Lacan, um distanciamento do gozo estético ligado à natureza e suas doutrinas românticas pode constituir um passo saudável para a sobrevivência. Seria nossa sobrevivência negociável? Tendo a apostar em uma resposta afirmativa, embora a ecologia sem natureza aponte o contrário. Também a ciência é atravessada pela permanência dessa influência romântica nos debates contemporâneos, não sendo segredo o fato de que toda pesquisa científica necessita de financiamento para poder existir. A chamada ciência pura não existe.

Para terminar, uma proposta: organize grupos de fala com amigos, colegas e desconhecidos. Proponha um debate sobre as perdas. Perdas de parentes, do jardim da casa da infância, dos sonhos de um futuro apagado, do cachorro que foi atropelado, das fantasias que imaginava na sua cama de adolescente, da sua bicicleta que foi roubada, dos seus amigos desaparecidos ou ausentes, da sua boneca de criança, da geladeira da família, etc. Que essas perdas sejam compartilhadas numa complexidade caótica, até... até... alguma coisa surgir. O que seria isso? Ninguém sabe! Faz parte de uma ética melancólica para uma ecologia escura...

num portal de notícias, que um jacaré de dois metros de comprimento fora atropelado em uma avenida de Porto Alegre. No então segundo dia de chuva, havia centenas de desabrigados e três



pessoas (duas humanas e uma não humana – o jacaré) mortas.

Naquele dia, o portal informava ainda sobre uma ponte arrastada pela correnteza diante da prefeita que fazia uma live, e que a pior onda de calor desde 1943 continuaria assolando o centro e o sudeste do Brasil. Outra matéria indagava “Como sabemos se as mudanças climáticas estão realmente acontecendo?” Ainda li que o derretimento das geleiras torna a escalada do Everest mais perigosa, porque os caminhos mudam constantemente e a redução da cobertura de gelo põe à vista (e ao olfato) três toneladas de excremento humano deixadas pelos turistas.

Às notícias sobre essa tragédia somam-se tantas outras: por exemplo, a de que em 2023 o mar da Flórida atingiu a temperatura de 38,4°C, levando pesquisadores e voluntários a tentarem salvar amostras de cada espécie de corais, para conservá-los em tanques climatizados de água salgada. Ou a da quebra de recordes de calor oceânico, aumento do nível do mar, perda de gelo marinho na Antártica e recuo das geleiras. Ou ainda sobre o Relatório da Organização Meteorológica Mundial mostrar que 2023 foi o ano mais quente já registrado, prevendo um 2024 pior.

Sete dias depois, tudo piorou muito. Após haver subido mais de cinco metros, 83 anos depois da enchente da qual cresci escutando falar pela boca dos mais velhos, o Guaíba transpôs o muro e os diques construídos em razão da primeira enchente e se elevou a uma altura maior do que aquela de 1941. O número de pessoas humanas atingidas não para de subir (sabemos pouco sobre os não humanos). Hoje, 12 de maio de 2024, já são 143 humanos mortos, 806 feridos, 125 desaparecidos, 573.200 desalojados e 81 mil em abrigos, estando mais de 446 dos 497 municípios do estado atingidos.

Glenn Albrecht cunhou o termo “solastálgia” a partir de *solace* (conforto ou consolo diante um sofrimento ou evento angustiante), *desolation* (abandono e solidão) e do sufixo “algia” (dor, sofrimento ou doença). Solastálgia é a “dor ou doença psíquica decorrente de uma perda ou do

Glenn Albrecht cunhou o termo “solastálgia” a partir de solace (conforto ou consolo diante um sofrimento ou evento angustiante), desolation (abandono e solidão) e do sufixo “algia” (dor, sofrimento ou doença)

sentimento de isolamento ligado à supressão, aniquilamento ou risco de desaparecimento da casa ou do território de alguém”. É o sofrimento de sujeitos ou comunidades cujo território é atacado, erodindo o senso de pertencimento e de identidade.

Solastálgia, para mim, não é mais mero conceito. Está cravado em meu corpo e em minha alma, diante das imagens do centro histórico de Porto Alegre, território onde nasci, cresci, morei, estudei, brinquei. Sinto-a na dor de ver a água sob os arcos da Casa de Cultura Mário Quintana e nas imagens da Usina do Gasômetro cercada pela água, recebendo refugiados climáticos das ilhas de Porto Alegre. Ou de ver o Mercado Público de Porto Alegre mais uma vez alagado, como na foto de 1941, que era só história. Parte de mim se afoga com minha cidade.

No interior do estado, as cenas também revelam uma violência ainda destruidora e descomunal. Cidades submersas, algumas pela terceira vez em nove meses. Pessoas que recém-reconstruíram suas casas, suas vidas, sua história, depois do desastre anterior, são outra vez varridas pela fúria da catástrofe. Algumas cidades talvez não possam ser reconstruídas. Cenas e notícias parecidas



Isabel Stenger chama de “intrusão de Gaia” o gigantesco acontecimento do aquecimento global e eventos associados – extinção massiva de espécies, acidificação dos oceanos, pandemias, eventos climáticos extremos e tantos outros. Gaia reage como consequência de como a afetamos, não como vingança

com as de Petrópolis, São Sebastião, Bahia, Espírito Santo, Santa Catarina e tantas outras, nos últimos dois anos, para falar somente do Brasil.

Lovelock e Margulis denominaram Gaia o conjunto de relações que ocorre no planeta e que articula seres vivos, oceanos, atmosfera, clima, solos. Gaia é um ser vivo, dotado de história e regime de atividades próprio, originado das múltiplas e complexas relações entre os processos que o constituem, de tal modo que a variação de um repercute sobre os outros, de formas complexas e múltiplas.

Isabel Stenger chama de “intrusão de Gaia” o gigantesco acontecimento do aquecimento global e eventos associados – extinção massiva de espécies, acidificação dos oceanos, pandemias, eventos climáticos extremos e tantos outros. Gaia reage como consequência de como a afetamos, não como vingança.

Gaia é indiferente à pergunta “quem é responsável?” e não age como justiceira – parece que as primeiras regiões da Terra a serem atingidas serão as mais pobres do planeta, sem falar de todos esses viventes que não têm nada a ver com a questão. [...] A intrusão do tipo de transcendência que nomeio Gaia instaura, no seio de nossas vidas, um desconhecido maior, e que veio para ficar (p. 52).

Indiferente ao Homem (como assinala Latour, maiúsculo, falando “de todo mundo de maneira indiferenciada e preguiçosa”), aquela entidade mítica que acreditava tudo poder com a Cultura e a Ciência, Gaia ruge. A Ciência, também maiúscula, masculina (a despeito da discordância da língua), europeia, que alimentava nossa ilusão de que a razão e o progresso sempre nos salvariam, agora nos alerta de que o fim desse mundo é uma realidade. A intrusão de Gaia nos impede de chamar o que estamos vivendo de “crise” climática ao fingir que nada acontece. A emergência climática nos deixa pouco tempo para imaginar e construir um futuro hostil (e não mortal), que dela emerge, com novos regimes climáticos e hídricos, menos espécies, menos alimento, novas doenças. Não há mais lugar nem tempo para a desmentida.

Ainda assim, muitos insistem em afirmar que o que está acontecendo é normal, sempre houve tragédias, a vida é assim mesmo, é “natural”. Como pode?

A tanatologista Kriss Kevorkian cunhou o termo “luto ambiental” para nomear o que acredita ser uma razão para nosso descaso com as evidências da mudança climática: a motivação para a ação dependeria de podermos reconhecer nosso “luto ambiental”. Mas não temos, diz ela, um léxico análogo ao do luto humano para a perda de nosso mundo natural, e este seria um “luto desprivilegiado”, nome dado por Ken Doka, gerontologista, ao luto não reconhecido ou invalidado, como o que se segue ao suicídio ou aborto. Incapazes de viver o luto, a desmentida é uma saída de vida.

Em *Transformações*, Bion descreve a mudança catastrófica como aquela que produz uma subversão da ordem ou sistema de coisas e que se impõe de forma brusca e violenta, acompanhada de sentimentos de desastre. Mais tarde, em *Memória do futuro*, assinala que ela pode também representar uma erupção ou desobstrução, e não apenas colapso. O novo. Como na catástrofe da tragédia grega, vivemos um evento que rompe com o presente e lança o futuro numa estrada desconhecida, numa nova ordem sobre a qual ainda nada sabemos.

A psicanálise, filha da modernidade, surgiu como mais uma aposta de que a Cultura e a Ciência nos libertariam das garras do que era visto como natureza hostil. O Homem, a despeito das forças do inconsciente, seria capaz, por um trabalho de autoconhecimento, de enfrentar e vencer as agruras da natureza, este outro ameaçador, ainda que ao preço do inevitável mal-estar.

Hoje, a má notícia vem das ciências (minúsculas e frágeis como tudo o que é humano), que já não nos prometem “o fim da crise” e nos exigem ações e mudança. O mundo moderno não existe mais e o Homem não pode (nunca pôde) tudo. A colega Liana Bastos, da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, conclamou-nos, no Observatório Psicanalítico da FEBRAPSI, a aprender com os cunhados, abandonar a ideia de que “só podemos nos ligar a alguém que esteja na mesma relação com um terceiro termo superior: pai, pátria, religião, ideologia”. Nossa fratria capitalista é incapaz de pensar outro mundo, e é tempo de escutar e aprender com cunhados que sustentam o céu com suas culturas originárias. Aprender a viver o fim do mundo, experiência que conhecem, e imaginar outros mundos, enquanto este se desmancha.



*a psicanálise do mundo
das catástrofes também
é chamada a imaginar esses
outros mundos, com outras
novas relações, e a se debruçar
sobre subjetividades que
emergem desse mundo forjado
pela emergência climática*

A psicanálise do mundo das catástrofes também é chamada a imaginar esses outros mundos, com outras novas relações, e a se debruçar sobre subjetividades que emergem desse mundo forjado pela emergência climática. Os fatos da catástrofe climática não podem mais ficar apartados do pensar e do fazer psicanalíticos, como se pudéssemos nos dedicar a um inconsciente sem história social e sem a intrusão de Gaia. É pra ontem.

Lívia

Vera Lamanno-Adamo

Comentado por:

Maria Carolina Scoz e Rahel Boraks

Vera Lamanno-Adamo é psicanalista e escritora, membro efetivo e didata na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e na Sociedade Brasileira de Psicanálise de Campinas. Mestre em Humanistic Psychology pela Antioch University (Antioch for British Studies, Londres). Doutora em Saúde Mental pela Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp. Autora de livros e artigos publicados em revistas nacionais e internacionais. Publicou recentemente *Narciso sob tinta: fisgando o humano* (Blucher, 2023).

Maria Carolina Scoz é doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo. Membro Associado na Sociedade Brasileira de Psicanálise de Campinas. Publicou recentemente o livro *No calor das coisas: crônicas psicanalíticas* (Antonelli e Scoz, Blucher, 2023).

Rahel Boraks é psicóloga formada pela PUC-SP, psicanalista membro efetivo da International Psychoanalytic Association (IPA), analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

DOI: 10.70048/percurso.72.113-128

Lívia iniciou análise, três vezes por semana, aos 34 anos de idade. Estava tentando progredir na carreira profissional, mas sem sucesso. Não conseguia estudar, não conseguia se concentrar e apresentava depressão há quatro anos. Relata que consultou psiquiatras, que já havia tomado diferentes medicações sem nenhuma melhora.

Tive oportunidade de acompanhar, no início da análise, a turbulência emocional em que Lívia mergulhou quando se sentiu fortemente atraída por um colega. O desejo sexual que sentia por esse homem provocou um estado mental de intensa desorganização e tumulto. Ficava em casa andando para lá e para cá esperando um telefonema, um convite para um encontro, mas quando isso acontecia ela desistia na última hora, até esse homem deixar de se comunicar. Pouco tempo depois reencontrou um amigo da adolescência. Iniciaram um namoro e Lívia engravidou meses depois. Uma gravidez conturbada que colocou o bebê e ela mesma em risco. Nos últimos meses de gravidez, como estava em repouso absoluto, as sessões aconteciam em seu quarto. Quando o filho completou um ano, Lívia se casou, um casamento seco, com quase nada de comemoração, pois estava vivendo tudo isso de forma tumultuada. Lívia sentia-se muito desconfortável com o fato de ter engravidado antes de se casar.

Lívia oscilava entre a apatia e o caos. Ora apresentava-se num estado de quase total entorpecimento, ora mergulhada num estado de desorganização que a impedia de se concentrar, de trabalhar, de cuidar da casa. Dizia que, nos finais de semana, passava horas feito barata tonta, sem conseguir fazer nada do que havia planejado.

Antes de engravidar sua fala concentrava-se, basicamente, na sua insatisfação com o trabalho; depois que teve o filho, sua queixa

passou a versar sobre a falta de desejo sexual pelo marido.

Nesse período da análise Livia gemia, se lamentava de muitas dores físicas e se queixava do marido ausente. O campo onírico apresentava-se obstruído por um excesso de concretude e objetividade. Quando Livia não estava gemendo e se lamentando de dores físicas, relatava fatos concretos: problemas no trabalho, aborrecimento com o marido e esperava de mim “dicas” para solucioná-los. Predominava em nossos encontros um sofrer sem sofrimento, um querer sem vontade, um raciocínio sem pensamento.

Em uma das sessões, quatro anos após o início da análise, quando Livia trazia uma vez mais sua falta de desejo sexual pelo marido, sua insatisfação com o casamento e enfatizou a falta que sentia de seu pai, me lembrei de um poema de Mailliet. Já havíamos conversado sobre suas queixas, fundamentada no que fui conhecendo ao longo de nossos encontros, sob vários prismas: seu terror em se entregar ao mundo dos sentidos, sua dificuldade em viver a penetração como fonte de prazer e criatividade, seu desejo e medo de se tornar uma devassa, seu medo de nascer como mulher e mãe.

Mas, dessa vez o que me veio à mente foi o poema de Antonine Mailliet. Conheci esse poema a partir de uma entrevista de Reeves, renomado astrofísico, na Rádio Televisão Belga. Reeves utiliza o poema de Mailliet para recolocar a atividade artística na evolução do mundo, o que lhe valeu o apelido de “o poeta da astrofísica”. Reeves é um grande admirador de Winnicott; para ele, o telescópio é, em certo sentido, o prolongamento do urso de pelúcia de sua infância.

Compartilhei com Livia o poema de Mailliet:

Escrevo porque tenho a impressão e sentimento de que o mundo é inacabado, como se deus, que criou o mundo em seis dias e que descansou no sétimo, não tivesse tido tempo de fazer tudo. Acho o mundo pequeno demais, a vida demasiado curta, a felicidade insuficiente, escrevo para acabar o mundo, para acrescentar à criação o oitavo dia.



Reeves utiliza o poema de Mailliet para recolocar a atividade artística na evolução do mundo, o que lhe valeu o apelido de “o poeta da astrofísica”

Em seguida, disse a Livia que tinha a impressão de que o sentimento de mundo inacabado, pequeno demais, de vida demasiado curta, de felicidade insuficiente, não gerava nela o desejo de ser uma artesã do oitavo dia, e sim uma revolta paralisante.

Terminei essa sessão pensando que através do poema de Mailliet tentávamos alcançar linguagem simbólica ao incompleto, pequeno demais, insuficiente, imperfeito, inerentes à condição humana, mas vivenciados por Livia como algo desprezível e revoltante.

Na sessão seguinte, Livia deitou-se no divã e já foi logo dizendo (geralmente ela ficava longos minutos em silêncio, deitava-se com as mãos cruzadas no peito me dando a impressão de que estava em sono profundo): “ontem ficou comprovado o que sempre pensei sobre a psicanálise... um tratamento longo e dispendioso que nos faz chegar ao óbvio, ao que sabíamos desde o início, e quando a gente chega a esse ponto é hora de parar a análise, daí pra frente é só se conformar que a vida é assim mesmo, os que se conformam se saem melhor”.

A fala de Livia me chegou como um bofetão. Mas a partir daí ficou mais evidente, para mim, os movimentos de oposição de Livia à gratidão e à criatividade. A poética de Mailliet, aquele momento único de experiência estética entre nós, foi pulverizado e reduzido a “conhecimento do óbvio”.

Será que Livia teve infância, ursinho de pelúcia? O que ocorreu de tão insuportável no nosso encontro anterior que só pôde ser conhecido através da intelectualidade e não pelos sentidos? Tentativa de neutralizar a aproximação com a analista



*quando Ismália enlouqueceu
pôs-se na torre a sonhar,
viu uma lua no céu, viu outra lua
no mar... é uma poesia,
não sei de quem*

e com sua vida psíquica para evitar sofrimento? Uma maneira contundente de sustentar a esterilidade emocional?

A partir desse momento, apesar de Livia continuar gemendo e se lamentando, em algumas raras sessões conseguimos dar algum sentido à sua dor. Mas, na sequência, Livia dizia não estar com vontade de vir à análise e ameaçava parar. Esse padrão foi ficando tão repetitivo que, muitas vezes, eu já me adiantava: “já sei, você vai me dizer que não quer vir mais”. E Livia esboçava um sorriso.

As sessões prosseguiram nesse ritmo até que em uma delas Livia me comunicou que estava com gripe e me perguntou se teria um outro horário para atendê-la. Disse-lhe que não tinha. Na sessão seguinte, Livia retoma a questão sobre parar a análise e em algum momento disse que nunca concordou com esta história de os analistas cobrarem a sessão em que o paciente não vem; que nós, analistas, não queremos lidar com os possíveis danos de nossa profissão, e que esta atitude denuncia um uso ilícito do poder.

Disse a ela de maneira firme que não tinha horário. Livia insistiu que cobrar do paciente a sessão que não vem é uso ilícito de poder e que está com muita vontade de encerrar a análise.

– Você vai ter que decidir se quer continuar, frisei.

Livia saiu da sessão pisando duro e me fuzilando com o olhar.

Frustração, inveja e ciúmes estavam aflorados.

Livia expressou a dimensão do seu ódio e sobrevivemos. A partir desse momento, mostrou-se mais colaborativa e acenava uma certa curiosidade a respeito de si.

Em um de nossos encontros, quando lhe comuniquei que ficava na “torre” para não sofrer dor, Livia imediatamente se pôs a recitar:

– Quando Ismália enlouqueceu pôs-se na torre a sonhar, viu uma lua no céu, viu outra lua no mar... é uma poesia, não sei de quem, talvez, Manoel Bandeira, conheci essa poesia quando eu estava no ginásio, mas não me lembro do resto, só deste pedaço, é o começo.

Nessa ocasião, interpretei que estávamos inaugurando a possibilidade de alcançar alguma compreensão sobre o seu desamparo e isolamento.

Algumas semanas depois, “Ismália” retornou à sessão e questionei o que poderia tê-la colocado na “Torre”. Livia me contou que nasceu de oito meses, pois sua avó havia falecido e esse fato apressou o parto. Disse também que, meses antes de ser concebida, sua mãe tinha tido um aborto. Imediatamente após esse relato me lembrei da poesia de Maillat, introduzida na análise três anos antes. Através desse poema e de *Ismália*, buscávamos sair da imobilidade e alcançar linguagem simbólica para angústias primevas permeadas por violenta turbulência emocional.

Na sessão seguinte, Livia traz pela primeira vez o relato de um sonho: “Estou vindo para a análise, mas é uma casa, e o divã é uma cama de casal, o meu marido e o meu ex-namorado estão deitados juntos comigo. Quando você chegou eu peguei na mão uma semente grande, redonda que estava em cima da minha barriga. Eu abri para ver o que tinha dentro”.

– Acho, Vera, que eu quero muito descobrir aqui o que se passa comigo, o que se passa na minha relação com o meu marido, o que, de fato, aconteceu comigo aos vinte anos com o E. (namorado de vários anos), o que aconteceu comigo que fui perdendo o interesse, minguando.

Salientei que ela estava querendo descobrir o que se passava no seu interior, que percebia nela uma curiosidade a respeito de si: você começa a reconhecer, Livia, um espaço interno que contém muitas vivências para serem reconhecidas e compreendidas.

Após seis anos de análise, narrativas sobre suicídio, perda, exclusão e morte começam a



emergir nos nossos encontros, e a memória surge em contraponto à ameaça de morte psíquica.

Trago abaixo o relato de duas sessões consecutivas desse período da análise.

Lívia deita-se como geralmente o faz, com as mãos cruzadas na barriga, imóvel, quase nenhum sinal de vida. Espero alguns minutos para ver se ela reage, penso se devo ou não estimulá-la. Espero mais um pouco e então falo: E aí, Lívia?

– Hein? Ahn? (era como se eu a tivesse tirado de sono profundo).

– Te tirei da “Torre”?

– Estou mal. Estou mal, Vera (fala baixinho, é mais um gemido do que uma fala). Acho que é tristeza... não sei... não estou zumbi, acho que é mais para tristeza (nesse ponto tenho que fazer muito esforço para não cair num agudo estado de desânimo, para manter minha mente vitalizada), e então eu digo (mais para não sucumbir do que qualquer outra coisa): está desiludida, descrente?

– Não sei, não tenho ânimo pra nada, tenho que fazer muita força para trabalhar, voltar pra casa, ficar com meu filho, e P. (marido) sempre daquele mesmo jeito na frente do computador, ele nem olha pra mim. Vera, eu sei que você vai me dizer da minha necessidade de ser olhada, ouvida, mas ele não coopera.

– Essa Falta tremenda que te acompanha desde sempre...

– Então... A gente vem conversando disso e sabe que eu acho que você tem razão, eu não me lembro de ninguém da minha infância, não me lembro da minha mãe, do meu pai, só alguns momentos, pois quando ele chegava em casa “pra lá de Bagdá”, a gente ficava no quarto, eu e minha irmã, mas eu não me lembro de brincar com ela. Acho que os meus pais saíam muito, viajavam muito, estou me lembrando de que ficava muito tempo na casa da tia D. Ela morava com uma outra irmã da minha mãe, essa já morreu, mas a tia D. cuidava muito de mim. Eu ficava na casa dela e, me lembro, brincando sozinha. Gostava de jogar bola, estou me lembrando, eu gostava do

Lívia passa a relatar com algum detalhe a casa de sua tia, a cidade onde moravam, a amiguinha da infância com quem sempre brincava

quintal da casa, eu descia uma escada para chegar lá e tinha muitos vasos de flores beirando o muro (nesse momento ela descreve o nome de todas as flores e a cor delas). Era um casarão enorme, gostava também de brincar no vão da escada, mas tinha dias também que a minha tia ia para casa cuidar de nós, quando minha mãe estava ocupada.

Nesse momento, Lívia passa a relatar com algum detalhe a casa de sua tia, a cidade onde moravam, a amiguinha da infância com quem sempre brincava. Foi um relato vivo que me fez conhecer um pouco de sua infância.

– Você está recuperando a memória, Lívia.

– E está sendo bom, Vera. Quando a minha tia morreu eu não estava bem com ela, estava com raiva dela e nem me importei muito com a sua morte. Agora, falando aqui sobre ela, estou podendo recuperar o tanto que ela cuidou de mim, como ela era carinhosa comigo.

Prenúncio de gratidão?

Ficamos em silêncio alguns minutos e então Lívia me falou sobre uma propaganda que tinha visto na televisão: Um homem no meio de um campo florido sob um céu muito azul. Há também balões muito coloridos que, na medida em que vão estourando, se transformam numa nuvem cinza. Essa imagem vem acompanhada da seguinte fala: *isso é o que acontece com cada sonho que você não realiza.*

– Fico muito pensativa quando vejo essa propaganda... acho que eu fui fazendo isso com a minha vida e agora vivo sob uma densa nuvem cinzenta... é por isso, Vera, que estou pensando muito seriamente em pegar parte da minha herança e comprar uma casa. Acho que seria muito



Lívia passa a descrever como é a casa de seus sonhos: não muito grande, quintal com muita grama e flores, uma piscina pequena, churrasqueira, um forno para assar seus pães de queijo

mais feliz numa casa. Quero cozinhar para o meu filho enquanto ele brinca no quintal, quero pisar no chão descalça, sentar no jardim, cuidar das plantas.

Segue-se daí uma longa descrição de todas as coisas que poderia fazer caso morasse numa casa. Digo-lhe que neste momento está recuperando memória e desejo.

Simbolização em torno da maternidade, feminilidade, sexualidade, fertilidade está em emergência.

Depois de uma longa pausa Lívia passa a descrever como é a casa de seus sonhos: não muito grande, quintal com muita grama e flores, uma piscina pequena, churrasqueira, um forno para assar seus pães de queijo.

E então eu disse: essa casa me parece confortável e agradável.

Depois disso ficamos em silêncio até o final da sessão.

Na sessão seguinte Lívia deita-se e fica em silêncio como de hábito, eu não digo nada, espero.

– Sonhei com você agora de manhã, tive uma noite “picada”, dorme e acorda, na hora me lembrava perfeitamente do sonho, agora não me lembro direito... Eu cheguei e você estava distribuindo, acho, um mapa para os seus pacientes, acho que era um mapa, mas não tenho certeza, talvez fosse um papel com a identificação de seus pacientes e não estávamos só eu e você na sala, tinha mais gente... acho que uma mãe e uma filha, talvez mais gente, e daí eu pedi para você tirar essas pessoas da sala porque com todas aquelas pessoas ali, não ia dar.

Mapas para orientação de espaço e objetos revitalizados, exigência edípiana de privacidade e de exclusão de terceiros?

Em seguida, Lívia disse que teve um final de semana difícil. “Eu só queria dormir, um torpor”, frisou.

– Lá pelas tantas, Vera, eu peguei o livro de Fernando Pessoa e abri em qualquer página, e me dei com a página 78, e era eu, Vera, ele falava de mim, como naquela música do Milton Nascimento: cabe tão bem em mim que não sei como não foi feita por mim. Eu até trouxe o livro para você ver, quero ler para você, e eu fiquei na tarde do domingo no quarto, num dorme e acorda e tocou o telefone, achei que era minha mãe, e eu disse que bom, deve ser a minha mãe, mas não era, era um primo meu e foi muito bom, o telefone me despertou e aí eu fiquei melhor.

– Fora de contato não pode nem dormir e nem acordar e usufruir da companhia do seu marido, filho, mãe...

– É isso mesmo, vou pegar o livro para você ver como sou eu. É só esse parágrafo, olhe! Leia!

Quando Lívia acordou se encontrou em Fernando Pessoa.

Peguei o livro (*O Livro do Desassossego*) e li primeiro sozinha e depois em voz alta para nós duas:

Há sensações que são sonos, que ocupam como uma névoa toda a extensão do espírito, que não deixam pensar, que não deixam agir, que não deixam claramente ser. Como se não tivéssemos dormido, sobrevive em nós qualquer coisa de sonho, e há um torpor de sol do dia a aquecer a superfície estagnada dos sentidos. É uma bebedeira de não ser nada, e a vontade é um balde despejado para o quintal por um movimento indolente do pé à passagem.

– Diz mesmo de você, Lívia. Interessante! Uma bebedeira de não ser nada... a vontade é um balde despejado para o quintal... É assim que você fica em torpor.

– Estou me lembrando de quando estava na faculdade e namorando o E., eu estava com ataque de pânico, acho eu, é uma sensação terrível, um mal-estar horroroso e eu pedi para ele vir comigo no meu apartamento, mas chegando lá não me senti melhor, aí queria que ele fosse embora, eu

achava que era ele quem estava me provocando aquilo, na verdade, hoje eu sei que não era ele, mas eu queria me livrar daquilo que estava sentindo, uma sensação horrível, daí eu cheguei perto da janela, tinha uma janela branca bem grande na sala do meu apartamento e eu pensei “vou me jogar”, mas eu não queria me matar, eu só queria me livrar daquilo, daquele turbilhão.

– E você buscou sossego no torpor.

– Logo em seguida eu dormi, mas não era um sono bom, eu só queria dormir, um sono picado que não me dá sossego.

– É um falso sossego, né, Lívia? Pois na verdade você fica num lusco-fusco que não te deixa nem descansar, nem estar em atividade.

– Fico pensando que se eu comprasse uma casa com um belo quintal, piscina, churrasqueira eu poderia curtir tudo dentro, com meus filhos, meu marido, convidar minha mãe, minha irmã, alguma amiga, eu não precisaria sair domingo à tarde com o meu filho para tirá-lo de dentro do apartamento... Sabe, eu estava pensando outro dia que eu só vou a lugares abertos e claros e que têm plantas. Me fazem pensar que estou num quintal.

– Você está querendo muito sair do seu torpor e adquirir uma condição mental, um espaço interno capaz de abrigar seus gostos, desejos, sonhos, sentimentos, as pessoas que te são caras...

– Estou me lembrando da minha amiga quando a mãe dela morreu. Me contou que na hora que ela estava morrendo gritou: Mãe!!! Acho



– *você está querendo muito sair do seu torpor e adquirir uma condição mental, um espaço interno capaz de abrigar seus gostos, desejos*

que ela estava no túnel vendo aquela luz que as pessoas vêm quando estão morrendo. Ah! Me lembrei (e começa a rir) do burrinho do Shrek, ele dizia: *quando você vir a luzinha, saia correndo!!!*

– O torpor é um jeito perigoso de tentar sossego, Lívia, gera um baita dum desamparo.

– Quando meu pai ia para a praia, ele adorava ir para a praia, ele ficava depois do almoço na rede dormindo, aí acordava e ia meio cambaleando para o mar e se jogava, então ele dizia que não tinha nada melhor do que aquilo, um bom sono e depois aquele choque com a água do mar te acordando.

– No torpor, Lívia, não existe nem dormindo, nem acordado, nem vida, nem morte.

Lívia ficou em silêncio por alguns minutos e chegamos ao final da sessão.

Meses depois Lívia interrompeu a análise. Suas dores físicas estavam atenuadas. Alegou que precisava de mais tempo para se envolver com o projeto de sua casa nova.

Comentário de Carolina Scoz

Breves cogitações sobre transformações infinitas

NOMES PRÓPRIOS

Se concordarmos aqui que narrativas clínicas, tal como obras literárias, trazem pequeninas sutilezas textuais capazes de expressar o que páginas inteiras tentam sofregamente comunicar, podemos dizer, então, que Lívia foi uma escolha bastante acertada para nomear a paciente de que nos fala sua analista.

Eu diria o mesmo a Mary Shelley, caso o destino tivesse me concedido o privilégio desse encontro: o melhor nome para aquele ser bizarro e grotesco – que viveu a procurar um olhar amoroso que o adotasse, condição essencial para se constituir humano – é nome nenhum. Foi o que a jovem escritora britânica fez, marcada que era por rupturas traumáticas (ela que havia perdido



ao ler e reler excertos
de rememoração que sua analista
conosco dividiu, somos postos
face a uma presença lívida

a mãe antes mesmo de conhecê-la e, menos de vinte anos depois, viria a perder Clara, sua filha recém-nascida; ela que fugiu de casa para viver o imoral romance com o poeta Percy Shelley e teve de suportar a culpa pelo suicídio da esposa dele, Harriet). Chamamos a desafortunada criatura de Frankenstein, mas esse é o sobrenome do cientista que a produziu em laboratório, juntando retalhos cadavéricos. O homem sem pais e sem infância nasceu e morreu inominado, repentinamente jogado na vida sem ter quem o protegesse (inclusive dos próprios erros e excessos). Nós é que inventamos de lhe atribuir um nome, cumprindo, após sua morte, o que ele desejou por todos os seus dias e jamais conseguiu experimentar.

Outro exemplo que me ocorre – e um feliz avesso do que acabávamos de recordar – é *Pinocchio*¹. Carlo Collodi, escritor italiano, apresenta-nos a Geppetto e, logo nos primeiros capítulos, testemunhamos o velho carpinteiro recebendo do vizinho um tronco de árvore falante. Sem compreender o inusitado fenômeno sobrenatural, Antônio quer livrar-se daquele objeto atemorizante. Já a Geppetto o presente é bem-vindo, pois a madeira parecia-lhe adequada para que esculpisse uma marionete. Em meados de 1800, a Itália recém-unificada vivia um tempo de extrema pobreza. Naquela singela casa do reservado carpinteiro, faltava quase tudo. Se pudesse fazer apresentações públicas que lhe rendessem algumas moedas, talvez ganhasse o suficiente para ao menos se alimentar e, em noites de inverno, se aquecer ao redor do fogão. Geppetto, portanto, busca

apenas ter um boneco útil. Mas o rústico boneco de madeira, desde sua origem (antes mesmo de ser entalhado), deseja ser um menino. Sabemos que *Pinocchio* pode significar pinhão, isto é, semente, germe, início. Também sabemos que *Pino* é o diminutivo de Giuseppino, por sua vez, diminutivo de Giuseppe, nome original de Geppetto. *Occhio*, em italiano, significa olho. O tronco bruto quer ser visto como pessoa única. Para isso precisará de um adulto que suporte o assombro das muitas transformações por virem. Não será um bebê, estou pensando agora, a centelha de uma existência que nenhum pai ou mãe jamais conseguirá antever? Imaginamos um futuro para nosso rebento – eis que ele surge no mundo e rapidamente subverte as expectativas acalentadas. Gostemos disso ou não, filhos (e pacientes) estão longe de serem bonecos obedientes, marionetes submissas a nossas vontades. Serão quem puderem ser, misteriosa trama de genes, escolhas e circunstâncias. E nós, no melhor dos casos, amaremos esses seres que pouco a pouco vão traçando a própria história. “Que nome inventarei? – disse baixinho, para si mesmo – quero chamar-lhe Pinocchio. Esse nome vai trazer sorte a você.” Além dessas, certamente há outras tantas ilustrações, oferecidas pela literatura, que nos fazem elucubrar sobre a condensação de sentidos geradora de certos nomes.

Lívia, nossa personagem biográfica, assim veio a ser chamada sob motivações que desconhecemos. No entanto, ao ler e reler excertos de rememoração que sua analista conosco dividiu, somos postos face a uma presença *lívida*, que representa seu distanciamento mesmo quando parece agitada, “uma barata tonta”, como ela própria define, inseto hábil em fugir correndo pelos rodapés, até encontrar uma fresta que lhe sirva de refúgio. Frenético, algumas vezes, mas cronicamente medroso e esquivo (ouvi num documentário que as baratas podem viver cerca de trinta dias sem água ou alimento, fazendo-se parecerem mortas quando há eventuais predadores ao redor).

Não é possível conhecer as associações ocorridas na mente da analista, mas os usuais sentidos dessa palavra ajudam-nos a pensar em Lívia. Diz-se

1 C. Collodi (1883), *Le avventure di Pinocchio*. Cotia, Pandorga, 2022.

que uma pessoa está *lívica* quando surge pálida de aflição, ou ferida por trauma, ou em fase terminal de grave doença. *Livor mortis*, chamam a triste cor arroxeadada que se espalha pelo corpo inerte.

É verdade que, à primeira vista, há certa agitação, o que sugeriria um funcionamento bastante vívido. Lívia frustra-se com o emprego e o troca por outro. Apaixona-se e rompe. Namora e engravida. Casa-se e procura uma casa para morar. E ameaça deixar a analista, muitas vezes e sem rodeios. Afirma que não consegue dormir, nem sonhar. Relata, aos médicos, dor e depressão, e nenhum remédio a livrou desses padecimentos, o que a enraivece. Pergunto-me, porém: essa celeuma está a serviço de quê? O que a “barata tonta” deseja com o corre-corre que a exaure?

Lembra-nos Pontalis² que, distraídos pelo aspecto superficial do comportamento (as qualidades exuberantes), corremos o risco de perder o essencial dessa sagaz intuição freudiana: “é em seu processo radical de *desligação*, de fragmentação, de desarticulação, de decomposição, de ruptura, e também de *fechamento* [...], que a pulsão de morte se exerce”³. Isso significa, ilustra o autor, que “a autossuficiência fascinada ou a dominação onipotente e furiosa exercida sobre o objeto” podem nascer do mesmo déficit mental que as experiências de vazio e inexistência ou branco de pensamento e afeto. Hiperatividade e retraimento seriam, dessa perspectiva, manifestações oscilantes da dificuldade de suportar as turbulências inerentes às ligações afetivas.

Nesses padrões aparentemente opostos, Levy⁴ vê os limites de um “gradiente de intimidade”, isto é, um amplo espectro de níveis de relação com objetos externos ou internos: em nível mínimo de contato, o isolamento autista e sua consequente “desmentalização”; de outro lado, em máximo nível de transbordamento, a fusão narcisista que evita, a qualquer custo, o reconhecimento da alteridade, e, portanto, usa a facilidade da mistura para evitar a complexidade da interação.

Eis um impasse dos mais difíceis: como sustentar uma relação analítica se o paciente desenvolveu eficientes modos de escapar da intimidade?



*como não fazer conluíolos
bem-intencionados com a
resistência da paciente a conhecer
a si própria na desassossegante
companhia do outro?*

Como introduzir a verdade, experiência desconcertante (e tantas vezes dolorosa), sem desmantelar as obstinadas defesas psíquicas do paciente frente ao imprevisível traumático, tão próprio de toda relação íntima?

Vera, aliás, é o nome da psicanalista que nos apresenta a Lívia, uma informação pessoal que não era necessário aparecer no relato clínico. Assim ela preferiu – e assim o fez. *Vincit omnia veritas* (“A verdade tudo vence”), escreveu o poeta Virgílio, em sua obra *Eneida*. “Nem sempre, lamentavelmente...”, poderíamos dizer ao otimista poeta. Mas, no presente caso, venceu o nome verdadeiro – Vera se revela, em vez de apelar ao substantivo impessoal “a analista” ou ao pronome singular que omite a exata identidade do narrador: “eu”. Contudo, durante o processo de análise junto a uma paciente cuja mente é tão arisca e evasiva – eu me pergunto –, como não renunciar à verdade, como não abrandar ou distorcer nossas percepções emanadas no campo analítico? Ou seja, como não fazer conluíolos bem-intencionados com a resistência da paciente a conhecer a si própria na desassossegante companhia do outro?

SONHAR-A-DOIS

Podemos imaginar o quão exigentes foram, para a analista, as sessões em que ouvia Lívia. Queixas, críticas, ameaças. Oposições a interpretações sugeridas. Ataques a novos modos de pensar. Quando leio o belo excerto literário de Antonine Maillet, citado por Vera, suspeito que uma dupla comunicação possa ter ocorrido.

A analista confessa seu estranhamento: Lívia parece-lhe ser dessas pessoas que suportam



“com o enorme aceleração da vida, o espírito e o olhar se acostumam a ver e julgar parcial e erradamente, e cada qual semelha o viajante que conhece terras e povos pela janela do trem”.

[Nietzsche]

viver constantemente presas a uma espécie de lógica funcional. Sobrevivem, em vez de experimentar. Lembremos o “romance familiar” narrado por ela: nasceu prematura, de mãe em luto. Um desolado começo, desinvestido do apaixonamento que, geralmente, cerca os bebês. Depois, vieram os anos da infância solitária, em que se escondia no quarto para fugir dos ímpetos agressivos (ou eróticos) de seus pais.

Ela cita o recolhimento, mas não se recorda de brincar ou falar com a irmã que ali perto estava. E percebe apenas naquele momento, ao recordar, que não era indiferente à tia que dela cuidara – surpresa, nota que sentia gratidão. Por muitos anos, sustentou firme cisão entre tais acontecimentos e os afetos deles emergentes, de modo que permitir essas ligações tardiamente pode ser considerada uma importante conquista. “Você buscou sossego no torpor”, diz-lhe a analista, numa sessão.

Fazia, em vez de sentir.

Reclamava, em vez de pensar.

Sofria dor física, em vez de raiva, medo e tristeza.

Em linguagem metafórica, o trecho de Maillet insere no campo uma desestabilização, como se a analista lhe dissesse: “Sabe, Lívia, nem todos

aguentam essa vida maquinal”. Com palavras alusivas, essas fabulações carregadas de força maior do que nossas teorizações interpretativas, Vera tenta perturbar o monótono giro daquela engrenagem psíquica.

Tal associação literária chegou-me quando eu havia acabado de ler *Vita contemplativa*, obra do filósofo Byung-Chul Han⁵. O autor coreano, radicado na Alemanha, explora a seguinte tese, que sintetizarei: “A inatividade é uma *forma reluzente* de existência humana. Hoje ela esmaeceu até se tornar uma *forma vazia* de atividade”⁶. Por “inatividade”, ele não se refere à estagnação ou ao marasmo, assim como “atividade” não traz a usual acepção positiva de requisito fundamental para que a vida exista (e resista). Ao enfatizar que a riqueza psíquica é incompatível com a fissura por adequação, desempenho e consumo, o autor valoriza as transformações invisíveis que ocorrem especialmente quando os atos práticos descansam.

É uma tese convincente. Entretanto, tentemos a negá-la na bruma do cotidiano (outra imagem criada por Lívia: nuvens pesadas e acinzentadas saindo de balões coloridos que estouram), e, por isso mesmo, ela precisa voltar a ser considerada de tempos em tempos, por meio de uma voz que a faça ecoar. Nietzsche, por exemplo, já havia proposto em *Humano, demasiado humano*⁷: “Com o enorme aceleração da vida, o espírito e o olhar se acostumam a ver e julgar parcial e erradamente, e cada qual semelha o viajante que conhece terras e povos pela janela do trem”.

Há uma epidemia de objetividade, denunciam os dois filósofos. Urge, entre nós, “fortalecer em grande medida o elemento contemplativo”⁸, isto é, a exposição corajosa à sempre impactante alteridade, que media nossas relações com as coisas. Isso levado em conta, o mal de que sofre Lívia não parece mesmo ter chance de remissão natural no *Zeitgeist* contemporâneo.

Quem sabe, ao evocar a imagem da torre solitária – eis aqui, novamente, a esplêndida riqueza das memórias-sonho –, Lívia reconhecesse sua necessidade de um outro para sair do confinamento medroso, como se propusesse a Vera:

2 J.-B. Pontalis, *Entre o sonho e a dor*. São Paulo, Ideias & Letras, 2005.

3 J.-B. Pontalis, *op. cit.*, p. 260.

4 R. Levy, *A simbolização na psicanálise: os processos de subjetivação e a dimensão estética da psicanálise*. São Paulo, Blucher, 2022.

5 B.-C. Han, *Vita contemplativa: ou sobre a inatividade*. Petrópolis, Vozes, 2023.

6 B.-C. Han, *op. cit.*, p. 10.

7 F. Nietzsche, *Humano, demasiado humano: Um livro para espíritos livres*. São Paulo, Companhia das Letras, 2005, p. 175.

8 F. Nietzsche, *op. cit.*, p. 177.

“Com você, talvez eu consiga...”. Quem sabe buscasse uma ouvinte capaz de fazer “das tripas, coração”. Ou de “tirar leite de pedra”. Expressões da sabedoria popular que, aqui entre nós, representam a transformação da realidade bruta em patrimônio emocional, algo que a relação analítica tem extraordinária vocação para suscitar.

Nunca saberemos aonde Lívia e Vera chegaram, mas temos elementos para supor de onde a dupla partiu. A analista sonha, em voz alta, com a possibilidade de sonharem juntas – o que torna a leitura de Mailet na sessão também uma honesta confissão contratransferencial. Mas essa é justamente uma paciente que teme sonhar: para ela, a contemplação, o encantamento, a metaforização, o trabalho do luto, essas e outras formas livres de pensar, oferecem perigo de morte. A propósito, a similaridade entre os termos alemães *pensar* (*Denken*) e *agradecer* (*Danken*), fato curioso registrado por Heidegger, advém, exatamente, dessa abertura – tão necessária – para que irrompa o ato criativo. Lívia raciocinava, mas não era capaz de pensar, conta-nos sua analista. Narrava, mas era incapaz de cogitar novos sentidos (ideia a revisitar: que o temor possa nos fazer mais ingratos e, por sua vez, a ingratidão nos fazer mais solitários).

Quando Ismália enlouqueceu
Pôs-se na torre a sonhar...
Viu uma lua no céu
Viu outra lua no mar.

Começa assim o poema de Alphonsus de Guimaraens, poeta mineiro, publicado em *Pastoral aos crentes do amor e da morte*⁹. É desse verso que Lívia se recorda. O que ela não cita é que, ao final do poema, Ismália morre numa queda. Cogito ser essa uma espécie de convicção inconsciente: deixar-se levar por imensidões desconhecidas traz, em si, risco de fatalidade. Sair da lívida reclusão é quase sinônimo de aniquilação.

As asas que Deus lhe deu
Rufaram de par em par...



é desse verso (“Quando Ismália enlouqueceu”) que Lívia se recorda. O que ela não cita é que, ao final do poema, Ismália morre numa queda

Sua alma subiu ao céu,
Seu corpo desceu ao mar...

Vale evocarmos, ainda que num parágrafo, o intrigante sonho noturno que Lívia recompõe na presença da analista: ela se vê numa cama, cercada por dois homens. O que a cena terá significado? Quem sabe, um truque onírico para não se relacionar com nenhum deles, num desses triângulos que usam a variedade para evitar a intimidade? É a grande semente apoiada sobre o abdômen – será representação da fertilidade ao alcance de mãos que se apressam a destruir o continente de onde algo novo poderia surgir?

Lívia não suportou apaixonar-se, e quase podemos dizer o mesmo sobre a gestação. Vertiginosamente transformadoras – e fora de previsão ou controle –, as duas experiências a adoeceram. Repetiu-se, no sonho, o defensivo ataque à vulnerabilidade ao outro? Ou, ao contrário, o que a analista captou, naquela sessão, foi o desejo de Lívia por reparar o dano inconsciente que ela própria causou, ao relacionar-se, esquivamente, com potenciais objetos de amor? Estaria ela em busca de ligações penetrantes, por mais atemorizantes que fossem?

São esboços de questões irrespondíveis. Única conjectura próxima da verdade, que é tão inalcançável, exceto à Vera: Lívia, a jovem pragmática e queixosa, começou a sonhar na companhia dessa analista.

O OITAVO DIA

Um texto nunca chega realmente ao fim – nós é que precisamos encerrá-lo. Vou aqui recontando o número de caracteres, à medida que digito, sob



*e bem por não existir
desfecho para nossas intensas
relações objetais, resta-nos
uma contemplação que nunca
atinge resolução*

a inútil esperança de que consiga expandir tudo o que deixei anotado em folhas de rascunho.

Escrevemos, diz Antonine Mailet¹⁰, citada por Vera, porque o mundo está inacabado, essa obra descomunal feita em sete dias de labuta divina. Ou quase cinco bilhões de anos de evolução, não importa qual referência ocorra-nos usar. Nosso ofício infinito existe porque precisamos comunicar, pensar, guardar, recordar e imaginar – atos elaborativos que nos definem humanos. Nosso ofício de escrita é, em essência, trabalho de luto. A antiquíssima ideia bíblica recuperada por Mailet mostra aqui, então, uma potência metafórica que extrapola o âmbito da religião: o oitavo dia é aquele que se sobrepõe ao primeiro. Duas pontas temporais unidas: um domingo ligado ao domingo seguinte, o nascimento do mundo e sua inesgotável reinvenção, o caos inicial e o vão esforço de completude.

Uma análise também jamais chega ao fim, e, no entanto, os pacientes vão embora. Por isso, talvez, seguimos a escrever sobre aqueles que se foram, e – passado o estado de sacralidade que reveste nossas próprias análises – ensaiamos alguma compreensão retrospectiva das longas experiências pessoais (“análises didáticas”, nome tão reducionista...), que, um dia, viemos a interromper.

Não que fosse, propriamente, uma extinção natural, chama de fogo a se apagar aos poucos – nós é que abreviamos o processo que Freud entendeu

ser interminável¹¹, uma transformação dinâmica, muito distante de algo que pudesse ser equacionado à supressão de defesas ou à cura de sintomas. E bem por não existir desfecho para nossas intensas relações objetais, resta-nos uma contemplação que nunca atinge resolução (“elaborou o luto”, assim como “elaborou o Édipo”, quando expressões conjugadas no pretérito simples, nada mais são que ideias alentadoras). Resta-nos, enfim, transformar amores passados em histórias inacabadas que voltaremos a ler, detalhar e editar, vida afora.

Enquanto me volto a essa tarefa alegre e honrosa, instigada pela revista *Percurso*, vejo transcorrerem as primeiras semanas desde que perdi minha mãe. Num daqueles anoiteceres luminosos de dezembro, entre o Natal e o Ano-Novo, ela partiu. Como era seu costume, decidiu-se silenciosamente e fez o que bem quis: às vésperas da cirurgia, fechou os olhos pela última vez, mergulhando no sono mais profundo. Posso escrever muitos textos sobre a orfandade que essa súbita ausência fundou – e serão insuficientes, e lacônicos, apenas *flashes* desse caleidoscópio de emoções e memórias a pedir que eu continue a fitá-lo em sua infinidade de composições.

Lívia foi-se, a seu modo. Alegou que precisava dedicar-se à nova casa, o que pode ser um ressurgimento do apego defensivo à concretude, ou, bem ao contrário, uma maneira consistente de reconhecer o legado que a análise lhe deixou: um lugar psíquico mais amplo, no qual tentaria, agora, viver suas experiências. Seja como for, apesar da separação, Vera não decretou o fim do caso; em vez disso, foi ao encontro do “oitavo dia”, após a labuta de ambas no divã.

E, por nos oferecer fragmentos clínicos, sua paciente ganha nova existência – imaterial, onírica, compartilhada (única forma de eternidade que conhecemos) – em nossas mentes inquietas de leitores-psicanalistas.

9 A. Guimaraens, *Pastoral aos crentes do amor e da morte*. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2020.

10 A. Mailet, *On the eighth day*. Goose Lane, 2006.

11 S. Freud (1937), Análise terminável e interminável, in J. Strachey (ed.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XXIII, p. 231-270. Rio de Janeiro, Imago, 1996.



Comentário de Rahel Boraks
*A voz moldada na ausência da presença
acolhedora do entorno*

VAZIOS DE LUZ

É uma honra ter sido convidada para, junto aos colegas, ter oportunidade de refletir sobre material clínico e buscar em mim as transformações que minha experiência permita compartilhar. No entanto, não deixei de considerar que cada texto é a absorção e a transformação de outro, e que certamente o meu escrito também seguirá esse roteiro.

Se absorvo, brinco e posso usar contribuições psicanalíticas, fazendo com que se interrelacionem dentro de mim, e, assim, surjam novas perspectivas e surpreendentes questões do fazer clínico, sinto que estou tendo a chance de desenvolver uma nova forma de comunicação, uma nova língua até agora desconhecida para mim.

Vale ressaltar a diferença entre as transformações de um texto e a possibilidade de participar, ainda que parcialmente, do que ocorre quando analista e analisando estão entrelaçando histórias e experiências, na esperança de encontrar maior vitalidade e novos horizontes. Esse é o ganho que experimento no material clínico aqui apresentado.

As primeiras perguntas com as quais me vi confrontada: Qual é o sofrimento de Lívia? O que não foi bem em sua história de vida? Como foi que ela chegou a tanta dor para a qual, muitas vezes, ela não tem nome?

Parece que, desde o início, sua busca se caracterizou pelo anseio de um encontro que se adapte a si, que seja capaz de reconhecer suas necessidades e que tenha, por sustentação, a ética humana antecedendo a ontologia. Quando me refiro à ética humana, busco enfatizar um cuidado que sustenta a construção de caminhos que lhe permitam sentir-se viva, desfrutando o sentimento de que vale a pena viver e se enriquecer com as trocas das inevitáveis diferenças com o outro.

Winnicott, em seu texto “O medo do colapso”, sugere que o medo vivenciado nos momentos de colapso é medo de rupturas anteriores na continuidade de ser, e ou na manutenção e estabelecimento

*Lívia vive assombrada
por terrores de toda ordem,
estando catapultada em terreno
de agonia. A agonia se presentifica
nela de forma difusa*

da confiança e da previsibilidade. A descrição do seu casamento sem nenhuma celebração remete a um viver sem tempo nem espaço para novos investimentos. Tudo se dá por saltos que ignoram profundas fendas que impossibilitam a apropriação em sentido pessoal, exigindo uma maturidade que ainda não foi alcançada. Desse modo, está presente em Lívia, por longo tempo, a certeza de sua incapacidade para tolerar qualquer dor ou qualquer demanda que a vida lhe propusesse.

Lívia vive assombrada por terrores de toda ordem, estando catapultada em terreno de agonia. A agonia se presentifica nela de forma difusa. O susto, a perplexidade, o espanto e o corpo oco fazem com que se ancore na sexualidade para encobrir o buraco de si.

A busca de um encontro que não aconteceu é a forte marca proposta por ela desde sua chegada, apontando para a prisão que é garantia de dor sem fim. Como diz Manoel Bandeira: “Tem mais presença em mim o que me falta”.

Cito em trabalho anterior (“Entre agonia e desamparo”) que se há uma perda ou inexistência da função acolhedora primária o resultado não será a vivência de desamparo, e sim um estado de agonia que faz o sujeito estar em eterna busca, sem nenhuma chegada.

Em outra perspectiva, podemos lembrar as considerações de Roussillon¹² em que se enfatiza a importância da identificação narcísica primária. Tendo uma frágil identificação narcísica primária que não se faz base suficiente para adentrar o mundo e participar deste com liberdade e criatividade, o indivíduo toma para si as falhas e se melancoliza. Esta é uma visão que ajuda a dar



*esta necessidade sexual
ainda precisava de um longo
caminho para alcançar
a sexualidade como encontro
íntimo, prazeroso e criador*

forma à dor e ao estado em que Livia chega pedindo socorro.

Aprisionada em ruptura, espera por reencontrar aquele que a ame para poder alcançar, dentro de si, a marca de ser amada, conseguir forças para se libertar e seguir seu impulso natural para a vida, para a realização de sua potencialidade e expansão de sua vida interior.

Se nos perguntarmos o que leva um indivíduo a ser aquele que tem força de vida ou um “ego forte” diríamos, junto a Winnicott, que é aquele que tem dentro de si o registro de ter sido amado por alguém. Aquele que tem em si a marca de ter sido muito importante para aquele que foi um aliado primário¹³.

Através de apatia, caos, entorpecimento e desorientação, mostra a prisão na qual se encontra. Passando a usar trechos publicados pela analista: “Livia mergulhou quando se viu fortemente atraída por um colega. O desejo sexual que sentia por esse homem provocou um estado mental de intensa desorganização e tumulto”.

A impossibilidade de representação verbal e a falta de uma forma/continente que pudesse sustentar as líquidas sensações dentro de si se faziam presentes na superficialidade e concretude de suas falas. Seu desespero era a comunicação de quão presente era a ausência dentro de si e quão ausentes estavam os apoios contínuos e fundantes, contribuindo para o vazio interior. O buraco presente ressurgia na dupla, sendo a analista continuamente convocada para o junto,

para a superação dos obstáculos internos que paralisavam o alcance dessa experiência.

Tanto Freud quanto Winnicott chamam a atenção para a importância da distinção entre instinto e pulsão, mostrando que são domínios diferentes. O primeiro tem a ver com a construção do si mesmo, enquanto o segundo depende de um amadurecimento que possa tolerar a intensidade pulsional, sua deriva e variabilidade.

Penso que o desejo “sexual” de Livia era sua forma de clamar pela necessária adaptação e reconhecimento de suas necessidades. Era a analista que precisava se fazer este objeto presente, mas, sendo uma presença paradoxal, não percebida como um outro e sim como um aliado primário, alguém que com ela pudesse estabelecer um em, ou, dito de outro modo, ter a possibilidade de se sentir hospedada no corpo deste aliado, lhe sendo possível a comunicação intercorpórea com este aliado a quem, paradoxalmente, não é possível atribuir a categoria de objeto por ser, para o estado primitivo da mente, uma continuação de si.

Esta necessidade sexual, confundida por Livia com sexualismo, ainda precisava de um longo caminho para alcançar a sexualidade como encontro íntimo, prazeroso e criador. “Meu mundo interno está inacabado, é pequeno demais, insuficiente, imperfeito” e por isso gerando muita raiva. Sua busca fazia um constante reencontro com o vazio, com o encontro que não aconteceu e com a perda da esperança. É importante lembrar que quando as falhas primeiras não são corrigidas os transtornos subjetivos se repetem, as descontinuidades se desdobram em fragmentos ou clivagens, que levam a uma vivência de quebra interior.

“Ontem ficou comprovado o que sempre pensei sobre a psicanálise... um tratamento longo e dispendioso que nos faz chegar ao óbvio, ao que sabíamos desde o início.” Esta é a conexão com o surgimento da poesia de Antonine Maillet que apontava para um mundo interno pequeno demais, aquele que ainda não alcançou a expansão que permite o estado de mente “virgem outra vez”.

Segundo Winnicott, o paciente necessita das falhas do analista para experienciar, comunicar e

12 R. Roussillon, *Logiques et Archéologiques du Cadre Psychanalytique*. Ed. Le Fil Rouge, 2012.

13 R. Boraks, Entre Agonia e Desemprego. Trabalho apresentado na SBPSP em 3 set. 2020, durante reunião científica.

torná-las uma experiência sob domínio do seu ego. O manejo dessas situações consiste em acolhimento e aceitação de que falhamos, e isso implica levar em consideração o ponto de vista do paciente. Reações, por vezes carregadas de truculência, evidenciam o medo de que novamente as falhas sejam repetidas. O que importa nesse momento é não repetir o desencontro, mesmo que do nosso ponto de vista a falha não tenha acontecido. É importante que a necessidade original do paciente seja reconhecida.

Como consequência de sua (Lívia) falta e impossibilidade de a analista oferecer algum outro horário, se instaura a necessidade de ver o outro, reconhecê-lo como alguém que também, como ela, tem necessidades e limitações. Tal condição está distante para Ismália, que enlouquece e mobiliza todos os seus recursos para preservação de si, ao buscar o abraço da lua luz que, através de sua sombra, dá notícias de Lívia.

Observando o caminhar do relato, me parece que a partir daí se dá uma grande aproximação na dupla. Lívia busca Vera para que lhe ajude a encontrar, na relação, o reflexo de si, aquele com o qual possa se identificar. Um olhar de Vera que, pousado sobre Lívia, permita a sua descoberta e se conjugue com a constituição de sua identidade.

“Acho, Vera, que eu quero muito descobrir aqui o que se passa comigo, o que se passa na relação com meu marido, o que, de fato, aconteceu comigo aos vinte anos com E. (namorado de vários anos), o que aconteceu comigo que fui perdendo o interesse, minguando.”

Uma conjectura possível me leva à hipótese de que em nenhuma dessas relações Lívia se sentiu vista, de modo a dotá-la de um corpo que lhe permitisse encontrar o contorno de si. Assim, ela repete e repete aprisionada, não tendo outra possibilidade a não ser habitar o vazio onde procura sem sucesso os elementos que poderiam se combinar dentro dela e ajudariam a realizar um nascer para dentro.

Utilizando e desdobrando questões inicialmente abordadas por Winnicott¹⁴, Roussillon enfatiza a importância do jogo do carretel na relação analítica. É este brincar que permite que elementos experenciados se relacionem entre si. A falta



*a descrição da casa dos sonhos,
e tudo que poderia ser alcançado
nela, parece ser a busca
de sustentação da esperança
do futuro de si*

dessa integração retém o sujeito em infundáveis buscas que terminam em não realização.

Na tentativa de escapar desse estado vazio, do sequestro em agonia e da consequente quebra psíquica, surgem em Lívia narrativas de suicídio, impulsos que buscam libertação de experiências traumáticas, que jamais puderam ser elaboradas. O vazio interior que se liga à falta de uma coabitação primária, que deveria ser canibalizada, criando um interior vivo e exterioridade ampla, não está presente em Lívia, que experimenta o fracasso de conter e de suportar amputações de si e hemorragia de substância vital¹⁵.

A descrição da casa dos sonhos, e tudo que poderia ser alcançado nela, parece ser a busca de sustentação da esperança do futuro de si.

Ao longo do tempo e em função de extenso trabalho da dupla, Lívia cresce. Se estabelece entre ela e Vera um novo brincar. Se até aqui o brincar envolvia a constituição de si e o desafio de conviver e tolerar a lógica dos paradoxos, neste momento a questão é outra. O brincar edípico requer a tolerância de conflitos e relações entre objetos, envolve maior requisição e maior tolerância de excitação interna e externa, a busca por novos caminhos para se relacionar com outro e crescer com as diferenças.

Chegar a esse brincar revela ter alcançado o início da construção da tópica interior. Lívia consegue usar a relação analítica de outra forma. Agora, tendo acesso a um pensar pessoal que, apesar de sua aparente simplicidade, não se explica por um único elemento. Ela depende de – e exige – núcleo consistente e casca maleável e sensível às diferenças.

Um jogo diferente do jogo primário, no qual prevalece a questão da ausência e presença, agora



*parece que Livia conta
o quanto é abominável seu tédio
e a perda do desejo
que se transforma em vazio
e empobrecimento de si*

se faz presente no silêncio, representando o intenso trabalho psíquico no qual Livia está imersa.

Vera, agora, é o objeto em relação ao qual Livia pode sustentar distância e diferença, enquanto se percebe confrontada com novos desafios. Vera é o Outro, assim também está Livia, aquela que tem mundo interno habitado por outras relações e convoca em direção à difícil travessia da regulação pulsional.

A pulsionalidade agora muito mais intensa, mais vigorosa, exigindo ligações conscientes e inconscientes das pulsões, imagens e afetos que se expressam em fantasias ou em fontes de desejos particulares, orientados em direção a objetos específicos. O medo do que significa o crescimento é expresso na tentativa de retornar à relação dual: “...tocou o telefone, achei que era minha mãe, e eu disse que bom, deve ser a minha mãe, mas não era, era um primo meu e foi muito bom, o telefone me despertou e aí eu fiquei melhor”.

Livia progride, sua vida pulsional se presentifica, mas a fragilidade de seus arranjos internos faz com que surja medo de suas intensidades. Diante dos novos desafios recorre, ainda que de modo inconsciente, a forte autocontrole e, como consequência, se vê tomada por tédio, uma pausa frustrante no seu anterior estado de absorção, observação e notação. É um estado sofrido, pois não há, de fato, a espera por algo, há a espera por si mesma.

A respeito das consequências do tédio, cito inicialmente Pascal, que liga o tédio à nossa carência primordial, carência de algo que ainda não se constituiu: “Tédio – Nada é tão insuportável ao homem, quanto estar em pleno repouso, sem paixões, sem negócios, sem divertimento, sem atividades. Ele então sente seu nada, seu abandono, sua insuficiência, sua dependência, sua impotência, seu vazio. Imediatamente sairá do fundo de sua alma o tédio, o negrume, a tristeza, a aflição, o despeito, o desespero”¹⁶.

Para Adam Phillips, o tédio é a espera inconsciente para o encontro de previsibilidade, ou seja, de uma “expectância”, apetite ou desejo. Trata-se de um processo precário no qual a esperança está presente de modo disperso.

Assim, Livia espera sem esperança poder ter acesso a sua esperança, mas recorre à companhia da poesia. É nessa expressão cultural que Livia encontra o rosto que a cultura nos oferece e no qual ela pode se ver e trazer o que vive nesse momento, nas palavras de Fernando Pessoa: “Há sensações que são sono, que ocupam como uma névoa toda a extensão do peito, que não deixam pensar, que não deixam agir, que não deixam claramente ser [...] É uma bebedeira de não ser nada, e a vontade é um balde despejado para o quintal por um movimento indolente [...]”

Parece que Livia conta o quanto é abominável seu tédio e a perda do desejo que se transforma em vazio e empobrecimento de si. Sente que o esvaziamento que experimenta destrói o relacionamento do eu com o corpo, do eu com o espaço interior povoado de emoções, sentimentos e todo tipo de experiência, trancando-a novamente em lógica binária.

A inquietude, o tédio, o silêncio da página em branco, a aridez da alma é a resposta dada para sobreviver ao meio mudo, sem resposta. É a perda da esperança de renascimento alegre, de um self infinito, reencontrado com a confiança e esperança de que vale a pena viver.

“Estou me lembrando quando estava na faculdade namorando o E., eu estava com ataque de pânico, acho eu, é um sensação horrível, um

14 D.W. Winnicott, O brincar: a atividade em busca do eu, in *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro, Imago, 1975.

15 R. Boraks; M. Rozenberg, Vazios, in I. Sucar; H. Ramos (orgs.). *Winnicott Ressonâncias*. São Paulo, Primavera, 2012.

16 Apud D. Anzieu, *O pensar – do eu pele ao eu pensante*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2002, p. 129.

mal-estar horroroso e eu pedi para ele vir comigo no meu apartamento, mas chegando lá, não me senti melhor, aí queria que ele fosse embora, mas eu queria me livrar daquilo que estava sentindo, uma sensação horrível, daí eu cheguei perto da janela, tinha um janela branca bem grande na sala do meu apartamento e eu pensei ‘vou me jogar’, mas eu não queria me matar, só queria me livrar daquele turbilhão.”

Parece que as fortes excitações que experimentava não podiam ser toleradas. As barreiras que deveriam deixar passar a força e se espalhar por todo ou parte do organismo não estavam lá ou não tinham força suficiente. A excitação que, advinda do exterior ou do interior, vem primeiramente do corpo e depois da psique, chegava como um “tsunami”. Diante de excitação muito intensa e desorganização psíquica, Lívia passa a sonhar com o excesso submetido a uma descarga automática no mundo exterior ou no corpo. É essa descarga que cria torpor, passando a ser uma falsa superfície de paraexcitação. Uma homeostase forjada no bom, sem sentir o ruim, a convocação para intenso trabalho interior. Base imaginária que rapidamente exhibe sua fragilidade. Lívia percebe que esse vazio não é sossego. É preciso fazer jogar os elementos intrapsíquicos entre si.

Parece que Lívia vivia a mistura de afetos eufóricos, disfóricos, amáveis e/ou gentis, desagradáveis, frustrantes, mas o que contava para sua



*Lívia busca um mundo
com o qual esteja comprometida
e no qual se sinta inserida com nova
oportunidade de experimentar
a presença de si*

excitação era o grau de violência que o afeto exigia que ela pudesse tolerar. No entanto, pode-se ver no material que Vera compartilha o pensar de Lívia, pode se ocupar dessas vivências e transformá-las em enriquecimento de si.

Reconsidera agora sua nova condição emocional e os recursos de que dispõe para possibilitar a si mesma a utilização e o acesso ao que antes era impensável.

– *Uma casa linda com belo quintal, piscina churrasqueira [...]*

É assim que Lívia busca um mundo com o qual esteja comprometida e no qual se sinta inserida com nova oportunidade de experimentar a presença de si e a vida de modo mais pleno. Modo este que não evita as dores da passagem do tempo e as perdas inevitáveis do crescimento.

Finalizando cito Didier Anzieu¹⁷: “Não se pode pensar em tudo. Os pensamentos estão em ilimitada expansão como o universo das estrelas”.

Aberto para a expansão dos leitores.

17 D. Anzieu, *op. cit.*, p. 14.

Transmissão psíquica, segredo e a escrita literária como forma de elaboração

Paula Mandel

Resenha de Annie Ernaux, *A outra filha*, São Paulo, Fósforo, 2023, 64p.

A autora francesa Annie Ernaux foi agraciada, em 2022, com o prêmio Nobel de Literatura pelo conjunto de sua obra. De fato, trata-se do relato de uma vida recortado e distribuído em livros, cuja escrita assemelha-se ao gênero autobiográfico¹, mas assume o papel de construção coletiva da memória de um país, de um continente, de um tempo, de uma geração. Ler Annie Ernaux é visitar uma França pós-Segunda Guerra Mundial, com vislumbres políticos, sociais e culturais.

Em *A outra filha*, assim como em *A vergonha* e *O lugar*, a escritora elege uma cena condutora que será milimetricamente dissecada com o propósito de elaborar um trauma. Temos a impressão de que as cenas foram contadas e recontadas, despidas e revestidas tanto quanto possível de seus sentidos, resultando em um profícuo processo psicanalítico. Seus livros – que bem poderiam constituir um só longo livro – seriam parte, mas também consequência

dessa fecunda elaboração. Literatura e psicanálise caminham juntas.

A prosa da autora é econômica, diz o que quer dizer. Nem mais nem menos. Nada é acessório, no conteúdo ou na forma. Suas descrições são de tal rigor e precisão que nelas não sobram substantivos ou adjetivos. Na composição “Metáfora”, o músico Gilberto Gil fala sobre a *meta* do poeta, que pode estar querendo dizer o *inatingível*. Já Ernaux atinge o alvo em cheio, sem floreios na trajetória da seta. Ela nos dá a impressão de ser o tipo de pessoa que tem uma fala curta, e, talvez por isso, não escreva através de metáforas.

Há escritoras e escritores de histórias repletas de palavras polissêmicas, que destravam verdadeiros portais associativos. Há outros, como a autora destas linhas, que se valem de quatro, cinco alegorias para dar conta daquilo que querem contar. Ernaux, entretanto, não produz no leitor imagens poéticas, não induz à divagação do sonhar, mas, a despeito disso, favorece mergulhos profundos. É nessa prosa destituída de enfeites que reside sua beleza.

Não se engane, porém, concluindo que a leitura deste ou de qualquer outro de seus livros será uma leitura rápida. Pode-se até lê-los com agilidade, mas as cenas repercutem em digestão lenta, ou seja, continuamos a refletir sobre elas, numa espécie de pós-conversa.

Pela escrita de Ernaux ser acessível, parece que nós, leitores, somos colocados na posição do psicanalista que recebe um novo paciente, mas que fez análise antes. Não nos surpreendemos ou ficamos maravilhados, e sim experimentamos satisfação, nos sentimos confortáveis, seguros. Como se recebêssemos um colega novo no escritório, só que experiente na função. Um colega que não vai dar trabalho porque já sabe trabalhar.

A outra filha descreve uma conversa flagrada por uma Annie de dez anos na qual sua mãe confia à cliente ter perdido uma filha de sete anos, de difteria. O relato é arrematado com o terrível dito: “Ela era mais boazinha do que aquela ali [Annie]”². A irmã, morta antes de Annie nascer, jamais fora mencionada pelos pais, nem antes

Paula Mandel é psicanalista e escritora. Aspirante a membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. Coordenadora do grupo de trabalho e pesquisa Primeira Clínica. Integrante do grupo A Casa Frida.

DOI: 10.70048/percurso.72.129-132

¹ A crítica especializada denomina *autoficção* o hibridismo entre biografia e ficção.

² A. Ernaux, *A outra filha*, p. 13.

nem após a escuta acidental. O segredo misterioso acompanhou seu crescimento, como uma presença silenciosa, espectral, de alguém que, não estando lá, estava em todos os tempos e lugares.

Foi inevitável recordar o romance francês *Uma rosa só*, de Muriel Barbery. A protagonista do livro certo dia é informada sobre sua condição de herdeira de um pai até então desconhecido. Nesse caso, ela teve a oportunidade de resgatar a história paterna, cuja existência já se supunha porque é obrigatório para a gestação de um ser humano ter um genitor biológico – ainda que ignorado, mesmo que apenas participante genético, um doador de esperma. Coube-lhe apenas (como se isso fosse simples) nomear o dito pai, recheando seu contorno com fragmentos de histórias contadas por outros.

A situação da protagonista do livro de Annie Ernaux, portanto, é semelhante, mas não se iguala àquela narrada por Muriel Barbery. Isso porque uma irmã – ao contrário de um pai – não é essencial para ninguém. É acessório. Ou seja, a personagem Annie bem poderia ter vivido a vida como filha única, e tal seria o caso não fosse o testemunho da confiança da mãe. A descoberta da irmã morta pouco afetou a rotina concreta de Annie, já que os pais, fingindo que ela nunca havia existido, tentaram privar a vida real das marcas daquela criança.

Roupas, brinquedos e os poucos pertences da irmã entraram na rotina de Annie com a origem ocultada. Fotografias foram escondidas. O berço usado na infância, Annie só descobriu adulta que havia pertencido à outra. Tais objetos e lembranças produziram marcas de ordem mais sensível, que se fizeram sentir, mas não se fizeram conhecer. Annie passou a vida buscando indícios da irmã e contracenando em sigilo com ela, existente apenas no mundo da imaginação. As marcas dessa experiência, portanto, tiveram função de fantasia, secundária na constituição subjetiva da autora.

O caso da jovem Annie é como se dois raios tivessem caído no mesmo lugar e ao mesmo tempo. De qualquer ângulo que se analise a situação, parece haver uma perda seguida de um ganho,

ou de um ganho seguido de uma perda. Explico. A menina ganhou uma irmã e imediatamente a perdeu. Por outro lado, perdeu sua posição na história familiar – de filha única – e simultaneamente a recuperou.

Nesse aspecto, o livro explora outro tema recorrente na obra da autora, o da posição do sujeito dentro de sua história familiar, e como movimentações podem afetar a autopercepção, a noção de identidade e a compreensão de si em relação a si e ao outro. A autora parece bastante interessada em retratar como a movimentação externa e interna afeta o romance familiar do sujeito. Assim também ocorreu em *O lugar*, livro que esmiuça a ascensão socioeconômica e de classe da autora e o conseqüente abismo cavado em relação aos pais.

Transmissão psíquica na construção de uma autonarrativa

Somos sujeitos constituídos a partir de uma narrativa que nos é feita pelo outro, por nossos cuidadores, nossos familiares. Vamos construindo nosso mundo interno a partir de uma contextualização histórica: que lugar temos no desejo dos pais? Temos irmãos? Fomos planejados ou chegamos de surpresa? Quais marcas deixamos em nossos pais ao chegarmos? A história do sujeito, então, é construída no atual a partir de vivências em conjunto com a transmissão feita pela geração anterior. O *eu* é formado pelas identificações conscientes e inconscientes. Com o que da irmã Annie pôde se identificar? Do que ela poderia querer se diferenciar?

Os pais decidem, através de escolhas conscientes, o que querem contar de sua história aos filhos. Essa decisão se manifesta por meio de mediações verbais e gestos, mas, também, com essa bagagem, *escapam* conteúdos inconscientes não elaborados, lutos, enigmas. Ou seja, o que os pais não transmitem voluntariamente nem por isso deixa de ser transmitido pela via inconsciente, porque “nada pode ser completamente abolido, não há nada que seja abolido e que não apareça, algumas gerações depois, como enigma, como

impensado, ou como signo do que não pôde ser transmitido na ordem simbólica”³.

O encontro-perda de Annie Ernaux com essa irmã misteriosa ocorreu aos 10 anos, no final da infância e na entrada da adolescência, portanto. Qual o papel da descoberta no processo de subjetivação da menina? Ela encontrou um objeto, que destino lhe deu? Qual o impacto de o acontecimento ter se dado aos 10 e não aos 5 ou aos 30?

Marion Minerbo enfatiza a relevância do encontro com o objeto na fase da adolescência:

[...] as vicissitudes do processo de subjetivação na adolescência. Nessa fase, quando a identidade está em plena reestruturação – está em curso a elaboração do luto pelo que já não é, e uma incerteza quanto ao que será –, o encontro com o objeto é decisivo. Ele pode facilitar ou dificultar o processo de subjetivação. Ao mesmo tempo, sabemos que o encontro com o objeto não é uma experiência completamente nova: ele será vivido, experimentado, “processado” e significado, a partir de uma estrutura psíquica, ou, como prefiro dizer, de uma matriz simbólica “preexistente”. Esta, por sua vez, irá se “reorganizar” a partir desse encontro. O acaso é moldado pelo determinismo psíquico, ao mesmo tempo que pode, até certo ponto, modificá-lo. Do ponto de vista metapsicológico, “destino é essa interação dialética entre o acaso e determinismo”; entre o objeto encontrado e a maneira pela qual ele foi significado e incorporado ao psiquismo.⁴

Fantasia e segredo

Onde faltam dados, as fantasias cumprem um papel. Teria sido a irmã mais bonita, mais inteligente, mais... amada do que ela própria? Por que a irmã era *mais boazinha*? Annie precisou competir com um objeto sem contornos e por isso mesmo total, gigante, fluido. Afinal, algo disforme pode assumir qualquer forma. Em vários trechos

do livro, percebe-se que a pré-adolescente foi se firmando no mundo a partir de uma oposição conjecturada. A irmã presumida (ou *mítica*) era quem deveria ser combatida e vencida na competição pelo amor dos pais.

Estamos diante dos efeitos do *não dito* na vida do sujeito. Ao manterem a história da primeira filha em segredo, os pais transmitem à segunda uma herança subjetiva entrecortada por um silêncio avassalador. O luto, mesmo que secreto, foi transmitido para Annie, mas num núcleo engruvinhado, não simbolizado pelos pais. Um segredo com impacto de proporções inimagináveis.

Em seu trabalho sobre as transmissões na clínica psicanalítica, Maria Cecília Pereira da Silva se vale da escultura do pintor espanhol Salvador Dalí *Gabinete antropomórfico* (1936)⁵. Essa metáfora é potente aqui. O conteúdo que os pais tentaram manter *engavetado* arrebentou e atingiu Annie em cheio.

Sobre a dicotomia entre fantasia e segredo, Sérgio Telles discorre que:

O “romance familiar” é uma fantasia inconsciente, faz parte do mundo interno da criança (“fantasme”, segundo Abraham). O “segredo familiar” não é uma fantasia e sim uma realidade objetiva, é um acontecimento histórico da família mantido em segredo e, por isso, provocando efeitos no psiquismo daqueles que o desconhecem (“fantôme”, ainda segundo Abraham). Os dois estão interligados, pois na medida em que existe um “segredo familiar”, um não dito na história da família, isso favorece a criação de um “romance familiar”, a criança cria uma fantasia para preencher aquele vazio. Mas o enfoque analítico é muito diferente em cada caso, pois o “fantasme” foi reprimido, o “fantôme” não.⁶

A distinção entre *fantasia* e *segredo*, no frigidar dos ovos, poderia representar a dicotomia entre *imaginação* e *realidade*, que, a meu ver, não interfere no enfoque analítico, e sim a saída que cada sujeito engendra, singular e inconscientemente, em sua realidade psíquica. Ou seja, o que vai determinar o enfoque analítico é a condição elaborativa,

3 M.C.P. da Silva, *A herança psíquica na clínica psicanalítica*, p. 20.

4 M. Minerbo, *Neurose e não neurose*, p. 210.

5 Figura humana com o tronco repleto de gavetas abertas.

6 S. Telles, “Romance familiar versus segredo familiar, um problema psicanalítico”. *Psychiatry online Brasil*, v. 8, n. 2.

os recursos psíquicos do sujeito exposto ao segredo familiar. O segredo provocou um trauma incapacitante? Ou pode este sujeito simbolizar, sendo apto a narrar sua história elaborando um sentido ao ocorrido?

Tudo indica que no caso de Annie Ernaux, embora a autora tenha sido privada de um fato familiar concreto (a breve existência da irmã), sua escrita entrou como ferramenta de elaboração psíquica e, como resultado, nos presenteou com uma bela obra literária.

Referências bibliográficas

- Freud S. (1908/2015). O escritor e a fantasia. *Obras completas*, vol. 8. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. (1909/2015). O romance familiar dos neuróticos. *Obras completas*, vol. 8. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.
- Minerbo M. (2019). *Neurose e não neurose*. São Paulo: Blucher.
- Silva M.C.P. da (2023). *A herança psíquica na clínica psicanalítica*. 2.ed. São Paulo: Blucher, 2023.
- Telles S. (2003). Romance familiar versus segredo familiar, um problema psicanalítico, *Psychiatry on line Brasil*, vol. 8, n. 2, fev.. Disponível em: <https://www.polbr.med.br/ano03/psio203.php>. Acesso em: 13 mar. 2024.

Interlúdio

Diogo Soares de Oliveira

Resenha de Christopher Bollas, *Segure-os antes que caiam*, São Paulo, Nós, 2024.

Segure-os antes que caiam ganhou sua primeira edição brasileira em 2024, pela editora Nós, e coloca questões importantes à psicanálise contemporânea. Quando originalmente lançado em 2013, Christopher Bollas já era um psicanalista reconhecido, com uma série de livros publicados e, no entanto, o autor escolheu manter os desdobramentos da técnica e do manejo freudianos descritos em *Segure-os* fora do domínio público por mais de trinta anos. Esse largo intervalo até a publicação nos ajuda a compreender um aspecto central do livro: a relação precisa com o tempo no atendimento de pacientes à beira de um colapso.

O colapso

Desde seus primeiros anos de prática na década de 1970, Bollas observara em alguns pacientes não psicóticos sinais de descompensação psíquica súbita ou gradual – alterações no desempenho funcional, na memória, na fala, postura corporal, no grau de angústia – nos ambientes institucionais em que se encontravam, assim como em seu consultório. Essa observação ao longo do

tempo rendeu ajustes no modo como o psicanalista passou a lidar com pacientes à beira do colapso: extensão do tempo das sessões, em alguns casos em sessões de dia inteiro por alguns dias seguidos e organização de equipe de apoio ao par analítico – psiquiatras, assistentes sociais, motoristas, amigos, familiares. Essa intensificação do cuidado, proporcional à gravidade dos casos e seus desdobramentos clínicos, por sua vez, gerou diretrizes para os ajustes técnicos e teóricos.

Bollas percebeu desde o início da sua prática o potencial generativo dos colapsos, isto é, o potencial de transformação no funcionamento psíquico em que estão mergulhados os colapsos, se enfrentados a tempo, em análises estendidas. Trata-se da passagem possível do *breakdown* ao *breakthrough*, da crise ao seu atravessamento. O autor observou ainda sobre o *timing* do colapso: pessoas não atendidas a tempo eventualmente perdem a chance da renovação psíquica e se tornam *selves colapsados*, uma condição potencialmente crônica, com pouca chance de resolução clínica.

Segure-os antes que caiam surge, portanto, de alguns compromissos assumidos pelo autor: a psicanálise é o tratamento indicado para pacientes à beira do colapso, quando a vulnerabilidade extrema do paciente pode permitir aberturas inéditas à compreensão do seu funcionamento e às articulações entre os acontecimentos passados-presentes-futuros que o constituem. Outro compromisso é com o aproveitamento do potencial criativo do próprio colapso, o enfrentamento (*breakthrough*) da severidade da crise com intensidade terapêutica proporcional, em sessões de dias inteiros seguidos ou outra estratégia da psicanálise ajustada à urgência dos casos. Sobre a proposição da psicanálise do colapso, diz Bollas:

Este livro é, ao mesmo tempo, um relato sobre algumas das dimensões clínicas envolvidas na prática da análise estendida e uma discussão das considerações teóricas. Ele procura esboçar o desenvolvimento de minha adaptação a essas realidades clínicas de tal forma que o leitor, assim espero, veja a lógica da técnica em implementação e suas implicações para a prática e estudos subsequentes (p. 37).

Diogo Soares de Oliveira é psicanalista em formação pelo Instituto Sedes Sapientiae.

DOI: 10.70048/percurso.72.133-134

A inteligência da forma

Que tipo de bússola sensível Bollas propõe para perceber que um colapso está para acontecer? Que estado vibratório de atenção suspensa possibilita a percepção dos sinais de que a descompensação está a caminho? Afinado à tradição freudiana, Bollas mantém a postura comedida do analista para que as associações livres e movimentos de caráter possam existir, isto é, para que o idioma pessoal se expresse livremente.

Neste contexto *inter* formal, o inconsciente do analista se comunica com o inconsciente do paciente, o que permite a percepção das mudanças sutis no seu idioma pessoal. Uma vez detectadas as alterações idiomáticas em direção ao colapso, a postura do analista se transforma: a postura terapêutica se intensifica, e a informação ganha importância diante do afeto. A partir daí, a maneira – a forma – como se apresentam as mudanças no *setting* por vir é fundante: a explicação lúcida sobre o que está acontecendo, um contorno espaço-temporal claro para o acolhimento profissional estendido, as bases para uma aliança terapêutica ajustada. Sobre as diretrizes para uma psicanálise intensificada, diz Bollas:

[...] esse momento envolve uma combinação de cuidados maternos e estrutura paterna. O analista deve equilibrar a provisão de um ambiente acolhedor que permita e contenha uma regressão profunda, mas deve, ao mesmo tempo, trazer elementos paternos estruturantes que contribuem para a recuperação do paciente (p. 92).

Antes que caiam

Em tempos de mania diagnóstica dos manuais DSM, do número crescente de usuários de medicamentos psicotrópicos e da vasta oferta de terapias comportamentais baseadas em evidências pontuais ganhando a confiança do público, Bollas oferece em livro o que acredita serem alternativas à lógica manicomial anestésica em curso, intra e extra muros. Sua fé no método, na invenção do par analítico e na sua plasticidade acompanha a maleabilidade formal dos *selves* que, ao atravessarem condições de colapso em análise estendida, se expandem em nome da vida.

Em tempo, o conhecido-não-pensado pode vir a ser.

Jones, o psicanalista

Felipe Lessa da Fonseca

Resenha de Izabel de Madureira Marques, *A importância de ser Ernest Jones: uma leitura psicanalítica sobre a invisibilidade de um homem notável*, São Paulo, Zagodoni, 2023, 320p.

Em *A importância de ser Ernest Jones*, Izabel Marques nos oferece um amplo e instigante estudo dos dilemas que tramaram a vida e a obra de Alfred Ernest Jones. De modo rico e interessante, a autora usa o próprio método psicanalítico para investigar a história e a criatividade do psicanalista. Com uma escrita fluida e descontraída, entre associações e reconstruções, seu estilo pessoal e afirmativo dá ao texto uma clara marca autoral e, ao mesmo tempo, confere densidade ao livro, que é tecido com observações sobre os textos de Jones, análises da correspondência com Freud (incluindo as cartas entre Freud e outros psicanalistas) e cuidadosas interpretações dos conflitos teóricos e institucionais da época. Ao colocar-se em diálogo direto com vários pensadores e historiadores como a americana Brenda Maddox, a francesa Elisabeth Roudinesco, a húngara Veszy-Wagner, o brasileiro Renato Mezan, os ingleses Riccardo Steiner e Adam Phillips e outros, a qualidade das reflexões sobre esse conhecido personagem sugere que o livro deva ser vertido, no mínimo, para o inglês.

Felipe Lessa da Fonseca é psicanalista, mestre e doutor em Psicologia Clínica pela PUC-SP, foi membro fundador do Laboratório de Saúde Mental Coletiva (LASAMC) na FSP-USP, é pesquisador e membro do Ambulatório de Sintomas Somáticos (SOMA) no IPq-HC, professor do Centro de Estudos Psicanalíticos (CEP), e professor e colaborador no Instituto Langage.

DOI: 10.70048/percurso.72.135-140

Como Freud, Jones estudou neurologia e nutriu múltiplos interesses – religião, filologia, política, xadrez, etc. – além de dedicar-se a assuntos mais específicos – mecanismos psíquicos, simbolismo, pesadelos, castração, feminilidade, sublimação, etc. Os temas de Jones aparecem entrelaçados e revelam o avanço de posições e pensamentos que, pelas análises de Marques, dão mostra do quão significativa é a obra de Jones, mesmo sem formular um sistema teórico próprio. A intuição de Jones o levou a várias ideias importantes, como acontece a alguns psicanalistas criativos, sem, contudo, produzir uma nova técnica ou uma nova leitura da psicanálise que se pudesse chamar *jonesiana*. Ficamos com a imagem de um bravo gentil cuja inteligência só não brilhou mais, talvez porque sofreu certo *fading* à sombra do nome do pai.

Em geral é visto como um talentoso coadjuvante de notória desimportância – um “criado pretensioso” ou uma “babá” nas associações de Phillips; ou uma “copeira” como no sonho da autora. Diferentemente, nesse livro, Jones é apresentado como um protagonista especial, talvez um exemplo das contradições internas e dos embates externos que pautaram a edificação da psicanálise.

A pesquisadora relata de maneira breve a história pessoal de Jones no País de Gales e traça linhas gerais do contexto histórico, nos dando uma amostra do clima em que o protagonista do livro entra para o círculo dos primeiros psicanalistas, e como, ao longo de toda a criação madura de Freud, seu devoto adepto espelhou-se, contribuiu, inspirou-se, gerou e mediou debates entre os psicanalistas.

A política de domínio inglês sobre os galeses parece ter impactado a infância e a vida escolar de Jones – entre a suposta “imoralidade galesa” e a presunçosa nobreza inglesa. Em casa, o pequeno Alfred também se viu obrigado a lidar com essa dualidade, entre a herança celta cultivada por sua mãe e a fleuma britânica inspirada em seu pai. Na esteira disso, Jones conta sobre aspectos precoces de sua personalidade; teria tido as primeiras relações sexuais com seis e sete anos de idade (o

que seria comum em sua região) e depois apenas aos vinte e quatro anos. Aos treze e aos dezesseis anos teria recebido bolsas de estudos, conquistando certa independência financeira de seu pai. A contrapelo da moralidade protestante da família, o gosto pelo raciocínio cético logo inclinou o jovem celta-inglês ao ateísmo e, em seguida, às explicações psicanalíticas sobre as questões que escapam à racionalidade da consciência.

Enquanto jovem adulto teve de entender-se com a linguagem da sexualidade na clínica e na vida – e o fez incorporando a letra e a lei de Freud. Numa clínica neurológica, ao analisar os efeitos da sexualidade infantil em uma menina com braço paralisado, gerou resistências e mal-entendidos – o que complicou sua posição profissional na Inglaterra. Após fazer uma breve análise pessoal com Ferenczi, Jones seguiu para o Canadá, difundindo a psicanálise no Novo Mundo. Jones namorou uma ex-paciente, a rica e bela holandesa Loe Kann, que depois foi analisada por Freud devido a problemas com morfina. Também teve um caso com uma ex-empregada, Lina, e talvez ele tenha desejado a filha de Freud, Anna, até que em 1916 casou-se com a bela galesa Morfydd Owen, que viria a falecer apenas um ano e meio depois do casamento. Em 1919, casou-se com a inteligente judia Kitty Jokl, com quem passou o restante da vida. Por outro lado, profissionalmente, Jones aprendeu cedo a manejar em análise o amor de transferência, como pontua Marques; Joan Riviere, Ethel V-Sawyer, Edith Eder estiveram apaixonadas pelo psicanalista.

A ambição e a impulsividade de Jones, na vida pessoal e no gosto pela liderança, talvez tenham desagradado alguns. Lacan foi interrompido por Jones em 1936 quando apresentava sua tese sobre o *Estádio do Espelho*, e mais tarde, em 1958, chamou-o ironicamente de “paladino das feministas inglesas”, por afirmar a existência de um tempo anterior à primazia do falo na formação da subjetividade. A autoconfiança singular e o espírito expedito de Jones, contrastando com sua posição humilde e disponível, talvez possam sugerir uma subserviência masoquista, como interpreta

Adam Phillips ao apontar o que poderia haver de ridículo nos ares pomposos da serventia do galês. Talvez Jones sentisse alguma culpa pela dissimulada adulação de Freud (seu ideal de distinção) ou certo constrangimento inconsciente pela suspeita de alguma saliência infantojuvenil (seu fantasma celta). Essas hipóteses certamente serviram ao gozo de quem o considerasse risível e, possivelmente, servem ainda aos que fomentam o desprezo por seus trabalhos. Depois de ler o livro de Marques, poderíamos supor que, por preconceitos ou pouca leitura, de modo geral, as antipatias por sua vaidade e estilo deliberativo terminam por invalidar sua autoridade sucessória e impugnar a qualidade de suas proposições.

Desde o início do século xx, os psicanalistas retomavam as questões sobre o narcisismo e o exibicionismo em torno dos problemas do autoerotismo e das pulsões sexuais e de autoconservação. Em 1913, Jones propõe a noção de *Complexo de Deus*, onde busca descrever fantasias narcísicas de onipotência e onisciência em algumas personalidades; a resistência aos novos conhecimentos, a excessiva modéstia (reativa ao exibicionismo), o isolamento e a indiferença, etc. Além da possível necessidade de Jones (baixinho e brilhante) elaborar seus próprios sentimentos de inferioridade e grandiosidade, como observa Marques, a noção de Complexo de Deus parecia dirigir-se a Jung, que cultivava interesses por noções ocultistas e esotéricas.

Jones também apontou para fantasia de *onisciência* nos métodos que “prometem um *shortcut* para o conhecimento” da mente, seja por recursos místicos, seja por reduções da subjetividade. Criticando a onipotência psicológica (médica e científica), Jones acusa a “enxurrada de curvas e estatísticas” que pretendem objetivar o acesso aos fenômenos latentes (a escala de Binet-Simon, as medições psicogalvânicas, a grafologia, etc). Ao mesmo tempo, a fantasia de ser Deus colocava questões sobre um Complexo narcísico/onipotente/exibicionista na formação das personalidades. Vale lembrar que em 1914 Freud irá sistematizar o tema do autoerotismo e da

funcionalidade do Eu (da onipotência infantil e dos ideais do Eu) no texto *Introdução ao Narcisismo*.

O problema da inferioridade ocupou Alfred Adler, que em 1908 estava convencido de que o desejo de superioridade – derivado da vontade de poder na filosofia de Nietzsche – serviria como compensação aos sentimentos de inferioridade dos indivíduos, e que as pulsões de poder seriam a causa das neuroses, não as pulsões sexuais e agressivas em defesa do eu – o que acabou por afastá-lo de Freud, em 1911. Jones testemunhou a discórdia e nos anos seguintes, como diz Marques, se a relação entre Jung e Freud ia de mal a pior, a relação entre Jones e Freud não poderia estar melhor. Poucos anos depois, em 1914, Jung se afastou de Freud, também reconsiderando a etiologia sexual das neuroses e a teoria pulsional; e divergindo do criador da psicanálise, propôs novos conceitos como o inconsciente coletivo e o simbolismo arquetípico. Adler e Jung posteriormente desenvolveram sistemas teóricos próprios: a Psicologia Individual e a Psicologia Analítica, respectivamente. Compreende-se que a produção de sistemas intrinsecamente diferentes (e originais) tenham por consequência o afastamento da psicanálise.

Freud, que era cioso de suas ideias, reconhece o crédito do aluno que sistematizou o conceito de *racionalização*. Jones apresentou seu texto *Rationalisation in everyday life* em 1908, observando como processos racionais podem operar mecanismos de evasão e intelectualização de “sentimentos” e de causas “volitivas”, relacionadas aos atos cujos sentidos inconscientes não se pode conhecer. Na vida diária, a razão presta-se a destituir de sentido qualquer pensamento que desagrade a consciência, ou serve para construir raciocínios que dissimulem os motivos inconscientes que se quer evitar. O cético britânico analisa as racionalizações nas doutrinas religiosas e pontua as justificativas intelectualizadas nas ciências. As explicações dos neurologistas que à época ainda prescreviam valeriana para tratar as histerias – no intuito de afastar-se da antiga lógica

da elevação do útero agitado, como nos séculos anteriores – especulavam um suposto efeito “antiespasmódico” do princípio ativo do ácido valeriano, o que surgia como uma racionalização científica. Certo discurso, que hoje podemos chamar de cientificista, apresentava-se como uma explicação intelectualizada que, ao mesmo tempo, buscava ignorar a percepção das razões psicogênicas das histerias.

O conceito de *racionalização* acerta um alvo complexo e sofisticado, pois toca diretamente as questões sobre a racionalidade consciente e sobre a razão nas ciências. Com apenas vinte e nove anos, Jones aponta para a defesa intelectual que resulta dos acordos científicos frente às insuficiências da pesquisa racional. Os princípios ativos da valeriana, do hidrato de cloral, da morfina e da cocaína, acompanhados das explicações racionalistas da neurologia do início do século passado, não podiam explicar a participação dos processos inconscientes nos diferentes quadros neuróticos e psicóticos.

Hoje, as racionalizações nas ciências podem ser reconhecidas nas sucessivas reclassificações da psicopatologia categorial ou nas incontáveis escalas da psicometria em geral. Sem dúvida, os avanços na psicofarmacologia (ansiolíticos, antidepressivos, estabilizadores e antipsicóticos) permitem muito melhor manejo dos quadros difíceis de ansiedade, de depressão e sobretudo das psicoses. Entretanto, o conhecimento neuroquímico do princípio ativo destes fármacos e os complexos exercícios estatísticos (repetibilidade, confiabilidade, coeficientes, covariâncias, etc.) para validação de escalas e questionários criam um discurso *tecnificista* que busca resumir a complexidade da dinâmica biopsicossocial, evitando os aspectos inconscientes da patologia desses processos.

Mas Jones não avança na análise da racionalidade cientificista – talvez porque ainda se sentisse pouco seguro para sustentar uma reflexão mais apurada sobre a teoria do conhecimento na psicanálise. Como nos mostra a pesquisadora, ao longo de sua obra ele traz à tona diversas ideias

que mereceriam ser mais desenvolvidas e melhor consideradas. Esse é também o caso de sua noção de *afânise*, que investiga os efeitos subjetivos da castração desde o início da vida; e de sua concepção de *simbolismo*, que rastreia os encadeamentos lógicos entre símbolos e metáforas junto à teoria da representação de Freud (deslocamentos e condensações da memória). Se Jones não deu fôlego a seus argumentos, ou se evitava o risco de divergir com Freud, não sabemos, mas pode-se dizer que seu estilo psicanalítico semeou uma liberdade de pensamento que ele mesmo não usufruiu plenamente. À meia distância do criador da psicanálise, parece ter favorecido a liberdade conceitual de outros autores que fizeram escolas, como aconteceu com as correntes americanas, inglesas e francesas.

Particularmente o conceito de *afânise* abriu campo para certo empirismo da maternidade na psicanálise, relativo às experiências objetais primárias, anteriores à função paterna. Desde o final dos anos 1920, as formulações de autoras como Karen Horney, Helene Deutsch, Melanie Klein e outras inspiraram as controvérsias em torno das noções freudianas de primazia do falo e fantasia de castração na constituição da feminilidade. Em 1927, em seu texto “O desenvolvimento inicial da sexualidade feminina”, Jones alinha-se às concepções dessas autoras, referindo-se à crítica ao falocentrismo alertada por Horney e discutindo o papel secundário da inveja do pênis indicado por Deutsch.

O britânico, que acolhera Klein em Londres em 1926, como ela ocupou-se de investigar o sentido precoce da castração desde a fase oral-sádica, observando suas relações com a privação e a frustração no início da vida. O perigo da *afânise*, como risco de abolição da libido (antes da ameaça de castração), levaria a menina a recuar em seu desejo pela mãe e, num segundo momento, a colocaria frente aos dilemas junto ao pai – o que confere importância secundária à percepção da diferença genital. Ao propor o conceito de *afânise*, Jones avalizava as reflexões desenvolvidas por mulheres sobre a feminilidade e, de certo modo, divergia de Freud a respeito do fulcro simbólico do complexo de Édipo: a prevalência da lógica fálico/castrado.

Porém, a ideia de que o terror da *afânise* fosse anterior ao medo da castração (e estivesse na base das neuroses) seguia no registro da sexualidade e já apontava para a relação entre privação, frustração e castração. Assim, se por um lado a polêmica arrepiou Freud, que em 1925 havia reiterado a tese das consequências psíquicas das diferenças anatômicas, por outro, parece tê-lo levado a aceitar a ideia de uma fase pré-edípica na sexualidade feminina – retomando o tema em *Sexualidade feminina* (1931) e em *Feminilidade* (1933). Talvez Freud precisasse ouvir de um homem diplomático – como Jones – os argumentos sobre as condições precoces (anteriores à percepção genital) da sensação de ameaça, sobre as figurações mais primárias nos pressentimentos de perda e de perigo. Mantendo-se em acordo com as formulações de Freud sobre a angústia e o desamparo, Jones afirma que, nas meninas e nos meninos, apenas em um segundo momento as fantasias fálicas e de castração conferem sentido ao temor da *afânise*.

Otto Rank queixava-se de não ter sido reconhecido por sua observação (em 1924) sobre a precedência materna, sobre o trauma do nascimento como a primeira experiência de castração. A separação da mãe seria a primeira perda na série de objetos estimados e castrados – completando o entendimento das relações primárias de objeto. Freud discordou, pois entendia que a imaturidade do recém-nascido ainda não permitiria a diferenciação de qualquer objeto perdido, e que, portanto, os imperativos das privações e a dor do nascimento não se ordenariam ainda como pressentimentos simbólicos da castração. Rank insistiu em interpretar a formação dos sonhos e dos processos neuróticos antes como realizações de traumas, e depois como realizações de desejos – o que também o levou a afastar-se de Freud em 1926. Aborrecido, Rank foi para Paris e de lá seguiu para Nova York, onde passou a desenvolver a psicologia do *aqui e agora* (Terapia da Vontade).

Provavelmente foi dessa celeuma que, mais tarde, Lacan extraiu seu conceito de objeto “a” – faltante e alusivo à mãe – articulando a privação real, a frustração imaginária e a castração

simbólica em torno dos objetos do desejo. Porém, foi especialmente o conceito de *afânise*, como uma função precoce e homóloga à castração, que em 1957 interessou a Lacan. O risco de apagamento (abolição) da capacidade de desejar serviu para o psicanalista francês pensar as circunstâncias em que, *a posteriori*, o significante (fálico) poderia eclipsar o sujeito. Lacan expande a proposição de Jones, explorando a negativa de *phanos*, do grego; tocha, luz, brilho. Trata-se do *fading* do sujeito desejante que se vê ofuscado ou obscurecido pelos efeitos simbólicos (e imaginários) dos significantes do Nome do Pai na cadência de seu discurso.

Em *A Teoria do Simbolismo* (1920), Jones refletiu sobre as relações entre os símbolos primários às representações secundárias, e sobre os encadeamentos entre ideias substitutivas (como símiles; metáforas, sinédoques, metonímias, etc.) que resultariam da resistência em evocar a verdadeira significação dos símbolos. Entretanto, ao investigar a origem sexual do simbolismo, a teoria das significações de Jones não dava ênfase ao lugar da metáfora paterna e, platonicamente, situava o “verdadeiro símbolo” no plano das ideias, aquém do real. Por isso, Lacan conferiu certa debilidade à sua teoria dos símbolos, embora ao prestar tributo a Jones em 1959 o tenha considerado um homem de talento e “excelência ímpar”.

A importância de ser Ernest Jones certamente vai além das consagrações do biógrafo e agente institucional. Em nome do pai, do filho e do neto; o estudo sobre as razões do apagamento da obra do britânico se reflete na fantasia de *inversão dos papéis entre as gerações* – tema trabalhado por Jones e cuidadosamente explorado por Marques ao longo do livro. Ao resgatar a importância das contribuições teóricas do psicanalista (como uma neta de Freud) a pesquisadora cuida de uma possível “salvação” simbólica da invisibilidade do velho Jones (como um pai injustiçado). Mas, também, ao evidenciar sua desimportância – em nome de Freud, avô da psicanálise – “vinga-se” do altivo biógrafo galês que, como copeira (criado ou babá), não expandiu

a paternidade de suas ideias e que, como autor criativo, serviu de solo para liberdade de outros psicanalistas.

Ernest era também o nome do filho mais jovem de Freud, e Jones (que era 23 anos mais novo que o mestre), como um filho fiel, nunca sustentou simbolicamente sua revolta parricida – talvez às custas de sua independência criativa. Como aponta a autora, da fidelidade de Jones ressoava uma fé devota à genialidade do Professor, e sua arraigada defesa ateísta sugeria uma necessidade íntima (mas política) de negar qualquer crença ou herança do espírito santo na psicanálise – mesmo se na figura distante do avô (ou do bisavô) pudessem pairar fantasias divinas.

Embasada em Maddox, evitando os adjetivos excessivos de Roudinesco e ponderando as observações de Phillips, de Steiner e outros, Marques investiga o processo criativo de Jones detendo-se no que possa haver de original e inédito, ou de autêntico em seu trabalho. Se Jones parece o personagem Forrest Gump (dada sua perseverança servil e sua modéstia afiada) como sugere a autora, a análise dos conflitos entre a coragem de ousar (como a de Klein e outros) e o receio de romper ou conspirar contra seu próprio ideal (Freud) indica por onde suas soluções mais criativas (teóricas e práticas) ficaram esquecidas ou camufladas na história. Entre o medo inconsciente de fracassar como pequeno galês e a fantasia de triunfar como grande psicanalista britânico, a vida e a obra de Jones o colocaram entre a suspeita de ser um fanático apaixonado pela doutrina de Freud e o enigma de ser ou não ser um gênio inibido em sua criatividade. De todo modo, como relembra Marques, *original is as original does*, e nosso protagonista sempre fez o que fez de maneira autêntica e original.

Jones não venceu o pai num xeque-mate, mas jogou uma bela partida. Ao final da década de 1930, assumiu o papel de filho-paternal e ajudou a salvar Freud e muitos psicanalistas do nazismo. Da mesma forma, frente a resistência à psicanálise – mais vezes devida às teses sobre a sexualidade – como bem destaca a autora, Jones

procurava proteger Freud (e si mesmo) das acusações de que a psicanálise seria um mero movimento de discípulos (termos que Jones combatia), ou pior, seria um culto a-científico sustentado por

idólatras em torno de Freud. O compromisso e a confiabilidade do espírito pragmático de Jones, até a última hora, serviram à qualificação e à validação do saber psicanalítico.

Fundamentos e desafios da clínica psicanalítica online

Marina Bialer

Resenha de Lia Pitliuk, *A sustentação de uma clínica psicanalítica em-linha (online)*, São Paulo, Escuta, 2022, 124p.

A clínica psicanalítica online adentrou o dia a dia de nossas práticas “psi”. Para aqueles psicanalistas que como eu tinham reticências em relação a como seria essa “transposição” do presencial para o online, essa migração foi precipitada pela pandemia. A experiência clínica pandêmica logo me ensinou que mais do que transposição era preciso pensar em transformação. Que os nossos analisandos logo nos traziam as suas invenções, como criar um setting, onde seria o divã, como criar os tempos da sala de espera, como utilizar de todas as possibilidades do digital para compartilhar imagens, músicas, textos, com uma rapidez (e, muitas vezes, liberdade) maior do que outrora.

Ao pensar sobre as vicissitudes da clínica online, a psicanalista Jô Gondar fez a seguinte reflexão:

[...] se Freud e Fliess, ou se Freud e Ferenczi tivessem se comunicado por e-mails e não por cartas manuscritas, o que eles escreviam um ao outro teria outro tempo de elaboração, outra velocidade de resposta, outro modo

de dispor o corpo na atividade da escrita, outra forma de leitura, outro tipo de letra, mais impessoal do que na correspondência à mão. O resultado disso, escreve Derrida, é que nós provavelmente teríamos outra teoria psicanalítica. A psicanálise não teria sido o que ela é se o e-mail tivesse existido há um século. [...] Se no passado a psicanálise não teria sido o que foi se determinadas tecnologias tivessem existido, no futuro ela não será mais o que Freud e tantos psicanalistas anteciparam desde que essas tecnologias se tornaram possíveis.¹

Gosto muito de me debruçar sobre a produção teórica das primeiras gerações de psicanalistas. Dentre eles, tenho especial apreço por Theodor Reik, psicanalista que sempre valorizou a importância da geração pioneira de revolucionários e a inovação oriunda da investigação psicanalítica freudiana pautada na concepção da descoberta psicanalítica como uma aventura: a psicanálise não é a instrução de aplicação de regras e técnicas rígidas, mas de abertura para as expressões do inconsciente e capacidade de acolher e transmitir a variedade e vivacidade da experiência humana. Aliás, o psicanalista gostava de comentar com seus alunos que o legado de Freud para as gerações futuras é o de que a nós não foi ensinado o que pensar, mas como ser suficientemente corajosos para pensar por nós mesmos.

Ao contrário da relutância de grande parte dos psicanalistas em re-criar (ou inventar) o setting online, Lia Pitliuk há muito se mostra uma desbravadora: entusiasta das novas experiências abertas pelo campo digital, sem perder o rigor teórico e a busca de teorizar os fundamentos e os desafios da clínica online.

Se desde antes da pandemia a psicanalista já se dedicava a pesquisar a clínica online, com a pandemia e o impacto dessa na clínica psicanalítica global, Lia criou grupos de estudos dedicados a pensar a teoria e a prática psicanalíticas e como sustentar a ética psicanalítica conforme variam os settings com que os analistas trabalham (inclusive a variedade online). Vale lembrar que se Freud aos poucos solidificou a análise em uma prática que ocorria seis dias da semana, com o uso do

Marina Bialer é psicanalista, doutora em Psicopatologia e Psicanálise pela Université Paris 7, com Pós-Doutorado pelo Instituto de Psicologia da USP.

DOI: 10.70048/percurso.72.141-143

¹ J. Gondar, “Psicanálise on line e elasticidade da técnica”, *Cadernos de Psicanálise*, n. 42, p. 42 e 44.

divã, mesmo naqueles primórdios já encontramos inovações propostas por Ferenczi (em suas análises mútuas e outras práticas), Stekel (que busca abreviar a duração dos tratamentos), Lou Salomé (que realiza algumas análises por correspondência), Freud (assim como Stekel), que fazia algumas sessões caminhando com seus analisandos. Menciono somente algumas das inúmeras mudanças que já tivemos em termos do padrão de *setting* e da técnica analítica para ressaltar como ao longo da história da Psicanálise já houve inovações em termos do que se definia como teoria, técnica e *setting*, para delimitar alguns elementos fundamentais da psicanálise, e que podem ser repensados a partir do online. Isto posto, tomando como paradigma o modelo da clínica online, penso estarmos em um momento de abertura que pode permitir à psicanálise repensar vários dos limites que por vezes nós psicanalistas colocamos à nossa prática, como a perspectiva de que só haveria análise presencial, ou de que esta seria o “padrão ouro” do tratamento.

Embora a pandemia tenha permitido a muitos psicanalistas (e analisandos) vislumbrar tanto potencial de abertura, durante e após a pandemia, muito pouco foi publicado sobre o campo. São incontáveis as problemáticas e também as possibilidades abertas pela oportunidade da mediação das tecnologias digitais e seus usos no campo psicanalítico, e certamente o livro de Lia é uma contribuição inestimável para a investigação psicanalítica dessas temáticas.

Retrato de um rico percurso analítico e investigativo, *A sustentação de uma clínica psicanalítica em-linha (online)* é um livro precioso para todos os psicanalistas encontrarem respaldo para refletir acerca desse novo paradigma. Trago algumas instigantes questões levantadas pela autora: quais as indicações e contra-indicações para a análise online (para além das contingências, ou seja, mesmo podendo ir presencialmente, para quais analisandos ou em que momentos seria interessante o online), quais os limites de cada analista em lidar com essas tecnologias, haveria linhas de continuidade e rupturas nas migrações do online

para o presencial e no *setting* híbrido, quais os recursos que surgem com a mudança de *setting*, quais os modos de presença possíveis, como tornar elásticos vários conceitos como o da própria presença (não mais como algo que seria oposto ao virtual), como se abrir à polifonia das expressões inéditas e como o analista deixar ecoar em si mesmo essa polifonia criada com cada analisando, as novas dimensões de sensorialidade e motricidade, a variação dos brincarés possíveis, os modos de estar com o outro, as várias modalidades de habitar o mundo.

Winnicott será presença constante no livro, também marcado pelo diálogo com Green. Vale, contudo, ressaltar que outras vozes se fazem presentes na autora, também grande estudiosa e investigadora da obra de Bollas. Outras duas noções desenvolvidas no livro serão a de figurabilidade (Botella) e a de percepção amodal (Stern) como conceitos-chave para pensarmos manifestações da clínica, elucidados no melhor estilo de construção de caso clínico, pilar indispensável no campo psicanalítico. Como salienta a autora, “trata-se, então, de cada analista descobrir/inventar os melhores modos de sustentar o método analítico – agora, na clínica em-linha”².

Lia ousa pensar a clínica online, acolhendo todo o ineditismo que nela pode surgir, contemplando as especificidades desta para repensarmos como teorizamos e praticamos a psicanálise. Isso é desenvolvido no transcorrer de quatro capítulos intitulados “Mundo digital, humanidade e psicanálise”, “Sustentar uma clínica psicanalítica em-linha”, “Enquadre na clínica em-linha: estojo e joia” e “A contemporaneidade: abertura e ética”. Capítulos desenvolvidos com argumentação precisa, exemplos clínicos elucidativos e bem sustentados teoricamente, constituindo um livro que tem como alicerces o que há de melhor na investigação psicanalítica, sem perder o apreço pela estética da escrita e da transmissão da arte que é o ofício de psicanalisar. Como tão bem sintetiza Ricardo Rudolfo no prefácio do livro: “Lia Pitliuk se destaca também e muito por sua liberdade de pensamento e por sua defesa dessa

liberdade. Isso a torna uma daquelas figuras não muito frequentes em quem o futuro da psicanálise fica em boas mãos³. Outrossim, é possível afirmar que *A sustentação de uma clínica psicanalítica em-linha (online)* é um livro que retrata a renovação da potência criativa da psicanálise quando encontramos psicanalistas que, como Lia, ousam pensar a teoria e a clínica a partir dos tempos contemporâneos.

Referências bibliográficas

- Gondar J. (2020). Psicanálise *on line* e elasticidade da técnica. *Cadernos de psicanálise*, vol. 42, n. 42, p. 37-45. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952020000100003. Acesso em: 30 mar. 2024.
- Pitliuk L. (2022). *A sustentação de uma clínica psicanalítica em-linha (online)*. São Paulo: Editora Escuta.
- _____. (2024). (Re)Pensando a clínica psicanalítica em linha (on-line): Fundamentos e desafios. Disponível em https://www.youtube.com/live/jjz9cY-ahqI?si=H_5vB48CRWMJEP-M. Acesso em: 28 abr. 2024.
- Rodolfo R. (2022). Prefácio. In Pitliuk L. *A sustentação de uma clínica psicanalítica em-linha (online)*. São Paulo: Escuta.

2 L. Pitliuk, *A sustentação de uma clínica psicanalítica em-linha (online)*, p. 84

3 R. Rodolfo, "Prefácio", in L. Pitliuk, *op. cit.*, p. 15.

Por uma recusa epistêmica

Lucas Valiati

Resenha de Flávio Ferraz, *Tempo e ato na perversão*, São Paulo, Blucher, 2023, 146p.

144

PERCURSO 72 : junho de 2024

O termo “perversão” tem seu primeiro registro no século xv em língua francesa, com a raiz no latim. *Pervertere* originalmente significava o desvio de algo da sua função primária ou natural. Com o tempo, e a história, passou a ter uma conotação de caráter pejorativo, ou seja, algo como redirecionado ao mal ou uma *virada inoportuna*. Apenas no século xix o termo entrou nos domínios da medicina. Inicialmente vinculado à degradação orgânica, logo abrangeu a degenerescência moral. Por fim, cingiu-se ao âmbito sexual, tornando-se “perversão sexual”. Hoje pode-se dispensar o adjetivo qualificativo para a ela se referir¹.

Recuperando a concepção primordial de *pervertere* e invertendo seu sentido, podemos dizer que os trabalhos de Flávio Ferraz são uma *virada oportuna* aos estudos sobre a perversão na Psicanálise. O professor e psicanalista, com sua produção vasta e plural, há muitos anos se dedica a atravessar este fantasmático fenômeno clínico que raramente recebe concepção homogênea, tampouco reconhecimento entre os psicanalistas. Neste ano, somos brindados com uma reedição de *Tempo e ato na perversão*, revista e ampliada, contemplando a adição de dois novos capítulos.

Em seu capítulo inaugural, intitulado “Do desvio sexual à perversão de transferência”, percorremos o desenlace das teorias psicanalíticas nas nuances da perversão. Teorias diversas em que Ferraz recupera as elucubrações freudianas, como também percorre o solo da psicanálise lacaniana e perpassa a disciplina de cunho kleiniano. Assim como no ofício de um cartógrafo, acompanhamos Ferraz esboçar o desaguar de ambas as correntes no que concerne à perversão. Em busca de uma análise sistemática e rigorosa da perversão, o autor propõe dois eixos para a investigação: o sintomatológico e o transferencial. Em suma, o estudo se propõe analisar se as diferentes abordagens da psicanálise acabam por figurar a perversão de forma coincidente ou não. Além disso, ele se interessa por explorar as implicações das diferentes abordagens no que se refere a identificação, conceituação e manejo da perversão.

O autor traça as origens do eixo sintomatológico na obra de Freud, encontrando seus primeiros indícios em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”², onde a perversão é definida como um desvio do sexual. Em estágio subsequente, a perversão experimenta um enriquecimento metapsicológico através do Complexo de Édipo e do mecanismo de recusa (*Verleugnung*), que se contrapõe à via neurótica da negação, o recalamento (*Verdrängung*). Em um terceiro estágio do enquadramento freudiano, temos o fetichismo desvendando uma perversão que se constitui a partir de uma dissociação e se torna ambivalente em relação à castração. Ainda que demarque tais períodos, Ferraz salienta que a referência clínica de veio freudiano se conserva perenemente sintomatológica em sua ênfase, em consonância com a lógica descortinada nas exigências fenomenológicas das demais estruturas clínicas clássicas, quais sejam, neurose e psicose. Portanto, embora a perversão – ou o negativo da neurose na acepção freudiana – tenha experimentado um processo de lapidação no corpo teórico freudiano ao longo dos anos, ela ainda é majoritariamente interpretada sob o prisma sintomático.

O eixo transferencial, emanando dos conceitos de transferência das vertentes kleiniana e

lacaniana, ostenta uma dupla determinação no âmbito psicanalítico. Àqueles familiarizados com os seminários de Lacan, não é novidade que no Seminário “As Psicoses” o psicanalista empreende a recuperação da *Verleugnung* freudiana, formalizando-a no arcabouço teórico que entrelaça fenômeno e estrutura através da cena da castração. Nesse contexto, Lacan privilegia um tratamento estrutural da resposta do sujeito face ao Édipo, relegando uma clínica sintomatológica a um plano subalterno; em suma, a sintomatologia se configura como um mero reflexo possível dessa encenação. Ferraz se debruça sobre os desfechos dessa concepção lacaniana, tomando como alicerce os trabalhos de Jean Clavreul³ e Guy Rosolato⁴. Assim, a expressão da perversão, centrada na cena analítica, ostenta aquilo que se denomina desafio aos lacanianos. Perante a recusa do perverso de um “suposto saber”, a vertente lacaniana interpreta que o perverso retoma suas referências fundamentais de estrutura no esquema analítico, engendrando tal desafio.

Será que o amor, que aparenta estar em jogo, encontraria guarida em uma pretensa proteção do analista? Ou então, estaria o paciente perverso, ao submeter-se à análise, em busca apenas de uma confirmação de boa-fé? Essas são questões que emergem na clínica da perversão. A simetria composicional esconde uma armadilha perversa ao analista, que se encontra enredado numa trama dicotômica: ele se confronta com a dura escolha entre tomar uma posição moralizante ou se submeter à perversão.

Na perspectiva kleiniana, a ênfase recai sobre a modalidade de transferência instaurada. A perversão do indivíduo pode ser interpretada como mais autêntica do que suas interações sociais, e essa ênfase determina a tonalidade da transferência que caracteriza a abordagem. Ora, não é fortuito que psicanalistas de diferentes correntes reportem dificuldades na analisabilidade de pacientes que transitam pelo terreno da perversão. Em certas ocasiões, a análise pode alcançar um ponto em que o desprezo e a reverência se expressam de forma deveras exacerbada. Através dessas e outras manifestações, configura-se o que Etchegoyen⁵ denominou de *transferência perversa*. Em um manifesto boicote ao processo analítico, o paciente parece subsumir a análise à sua atuação perversa, muitas vezes reautorizando seus atos perversos através da situação analítica. Não por acaso, os autores da escola kleiniana que Ferraz nos convida a conhecer admitem um certo enredamento do analista sob os auspícios de seu analisando, como são os casos de Otto F. Kernberg⁶ e Betty Joseph⁷.

Munido de vasta experiência no estudo das perversões e ciente de seus intrincados mecanismos, que põem em xeque alguns pilares da teoria psicanalítica, Ferraz se mostra cauteloso e arguto em suas conclusões. Reconhece que os obstáculos da transferência perversa são percebidos de forma similar por diferentes vertentes e que essa convergência robustece as conclusões e consolida a teoria transferencial da perversão como um todo. No entanto, Ferraz se resguarda a possíveis conclusões precipitadas. Ao revisitar os eixos previamente esboçados, surge a interrogação: conduziriam eles a um desenlace definitivo? Haveria concordância diametral entre tais paradigmas? Em outras palavras, as diversas cartografias subjetivas, com suas distintas configurações perversas, poderiam ser suscetíveis tanto a eixos predominantemente sintomatológicos quanto transferenciais?

A despeito da categoria psicopatológica, o operador clínico prescinde na orientação lacaniana. O que se perfaz na situação analítica decorre do modo de recusa estruturado no Édipo.

1 G. Lanteri-Laura, “Perversão”. *Leitura das perversões*.

2 S. Freud, “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, in *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*.

3 J. Clavreul, “O casal perverso”, in *O desejo e a perversão*.

4 G. Rosolato, “Estudo das perversões sexuais a partir do fetichismo”, in J. Clavreul et al., *O desejo e a perversão*.

5 R.H. Etchegoyen, “Perversión de transferencia: aspectos teóricos y técnicos”, in R.J. Mogueuilansky (org.), *Escritos clínicos sobre perversiones y adicciones*.

6 O.F. Kernberg, “Perversão, perversidade e normalidade: diagnóstico e considerações terapêuticas”, *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 32, n. 1, p. 67-82.

7 B. Joseph, “Uma contribuição clínica para a análise de uma perversão”, in M. Feldman; E.B. Spillus (org.), *Equilíbrio psíquico e mudança psíquica: artigos selecionados de Betty Joseph*.

Levado ao limite, Ferraz alerta que isso poderia “desmaterializar” a perversão; longe de subscrever a um dogma de cunho psiquiátrico, a eleição de um recorte excessivamente restrito cria a condição de apagamento da sintomatologia, tornando, por exemplo, o caráter sexual da perversão uma mera casualidade.

Ao situar o analista como um objeto da vida do perverso, as interpretações de cunho kleiniano, como esboçadas por Meltzer⁸, propõem compreender a perversão dialogicamente na clínica, isto é, através da sua expressão sintomatológica e de sua manifestação transferencial. Apesar de abrangente, tal concepção não encontra homogêneo reconhecimento entre os kleinianos, sobretudo em relação a definição da transferência perversa e suas particularidades, daí seu empecilho.

Ferraz nos elucida tais impasses do fazer analítico através do estudo de caso de Julio. Nele, vemos desenlaçar os aspectos enfatizados pelos herdeiros de Klein e de Lacan, onde a atuação perversa se lança como desafio ao analista na medida em que é disposta como a maneira peculiar de subjetivação. Desse modo, o analista se encontra como um dos objetos da fantasia do perverso, que o despreza e o reverencia, impondo-o a uma encruzilhada. A questão ética, como é costume na análise das perversões, aflora, e a partir do caso “aprendemos que a adesão aferrada ao método psicanalítico, mais que um recurso técnico, contribuiu para a saída de uma situação imaginária e dual, na qual se convidava o analista a reiterar o papel da mãe que acena com a passagem ao largo do muro da castração e da lei do pai, desqualificando-os e prometendo o gozo auferido com a supremacia da pré-genitalidade do incesto”⁹.

Lemos em Drummond de Andrade: “O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes, a vida presente”¹⁰. A postura existencialista, com destaque na experiência imediata, pode ser considerada o oposto mesmo daquilo que Ferraz articula em seu segundo capítulo. Ora, dificilmente o psicanalista, com sua leitura sobre o tempo na perversão, identificaria os versos do poeta como um dito perverso; senão

o oposto, então, neurose? Em termos da “temporalidade e processualidade”, as articulações ultrapassam a simples dicotomia.

Aportado, sobretudo, no clássico estudo de Lanteri-Laura¹¹, o autor propõe a noção de “recusa do tempo”; esta seria dada através da eleição absoluta de um momento pelo perverso; assim, ancorando-se em determinado instante, o perverso desconheceria a sequência dos estágios libidinais. A reiterada reprodução de um padrão comportamental desvenda a fixação temporal do indivíduo, cativo em um instante específico do desenvolvimento libidinal. Nesta linha, tal reprodução indica a exclusão de um aspecto do fenômeno temporal na estrutura perversa.

Deste modo, para o perverso, “a minha matéria” não deve dar indícios de uma mudança temporal. O tempo do perverso, antítese do tempo do poeta, é rígido e imutável; qualquer indício de subversão dessa organização subjetiva perversa é invariavelmente rechaçado da realidade. O paciente que Ferraz descreve é exemplar; neste, qualquer indício da falibilidade de seu corpo deve ser suprimido; é inimaginável e não contemplam sua vida quaisquer aspectos relativos ao cansaço, envelhecimento, dor e doença.

Em tempo, é tentador lembrarmos de Erika, personagem interpretada por Isabelle Huppert em *La Pianiste*¹² e ensaiarmos um leviano desdobramento das proposições de Ferraz. É imediato relacionar as possíveis fixações temporais de Erika, como o seu vínculo materno e seus modos de (in)satisfação subjetivos. No entanto, o objeto próprio da pianista, isto é, a música, permite entoar a questão da temporalidade e processualidade em novo arranjo. A fascinação de Erika por Schubert e Schumann, além de ser vista como uma fixação libidinal – e nos convidar a remontar a sua *Verleugnung* –, também nos leva a uma outra indagação: à luz das considerações de Ferraz, não seria oportuno refletir sobre o fazer musical e sua intrínseca relação com o tempo? Em vez de pensar a música como um objeto unívoco, o que poderíamos extrair, se adentrássemos o campo do seu efetivar-se? Afinal, o que dizer da

sua característica que remonta a *temporalidade* e a sua *processualidade* intrínseca à prática, ou seja, sua dinâmica de performance e criação? É evidente que a atuação perversa não se manifesta de forma homogênea em relação aos objetos que lhe circundam. Todavia não encontraríamos nas nuances de um dos objetos que compõe sua subjetividade – e no caso possui uma relação imbricada com o tempo – aquilo que pode dar vias a sua resignificação em vista da recusa frente ao Édipo?

Voltando ao capítulo, observamos a questão de a temporalidade, fundamental na subjetividade perversa, transcender seus limites e se manifestar em outros quadros psicopatológicos e estruturas clínicas. Ferraz, com lúcido reconhecimento dos mal-estares relacionados ao tempo, expande a noção de “recusa do tempo” para além da perversão, procurando desvelar a complexa relação entre o tempo e sofrimento humano. As batalhas travadas com o tempo se diversificam na humanidade; daí que, em alguns quadros de ansiedade e de neurose, o conflito se expresse via sintoma; no borderline, o aspecto temporal ganha destaque no comportamento, isto é, no *acting out*; por outro lado, no autismo a temporalidade é de certa forma suprimida com o comprometimento da estruturação da realidade.

Em um desfecho permeado por poesia e reflexão, Ferraz nos leva a transcender os quadros sintomatológicos e reconhecer a luta contra o tempo como algo intrínseco à angústia humana, derivada de sua própria ferida narcísica. Esta, talvez demasiada humana. Afinal, o tempo, em si, não passa, já que “nós é que passamos”; ou como melhor refuta o poeta argentino:

Negar la sucesión temporal, negar el yo, negar el universo astronómico, son desesperaciones aparentes y consuelos secretos. Nuestro destino (a diferencia del infierno de Swedenborg y del infierno de la mitología tibetana) no es espantoso por irreal; es espantoso porque es irreversible y de hierro. El tiempo es la sustancia de que estoy hecho. El tiempo es un río que me arrebató, pero yo soy el río; es un tigre que me destroza, pero yo soy el tigre; es un fuego que me consume, pero yo soy el fuego. El mundo, desgraciadamente, es real; yo, desgraciadamente, soy Borges.¹³

Não é novidade que a experiência mítica e religiosa recebeu atenção por Freud ao longo de seus escritos. Com efeito, as analogias por ele propostas entre a estruturação psíquica e o comportamento religioso se tornaram axiomáticas para a psicanálise que se seguiu, fornecendo um elo crucial entre duas esferas de fundamental importância para a formação da humanidade. Embora relevantes e atuais, as análises gravitam em torno daquilo que se tornou norma na leitura e na transmissão da obra de Freud: a lente do neurótico. Não é fortuito que lições seminais do psicanalista, como *Atos obsessivos e práticas religiosas*¹⁴, percorram essa analogia exclusivamente em relação ao recalque e o comportamento neurótico.

Utilizando-se de autores como Rosolato¹⁵ e Chasseguet-Smirgel¹⁶, Ferraz busca abrandar a analogia da esfera religiosa à perversão, encontrando apoio no gnosticismo. A distinção fundamental entre o gnosticismo, que apresentaria manifestações análogas à perversão, e a religião tradicional, mais próxima do comportamento neurótico, reside no *segredo*, inerente à gnose e ausente na massa. Esse segredo, por sua vez, conferiria ao gnóstico uma posição de exceção, elevando-o à condição de “Senhor”, concedendo-lhe uma posição de destaque e acesso direto à divindade. Paradigmático, portanto, como o perverso e o neurótico apresentam posturas distintas na experiência transferencial. O primeiro, detentor de um saber, confronta o analista, enquanto o segundo se espreita diante de um suposto conhecimento, evidenciando a dúvida como sua característica central.

8 D. Meltzer, *Estados sexuais da mente*.

9 F. Ferraz, *Tempo e ato na perversão*, p. 47.

10 C.D. de Andrade, “Mãos dadas”, in *Sentimento do mundo*, p. 34.

11 G. Lanteri-Laura, “Perversão”. *Leitura das perversões*.

12 M. Haneke, *La pianiste*. França, Áustria, Alemanha: MK2 Productions, Neue Welt Filmverleih, X Filme Creative Pool GmbH.

13 J.L. Borges, “Nueva refutación del tiempo”, in *Obras completas, otras inquisiciones*.

14 S. Freud, “Atos obsessivos e práticas religiosas”, in *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*.

15 G. Rosolato, *op. cit.*

16 J. Chasseguet-Smirgel, *Ética e estética da perversão*.

Na presente edição, revista e ampliada, contamos com a inclusão de dois capítulos quando comparada à versão anterior: “As montagens perversas como defesa contra a psicose e Sacher-Masoch” e “A Vênus das peles e o masoquismo”. No primeiro destes, um artigo conciso e potente, Ferraz defende a tese de que a perversão pode ser interpretada como uma manifestação de defesa de uma psicose. Partindo de Freud, mas dialogando com Bleichmar¹⁷ e Masud Khan¹⁸, Ferraz propõe uma inovadora concepção de organização perversa. Ao situá-la no limite da psicose e como mecanismo de defesa contra ela, o autor convida-nos a uma revisão crítica dos conceitos clássicos da psicanálise, abrindo caminho para novas ferramentas no manejo dos casos-limite entre psicose e perversão.

Em suas considerações, após sobrevoar a literatura, o autor postula um nível de organização do ego maior nas perversões quando comparada às psicoses. Essa hipótese, se considerada como um axioma de norteamiento da prática clínica, poderia revelar a existência de uma espécie de “hierarquia de defesas que é, a um só tempo, funcional e genética”. Não podemos nos isentar de observar que o potencial da tese defendida é notável. Afinal, sua aplicação bem-sucedida na prática clínica poderia contribuir consideravelmente para o diagnóstico de casos-limite, tão frequentes no *setting* clínico, transformando-se em um valioso dispositivo teórico-operacional.

Em *Sacher-Masoch*, publicação que abre *A Vênus das peles*¹⁹, Ferraz, à luz das inovações que a psicanálise – seja com Freud, ou com seus herdeiros –, convida o leitor a uma leitura da perversão na literatura como manifestação de uma normalidade. Rompendo com os estigmas psicopatológicos há muito incessantemente replicados em nossa cultura, Ferraz chama atenção do leitor como obras eróticas assinadas por Sacher-Masoch e até mesmo Sade transitam em um território insatisfatoriamente compreendido pela ciência: o domínio da fantasia e da linguagem, essência daquilo que nos define como seres humanos.

A originalidade e a urgência da obra de Ferraz residem na incompletude, por vezes inconfessa, do fazer clínico psicanalítico e na sua impotência, quando dogmático, diante da multiplicidade dos mal-estares contemporâneos. Saliêntamos como, nesses mal-estares, as expressões da perversão encontram mais moradas do que estamos dispostos a reconhecer. Um dos méritos de Ferraz reside na sua maestria em conciliar os pilares da prática psicanalítica com a teoria, tecendo um diálogo enriquecedor entre clínica e teoria. Essa harmonia se revela ainda mais louvável quando se trata de temas desafiadores como a perversão e suas nuances. Soma-se a essa postura inovadora uma psicanálise interescolar que, destemida diante de temas polêmicos e barreiras institucionais, demonstra um compromisso com a autocrítica e a transgressão. Composto por uma seleção de trabalhos de Ferraz, este livro oferece ao público uma visão crítica sobre a prática psicanalítica, lastreada na prudência, no rigor teórico e em preciosas observações e manejos clínicos. A obra serve tanto como um cartão de visitas para as demais obras do autor, quanto como um aprofundamento de seus estudos.

Para finalizar, lembramos que Lebrun²⁰ sustenta que a perversão é um elemento central na suportabilidade do mundo; mesmo diante de catástrofes ecológicas, pobreza e disparidade social, agimos como se nada houvesse. A psicanálise, desautorizando sua própria castração, age como se a perversão não existisse. Quicá muitos já mobilizaram e enfatizaram este ponto, mas talvez seja necessário repeti-lo até que se depure o vício. É paradigmático, senão trágico, como transitando onde se transmite o saber e fazer psicanalítico escutamos tão raramente o termo “perversão”. Não obstante, a persistente investigação de Ferraz tensiona este véu da trama perversa da psicanálise; trama esta que sustenta e mantém uma recusa sob a égide de uma fantasia onde não há endereçamento à perversão. Ao fim e ao cabo, Flávio Ferraz intenta na Psicanálise o manejo que obteve com Julio: a recusa em se submeter ao papel de mero objeto na fantasia perversa.

Referências bibliográficas

- Andrade C.D. (2012). Mãos dadas. In *Sentimento do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Bleichmar H. (1984). *Introdução ao estudo das perversões*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Borges, J.L. (1974). Nueva refutación del tiempo. In *Obras completas, otras inquisiciones*. Buenos Aires: Emecé Editores.
- Chasseguet-Smirgel J. (1991). *Ética e estética da perversão*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Clavreul, J. (1990). O casal perverso. In *O desejo e a perversão*. Campinas: Papirus.
- Etchegoyen, R.H. (2002). Perversión de transferencia. Aspectos teóricos y técnicos. In Moguillansky R.J. (org.), *Escritos clínicos sobre perversiones y adicciones*. Lumen.
- Freud S. (1905/1980). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, v. 7.
- _____. (1907/1980). Atos obsessivos e práticas religiosas. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, v. 19.
- _____. (1924/1980). O problema econômico do masoquismo. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, v. 19.
- _____. (1927/1980). Fetichismo. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, v. 21.
- Haneke M. (2001). *La pianiste*. França, Áustria, Alemanha: MK2 Productions, Neue Welt Filmverleih, X Filme Creative Pool GmbH.
- Joseph B. (1992). Uma contribuição clínica para a análise de uma perversão. In Feldman M.; Spillus E.B. (org.), *Equilíbrio psíquico e mudança psíquica: artigos selecionados de Betty Joseph*. Rio de Janeiro: Imago.
- Kernberg O.F. (1998). Perversão, perversidade e normalidade: Diagnóstico e considerações terapêuticas. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 32, n. 1, p. 67-82.
- Khan M.M.R. (1987). *Alienación en las perversiones*. Buenos Aires: Nueva Visión.
- Lacan J. (1985). *As psicoses* (O Seminário, livro 3). Rio de Janeiro: Zahar.
- Lanteri-Laura G. (1994). *Leitura das perversões*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lebrun J.-P. (1997). *La perversion ordinaire*. Paris: PUF.
- Meltzer D. (1979). *Estados sexuais da mente*. Rio de Janeiro: Imago.
- Rosolato G. (1990). Estudo das perversões sexuais a partir do fetichismo. In Clavreul J. et al. *O desejo e a perversão*. Campinas: Papirus.
- Sacher-Masoch, L. (1870/2008). *A Vênus das peles*. São Paulo: Hedra.

17 H. Bleichmar, *Introdução ao estudo das perversões*.

18 M.M.R. Khan, *Alienación en las perversiones*.

19 L. Sacher-Masoch, *A Vênus das peles*.

20 J.-P. Lebrun, *La perversion ordinaire*.

Histeria feminina: a travessia de um deserto

Anna Silvia Rosal de Rosal

Resenha de Maria de Lourdes Turbino
Neves, *Dor e luto na histeria feminina*, São
Paulo, Escuta, 2022, 262p.

Desde o início de sua trajetória clínica, Maria de Lourdes Turbino Neves demonstrou particular interesse pelo tema da histeria. Sua escuta sensível revelou que a neurose histérica não se restringia aos sintomas que classicamente a definem. Percebeu que suas pacientes histéricas comungavam “a capacidade de transformar as adversidades encontradas em seus caminhos em motivações para o crescimento pessoal e profissional”.

O significativo número de pacientes histéricas que chegou a sua clínica estimulou Maria de Lourdes a enveredar pela pesquisa acadêmica. No mestrado, elegeu a cantora Elis Regina para pensar a histeria; nesse trabalho, apontou que a intensidade que a artista imprimia em suas interpretações musicais constituía uma atividade sublimatória. Recentemente, no doutorado, voltou sua escuta a dois aspectos da narrativa de pacientes histéricas, quais sejam: a dor e o luto. No meu entender, afetos intrínsecos às perdas humanas. O livro intitulado *Dor e luto na histeria feminina* é o resultado da sólida pesquisa de doutorado orientada pelo psicanalista Renato Mezan. Ambas as pesquisas (de mestrado e de doutorado) foram realizadas na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Apesar da relevância que o tema da histeria tem para a psicanálise, vale observar que é corrente a discussão em torno de sua presença na atualidade. Alguns se perguntam por onde andam as histéricas de Freud. Teriam estas cedido o protagonismo para outros modos de subjetividade? Um breve retorno aos primórdios da psicanálise, feito a seguir, pode fomentar a compreensão acerca dessas questões.

A cultura europeia no século XIX defendia rígidos preceitos morais. Logo, a sexualidade era fortemente reprimida, em especial, a feminina. O desejo recalcado produzia um conjunto de sintomas que expressava o importante mal-estar da época – a histeria. Assim, de modo enviesado, o sofrimento psíquico ecoava por meio dos sintomas de conversão. Nesse sentido, o saber médico era desafiado diante da impossibilidade de se estabelecer relação entre os sintomas histéricos e alguma lesão orgânica, tal como defendia o paradigma vigente. Esse cenário produzia sensação de impotência, o que facilmente irritava os médicos; então, estes apontavam um caráter dramático à manifestação do conflito neurótico. Afirmavam que a encenação ou teatralidade das histéricas tinha como objetivo despertar compaixão e, consequentemente, receber afeto. No entanto, o jovem neurologista Sigmund Freud, ao contrário de seus pares, foi afetado pelo sofrimento das histéricas. Dedicou genuíno interesse às falas de suas pacientes, o que, somado à profícua interlocução com o experiente Dr. Josef Breuer, remeteu-o à compreensão da vida psíquica. Assim, desenvolveu um método de tratamento para o sofrimento psíquico: a psicanálise.

Mais de 140 anos se passaram desde o surgimento da psicanálise. Ao longo desse período, significativas mudanças influenciaram o comportamento humano. Dentre outros aspectos, o moralismo reinante na Viena de Freud não mais rege o comportamento sexual dos sujeitos contemporâneos. Notadamente, pouco restou daquela cultura que regia a sociedade vienense que gestou a psicanálise. No entanto, o conspícuo mundo líquido, descrito por Zygmunt Bauman¹, ou a sociedade do espetáculo (caracterizada por

Anna Silvia Rosal de Rosal é psicóloga com formação em psicanálise, doutora em Psicologia Clínica pela PUC-SP.

DOI: 10.70048/percurso.72.150-152

Guy Debord²), como prefere Maria de Lourdes, continua produzindo sujeitos em sofrimento. Não obstante, responde pela emergência de outros modos de subjetividade, uma vez que as produções clínicas registram significativo crescimento de sujeitos deprimidos e *borderlines* na clínica psicanalítica.

A trajetória de Maria de Lourdes mostra que a histeria sobreviveu ao dinamismo cultural. Embora, tal como ela afirma, atualmente “não é possível reduzir a neurose histérica somente a seus sintomas”. Bem, se as histéricas clássicas perderam o protagonismo de outrora é porque a plasticidade dos sintomas de conversão levou muitos profissionais a tratar essas pacientes como pessoas deprimidas, assegura a autora. Em suas palavras: “parte dos pacientes vistos como deprimidos apresenta, de fato, sintomas depressivos em uma organização histérica”³.

Dor e luto na histeria feminina nos oferece uma visão panorâmica acerca da histeria – da Antiguidade aos dias atuais. Para tanto, Maria de Lourdes recorreu a autores clássicos e também ao trabalho de psicanalistas contemporâneos. Seu texto se revela como importante referência para as próximas pesquisas sobre tal temática, em especial, no campo da psicanálise. Ademais, é preciso ressaltar o frescor que apresenta na medida em que se baseia na escuta de mulheres do nosso tempo: Teresinha, Melinda e Olga, suas pacientes.

O livro encontra-se organizado em seções temáticas sob as seguintes denominações: “Introdução”; “O quadro clínico da histeria”; “Questões femininas e seus impasses: aproximações”; “As depressões: de Freud até os dias atuais”; “Vozes da clínica”; e, por fim, “A travessia do deserto na histeria”.

Sobre a “Introdução”. É bastante comum que teses e dissertações em psicanálise não apresentem explicitamente o método de pesquisa, o que é aspecto obrigatório nas demais disciplinas. Esse posicionamento apoia-se na premissa de que a

psicanálise, por definição, é um método de pesquisa dos processos psíquicos. No entanto, Maria de Lourdes seguiu outra direção ao discorrer sobre a pesquisa em psicanálise e, então, apresentar o recurso metodológico adotado em seu estudo de doutorado: o caso clínico. Desse modo, reproduziu o método utilizado por Sigmund Freud⁴ para investigar o sofrimento de pacientes histéricas. Elegeu, dentre seus pacientes, três casos clínicos de mulheres cujo sofrimento psíquico não estava relacionado a quaisquer evidências orgânicas; portanto, mulheres que produziram sintomas conversivos, em estado depressivo. A despeito da singularidade de cada processo psicanalítico, as três pacientes instigaram a mesma questão: o que permite e o que impede a conquista de uma posição feminina?

No intuito de assegurar o anonimato de suas pacientes, a autora buscou, nos vários âmbitos do campo artístico, inspiração para nomeá-las. Suas pacientes e as personagens de referência tinham em comum o sofrimento como experiência central em suas vidas. Nesse sentido, a canção *Teresinha*, de Chico Buarque de Holanda, nomeou uma paciente cujo sofrimento histérico comumente era interpretado como fingimento e imaturidade. Já no cinema, encontrou Melinda, personagem central do filme *O silêncio de Melinda*, dirigido por Jessica Sharzer. Tal como essa personagem, a paciente de Maria de Lourdes permitiu pensar a relação entre os laços familiares e o desenvolvimento de estados depressivos na vida adulta. Finalmente, a terceira paciente ganhou o nome de Olga, inspirado na personagem do romance intitulado *Dias de abandono*, de autoria de Elena Ferrante. Nesse caso, a melancolia que emerge da perda de um vínculo afetivo se manifesta no corpo de ambas as Olgas, por meio de sintomas.

O primeiro capítulo da obra de Maria de Lourdes, denominado “O quadro clínico da histeria”, tem como centro a interlocução entre as ideias de Sigmund Freud, Sándor Ferenczi e Karl Abraham acerca da histeria.

Freud reconheceu a relação entre os afetos reprimidos (amor, desejo, ódio e culpa) e a produção de sintomas no corpo. A fim de explorar

1 Z. Bauman, *A cultura no mundo líquido moderno*.

2 G. Debord, *A sociedade do espetáculo: Comentários sobre a sociedade do espetáculo*.

3 M.L.T. Neves, *Dor e luto na histeria feminina*, p. 23.

4 S. Freud, “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, in *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, vol. VII.

o pensamento freudiano, Maria de Lourdes recorreu a quatro casos clínicos clássicos do pai da psicanálise, a saber: Emmy von N., Miss Lucy R., Katharina e Elisabeth von R. Ademais, discorreu também sobre o conhecido caso Anna O., paciente de Josef Breuer, referência para o estudo da histeria.

Dentre as diversas contribuições de Ferenczi, a autora deteve-se na regressão em ação na estrutura histérica. O psicanalista húngaro afirma que o narcisismo permanecerá em todas as fases da vida, inclusive, mantém-se concomitante ao erotismo objetual. A histeria, portanto, está intimamente relacionada a uma fragilidade narcísica.

Abraham, por sua vez, subdivide as manifestações da histeria em três etapas, quais sejam: exaltação imaginativa, estado onírico e vazio da consciência. Para aprofundar um pouco mais, Maria de Lourdes explora a relação entre as manifestações psicopatológicas da neurose histérica e as demências precoces, como defendeu Abraham.

O segundo capítulo, intitulado “Questões femininas e seus impasses: aproximações”, discute o masoquismo e a posição feminina. Apoiada no trabalho de Benno Rosenberg⁵, a autora apresenta o masoquismo erógeno primário como o guardião da vida, isso quando ele consegue impedir a satisfação da pulsão de morte; e o masoquismo secundário enquanto associado ao masoquismo moral e à reação terapêutica negativa. Além disso, Maria de Lourdes discorre sobre a mulher na psicanálise a partir da relação mãe e filha e do desejo. Explora, então, variados aspectos da conflitiva edipiana.

O terceiro capítulo, denominado “As depressões: de Freud até os dias atuais”, estabelece a relação entre o crescente número de pessoas deprimidas e a aceleração tecnológica, além da volatilidade dos organizadores grupais. Com base em importante pesquisa teórica, a autora ressalta a diferença entre a depressão e a melancolia. Entende o depressivo como uma pessoa imersa em intensa tristeza, a qual é proveniente de um luto não elaborado. Em suas palavras: “os pacientes que não conseguem fazer o luto pela perda do objeto não conseguem se separar do modo de relação primária e nem restaurar a sua capacidade de ligação libidinal com as pessoas e com

o mundo”⁶. O melancólico, por sua vez, apresenta uma apatia em relação ao mundo, enxergando-se imerso na díade amor-ódio.

O quarto capítulo, sob o título “Vozes da clínica”, é dedicado aos três casos clínicos atendidos por Maria de Lourdes. Estabelece uma relação entre as personagens que inspiraram os nomes fictícios adotados e as características das próprias pacientes. Em algumas passagens, a redação desse capítulo imprime um tom poético, o que denuncia a escuta sensível e atenta de Maria de Lourdes. Ela recorre ainda aos autores pesquisados para entrelaçar fragmentos clínicos com a teoria psicanalítica.

Por fim, a obra é encerrada com o texto “A travessia do deserto na histeria”. Nele a autora define o vazio observado nas pacientes como o deserto da frágil travessia. Vazio este que também pode se constituir como um espaço de potencial criativo. Maria de Lourdes assinala que as pacientes – Teresinha, Melinda e Olga – mostraram que diante de um encolhimento narcísico na histeria instala-se a vivência do nada, do vazio relativo ao feminino. Mas que, se sustentado na transferência, esse vazio pode provocar um lugar para se estabelecer uma metáfora e a elaboração da ausência. Assim, a autora reconhece que suas pacientes compartilham um vazio que as desafiam a uma travessia sem desertar, pois “desertar é o que se alinha no horizonte depressivo por meio da identificação do nada”⁷. Assim, a experiência do vazio é constitutiva da feminilidade e conduz a menina a se tornar mulher, autorizando-a a existir.

Referências bibliográficas

- Bauman Z. (2013). *A cultura no mundo líquido moderno*. São Paulo: Zahar.
- Freud S. (1905 [1901]/1988). Fragmento da análise de um caso de histeria. Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1905/1988). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago.
- Debord, G. (1997). *A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- Rosenberg B. (2003). *Masoquismo mortífero e masoquismo guardião da vida*. São Paulo: Escuta.

5 B. Rosenberg, *Masoquismo mortífero e masoquismo guardião da vida*.

6 M.L.T. Neves, op. cit., p. 119.

7 M.L.T. Neves, op. cit., p. 244.

Entre a sobrevivência e o reconhecimento: a busca pela poesia

Camila Flaborea

Resenha de Péricles Pinheiro Machado Junior, *A linguagem perdida das gruas e outros ensaios de rasuras e revelações*, São Paulo, Blucher, 2023, 186p.

A linguagem perdida das gruas e outros ensaios de rasuras e revelações é o título do livro de Péricles Pinheiro Machado Junior lançado pela editora Blucher no segundo semestre de 2023. É fruto de seu trabalho de doutorado, realizado no IPUSP, sob orientação de Marina Ribeiro. Mas não apenas isso.

Conheço Péricles há muitos anos, fomos colegas de formação e posso assegurar que este trabalho é fruto de um percurso pessoal e profissional de longa data. O resultado é um livro tão consistente quanto sensível, e o desafio de fazer uma resenha sobre ele é de grande responsabilidade, ao mesmo tempo que um enorme privilégio. Diz Machado Jr. no penúltimo ensaio do livro: “É uma marca do nosso tempo a pressa do entendimento, excitação e agilidade que paradoxalmente nos dá notícias de um estado mental de paralisia e passividade, formas de desamparo, afetos desgarrados em busca de linguagem para habitar” (p. 159).

Camila Flaborea é psicanalista, membro do departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, membro do Grupo Brasileiro de Pesquisa Sándor Ferenczi, mestre em Psicologia Clínica pela PUC-SP.

DOI: 10.70048/percurso.72.153-158

¹ Final do poema “Regras do esquecimento”, de Vasco Gato, in *Imo*. Quasi Edições.

É com calma, então, que proponho que percorramos essa obra: a la Vasco Gato, poeta português, que nos avisa: “Não esqueças, sobretudo, de olhar devagar”¹. Com uma mão, busquemos a teoria psicanalítica, especialmente Bion, e com a outra, a Arte e o sonho. Estaremos dessa forma, assim espero, capacitados a ir ao encontro deste livro, que nos convoca à coragem, à liberdade e à presença, no *setting* analítico e fora dele. Possamos lê-lo como quem sonha a partir de uma base muito firme.

Formalmente, o livro é composto por introdução, quatro artigos e uma finalização. Mas já adianto: que o leitor não busque um pensamento linear, nem no livro, nem nesta resenha. Vamos ao final para entender o início e retrocederemos para poder avançar. A espiral nos leva a repassar assuntos, numa expansão que busca o arejamento e a aproximação viva com a experiência clínica e sua (possível) partilha pela escrita.

O início do livro não traz uma introdução, mas sim um Prelúdio, que anuncia os temas que serão desenvolvidos adiante. O texto, logo de saída, justifica a escolha do título que faz alusão à música. A sensorialidade se desdobra: sons errantes, espanto, escrutínio cirúrgico, deserto, opressão, rigidez, escombros, desidratação. Tentativas de comunicação de estados do vivente, ainda que se siga a observação, precisa no meu modo de ver, de que “o abismo entre as vivências clínicas e a comunicação verbal é intransponível” (p. 28).

A escrita é em primeira pessoa, sem hermetismos – nenhuma afetação. “Escrevo na cozinha da clínica, sentado à mesa, tomando um café com leite, às vezes um biscoito para acompanhar, vida comum, linguagem peculiar” (p. 54).

Um pouco adiante, a apresentação de sua tese: Machado Jr. localiza sua pesquisa no campo da linguagem e propõe os termos *Linguagem da sobrevivência* e *Linguagem do reconhecimento*. Diz ele:

da interioridade do corpo à intercorporeidade do espaço analítico, a linguagem é aquilo que possibilita transformações desde as mais vagas sensações fisiológicas e emoções, até a mais complexa das elaborações e abstrações

que capacitam o ser humano a reconhecer e significar as experiências da vida. (p. 42)

Neste ponto, já podemos entender que o autor parte da experiência sensorial mas propõe que é preciso extrapolar os cinco sentidos e buscar a “ordem imaterial da experiência” (p. 26) para pôr-se disponível ao e no encontro analítico. Um tipo de presença muito específica é convocado ao analista, composta por inúmeras camadas, que são apresentadas ao leitor ao longo dos capítulos.

Sobre a *linguagem da sobrevivência* vamos aprendendo aos poucos, sem linearidade. Da mesma forma, sobre o antídoto proposto, a *linguagem do reconhecimento*. A tese apresentada: linguagem da sobrevivência e linguagem do reconhecimento.

No campo das subjetividades desertificadas, sob escombros, onde falta a linguagem viva, é o custo da sobrevivência que geralmente leva essas pessoas a buscarem ajuda. Os adjetivos usados pelo autor para descrever esse estado são referências diretas à linguagem: as palavras podem se tornar “mornas, áridas, discretas, tímidas, desbotadas, magras, passageiras, transeuntes, figurantes, dissolvidas” (p. 29). O risco não se restringe ao paciente que nos procura em sofrimento, alerta o autor. É preciso que o analista-leitor que busca a vivacidade da linguagem entenda que “a criatividade advém da ruptura da ordem do suposto conhecido” (p. 41). É que “estar com o outro em estado de abertura [...] requer do analista muita experiência com sua própria vida mental” (p. 41). Ainda no Prelúdio, um pouco mais adiante, chegaremos ao reconhecimento: imperativo ontológico, ato transitivo envolvendo dois sujeitos.

É, portanto, na intersubjetividade que Machado Junior encontra uma possível saída para o deserto. O autor aposta que é no encontro que o esvaziamento de sentido pode ser transformado. Ele nos alerta, entretanto, antes de nos apaixonarmos pela ideia e a agarrarmos como quem vislumbra um bote salva-vidas: o encontro é também terreno das incertezas, “uma área de turbulências

[...], nos mobiliza pela densidade da confluência” (p. 163). Ainda que seja, no entanto, a saída proposta por esse corajoso autor, que vê na presença honesta uma possibilidade de enriquecimento das subjetividades-corpos que tentam, apesar de tudo, estar juntas.

Voltemos às linguagens. Quando o analisando “encontra-se em um campo de desolação e torna-se necessário reconhecermos que seu sofrimento tem uma historicidade e um sentido fundamental em sua própria existência” (p. 39), estamos diante da questão proposta como eixo do livro: como a presença viva – e aberta ao desconhecido – de alguém pode fornecer condições para a saída da sobrevivência em direção à vida, propriamente dita? O autor, a essa altura, evoca Bion (1978):

Por que se torna necessária outra pessoa? [...] Parece que precisamos ser capazes de ricochetear sobre outra pessoa para obter algo que poderia refletir de volta aquilo que falamos, antes que se torne compreensível. (p. 40)

A proposta vai se movendo a passos largos em direção à alteridade, como condição inequívoca para o campo proposto de saída da sobrevivência por meio do reconhecimento. Passando por filósofos, sociólogos e psicanalistas, lemos que:

Na experiência de reconhecimento da alteridade, encontra-se implícita uma capacidade do sujeito para lidar com as diferenças e as semelhanças, com a aproximação e o distanciamento entre este e o outro, cuidando para que os contornos psíquicos sejam mantidos, e não ameaçados por esse contato. (p. 35)

É com esse pano de fundo que Péricles encerra seu prelúdio, desejando que possamos ter uma experiência de “intimidade epistemológica” (p. 51), que garanta, simultaneamente, liberdade, meio maleável e rigor conceitual ao leitor. Para tanto, se oferece em presença como pesquisador-analista-autor e nos convida a sonhar com ele, a partir dos casos clínicos que agora nos apresenta.

Ensaio 1: *Once upon never:
A linguagem perdida das gruas*

O título do ensaio é bastante intrigante... parafraseando a expressão *Once upon a time*, que normalmente é usada para iniciar um conto de fadas, o famoso *Era uma vez*, o autor já sugere uma subversão de sentido. A ausência já se mostra presente. O tempo, aqui, é o do nunca, o que nunca houve, o que nunca chegou, o que não veio a ser. O que se perdeu nas gruas? O que não se deu a ver? Gruas, objetos metálicos, inanimados, gelados, qual seria a linguagem a que o autor se refere? A partir do livro do escritor estadunidense David Leavitt², Machado Jr. desenvolve seu ensaio, que parte do enredo literário e vai em direção ao aprofundamento do conceito de linguagem de sobrevivência, sublinhando a necessidade de delicadeza e cuidado requeridos ao analista que depara com essa comunicação em estado seminal. Péricles, apoiado em Esther Bick, diz:

Penso que a linguagem de sobrevivência desenvolvida pelo analisando serve à função de uma segunda pele que fornece algum nível de proteção contra o abissal do contato direto com as emoções. (p. 76)

É no interstício da fala cotidiana que, muitas vezes, a sobrevivência encontra guarida. É nas microfendas que o analisando por vezes deixa ver a falta, o metálico, o inanimado de sua linguagem e de sua história. O não saber do analista é seu maior aliado nesse momento.

Com o coração entristecido, o menino sem palavras, a criança-grua, Michael se mostra. Termino o ensaio me perguntando se estamos preparados para essa tarefa...

Ensaio 2: *Terra seca, broto verde:
A linguagem dos fragmentos*

São palavras buarqueanas que nos saúdam no início deste segundo ensaio. Um paciente psicótico,

cujas condições de sujeito é respeitada, é recebido pelo analista-autor que espera, pacientemente, sua comunicação. A família o apresenta como “alguém que falava coisas que ninguém entendia” (p. 83). No ensaio, ele é chamado de Pai.

É buscando os aportes teóricos de Hanna Segal e Bion que Péricles busca costurar mensagens cifradas, aparentemente desconexas e esvaziadas de sentido afetivo. Transitamos por elementos beta e identificações projetivas maciças, tarefa árdua para qualquer analista. O autor reafirma aqui a importância de poder escrever, não por acaso no ensaio que trata de um sujeito que só se comunicava por mensagens em papel, quase ininteligíveis, fragmentadas. Ele cita uma bela passagem de Comte-Sponville:

Talvez seja esse o mais belo presente que a escrita deu aos viventes: permitir-lhes vencer o espaço, vencer a separação, sair da prisão do corpo, ao menos um pouco, por meio da linguagem, por esses pequenos traços de tinta no papel. (p. 105)

A prisão da mente, o aprisionamento na sobrevivência psíquica (im)possível, também ganha algum respiro quando a comunicação pode ser real. Quando há um outro a quem a mensagem pode ser dirigida verdadeiramente. É o ensaio, ousado dizer, da paciência e do conta-gotas.

Para estar ali com Pai, é preciso ter intimidade, mas também respeito e alguma distância da própria loucura. Trabalho de uma vida inteira, o contato com a alteridade em si mesmo, se desdobra em abertura e disponibilidade ao paciente em sofrimento profundo, cindido e encapsulado, mas ainda na busca por algum porto que o tire de seu estado, à deriva: a linguagem do reconhecimento.

Ensaio 3: *Plunct, plact, humpf:
A linguagem do indizível*

Neste ensaio, Machado Jr. se propõe a pôr luz sobre o mistério, o indizível que nos habita e que se manifesta, involuntariamente. Trata-se do que

2 D. Leavitt, *The lost language of cranes*. London, Bloomsbury, 1986.

está aquém ou além das palavras, como preferirem. Lampejos de um encontro, susto de um espaço compartilhado. Como descrever, como falar sobre o que se passa entre dois numa sala de análise? E, indo além, como suportar o que se passa no campo analítico e que surge fora da zona, por vezes redutora, das palavras?

É aqui que o autor se aprofunda ainda mais em alguns conceitos. Dá, por assim dizer, mais uma volta na espiral para retomar a capacidade negativa (Keats, Bion) e a intimidade com o mundo mental como ferramentas de trabalho a serem cultivadas e desenvolvidas em nossa formação continuada. É aqui também que ele evoca Pérsio Nogueira – figura central em toda a obra – dizendo a seus alunos e analisandos em formação psicanalítica: “Larguem os livros, vão ler pessoas!” (p. 119). Para acessar o indizível, é preciso farejar, desconhecer, romper pré-supostos:

O conhecimento precisa evoluir à condição de uma sabedoria do corpo para que a presença viva e a espontaneidade do analista o capacitem a *estar com*³ o analisando. A singularidade gravitacional de sua presença conduz a efeitos analíticos mais significativos do que o conjunto de suas leituras. (p. 126)

Em que pese o paradoxo dessa colocação ser feita num livro, é importante que se diga que a ideia defendida aqui, até onde pude acompanhar, é a de não usar a teoria defensivamente e como uma finalidade em si mesma. Infelizmente, a tentação de enquadrar o paciente nos livros está sempre à espreita, sobretudo em situações que nos desafiam. É preciso humildade e sabedoria para não cair nessa armadilha, a de usar toda a construção de conhecimento que fazemos para desidratar o encontro entre duas pessoas, tantas vezes turbulento e desterritorializante.

Mais adiante, o autor esclarece o que gera essa atitude defensiva: o difícil encontro com a vulnerabilidade do analista, dentro e fora do *setting*. E sua proposta, mais uma vez, se radicaliza e ele afirma que

A meu ver, não se trata de técnica, mas de uma *condição ontológica do analista que se dedica diuturnamente a aprimorar sua própria vulnerabilidade às emanções do desconhecido*.⁴ [...] Ficamos como que imunossuprimidos mentalmente. (p. 140)

Em que medida as palavras ampliam ou tampenam as experiências emocionais vividas no *setting* é uma pergunta sobre a qual temos o dever ético de nos debruçar recorrentemente. Buscar as palavras certas, claro. Mas, sobretudo, seu uso adequado. Ou poder habitar um silêncio que, às vezes, é mesmo o mais difícil. Quem se atreve?

Ensaio 4: Águas paradas, um rio que corre:
A linguagem das tormentas

Ah, Guimarães Rosa e suas veredas, no *Grande sertão*... um ensaio que começa assim deve ser lido com a lupa do afeto. Um ensaio que trata da experiência do autor e seu encontro espantado com essa obra, mais ainda. Se o autor referido for uma analista, aí a gente precisa ir sorvendo aos poucos o que surge nas linhas e nas entrelinhas. Péricles aqui adquire um tom mais confessional e compartilha suas agruras e encantamentos com a linguagem de Guimarães Rosa e desemboca na clareira da comunicação aos pares. E, diante da dificuldade da tarefa, dispara logo: “reconhecendo o impossível, buscamos o razoável.” (p. 153)

É através da experiência com o texto literário que Machado Jr. defende, uma vez mais, seu ponto: é preciso abandonar o conhecido (fixo) para entrar no compartilhado da linguagem (produzido no gerúndio, a partir do encontro consigo e com o outro). O tom emocional da comunicação é retomado como elemento fundante do que é essencial, e não pouco turbulento. Diz o autor, “o texto emocional é descoberta e abandono, é vivência e esquecimento.” (p. 156)

A essa altura, a leitora que aqui tenta escrever esta resenha já se questiona o que fazer com tantas palavras necessárias, nomeantes, ligadoras de energia livre que busco usar para organizar

minimamente os estados com os quais deparo todos os dias em meus atendimentos. Sigo a leitura, inquieta, imaginando que o “sem memória e sem desejo” é coisa para alquimistas, seres elevados. Meu colega de formação parece ler meus pensamentos e me acalma, ainda na mesma página: “A linguagem quando arrogada como certeza reduz-se a um sistema de convenções de prateleira em que as palavras são tomadas por seu significado pretérito” (idem).

Desperta em mim a proposta de retomar alguns dos pressupostos éticos da psicanálise: o outro sabe de si mais que eu; a alteridade é valor inegociável em nosso ofício; não faremos um bom trabalho sem sair do que nos acalma e conforta e sem encarar a fricção causada pelo encontro. O não saber é, também, um exercício da modéstia necessária ao analista.

Mais uma vez, Pêrsio Nogueira:

Parece ser uma característica essencial do ser humano [...] reagir com forte angústia à desordem no plano existencial [...]. Um sentido de ordem e finitude (limite) parece ser fundamental e urgente ao apacramento dessa angústia. [O mundo mental] continuamente parece estar em busca de se encarcerar no âmbito e limite de suas próprias respostas.⁵ (p. 165)

Ao final do ensaio, encontramos a abertura da poesia. As palavras usadas como poros, como quem espreita frestas, nos possibilitam alguma outra organização – não defensiva – diante do

universo humano. Em minha associação, sou visitada por Clarice Lispector, com sua *Paixão segundo GH*⁶ e aqui a transcrevo:

O mundo independia de mim – esta era a confiança a que eu tinha chegado: o mundo independia de mim, e eu não estou entendendo o que estou dizendo, nunca! nunca mais compreenderei o que eu disser. Pois como poderia eu dizer sem que a palavra mentisse por mim? como poderei dizer senão timidamente assim: a vida se me é. A vida se me é, e não entendo o que digo. E então adoro. (p. 179)

Ensaio 5: Sobrevivência, reconhecimento: *A linguagem do repouso e Epílogo (ou a inesperada virtude da frustração)*

Aqui, o autor recapitula seu trajeto, busca organizar sua proposta um pouco mais e se despede do leitor com mais uma frase de Pêrsio Nogueira, seu analista que nos deixou ao longo da trajetória de construção da jornada de Machado Jr. Em uma frase, dá a ver toda a tese defendida durante o livro. Diz Pêrsio, em uma sessão: “O que tenho a lhe oferecer é minha sincera ignorância” (p. 186).

Que nossa ignorância seja portadora de honestidade, disponibilidade, coragem e modéstia. Que ela traga o frescor proposto neste livro e que a abertura nos guie para a renovação incessante de nossa capacidade de pensar.

3 Grifo do autor.

4 Grifo do autor.

5 P.O. Nogueira, *Uma trajetória analítica*. Dimensão, 1993.

6 C. Lispector, *A paixão segundo GH*. Rio de Janeiro, Rocco.

Autores deste número

Adriana Elisabeth Dias

Rua Purpurina, 131 cj. 43
05435-030 São Paulo SP
Tel.: (11) 99606-5710
adrianaelizabethdias@gmail.com

André Alves

Av. Higienópolis, 240 ap. 214B
01238-902 São Paulo SP
lucas@youfloat.co

Anna Silvia Rosal de Rosal

Rua João Moura, 662 cj. 109
05412-001 São Paulo SP
Tel.: (11) 98629-4255
annasilviarosal@gmail.com

Antonio de Almeida Neves Neto

Rua Joaquim Antunes, 490 cj. 22
05415-001 São Paulo SP
Tel.: (11) 99990-0584
anevesnt@gmail.com

Beatriz Cerqueira

Rua Dr. Louis Couty, 59
05436-030 São Paulo SP
Tel.: (11) 98348-8223
bljcerqueira@gmail.com

Camila Flaborea

Rua João Moura, 661 cj. 59
05412-001 São Paulo SP

Carmen Alvarez da Costa Carvalho

Rua Apiacás, 756 cj. 34
05017-020 São Paulo SP
Tel.: (11) 99705-8754
carmenaccarvalho@yahoo.com.br

Christian Ingo Lenz Dunker

Al. dos Guaiases, 658
04079-010 São Paulo SP
Tel.: (11) 98869-8845
chrisdunker@usp.br

Daniela Athuil

Rua Jesuíno Arruda, 676 cj. 84
04532-082 São Paulo SP
Tel.: (11) 99646-0102
dani.athuil@gmail.com

Diogo Soares de Oliveira

Av. Higienópolis, 578 ap. 137
01238-000 São Paulo SP
Tel.: (11) 98853-2299
ogoido98@gmail.com

Felipe Lessa da Fonseca

Rua Capote Valente 439 cj. 84
05409-001 São Paulo SP
flessaf@yahoo.com.br

Fernanda Araújo de Almeida

Rua Cotoxó, 183
05021-000 São Paulo SP
Tel.: (11) 99607-3272
fernandaaraujodealmeida@gmail.com

Flávia Ripoli Martins

Praça Oswaldo Cruz, 124 cj. 125
04004-903 São Paulo SP
Tel.: (11) 99244-6037
flaviamripoli@gmail.com

Franco Berardi

Via Zamboni 12
40126 Bologna Italia
franberardi@gmail.com

Henry Krutzen

Tour Geneve Residencial
Rua Maria das Dores Souza, 197 ap 2001
58046-095 João Pessoa PB
henrykrutzen@gmail.com

Leda Maria Codeço Barone

Rua Dr. Alceu de C. Rodrigues, 4 cj. 38
04505-000 São Paulo SP
Tel.: (11) 3045-9064 / 98276-2200
ledabarone@uol.com.br

Lucas Liedke

Av. Higienópolis, 240 ap. 214B
01238-902 São Paulo SP
lucas@youfloat.co

Lucas Valiati

Rua Madre Saint Bernard, 965 ap. 12
82315-040 São Carlos SP
Tel.: (41) 99683-1887
lvaliati@hotmail.com

Maria Carolina Scoz

Tel.: (19) 99920-0788
scoz@voi.med.br

Maria Luiza Gastal

SQN III, Bloco F ap. 301
70754-060 Brasília DF
malugastal@gmail.com

Marina Bialer

Rua João Ramalho 257 cj. 24
05008-001 São Paulo SP
Tel.: (11) 3676-0180
mbialer@hotmail.com

Mario Eduardo Costa Pereira

Rua Adelino Raizer, 62
Condomínio Colinas do Ermitage
13106-198 Campinas SP
Tel.: (19) 98124-0355
pereiram@unicamp.br

Myriam Uchitel

Rua Penalva, 66
05412-040 São Paulo SP
Tel.: (11) 99653-7838
m2uchitel@yahoo.com.br

Nanci de Oliveira Lima

Av. Andrômeda, 885 cj. 110
06473-000 Alphaville Barueri SP
Tel.: (11) 98187-9838
nancideoliveiralima@gmail.com

Paula Mandel

Rua Maranhão, 620 cj. 131
01240-001 São Paulo SP
Tel.: (11) 98282-7522
paulakmandel@gmail.com

Rahel Boraks

Rua Itacolomi, 601 cj. 71
Tel.: (11) 99999-0586
Email: rahelboraks@gmail.com

Samara Megume Rodrigues

Rua Neo Alves Martins, 2999 Sala 134
87013-060 Maringá PR
Tel.: (44) 99938-3542
samara.megume@gmail.com

Sílvia Nogueira de Carvalho

Rua Tupi, 397 cj. 53
01233-001 São Paulo SP
Tel.: (11) 3862-7557
silvia_noz@yahoo.com.br

Vera Lamanno-Adamo

Tel.: (19) 98116-9981
vlamannoadamo@gmail.com.br

Equipe da revista

Conselho Editorial

Cleusa Pavan

rua Padre Machado, 246, casa 1
4127-000 São Paulo SP
Tel.: (11) 9 9697-6700
cleusapavan@gmail.com

Carolina Kimie Moriyama

rua Inácio Pereira da Rocha, 142 cj.307
05432-010 São Paulo SP
Tel.: (11) 9 8147-2863
ckmoriyama@gmail.com

Cláudia Monti Schoberger

rua Haddock Lobo, 846 cj. 604A
1414-002 São Paulo SP
Tel.: (11) 9 9708-8038
claudiajustimonti@gmail.com

Eugenio Canesin Dal Molin

Rua Oscar Freire, 1513, cj. 92
05409-010 São Paulo, SP
eugeniocdm@gmail.com

Luciana Cartocci

Rua Purpurina, 155, cj. 35
05435-030 São Paulo SP
Tel.: (11) 9 9249-7442
lucianacartocci@gmail.com

Marcia R. Bozon de Campos

Rua Joaquim Antunes, 727, cj. 122
05415-012 São Paulo SP
Tel.: (11) 3085-1592
marciarbozon@gmail.com

Maria Aparecida Kfourir Aidar

Rua Jericó, 255, sl. 86
05434-000 São Paulo SP
Tel.: (11) 3814-010
cidaidar@terra.com.br

Maria de Lourdes Caleiro Costa

Av. Paulista, 509, cj. 05
01311-000 São Paulo SP
Tel.: (11) 9 9271-2485
lourdescosta@uol.com.br

Maria do Carmo Vidigal
M. Dittmar (Lila)

Rua Jericó, 255, sl. 93
05434-000 São Paulo SP
Tel.: (11) 3032-2108
lilavidigal@terra.com.br

Marina Bialer

Rua João Ramalho, 257, cj. 54
05008-001 São Paulo SP
Tel.: (11) 9 8279-7951
mbialer@hotmail.com

Marisa Correa da Silva

cariocasilva@hotmail.com

Grupo de Entrevistas

Ana Claudia Patitucci

Rua Prof. João Arruda, 53
05016-110 São Paulo SP
Tel.: (11) 3873-3457
anapatitucci@hotmail.com

Cristina Parada Franch

Rua João Moura, 647, cj. 103
05412-001 São Paulo SP
Tel.: (11) 3081-4386
crisfranch@uol.com.br

Danielle Melanie Breyton

Rua Prof. João Arruda, 53
05016-110 São Paulo SP
Tel.: (11) 3873-3457
danibreyton@gmail.com

Deborah Joan Cardoso

Rua Inácio Pereira da Rocha, 142 , cj. 305
005432-010 São Paulo
Tel.: (11) 3032.1385
E-mail: deborah@santacruz.g12.br

Silvio Hotimsky

Rua Ilhéus, 135
01251-030 São Paulo SP
Tel.: (11) 3862-7743
silvohotimsky@hotmail.com

Tatiana Inglez-Mazzarella

Rua João Moura, 1096
05412-002 São Paulo-SP
Tel.: (11) 3891-0837
timazza@uol.com.br

Grupo de Debates

Bruno Esposito

Rua Sergipe, 401, cj. 304
01243-906 São Paulo SP
Tel.: (11) 9 9263-9376
brunoespo@gmail.com

Camila Junqueira

Rua Ministro Godoi, 478, cj. 81
05015-000 São Paulo SP
Tel.: (11) 9 9883-9682
camilajunqueira@gmail.com

Gisela Haddad

Rua Honduras, 587
01428-000 São Paulo SP
Tel.: (11) 4329-7304
giselahad@gmail.com

Ivy Semiguem

Av. dos Autonomistas, 896 Torre 02, cj. 2701
06020-010 São Paulo SP
Tel.: (11) 9 4820-8635
ivy.souza@gmail.com

Lucas Sessa

lucas.sessa@gmail.com

Thiago Majolo

Rua José Antônio Coelho, 801 sl.307
04011-062 São Paulo SP
Tel.: (11) 9 9969-4828
tmajolo@gmail.com

Grupo de Debates Clínicos

Beatriz Teixeira Mendes Corôa

Rua Amália de Noronha, 114
05410-010 São Paulo SP
TEL.: (11) 9 9972-5970
biatmendes@uol.com.br

Paula Peron

prperon@uol.com.br

Sérgio Telles

Rua Maestro Cardim, 560, cj. 194
01323-000 São Paulo SP
Tel.: (11) 3253-5767
setelles@uol.com.br

Conselho Editorial de Resenhas

Camila Salles Gonçalves

Rua Dr. Alceu de Campos Rodrigues,
46, cj. 38
04544-000 São Paulo SP
Tel.: (11) 3739-4464
camila_salles@uol.com.br

Elisabeth Antonelli

Rua Monte Alegre, 428, cj. 53
05014-000 São Paulo SP
Tel.: (11) 3862-1703
bethantonelli@uol.com.br

Janaina Namba

jnambapimenta@gmail.com

Lia Novaes Serra

Rua Jericó, 193, cj. 26
05435-040 São Paulo SP
Tel.: (11) 9 9440-1475
lianovaesserra@gmail.com

Sérgio Telles

Rua Maestro Cardim, 560, cj. 194
01323-000 São Paulo SP
Tel.: (11) 3253 5767
setelles@uol.com.br

Susan Markuszwover

susanmark@uol.com.br

Normas para envio de artigos e resenhas

A apresentação de trabalhos para publicação na revista *Percurso* pressupõe o conhecimento prévio e a aceitação, por parte do articulista, das seguintes normas:

1. Os artigos deverão ser encaminhados ao Conselho Editorial através do e-mail do Departamento de Psicanálise: <dep-todepsicanalise@sedes.org.br>.

1.1. Os artigos enviados para publicação, sempre originais e inéditos, deverão ser antecedidos por duas páginas contendo, separadamente, os seguintes dados:

♦ **PÁGINA 1:**

Título e nome do autor, sua qualificação (como deseja ser apresentado ao leitor), endereço (incluir CEP), telefones (incluir DDD) e e-mail. A página de rosto é destacada quando o artigo é remetido para avaliação, de modo a preservar, durante todo o processo, o sigilo quanto à identidade do autor.

♦ **PÁGINA 2:**

Resumo do artigo enviado, com até cinco linhas, em português, e traduzido para o inglês, com redação ou revisão feita por um profissional da área. Enviar igualmente até seis palavras-chave, em português e inglês. Nesta segunda página também devem figurar o número exato de caracteres do texto, inclusive espaços, e a data de envio do artigo para a revista.

Em todas as páginas devem constar o número da página no canto superior direito, e, no cabeçalho, o título do trabalho.

1.2. Os artigos enviados devem ter até 35 mil caracteres (com espaços), incluídas as notas de rodapé e não incluídas as referências bibliográficas do final. Trabalhos que excedam esses limites poderão ser devolvidos aos autores para que possam adequá-los às normas de publicação, antes de qualquer avaliação.

1.3. Artigos enviados fora das normas da revista serão devolvidos sem serem avaliados, podendo ser reencaminhados mediante adequação às mesmas.

2. As resenhas devem ser encaminhadas, via email, ao Conselho Editorial de Resenhas:

Camila Salles – camila_salles@uol.com.br;
Sergio Telles – setelles@uol.com.br;
Janaina Namba – janaina.namba@yahoo.com.br;
Susan Markuszower – susanmark@uol.com.br;
Lia Novaes Serra – lianovaesserra@gmail.com
Elisabeth Antonelli – bethantonelli@uol.com.br

2.1. As resenhas enviadas para publicação, sempre originais e inéditas, deverão observar as seguintes especificações:

♦ **PÁGINA 1:**

Deverá conter o título da resenha, seguido da expressão “Resenha de”, nome do autor, título da obra em itálico, cidade, editora, ano de publicação e número de páginas. Exemplo:

Freud, o fio e o pavio – Resenha de Chaim Samuel Katz, *Freud e as psicoses: primeiros estudos*, Rio de Janeiro, Xenon, 1994, 274 p.

Incluir também o número de caracteres e até seis palavras-chave da resenha (não é necessário apresentar resumo ou abstract).

Em todas as páginas devem constar o número de página no canto superior direito, e, no cabeçalho, o título do trabalho.

Na última página deve constar o nome do autor, sua qualificação (como deseja ser apresentado ao leitor), endereço (incluir CEP), telefones (incluir DDD) e e-mail.

2.2 As resenhas devem ter até 20 mil caracteres (com espaços). Trabalhos que excedam esses limites poderão ser devolvidos aos autores para que possam adequá-los às normas de publicação, antes de qualquer avaliação.

3. Todos os artigos serão analisados em detalhe pelo plenário do Conselho Editorial de Artigos, que poderá, eventualmente, solicitar ao Conselho Científico Externo um ou mais pareceres.

Todas as resenhas serão analisadas pelo Conselho Editorial de Resenhas.

Uma vez aceito o trabalho, um membro destes Conselhos Editoriais transmitirá ao autor do artigo ou resenha eventuais recomendações para mudanças na forma ou no conteúdo, a fim de adequá-lo aos padrões da revista.

4. É indispensável seguir os padrões gráficos utilizados por Percurso:

- ♦ **DESTAQUES:** O que merecer destaque deve vir em itálico; não utilizar sublinhado nem negrito.
- ♦ **INTERTÍTULOS:** Colocar intertítulos para facilitar a leitura.
- ♦ **PALAVRAS ESTRANGEIRAS E TÍTULOS DE LIVROS:** Devem vir em itálico, sem aspas, quando mencionados no texto.
- ♦ **TÍTULOS DE ARTIGOS:** Devem vir entre aspas, em estilo normal, sem destaque.
- ♦ **CITAÇÕES:** Devem vir entre aspas, com chamada de nota de rodapé contendo a respectiva referência bibliográfica (ver tópico 5 para mais detalhe sobre as notas). As citações de até três linhas devem ser incluídas no corpo do texto; citações de quatro linhas ou mais devem ser destacadas do texto, em parágrafo escrito em fonte menor.

5. As notas deverão vir no rodapé da página em que figura a respectiva chamada, e ser numeradas consecutivamente em algarismos arábicos. Podem ser explicativas ou bibliográficas; neste caso, seguir o formato europeu, como indicado abaixo:

♦ **NOME DO AUTOR:**

Em ordem direta, com maiúsculas somente nas iniciais do nome e do sobrenome. Exemplos: S. Freud; M. Klein; D. W. Winnicott.

♦ **CAPÍTULOS DE LIVROS:**

Título entre aspas, seguido do nome do livro em que aparecem e página citada precedida apenas da letra “p.” Exemplo: N. Bleich-

mar e C. Bleichmar, "Os pós-kleinianos: discussão e comentário", in *A Psicanálise depois de Freud*, p. 286. Para livros sem menção a capítulo, apenas o título do livro em itálico e página.

♦ ARTIGOS DE REVISTAS OU PERIÓDICOS:

Título entre aspas, seguido do nome da revista em itálico, indicando número ou volume, e página citada. Exemplo: R. Zygouris, "O olhar selvagem", *Percurso* n. 11, p. 12. (Não se usa *in* antes do nome de um periódico).

♦ TEXTOS CITADOS MAIS DE UMA VEZ:

A partir da segunda vez inclusive, colocar apenas nome do autor, a expressão *op. cit.* em itálico, e a página citada. Exemplos: R. Zygouris, *op. cit.*, p. 73; Bleichmar e Bleichmar, *op. cit.*, p. 289. Se entre a primeira e a segunda citação for citada OUTRA obra do mesmo autor, escolher uma forma simples de distinguir entre ambas. Exemplo: primeira citação, Marcia Neder, *A arte de formar*, p. 45; segunda citação, Marcia Neder, *Psicanálise e educação: laços refeitos*, p. 70; terceira citação, Bacha, *Laços...*, p. 90; quarta citação, Bacha, *A arte...*, p. 134; e assim sucessivamente.

♦ REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Ao final do trabalho, deverão constar as referências bibliográficas em ordem de sobrenome dos autores, seguidas pelos dados da obra. Exemplos: **Levisky D.** (2007). *Um monge no divã*. São Paulo: Casa do Psicólogo; **Mezan R.** (2002). *Interfaces da Psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras.

6. Uma vez publicado, cada autor receberá um exemplar do número em que o trabalho figura. Também receberá por e-mail o arquivo do seu texto no formato em que é apresentado na revista, e o arquivo da capa do número. Isto lhe permitirá imprimir separatas e a capa do respectivo número.

7. O *copyright* dos textos publicados em *Percurso* pertence aos seus autores. Caso venham a ser publicados em coletâneas ou outros periódicos, inclusive eletrônicos, solicita-se mencionar que a primeira publicação se deu na revista *Percurso*, número tal, ano tal, páginas x-y. Os autores declaram aceitar a divulgação de seus trabalhos no *site* da revista: <<http://revistapercurso.uol.com.br>>.



A Dr. Contábil consiste na prestação de serviços contábeis, tributários, trabalhistas e societários e é composta de profissionais qualificados em constante atualização com o objetivo de atender com segurança nossos clientes.

Nosso objetivo é fornecer serviços de qualidade, com postura ética, diferenciada, competência e eficácia.



Acesse nosso site:

www.contabil.net

Avenida Caxingui 94 Butantã
CEP 05579 000 São Paulo Capital
Telefone (11) 3724 9440
menossi@contabil.net

Um produto desenvolvido por:

MEN0551
CONSULTORIA CONTÁBIL

Para assinar *Percurso*

- **Assinatura anual:** R\$ 220,00* (dois números).
- Por telefone:** ligue para (011) 3081-4851, das 9:00 às 16:30, de segunda a sexta-feira. Você receberá uma ficha de compensação, que poderá ser paga em qualquer agência bancária.
- Por cartão:** ligue para (011) 3081-4851, nos mesmos horários. Tenha em mãos o número de seu cartão. Aceitamos Mastercard, Visa e American Express.
- Por cheque:** envie seus dados pessoais e cheque nominal para
Sociedade Civil Percurso
a/c Setor de Assinaturas
R. Amália de Noronha, 198
05410-010 São Paulo SP

Autorização para assinar *Percurso* por cartão de crédito

NOME: _____	DATA: ____/____/____
ENDEREÇO: _____	
CEP: _____	CIDADE: _____ ESTADO: _____
TELEFONE RES.: () _____	COM.: () _____
CIC: _____	RG: _____
E-MAIL: _____	
Mastercard: nº <input type="text"/>	val.: /
Visa: nº <input type="text"/>	val.: /
AmEx: nº <input type="text"/>	val.: /
Quantidade de Parcelas: <input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 5	

Remeta este cupom por fax ou ligue, informando seus dados, para:

REVISTA PERCURSO – SETOR DE ASSINATURAS
R. Amália de Noronha, 198
05410-010 São Paulo SP
Tel/Fax: (11) 3081-4851

Você também pode nos enviar um e-mail (percurso@uol.com.br) autorizando-nos a debitar em seu cartão o valor da assinatura. Neste caso, seu cadastro será feito pelo telefone. Por favor, tenha em mãos os documentos necessários.

Impresso em São Bernardo do Campo SP, em agosto de 2024,
no parque gráfico da Paym Gráfica e Editora,
para o Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae